This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

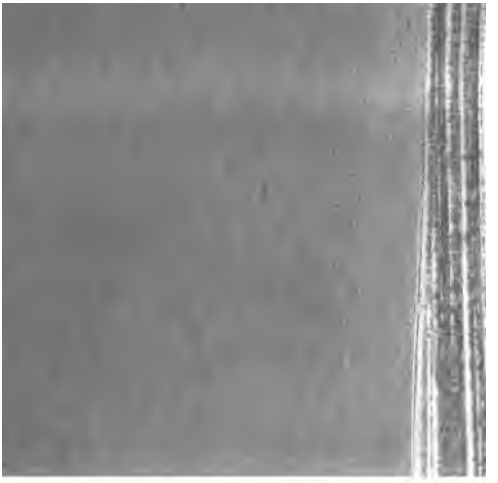
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

ES
51 5



ARIAS RIMAS
AO BOM
ESUS,
E A' VIRGEM GLORIOSA
UA MÃI,
E SANTOS PARTICULARES:
Saõ mais de honeſta, e proveitoſa
liçam.
GIDAS AO MESMO JESUS,
Senhor, e Salvador noſſo.

POR
)GO BERNARDES,
Natural de Ponte de Lima.

LISBOA
icina de MIGUEL RODRIGUES,
eſſor do Emin. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. LXX.
licenſa da Real Meza Cenſoria.

SONETO
DEDICATORIO.

Rendo Senhor JESUS, as pias rima
Do diſcurſo dos annos derramadas,
E á Virgem Madre dedicadas
Varias occaſiões, em varios climas:
(para que tal favor lh' imprimas,
Fejaõ dos teus ſervos eſtimadas)
Te ſaõ de novo appreſentadas
Fé, e puro amor, que mais eſtimas.
Nellas achar o peccador
Uſa de que ſe tanto ſatisfaça,
E chore arrependido a culpa ſua:
Graças te dè, dête o louvor
, de quem os bens, de quem a graça
Edem por bem noſſo, e gloria tua.

TABOADA DOS SONETOS.

A

Ainda, oh bom JESU, qu' em offendervos, pag. 8.
A vida, oh bom JESU, que defendeste, pag. 19.
Al Cielo quexas dà naturaleza, pag. 172.
Alma felice, y rara, que del suelo, p. 174.
Busca (segun s' escrive) el ciervo herido, pag. 19.

B

BAnhada em vivas lagrimas Maria, pag. 90.

C

COnsolador Espirito qu' inflamado, pag. 20.
Con funebre ciprez, y negro ve'o, p. 173.
Corto la *muerte* con furor temprano, *pag. 173.*

TABOADA.

D

DOs vossos olhos sempre pendo pag. 46.
Ditoza estrella, que os tres Reys guia pag. 85.
De noute a Magdalena vai segura, p
Do mais humilde, baixo, e vil est pag. 170.
Despojos do mais forte, e valerozo, p.

E

ERgue, Senhor, o meu entendi to, pag
Eu fis (como já disse o Mantuano) p
El Cielo con la terra ha contratado, p.

F

FErmoza Virgem, que do Sol da, pag
Fermoza Virgem mais que o Sol fe za, pag
Fermoza penitente, que lavaste, pag
Fermozo moço, q no Ceo descanças, p.

I

IMagem em tudo rara, e pereg pag. 48.
Jugo do rio Lima Delio estava, pag

TABOADA.

L

Lourenço, que de louro coroado, pag. 82.
Lagrimas minhas, q̃ com larga vea, p. 169.

N

NAõ seja hoje o Sol de luz avaro, pag. 47.

O

OH bom JESU, donde piedade chove, pag. 5.
Oh Chagas de JESU, doce memoria, p. 12.
Oh frescas rozas finco, oh finco estrellas, ibid.
Oh do meu doce amor doce cuidado, p. 45.
Oh Virgem bella, e branda, quem já vira, pag. 46.
Oh Virgem já q̃ fostes verdadeiro, p. 48.
O Sancto Cavalleiro, em cujo dia, p. 82.
Oh noite sancta, e clara, linda que escura, pag. 85.
O Jacinto entre pedras preciozas, p. 93.
Oh venturozas manos, que cogistes, p. 118.
Os olhos, onde o casto amor ardia, p. 132.
Os meos *alegres venturozos* dias, p. 147.

P

POis vem amanhecendo o fanctos de pag. 81.
Polonia deu ao mundo, e deu ao Ce pag. 92.
Poi ch' il defio, che m' infiama il core pag. 117.
Pois armar-fe por Chriſto naõ deviõ pag. 133.
Pequenino cantor, grãde em eſtima, p. 14

Q

QUe flores vos darei taõ peregrinas pag. 13.
Quanto o remedio humano mai incerto, pag. 44.
Qual naufragio no mar, ou qual perigo ibid.
Quanto menos, oh Virgem, vos mereço pag. 51.
Quando no mór furor Marte movia pag. 171.

R

Reliquias ſanctas d' almas ſanctas di *gnas*, pag.

TABOADA.

S

ſimas Chagas, neſte eſcuro,

s de graças infinitas, ibid.
ſa vida he dezafio, pag. 15.
orrente lago na verdura, p. 147.
quias, q̃ antes de criadas, p. 169.
o Eterno em todo aver criado,
171.

V

, de quem com lagrimas, e
pag. 50.

ELEGIAS.

oh Rey dos Reys, onde vos
pag. 1.
bom JESU, que offendi tanto,
9.
cedora de mil palmas . . 119.
al amor, oh ſumma p. 164.
que — — virgem ſagrada,
35.
vre cantei ao ſom das agoas,
134.
ho palavras, com que poſſa
157.

TABOADA.

Que coraçaõ taõ duro, que vontade, p,6.
Quem oh Senhor do Ceo, de tanta culpa pag. 16.
Sobre hum alto rochedo em Berberia, pag. 138.
Si la cauſa del lloro te laſtima, pag. 154.

EGLOGA.

PRincipe ſaberano, naõ vos ſeja, p. 121.

ODA.

SEnhor, naõ m' atrevia, pag. 175.

ESTANCIAS.

DEpois que triânfou no alto madeiro, pag. 22.
Que Salmos, ou que verſos cantaremos, pag. 21.

OITAVAS.

Aquel [illegible] va o meſmo amor, pag. 68.
Aqui naſceſte, Antonio, e naõ ſómente, pag. 86.
Depois que Pedro vio como negara, p.
De huma fermoza Virgem, e eſpoſa *pag. 94.*

TABOADA.

VOLTAS.

)ado ſea , pag. 33.
ıde a vueſtros labios tal, pag. 89.
a vida , pag. 28.
i , pues dos dos , pag. 26.
digo, que uno diò , pag. 29.
:e contento , pag. 32.
: louvores , pag. 53.
e de que manèra , pag. 31.
: calor dais , pag. 26.
eſtar chorando , pag. 30.
nales , vengan bienes , pag. 34.

GLOSSAS.

:l Cielo al mundo vino , pag. 27.
penſamientos levianos, pag. 179.
s nel Paradiſo , pag. 24.
e Dios eſcogida , pag. 57.

PIGRAMMAS.

qual amor, oh ſummo Amador
, pag. 11.
Virgem Clara , inda mais clara ,
g. 115.
digo o que ſinto , pag. 92.
que ..nto , pag. 93.
...das aves tarão ninho, p. 88

Se

TABOADA
Santiſſimo Agoſtinho, que inſl

ENDECHA

ALma minha, oh alma,
Grandes eſperanças,
Juan, que ardor ſinto,
Neſta vida eſcaça,
Virgem ſoberana,

CANÇOEN

ANgela, que dos Anjc
pag. 128.
Oh Virgem ſobre todas ſober

HYMNO.

QUem poderá formar tal
pag. 78.

SEXTINA.

CAnſados tenho já com
to,

LEGIA I.

JESU.

ui, oh Rey dos Reys, onde vos
vejo
ue numa Cruz morreis por
meu amor,
voſſo amor morrer deſejo.
aqui por vós, meu Redemptor,
:a devendo eſta alma minha,
to vai de ſervo a ſeu Senhor.
1, que na culpa me detinha
o de vós, meu bom Jeſus,
cego, e luz buſcar naõ vinha,
nha buſcar, Divina luz,
o tempo ha que m' eſperais
›raços abertos neſſa Cruz.
le tal deſcuido que naõ dais
olhos de lagrimas um rio?
rios ſoſpiros derramais?
m quem de mim nada confio,
anto me dai, vós accendei
› ardente amor meu amor frio.
r quem vós ſois, me defendei,
s que de vós minh'alma aparta,
› voſſo lado a recolhei.
olhos della naõ ſe parta
rucificado: eſta lembrança
va dôr ſempre reparta.

Oh Redemptor da vida, oh eſperanç
Dum peccador de vós taõ eſquecid
De piedade uſai, naõ de vingança.
Como cervo nos montes perſeguido
Venho buſcar a fonte d' agua viva,
De tanto vós fugir arrependido.
A voſſa condiçaõ a quem eſquiva?
A quem negou amor; a quem brandu
A quem de graves culpas naõ alliva
Oh reſplandor divino, oh fermoſura
Dos Anjos, luz do Sol, eu vos cubr
Neſſa Cruz, onde eſtais, de sõbra eſcu
Eu vos crucifiquei, eu vos vendi,
Eu vos neguei mil vezes, que naõ tr
Eu fui o que eſſe lado vos abri.
Que caſtigo merece quem tal fez?
Vós o ſabeis, Senhor; mas eu bem
Que mais perdoais vós de cada vez
De cada vez que com dizer, pequei
Se converter a vós, quem vos erro
De bondade tamanha que direi?
Que direi do eſtremo, a que chegou
A força do voſſo amor brando, e ſua
Que neſſa dura Cruz vos encravou?
Amor, que tanto póde, elle me encra
A voſſos ſantos pés eſta alma triſte,
E della em voſſas maõs entregue a cl
Alli ſe vencerá quem lhe reſiſte,
Alli me vencerei com favor voſſo.
Que o vencimento meu em vós co

RIMAS.

Confeſſo, bom Jeſus, remedio noſſo,
Mil culpas, em q̃ eſtou inda enlaçad
Se vós me naõ valeis, eu ſó que poſſ
Por vós me veja dellas deſatado,
E de cuidados vaõs, enganos certos,
Que me trazem a mim de vós roubado
Nas cidades, nas villas, nos deſertos
Sempre vos cantarei novos louvores,
Quer em publica voz, quer encubertos.
E lagrimas darei ás cinco flores,
Que em maõs, e pés, e lado vejo eſtar,
E a todas as mais chagas, e mais dôres.
Naõ deixaráõ meus olhos de chorar
A pena que vos deu eſſa coroa,
Que vos deram por rir, e por zombar.
Qual eſpinho verei que me naõ doa
Vendo como de todos ſois ferido
Com ponta que té os oſſos naõ perdoa?
Qual golpe em voſſo corpo recebido
Me naõ magoará, ainda que eu ſeja
Mais que pedra, ou q̃ ferro endurecido?
Permitti vós, Senhor, que cedo veja
O que de vós eſpero, o que deſejo,
Pois niſſo voſſo goſto ſe deſeja.
Tolem por mim as penas qu'em vós vejo,
Sirva meu coraçaõ de ſacrificio,
Ver onde a vós me chegue mais ſem pe-
Tanto os olhos façaõ ſeu officio, (jo.
Um pranto perenal as nodoas lavem,
E na minh' alma poz o ſujo vicio.

Inda que tantas ſaõ, que já naõ caber
Em lagrimas delidas ſaiaõ fóra,
Porque menos meus erros vos agrave
Negue taõ de verdade, deſd' agora,
Do mundo os goſtos vaõs, que nunca
olhe,
Nem cuide nelles mais póto, nem ho
Outros, que meu amor de novo eſcolh
Veja de vós, amando, merecidos,
Pois delles melhor fructo ſe recolhe
He tempo de chorar tempos perdidos,
He tempo de ſentir que vos perdia
Dando a mil vaidades meus ſentidos.
Agora vejo bem qual andaria
Quem andava d' imigos rodeado,
E ſeus falſos enganos naõ ſentia.
Se vos buſcar queria, deſviado
Me faziaõ cuidar que vos achaſſe,
E tinha-vos aqui crucificado.
E quem vos naõ achou que vos buſcaſſe
Reſplandecendo vós em toda parte,
Fermoſo Sol que para todos nace?
Qual ingenho ſotil, aviſo, e arte,
Poderá declarar tal piedade,
Que diga de cem mil a menos parte?
Em fim, meu bom JESU, ſumma bondad
A voſſos pés me rendo offerecido
A tudo quanto for voſſa vontade.
Se me deſemparais, eiſme perdido,
Eiſme tornado logo ao cego Egy
Donde tam pouco ha tenho ſahido

anto renovai o meu eſprito,
vós juntai minh' alma arrependida
mal que tem cuidado, feito, e dito;
mece, por ter vida, nova vida.

SONETO

Ao meſmo

JESU.

H Bom JESU, donde piedade chove,
Della comigo uſai, iſto vos peço,
oſto que tal graça naõ mereço,
'oſſa na minh' alma ſe renove.
ni ſeu rogo o peccador vos move
'e cuja liberdade foſtes preço)
ieu em culpas minhas (q̃ conheço)
oſſo brando amor, naõ ira prove.
'er qual neſſa Cruz eſtais por nós,
i me poem meus erros em receos,
les que menos pena ſperar poſſo?
r, pois os tomaſtes ſobre vós,
) os vejais em mi, q̃ em mi ſaõ feos;
ados os olhai no ſangue voſſo.

ELEGIA II.

A JESU.

Ue coraçaõ taõ duro, que vontade
Tam ſecca, e deshumana póde ſer,
Que negue a voſſas dôres piedade?
is olhos, bom JESU, vos podem ver
ravado neſſa Cruz, onde expirais,
:m piedoſas lagrimas verter?
aõ os meus enxutos muito mais
m chorar voſſa morte, e meu peccado,
ue de Libia os ardentes areais.
brando Senhor meu, quam mal tratado
os vejo, ſe em vós ponho o penſaméto,
uam afflicto por mim, quã deſprezado!
:as penas, Senhor, tal ſoffrimento,
'al brandura com gente endurecida,
'utra dôr pedem, outro ſentimento.
r magoa a tam graõ magoa era devi-
lais encendido amor a tal amor (da,
omprar devieis pela voſſa vida.
balho naõ ficou, naõ ficou dôr
)e quantas inventou a crueldade,
ue ſe naõ viſſe em vós, meu Redem-
s quem ſerá q̃ ſinta de verdade (ptor.
Quanto por nós ſentiſtes, e ſoffreſtes,
ue negue a voſſas dores piedade?

Por nos ſubir ao Ceo, do Ceo deceſtes;
Por nos livrar da pena á Cruz ſubiſtes:
Peccamos contra vós, vós padeceſtes.
Ah Cordeiro ſem magoa, em nós q̃ viſtes,
Que para ſer por nós offerecido
Da noſſa humanidade vos viſtiſtes!
Naõ foſtes vós, Senhor, o offendido?
Naõ fomos nós os que vos offendemos?
Oh eſtremo d' amor mal conhecido!
Naõ hum eſtremo ſó, mas mil eſtremos
Todos cheos d'amor, mercês tamanhas,
Quando, ou porq̃ modo as ſerviremos?
Amor vos faz ſoffrer penas eſtranhas,
Amor vos poz na Cruz, elle vos tem
Treſpaſſadas as maõs, e as entranhas.
Ah poderoſas maõs, as maõs, a quem
Vós déſtes força e ſer, contra vós cruas
Foraõ pera ſeu mal, e noſſo bem!
Moſtraraõ voſſas carnes ó Sol nuas,
Que de dó s' eſcurece, o ſangue voſſo
Derramaraõ por caſas, e por ruas.
Morreis meu Deos por nós, ah q̃ naõ poſſo,
Inda que por vós morra, pagar nada,
Porque nada ſou eu, vós ſois Deos noſſo.
Deſta tal troca, deſta deſuſada,
E nunca viſta liberalidade,
Nunca minh' alma ſeja deſcuidada.
Naõ permitta, Senhor, voſſa bondade
Que nella *perſevere* tal dureza,
Que negue a voſſas dôres piedade.

Abrande voſſo amor ſua aſpereza,
E ſinta, de vos ter errado tanto,
Grand' arrependimento, gran trifteza,
De vós amor de ſi, dos olhos pranto.

SONETO

Ao meſmo

JESU.

AInda, ó bom JESU', qu' em offendervos
Tanto tempo gaſtei tam mal gaſtado,
Tam cego em culpas já, tam deſcuidado,
Que naõ via perderme com perdervos:
Olhai como por mim offerecervos
Quiſeſtes neſſa Cruz crucificado,
E daime arrependerme do paſſado,
E no por vir em tudo obedecervos.
Vivo (como culpado) com temor
Ouvindo contra mi minha maldade
Gritar diante vós, Senhor, vingança.
Mas eu perdaõ eſpero, e piedade,
Pois tenho o ſangue voſſo em meu favor,
Açoutes, cravos, cruz, coroa, e lança.

ELE-

ELEGIA III.

A JESU.

A Ti, meu bom JESU, qu' offendi tão;
A ti, repouſo dos atribulados,
A ti, gloria do Ceo, do inferno ſpanto;
A ti peço perdaõ dos meus peccados
Mui dignos de temer, e de chorar,
De mi pouco temidos, e chorados.
Por elles, meu Senhor, te vejo eſtar
Crucificado neſſe duro lenho,
Por elles tardei tanto em te buſcar.
Naõ m'enjeites, meu Deos, ſe tarde venho,
A culpa de temor m' eſtá cercando,
Segura-me a eſperança qu' em ti tenho.
Se te vejo, Senhor, qu' eſtás rogando
A teu Eterno Padre por perdaõ
Daquelles, que t' eſtaõ crucificando:
Se dizes com voz doce ao bom ladraõ,
Comigo hoje ſerás no Paraiſo;
Os meus temores como ſe naõ vaõ?
Mercês tamanhas feitas de improviſo
Me fazem ter mui certa confiança
De naõ ſer condemnado em teu juizo.
Se te meus erros movem a vingança,
Lembre-te que por mim poſeſte a vida;
Abranda teu furor neſta lembrança.

V A R I A S

alma minha, oh alma endurecida,
Como te naõ abranda o grande amor,
Com que, por quem te fez, foste remida.
s dôres de JESÚ demte mór dôr,
Olha que por dar vida á criatura
Tam pouco estima a sua o Creador.
tu meu coraçaõ, de pedra dura
Se vês quebrar as pedras com tristeza,
Como naõ quebras de tristeza pura?
Porque encerras em ti maior dureza?
Por ventura naõ he teu natural
Mais brando do que he sua natureza?
Entranhas de ferro, ah quamanho mal;
Em tantas magoas sentimento duro
De mui pequeno amor daõ gram final.
Ah que sem ti, Senhor, he tudo escuro,
Tudo saõ sombras vãs, e tudo sonho,
E cego o entendimento mais seguro.
Quando meus olhos neſſas chagas ponho,
E naõ me vejo em lagrimas banhado,
Corrido fico, todo me envergonho.
Ah chagas amorosas, sacro lado,
Este meu peito frio em vosso amor,
Quem o sentisse já todo abrazado?
Hum novo coraçaõ me dá, Senhor,
O qual a ti só tema, a ti só ame,
A ti meu Deos, meu Pay, meu Redépto
Por ti soſpire sempre, por ti chame,
Por ti me negue a mi, e tudo negue
Por ti saudosas lagrimas derrame.

A ti buſque, a ti ache, a ti me entregue
Com tam intenſo amor, com tal vôtade,
Que nunca mais de ti me deſapegue.
Oh bom JESU, por tua piedade
Naõ te eſcondas de mim, iſto te peço;
Que ſem ti tudo em fim he vaidade.
Muito pedi, Senhor, pouco mereço;
Tam pouco, que te naõ mereço nada,
Se o teu muito ao meu nada naõ dá pre-
Eſt' alma, tantas vezes deſviada (ço.
Do caminho do Ceo, tu encaminha;
Que ſe por ti naõ vai, vai mui errada,
Doce JESU, doce eſperança minha.

EPIGRAMMA.

COm qual amor, ó ſummo amador noſſo,
Com qual ſangue, que tenha derramado
Voſſo amor, voſſo ſangue pagar poſſo,
Hum accezo por mim, outro eſgotado,
Senaõ com voſſo amor, c'o ſangue voſſo,
Pois pera vo lo dar mo tendes dado?
Por tal razaõ vos dou, meu Redemptor,
Por meu, o voſſo ſangue, o voſſo amor.

SINCO SONETOS,

QUE O AUTHOR FE
eſtando cativo, ás ſinco Chagas
de JESU.

I.

OH freſcas Roſas ſinco, oh ſinco e
trellas
Sempre cheas de luz, ſempre fermoſas
Mais proprio ſinco pedras precioſas,
Em q̃ ſe poz do mundo o preço nellas.
Portas, por onde eſpero entrar naquella
Altiſſimas moradas glorioſas;
Naõ pedras, naõ eſtrellas, menos roſa
Mas chagas de JESU muito mais bella
Quem ao rouco ſom do grave ferro
Vos cantará louvores de alegria,
Oh chagas, redempçaõ do antigo erro
Tornado á liberdade, em que me via,
Enxuto o pranto já deſte deſterro,
Ledo vos cantarei a noite, e o dia.

II.

OH Chagas de JESU, doce memori
De ſua ſacratiſſima paixaõ;
Oh noſſa copioſa Redempçaõ,
Certo penhor do Ceo, chaves da gloria

Oh Inſignias da mais alta victoria,
Que ſe no mundo vio depois que Adaõ
Pena, que pagou culpa tam notoria.

Aquella dôr immenſa, que ſentiraõ
Comvoſco os membros ſeus, chagas ſerenas
Fazei q̃ chore, e cante, eſcreva, e ſinta.
Papel ſeja a minha alma, ſejaõ penas
Os tres cravos crueis, que vos abriraõ;
Tinteiro o lado ſeja, o ſangue tinta.

III.

QUe flores vos darei tam peregrinas,
De tam ſuave cheiro, de taes cores,
Que fiquẽ junto dellas baxas flores,
Os lirios, as violas, as boninas?
Que rimas cantarei, que ſejaõ dignas
De receber en ſi voſſos louvores,
Oh hum ſó amor meu, oh finco amores,
Oh Chagas de JESU, Chagas divinas!
Em lugar deſtas flores, que naõ tenho,
Em lugar deſtas rimas, que naõ canto,
Hum puro amor vos dou, q̃ darvos poſſo.
Nelle mui confiado a vós me venho;
Que ſei que póde amor comvoſco tãto,
Que déſtes por amor o ſangue voſſo.

IV.

SAcratiſſimas Chagas, neſte eſcuro
Tempeſtuoſo mar da humana vida
Qual alma dos ſeus ventos combatida
Naõ ſe recolhe em vós porto ſeguro?
Em vós tem dia claro, o ar tem puro,
Sem nevoa, que do Sol a viſta impida,
Firme quietaçaõ, com goſto unida;
Livre de tal naufragio bravo, e duro.
S' eu iſto ſei, que tardo hum ſó momento
En recolherme (ah vaõs impedimẽtos!)
Em vós, q̃ por ſalvarme eſtais abertas!
Ah ſantas Chagas, chegue a ſalvamento
Rompendo inchadas ondas bravos vẽtos
Quem tem em vós as eſperanças certas.

V.

SInco fontes de graças infinitas,
Oh chagas, cheas d' alta fermoſura,
Aceitai a tençaõ humilde, e pura
Das palavras, que digo, e tenho ditas.
E quantas, na minh' alma, tem eſcritas
Mil culpas feas, com maõ fea, e dura,
Curai com voſſa graça, e com brandura,
Oh Chagas d' meu Senhor, Chagas bem-
ditas!
No ſacro ſangue, que de vós correo,
Se cure; e lave, e gaſte, e purifique
As nodoas, q̃ com dôr, nella eſtou vẽdo
Pe

(que bellas fois) fermoſa fique:
ós reſplandecente entre no Ceo,
vos veja eſtar reſplandecendo.

SONETO.

ıei, Senhor, o meu entendimento,
pertai a memoria adormecida,
ıdai a vontade endurecida
ı deſcuido vaõ, e cego intento.
ıde dôr, grande arrependimento
nha mal gaſtada larga vida,
ıa, que voſſa Ley tem offendida
›ra, por palavra, e penſamento.
nella a bella imagem voſſa,
ıal fez minha culpa tal eſtrago,
é de fóra moſtra fealdade.
ıe dar a graça, com que poſſa
ıinho deixar do ſtygio lago,
ıir pelo voſſo da verdade.

SONETO.

la noſſa vida he deſafio,
›bre nada tem ſeu fundamento,
ɛſcuido eſte meu? q̃ errado intento?
retendo? qu' eſpero? em q̃ me fio?
humana, folha em ſecco eſtio
la pelo ar de qualquer vento,
de primavera num momento
cada do Sol, murcha do frio!

Qu

Quando cuido no tempo atraz paſſado,
O que paſſei m'eſpanto, o por vir temo,
No preſente naõ ſei que m' embaraça.
Mas ainda que de ti tam alongado,
Ordena tu que torne, oh Pay ſupremo,
Eſte prodigo filho a tua graça.

ELEGIA IV.

No tempo do mal.

QUem, oh Senhor do Ceo, de tanta culpa
Se vê que eſtá cercado, que naõ tem
Em cem mil erros hũa ſó deſculpa.
Onde ſe acolherá, Senhor, ou a quem,
Se a vós, de quem ſe teme, naõ tornar?
No mundo poder-lhá valer alguem?
Em que alta ſerra, em que profundo mar
Póde dos voſſos olhos eſconderſe?
Onde de voſſas maõs póde eſcapar?
Se quer fogir de vós para valerſe,
Naõ lhe ſinto lugar melhor guardado,
Que dentro em voſſas chagas recolher-ſe.
Eſconda-ſe de vós no voſſo lado,
Naõ cure de buſcar outro deſerto,
Nem outro mais ſeguro povoado.
Da voſſa ira, Senhor, tudo eſtá perto;
Só della longe eſtá hũa alma pura,
Que naõ ſoffre na vida deſconcerto.

Nos

Nos móres medos anda mais ſegura,
Pondo os olhos em vós deſpreza a vida;
Vós ſua vida ſois, outra naõ cura.
Mas a minha na culpa endurecida,
Que tanto de contino vos offende,
Ingrata a voſſo amor, deſconhecida;
Vendo por quantas partes já ſe eſtende
Deſte fogo mortal a mortal chamma,
De vós tam apartada que pretende?
Como tam ſecca eſtá, que naõ derrama
Lagrimas noite, e dia, em que ſe lave?
Como de vós amada vos naõ ama?
Ah lance já de ſi o jugo grave
Dos graves erros ſeus; o voſſo tome,
O voſſo, oh bom JESU, leve, e ſuave.
Quebrante no poder do voſſo nome
Do ſeu mortal inimigo a fortaleza,
Com voſſa graça ſua malicia dome.
Que ſem ella, Senhor, tudo he fraqueza;
E baſta a nos vencer ſem voſſa ajuda
A noſſa, inda que fraca, natureza.
A qual nunca grangea, nunca eſtuda,
Senaõ em comprazer ao vaõ deſejo,
Que de hum em outro mal mil vezes muda.
S' eu iſto de mim ſei, ſe entre nós vejo
Da morte hum, e outro arrebatado,
Porq, deixando a vós, por mim me rejo?
Quem *ſeguro me dá*, que em tal eſtado
Primeiro naõ acabe a fraca vida,
Que deixe de ſeguir ſeu curſo errad

Ah Senhor, pois a voſſa offerecida
Por mim foi num madeiro entre vi
gente,
Naõ me deixeis de mim ſer homicida.
Naõ permittais que córte de repente
A dura Parca o fio de meus dias
Gaſtados atégora inutilmente.
Primeiro eſtas entranhas, que tam frias
Em voſſo amor eſtaõ, nelle ſe inflamem
Primeiro de outro fuja ás tyrannias.
Primeiro tantas lagrimas derramem
Meus olhos por vos ter errado tanto,
Que fontes, e naõ já olhos, ſe chamem
Em fim primeiro deixe tudo quanto
De vós, meu Deos, me aparta, e me
deſvia
De dar a vós meu choro, a vós meu
canto.
Torne da noite eſcura ao claro dia
Primeiro que de todo me anoiteça,
E ſe torne eſta terra á terra fria.
Neſt' alma, q̃ anda em trevas, amanheç
Voſſa divina luz onde ſem fim
Diante voſſos olhos reſplandeça,
Por vós cobrando o que perdi por mim

SONETO

A JESU.

A Vida, oh bom JESU, que defendeſte,
Que naõ ſe defendeo humanamente,
Co' alma t' offereço juntamente,
Co' alma, por quem tu tua vida déſte.
Foi tam grande a mercê que me fizeſte,
Que vi (naõ vendo luz) mui claramẽte
Como da fera Parca alli preſente
O golpe, que decia, detiveſte.
Mas niſto que te dou, ah bom Deos, que
De novo, que meu ſeja, t' offereço,
Eſtando dantes já tudo devendo?
Oh bondade ſem fim, amor ſem preço,
Aceita, por quem es, o que teu he,
E fiquarei pagando, e merecendo.

SONETO

Ao Santiſſimo

SACRAMENTO.

BUſca (ſegũ s' eſcrive) el Ciervo herido
La yerva que es del ſolo conocida,
Que le puede ſacar de ſu herida
El hierro en las entrañas eſcondido

E yo por la razon mas entendido,
Y mas llagado de mi torpe vida,
No ſê buſcar tu gracia, que deſpida
El veneno en las venas eſparzido.
Mas tu, ò pan de vida, y buen Dios mio,
A ti me guya y lleva, y con amor
Obre ſalud en mi tu larga mano:
Para que ſano yo con tu favor
Reſtaurar pueda en mi invierno frio
Lo mucho qu' eſtraguê en mi verano.

SONETO

Ao

SPIRITO SANCTO.

COnſolador Eſprito, qu' inflamado
Em linguas do teu fogo deſcendeſte
Sobre Varões ſagrados qu' eſcolheſte
Para deixar o mundo allumiado:
Do teu amor em chammas derramado,
Que dentro nos ſeus peitos accendeſtes,
Accende agora hũa faiſca neſte,
Neſte meu duro ſempre, e congelado.
E nella, como Fenix, me renova,
E novo ſer me dá, e me conſola
Nas minhas mais intenſas affliçoens.
Os meus vicios conſume, arranca, e aſſola.
Quanto tua bondade em mi reprova,
E planta em mi os teus divinos dões.

ESTAN-

ɔe ſaimos, ou que verſos cantaremos
ɜm teu louvor, oh luz imméſa, e pura,
Luz de quem o Sol claro, e quáto ve-
be luz, e graça, e fermoſura? (mos
ouvores tam novos te daremos,
reador de toda creatura,
nunca ouvidos foſſem, nunca ditos
alavras, em cantos, em eſcritos?

o ſentido, fica a lingua muda,
ıtar teus louvores imagina;
ɔ diz menos quando mais eſtuda,
is ſe abate quando mais ſe empina.
encia humana mais aguda
norancia cega ante a divina;
amor te louva, ſó te obriga,
elleza tam nova, e tam antiga.

VARIAS

)r queres de nós, amor pertendes
pago deſſe amor, com que nos amas.
corações ditoſos, onde accendes
teu divino amor divinas chammas:
:ſcende amor en nós; ſe naõ deſcendes,
erraina o fogo teu; ſe naõ derramas
ım noſſos peitos, noſſas almas frias
Ardaõ em teu amor noites, e dias.

ESTANCIAS

A' ASCENSAM DO SENHOR.

DEpois que triunfou no alto madeiro
Da morte, e do inferno, que venceo
O noſſo bom JESUS, manſo Cordeiro,
Que por nós nelle a vida offereceo,
Levou cativo o noſſo cativeiro
Sobindo pera o Ceo, donde deſceo:
Em pago de nos dar a liberdade,
Demos-lhe nós a noſſa ſaudade.

Imitemos aquelles ſeus mimoſos
Na ſua ſaudoſa deſpedida,
Que delle, que ſobia, ſaudoſos
Naõ lhes lembrava já couſa da vida.
Demos-lhe com ſoſpiros amoroſos
Em doce pranto a alma derretida,
Pois elle no la poz em liberdade;
Demos-lhe nós a noſſa ſaudade.

RIMAS.

Já naõ tem para mim prazer os dia
Nem brando ſono tem as negras noit
Que me foraõ alegres noutro tempo,
Quando ſe recreavaõ os meus olhos
Na belleza de Cintia, e das eſtrellas,
Ornamento do Ceo, lumes da terra.

Quem naõ ſe eſpantará na baxa terra
Da gram preſteza do correr dos dias,
Do variar da Lua, e das eſtrellas,
Das manhãas, e das tardes, e das noites
E de ver tudo o mais, que alegra os olho
Mudarſe a um ſer noutro em breve tẽpo ?

Ai de mim que deixei paſſar o tempo
Buſcando ſempre vaõs goſtos na terra,
Em nunca alevantar ao Ceo os olhos,
Como ſe naõ teveraõ fim os dias!
Que conta darei delles, e das noites
Ti, Senhor, que reges as eſtrellas?

Naõ moſtra o alto Ceo tantas eſtrellas
A noite que mais claro eſteja o tempo,
Em com orvalho de ſerenas noites
Ntas flores nos abre a fertil terra,
Ntas culpas no curſo de meus dias
Imetti incitado dos meus olhos.

Ora paguem em lagrimas meus olhos
Tanto mal me fezeraõ; as eſtrellas
Ur me vejaõ, e chorar os dias

Arre

Arrependido do paſſado tempo;
Aſpire a bens do Ceo, deixe os
Que tiraõ o goſto á vida, o ſono

Com dôr (em vez do ſono paſſe
Pondo maldades minhas ant' os
Dellas perdaõ pedindo a quem
Deſceo por nós de cima das eſtr
Antes que traga o appreſſado te
O fim para que correm os meus

Senhor dos dias, volve ás minha
Benignos, das eſtrellas, os teus
Que vai tornando o tempo a terra

TROVA ALHE

Sanctas llagas, ſi la culpa,
Fue contra Dios commettida,
Eſſa ſangre que vertida
Teneis, dà a Dios la deſculpa.

GROSSA MINH

PUſo Dios nel Paraiſo
Al ombre hecho de lodo;
De todo ſenhor lo hizo:
Mandòle comer de todo;
De ſolo un arbol no quiſo.

Comio el, y al Creador
Con la muger ſe deſculpa,
Y no ſè ſi fue peor
Tal deſculpa en tal error,
Sanctas llagas, ſi la culpa.

No ſe dolio del peccado,
Y tentò culpar a Dios:
Mas el quedò tan culpado,
Que, ſi no fuera por vòs,
Fuera mal remedeado.

Su culpa fue ſin medida,
El remedio immenſo fue;
Que para ſer redemida
Convenia aſſi, porque
Fue contra Dios commettida.

Mas llagas, quando ſentiſtes
El rigor del duro hierro,
De cinco fuentes que abriſtes
Para lavar ſolo un yerro,
Como tanta ſangre diſtes?

Toda la derraman fuera
Manos d' amor liberales,
Y una gota pudiera
Lavar de mil yerros tales
Mil mundos, ſi mil uviera.

Mas, ſiendo abiertas por nós,
Cerrais la puerta a la culpa,
Porque la ſangre de Dios,
Que derramada de vós
Teneis, dá a Dios la deſculpa.

ALHEA.

Di, pues vienes de Belen,
Aſſi, Minga, Dios te vala,
Viſte el Niño, y la Zagala?

VOLTAS MINHAS.

MI fé, vi, pues de los dos
Que nos dizes por tu vida?
Della ſer Virgen parida:
Y del? ſer hombre, y ſer Dios:
Porque tal ſe hizo por nós?
Por ſanar la llaga mala,
Que nos hizo otra Zagala.

MOTE ALHEO.

Como eſtais temblando
Al frio,
Oh Dios mio!

VOLTAS MINHAS.

VOs, que calor dais
Al Sol, y al fuego,

n naciendo luego
e frio temblais?
omo no templais
l rigor del frio
n dulce Dios mio?

eo-os desnudo
emblando en el heno,
l aire, y sereno
el invierno crudo.
n quanto amor pudo
mor ya, mas frio
n vòs, amor mio.

ues temblais, mi Dios,
or mi peccador,
rda yo por vòs
n llamas de amor:
enta nuevo ardor
mi pecho frio,
uestro, que no mio.

ALHEA.

Nacio el Sol de la Luna,
Sola ella, el dòs en uno:
Nunca tal naciò ninguno,
Nunca tal pariò ninguna.

EL del Cielo al mundo vino,
En su *seno ella* lo cierra,

Saliò del, gozò la tierra
De ſu reſplandor divino.
Chriſto Sol, Maria Luna,
Ella ſola, el dòs en uno
Nunca tal naciò ninguno,
Nunca tal pariò ninguna.

Eſtava el mundo eeclypſado
Por el peccado primero,
De la luz ſale el luzero,
Todo lo dexa aeclarado.
Claro Sol, hermoſa Luna,
Ella ſola, el dòs en uno,
Nunca tal naciò ninguno,
Nunca tal pariò ninguna.

MOTE ALHE

Hai Dios que barè,
Que por ti muero,
Por ti morirè.

VOLTAS MINHA

ES ſin ti la vida
Contino dolor,
Gana ſe perdida
Por tu dulce amor.
Mi Dios, mi Señor,
Bien ſabes, bien ſè
Que por ti muero,
Por ti morirè.

Mi bivir consiste
En ti, no en mi,
Muera yo por ti,
Pues por mi moriste.
Tu amor me diste,
Yo te doi mi fé
Que por ti muero,
Por ti morirè.

ALHEO.

Un suspiro diò Maria,
Por ver su Niño llorando:
Quien tras el fuera bolando,
Para ver donde l' embia.

VOLTAS MINHAS.

MAs que digo que uno diò,
Si tantos Maria dava,
Como lagrimas llorava
El Niño que la criò?
Mil suspiros despedia
Viendo el hijo estar llorando,
Quien tras d' un fuera bolando
Para ver donde l' embia.

Fuera tan estraño el buelo,
Si tras tal sospiro fuera,
Qu', aunque al Cielo subiera,
se quedara acà nel suelo.

Qual

Qual ſoſpiro de Maria
Alli parava bolando
Sobre el Niño, que llorando
En el peſebre jazia.

De ſu pecho enternecido
La Madre ſoſpira y llora,
Llora el Hijo, a quien adora,
Con tierno llanto y gemido.
Que no lloras, alma mia,
Tal prueva d' amor, mirando
El Niño por nòs llorando
Por el ſoſpira Maria.

ALHEO.

Ay, ay,
Meu amor, como vos vai?

VOLTAS MINHA

VEjo-vos eſtar chorando,
Algũa dòr deve ſer,
Cedo vos is cuſtumando
A penar, e a ſoffrer:
Pois cá quiſeſtes decer
Do ſeio do Eterno Pay,
Meu amor, como vos vai?

Eſte mundo, onde deceis
Para de culpa o remir,
Neſta noute, em que naceis,

RIMAS.

Vos começa a perſeguir,
Com que vos poſſo cobrir,
Meu bem, ai,
Do vento, e frio que vai.

Abrandai vós o rigor
Do frio, que padeceis,
No fogo do voſſo amor,
Onde, meu amor, ardeis.
Ai que chorais, e gemeis,
Ai amor, ai!
Meu amor, como vos vai?

ALHEO.

Di Paſcoal, viſtes a Maria?
Vi, mas no le hablê em ti.
Porque?
Porque quando tal la vi,
Penſé yo que no me via.

VOLTAS MINHAS.

PUes dime, de que manera
Viſte alla la fin manzilla?
Si yo dezir lo ſupiera,
Paſmaras de maravilla.
En llegando a ver Maria
El tino luego perdi.
Porque? porque tal la vi,
Que *a mi miſmo no me via.*

Relumbrava de tal modo,
Que, a peſar da noche eſ
Con lumbre, y con hermo
Acclarava el aire todo.
En fin que viſte Maria?
Si vi, mas emmudeci.
Porque? porque tal la vi,
Qu' en ſus braços Dios teni

ALHEO.

Niño tan bonito,
Hijo de tal Madre,
Plazer es mirarle.

VOLTAS MINI

MUi dulce contento
Siente que le mira,
Alegre ſe admira
Todo entendimiento.
En pobre apoſento
Lo parió ſu Madre:
Plazer es mirarle.

Hinche d' alegria
El Cielo y la tierra,
La noche deſtierra.
Traenos el dia
Dichoſa Maria,
Que tal Hijo pare:
Plazer es mirarle.

De ſu lumbre pura
Toma el Sol la lumbre,
Toma el valle, y cumbre
Flores, y verdura;
Viene con blandura
Del ſe no del Padre:
Plazer es mirarle.

Cuitas, e enojos,
Anſias, y tormento.
Vanſe por el viento
Delante ſus ojos.
De pobres deſpojos
Le cubre ſu Madre:
Plazer es mirarle.

MOTE PROPRIO.

Por engrandecernos,
Nace Dios chiquito:
El ſea bendito.

VOLTAS.

ALabado ſea
De todos, por todo,
Pues nos remedea
Por tan alto modo:
Viſte-ſe de lodo,
Mueſtra-ſe chiquito:
El *ſea bendito.*

Dende el Paraiſo
Deſcendiò al ſuelo
Por ſobir al Cielo
Quien de tierra hizo,
Bien moſtrar nos quiſo
Amor infinito:
El ſea bendito.

Por ſatisfazer
Por nòs a ſu Padre,
De la Virgem Madre
Oy quiſo nacer.
Viene a padecer
Por nueſtro delicto:
El ſea bendito.

ALHEO.

No ſé vida quien te alaba,
Qu' en ti no hay coſa ſegura!
Nó quiero bien que nó dura,
Ni temo mal que s' acaba.

VOLTAS PROPRIAS.

VEngan males, vengan bienes;
Ni los temo, ni los quiero:
Lo que temo, quiero, y eſpero,
Tu, vida, en ti no lo tienes.
Temo el mal, que no s' acaba,
Quiero el bien que ſiempre dura:

Fue

uera deſto es gran locura
o qu' en ti ſe teme, o alaba.

iene mal conocimiento
e ti quien de ti s' agrada:
o advierte qu' eres viento,
menos, pues eres nada.
itupero el que t' alaba,
buſca en ti ſu ventura
lvidando el bien que dura
or el mal que no s' acaba.

EGUEM-SE AS RIMAS em louvor de noſſa Senhora.

A NOSSA SENHORA DA PIEDADE.

ELEGIA.

EU de vós que direi, Virgem ſagrada?
De vós, q̃ ao pé da Cruz d'eſpada agu-
Vejo cos olhos d'alma treſpaſſada? (da
Nada poſſo dizer ſem voſſa ajuda:
Pois vós nunca a negais a peccadores,
Soltai a minha lingoa atada, e muda.
or ver que ſempre fui o mór dos mores,
Já mais pude de mi preſumir tanto,
Que tentaſſe cantar voſſos louvores.

Agor

Agora vos dou choro em vez do canto,
Que grande razaõ he, Virgẽ ſem magoa,
Que com pranto acompanhe o voſſo prã-
Os voſſos olhos vejo fontes de agoa (to.
Vendo ſua luz morta em voſſos braços,
Que fazem eſtes meus em tam graõ ma-
Ah quanto ſaõ de lagrimas eſquaços, (goa?
Quanto moſtra de amor piqueno effeito
Hũa alma, a quẽ a dôr naõ faz pedaços!
Mas, Virgem, ſopri vós eſte defeito,
Que para ſoprimento vos criou
Eſſe que ſe criou ao voſſo peito.
Eſſe que por amor tal ſe tornou,
O qual por emparar gente perdida
Em certo modo vos deſemparou.
Se tinheis na ſua poſta a voſſa vida,
Tinhamos nós a noſſa em ſua morte,
Que por ella nos foi reſtituida.
Por iſſo tende Virgem peito forte (vós,
Naõ vos conturbe a dôr, tam clara em
Que naõ tem parte ſaã por dõde corte.
Reparti deſſas anſias entre nós,
Cauſa, que em pena tal, tal eſtreiteza
O bom JESU por nos ſalvar ſe poz.
Oh Virgem liberal, uſai largueza,
Participai comigo voſſas dôres,
Naõ ſeja voſſa ſó toda a triſteza.
Ah cegos deſcuidados peccadores
Pobres de piedade, e de ſentido,
Naõ vemos de que ſomos cauſadores?

Naõ

Naõ vemos o Senhor da Cruz decido
Que tal eſtá no collo da Senhora,
Que naõ ſei como delle he conhecido?
Abrivos, olhos meus, e vede agora
Em qual fórma ſe moſtra, em qual eſtado
Aquelle, a quem a terra, e Ceo adora.
Vede como no ſeu corpo ſagrado
Dos a planta do pé té á cabeça
Naõ tem onde naõ ſeja mal tratado.
Crueliſſimas maõs, gente perverſa,
Quem para executar tal crueldade
Vos deu tamanha força, quem tal preſſa?
Como vos naõ movia a piedade
D' hũ cordeiro ſem magoa a manſidaõ?
Da ſua fala a gram ſuavidade?
Como vos conſentia o coraçaõ
Pagar com tal crueza, tal brandura?
Ah gente cõga, gente ſem razaõ!
Porque tranſtes mal tal formoſura?
Bem tinheis corações de ferro duro
Quando diſfiguraſtes tal figura.
Aquelle ſol ſereno, claro, e puro
Do ſeu divino roſto, ah quam aſinha
Cobrio a luz, e ſe moſtrou eſcuro!
Que fará a triſte Mãi, que por vós tinha
Goſto de pobre vida, e vida amando,
Oh bom JESU, gloria deſta alma minha?
Vejo que ſobre vós eſtá chorando,
E com o liquor triſte, que darrama
As ſantas Chagas vos eſtá lavando.

Ou

Ouço quanto por vós ſoſpira, e chama,
E naõ lhe reſpondeis, ſabendo certo
Que inda aſſi mais que a ſi meſma vos
Aſſi nú como eſtais, aſſi cuberto (ama?
Do ſangue, que por nós foi derramado,
Aſſi ferido, aſſi com o lado aberto.
Aſſi de eſpinhos duros coroado,
Cruel, nova invençaõ, honra penoſa,
Tormento ſó em vós executado.
Que fará ſenaõ pranto, laſtimoſa?
De ver que falta em nós conhecimento
De morte tam cruel, tam affrontoſa.
Ah gram frieza minha, ah pouco tento!
Quanto, ſem cuſtar muito, valeria
Ter de quanto ſentiſtes ſentimento?
Ah quem da noute eſcura, quem do dia
Me déſſe naõ gaſtar hora, nem ponto,
Que na dôr vos naõ tenha companhia.
Quem lagrimas me déſſe tám ſem conto
Que chorando tal morte juntamente
De minha vida má foſſem deſconto!
Quem no por vir me déſſe, e no preſente
A vós, meu Deos, me dar tã de verdad
Que de mi vos naõ viſſe nunca abſen
Quem me dará em fim hũa vontade,
Que ſempre a voſſa figa ſem errar,
Havendo tudo o mais por vaidade?
Quem, ſenaõ vós, meu Deos, me póde
Das couſas, que deſejo, comprimer
Déſtes a vida, que podeis negar?

Mas, Virgem, dai vós já consentimento
Que dem a vosso filho sepultura;
Tende, pois assi cumpre, soffrimento.
Abrandai vosso pranto, Virgem pura,
Porq̃ o vereis primeiro, e mais fermoso
Antes de ver tres vezes noute escura.
Immortal, impassivel, glorioso,
Ornado dos despojos da victoria,
Do Reino dos tormentos temeroso,
Tornando com triunfo á sua gloria.

SONETO

A NOSSA SENHORA.

FErmosa Virgem, que do Sol vestida,
De estrellas coroada, ao Sol puro
Tanto aprouvestes neste valle escuro,
Que sua luz em vós trouxe escondida:
Virgem das Virgens, flor, fonte de vida,
Deste mundano mar porto seguro,
Rodeado jardim de forte muro,
Antes do mundo ser já escolhida.
Virgem chea de graça, e d'humildade,
Por cuja intercessão, por cujo meio
Perdão o peccador contrito alcança:
Posto que me vejais de culpas cheo,
Pondo olhos em mi com piedade,
Vereis que sempre em vós tive espe-
rança.

CAN

CANÇAM
A NOSSA SENHORA,
Que o Autor fez eſtando cativo.

OH Virgem ſobre todas ſoberana,
De reſplendor veſtida, e luz divina,
De lucidas eſtrellas coroada,
Se logo a dar remedio vos inclina
Qualquer eſtremo de miſeria humana,
Em que ſe vê a vida attribulada,
A minha tantas vezes deſmaiada
Neſta deſaventura,
Virgem ſerena, e pura,
Eſpera ſer por vós remediada.
Eſta gram fé que tenho, eſta me valha,
Pois eſta me valeo,
Oh Rainha do Ceo, na gram batalha.

Oh Virgem, ſempre Virgem, do Pai voſſo
Sacratiſſima Mãi, Filha, e Eſpoſa,
Alegria do Ceo, da terra emparo:
A Lua, porque foſſe mais fermoſa,
Por chapis volla deu o Filho voſſo,
O qual vos eſcolheo como Sol claro,
Aquelle eterno amor, a vós tam claro,
Do voſſo amor dino,
Aquelle amor divino,
Que já nos libertou do Reino avaro,

Tenh-

Tenha conta comigo á voſſa conta,
Antes que mais deſcaia,
Para que livre ſaia deſta affronta.

Oh Virgem, das mais Sanctas a mais San-
Do inconſtante mar fiel eſtrella, (cta,
Porta do Paraiſo, eſtrada, e guia,
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vede tanta eſtreiteza, magoa tanta,
Quanta com magoa choro a noute, e o dia.
Naõ me deixeis ſumir, doce Maria,
Neſte profundo pego;
Porque povo tam cego,
Como ſe ri de mi, de vós naõ ria,
E ſaiba que deixaſtes caſtigarme
Por gram peccador ſer,
E naõ por naõ poder do ſeu livrarme.

Oh Virgem de humildade, e graça chea,
Que converteis em riſo o triſte pranto,
Da triſte miſeravel vida noſſa;
Como vos cantarei alegre canto
Cativo, ſem repouſo, em terra alheia,
Entre barbara gente imiga voſſa?
Deſatai vós eſta cadea groſſa,
Que meus erros ſem fim
Forjaraõ para mim,
Porque ſolto por vós, cantar vos poſſa
Na ribeira do Lima ſem receo,
(Oh Madre de JESUS)
Naõ do turvo Lucus, de ſangue cheo.

Oh Virgem milagroſa, Virgem br
Amor do ſummo amor, prazer dos S
Ouvi, Senhora, lá ſoſpiros tantos,
Quantos meu triſte peito de cá man
Pois vedes que em vós ſó tenho ſper
Peſai as minhas culpas na balança
De voſſa piedade,
Que d' outra qualidade
Mal póde em tal fortuna haver bon
Vede que tal me vejo, vede qual
Tam pouco ha me vi,
E com tempo acudi a tanto mal.

Virgem, por cuja maõ ſaõ repartida
Mil graças, que Deos faz na terra, e
Que o meſmo Ceo, e terra encheis d
Eſſa maõ, que das maõs me defendeo
Que deraõ cruel fim a tantas vidas,
D' ajuda me naõ ſeja agora eſcaça;
Porque a dilaçaõ em mi naõ faça
Que naõ fez o ferro,
E a dôr deſte deſterro,
Que vai roendo a vida como traça;
Antes de ſer de todo conſumida
Levaime, pois podeis,
Onde de mi ſereis milhor ſervida.

Oh Virgem ſingular, pura, ſem mag
Sem ſombra d' erro algum, por cujo
Se conſerva no mundo o ſer humanc
Oh Çarça de Moiſés verde no fogo,

Oh platano fermoſo junto d'agoa,
Eſperança do povo Luſitano,
Por voſſo amor acuda a tanto damno
O poder infinito,
Que já no duro Egypto
Outro povo livrou d'outro tyranno:
Naõ olhe o clementiſſimo JESUS
A noſſos erros ſós,
Mas olhe que por nós ſe poz na Cruz.

Oh Virgem Imperatriz do Ceo empyreo,
Preſervada de culpa, e eſcolhida,
Quem vos póde louvar, quem entender?
Ditoſos os que ſoffrem neſta vida
Tribulaçaõ por Deos, cruel martyrio,
Pois a elle, e a vós merecem ver.
Se *com penar* aqui, ſe com ſoffrer
As penas em que vivo,
Se com morrer cativo
Tam alto bem ſe póde merecer,
Tal vida tenha aqui, tal morte tenha,
Daqui naõ ſaia mais,
Porque por meios tais a tal fim venha.

Neſte mal, que me rouba o ſentimento
A que valer naõ poſſo,
Virgem, o Filho voſſo
Algum remedio dè, ou ſoffrimento:
Aquillo, que mais for ſua vontade,
Póde fazer de mi;
Que tudo *o mais em fim* he vaidade.

A NOSSA SENH
ESTANDO CATIVO

SONETO.

QUal naufragio no mar, ou qu
Na terra tẽ ſem vós por mir
Quando me vi, Senhora, att
Que vos naõ viſſe logo alli co
A certa experiencia do que dig
Me tem neſta miſeria confiadc
Que cedo me verei deſapreſſac
Dos ferros deſte voſſo, e meu
Logo mil brandos verſos pendur
Deixarei em lugar do grilhaõ
Diante da ſagrada Imagem vo
Porque vejaõ os mais deſempar
Que ſois emparo certo, bem
Em quantos males tem a vida

A' MESMA SENH
ESTANDO CATIVO

SONETO.

QUãto o remedio humano mai
Eſtou vendo, ó Sanctiſſima I
Quanto mais delle a vida d
Tanto o divino em vós eſtá ma

Bem vedes qual eſtou neſte deſerto,
Onde cativo choro a noute, e o dia,
Onde me daõ por cama a terra fria,
Onde me tolhem ver o ar aberto.
Eſte meu deſemparo, eſtas cans triſtes,
Que mais alvas ſe fazem com meu prãto,
Vos inclinem, Senhora, a ſoccorrerme.
Pois ſempre em minhas preſſas acudiſtes,
Virgẽ, naõ tardeis mais, naõ tardeis tãto;
Que, ſe tardais, quem poderá valerme?

A' MESMA SENHORA ESTANDO CATIVO.

SONETO.

OH do meu doce amor doce cuidado,
Oh defenſora minha, em paz, e em guerra,
Em cuja maõ todo o poder ſe encerra,
Em cujo ventre andou Deos encerrado.
Abri hum dia já alvo, e dourado,
Em que deixando a traz eſt' alta ſerra,
Paſſando o bravo mar, abrace a terra,
Onde nelle ſe crê crucificado.
Mereça-vos, Senhora, iſto, que peço,
Hũ coraçaõ contrito, humilde, e prõpto
A vos ſervir, podendo, com mil vidas.
Ou ſeja, ſe por mi o naõ mereço,
A' conta das mercês que naõ tem conto,
Que tendes para todos merecidas.

A NOSSA SENHORA EM HUMA GRANDE tormenta.

SONETO.

DOs voſſos olhos ſempre piedoſos,
Sempre cheos de graça, e de brãdura
De luz divina ſempre clara, e pura,
Humildes, bellos, graves, amoroſos
Volvei, Senhora, a mí os lumioſos
Divinos raios neſta noute eſcura:
Guiai-me neſtes mares furioſos
A vós, que ſois do mar praia ſegura.
Logo vos fixarei no ſancto Templo
A roupa inda molhada, onde ſe veja
Com novo louvor voſſo a maravilha.
Oh do Eterno Pai Eſpoſa, e Filha,
Valeime em tal naufragio, porque ſeja
Nas grãdes tempeſtades grãde exemplo

A NOSSA SENHORA

SONETO.

OH Virgẽ bella, e branda, quẽ já vira
Eſte coraçaõ meu tam inflammado
Em voſſo doce amor, q̃ outro cuidado,
Outro querer em ſi naõ conſentira?

Oh

Oh quem azas me dera que ſobira,
Das affeiçoẽs humanas deſatado,
A tam ſeguro, e venturoſo eſtado,
Onde em vaõ naõ ſe chora, nem ſuſpira.
Em tanto como póde deſejarvos
Sem culpa, quem reparte o ſeu deſejo,
Todo devido a vós ſem faltar nada?
Tal vos vejo, Senhora, e tal me vejo,
Que ſei de mi q̃ naõ mereço amarvos,
Merecendo vós ſó de ſer amada.

A' NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA.

SONETO.

NAõ ſeja *hoje* o *Sol* de luz avaro, (ra;
Moſtre mór reſplãdor, mór fermoſu-
Pois naſceo hoje aquella Virgem pura,
Da qual outro naſceo mais puro, e claro.
Com goſto ſpiritual, com prazer raro
Celebre toda humana creatura
O parto, que deu luz á noute eſcura,
Rainha deu ao Ceo, á terra emparo.
Felice parto, que o inferno eſpanta,
Enche o Ceo de belleza, e maravilha,
Reſtauranos a graça que perdemos.
Com tal filha ſe alegra, oh Anna Sancta,
Com ſeu Filho ſe alegre a Sancta Filha,
E nós com *todos tres nos alegremos*.

A

A HUMA IMAGI
DA VIRGEM.

SONETO.

IMagem em tudo rara, e peregr
Retracto da belleza Virginal,
Se tam bella te fez a maõ mortal,
Que tal faria a propria a maõ Di
Bellezas nunca viſtas imagina
Quem bem te vê, no proprio orig
Mas ſeraõ ſombras, onde a ſõbra l
Qu' a viſta no conceito deſatina.
Ficaõ os mais retractos ſombra eſcu
Diante ti, tu menos ante quem
Tam branda repreſentas, tam fer
Se tanta luz huns cegos olhos tem,
Se tal eſpirito morta fermoſura,
Qual ſereis vós, oh Virgem pied

OUTRO SONETO
A' MESMA SENHOR

OH Virgem, já que foſtes verda
Meio por onde o Rey do empire
Neſte vale de lagrimas deceo
A nos livrar do grande erro prim

O qual, como manſiſſimo Cordeiro,
A' morte ſua vida offereceo,
E ſeus ſagrados membros eſtendeo
Num duro, para nós brando, madeiro.
Sede Virgem agora o meſmo meo
Entre mim, e o meſmo Filho voſſo,
Moſtrailhe o brando peito d'amor cheo;
Que logo o piedoſo Senhor noſſo
Verá como por mim á terra veio,
E que ſem elle ao Ceo ſobir naõ poſſo.

A' MESMA ENCOMMENDANDOLHE huma nao da India, a que ſe poz nome *Noſſa Senhora da Boa Viagem.*

SONETO.

FErmoſa Virgem, mais q̃ o Sol fermoſa;
Onde o Sol de juſtiça recolheo
Sua divina luz; porta do Ceo,
Do mar eſtrella firme, e lumioſa:
Em viagem tam larga, e perigoſa
(Pois vedes como a vós s' offereceo
Eſta nao quando tal nome eſcolheo)
Livre ſeja por vós, por vós ditoſa.
Nem a furia do mar, nem a do vento,
Nem outros mil perigos ſejaõ parte
Para naõ ver o fim, que ver deſeja.

Vós a levai, Senhora, a ſalvamento,
Salva a tornai, Senhora, a donde parte
Tudo nella conforme ao nome ſeja.

A NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS.

SONETO.

VIrgem, de quem com lagrimas, e ais
A vós levanta a voz, e o penſamẽto,
Naõ tenhais deſuſado eſquecimento,
Porque louvores meus ſempre tenhais.
Se vós dos affligidos vos lembrais,
Lembraivos do meu aſpero tormento;
Daime remedio nelle, ou ſoffrimento,
Pois Virgẽ dos Remedios vos chamais.
Logo no voſſo Templo por memoria
Da mercê, de que tenho confiança,
Vos fixarei de cera hũa cabeça.
Oh branda Virgem, brando amor, e gloria
Dos juſtos, e dos injuſtos eſperança,
Valeime, inda que mal vo-lo mereça.

.ESMA SENHORA.

SONETO.

nto menos, oh Virgẽ, vos mereço
emedio, que peço em minha dôr;
› elle para mim ferá maior,
a mercê mais alta, e de mais preço.
:ime, Senhora, o que vos peço:
ai do meu fogo o vivo ardor,
ıe da vida o fim gaſte milhor,
ıe no meio fez, e no começo.
a minhas culpas vos detem
naõ para mim nunca encolhida
'iſcos que por mi paſſado tem,
eſto, Senhora, tendo vida,
que proteſto a vós, a mi convém)
erá tal que vós ſereis ſervida.

ROVA ALHEA.

la culpa en vòs,
n Santa, bella, y clara;
i culpa en vòs entràra,
s no cupiera Dios.

LOSSA PROPRIA.

gen de Dios eſcogida,
:l miſmo Dios Hija, y Madre,
de *la caida*

Que dio el primero padre
En la culpa cometida.

La providencia de Dios
De tal modò hazer os supo,
Que, para salir de vòs,
Toda la gracia en vòs cupo,
La culpa no cupo en vòs.

Fuistes, Virgen, preservada
Del peccado original;
Antes del mundo formada
En la mente Divinal
Para de Dios ser morada.

El Sol no se os compara
En pureza y hermosura:
Sola sois (que poco es rara)
Sobre toda creatura,
Virgen Sancta, bella, y clara.

Sois clemente, dulce, y pia:
E porque presto concluia,
Sois en fin qual convenia;
Hizo os Dios Madre suia:
Virgen, que os no haria?

Que fuera, sinò os creara
Tal para nuestro remedio?
Que, si no nos otorgara
La gracia por vuestro medio?
Que, si culpa en vòs entrara?

El que todo lo ha creado,
Y todo no cabe en todo,
No hallando en vòs peccado,
Cupo por divino modo
En vueſtro ventre humanado.

Apiedòſe de nòs
Su bondad ſuma, y ſincera;
Que, Virgen, bien ſabeis vòs
Que, ſi culpa en vos cupiera,
En vòs no cupiera Dios.

CANTIGA

A NOSSA SENHORA.

Ob Madre de Deos,
Neſte nome acabo,
Que naõ ha mais gabo
Na terra, e nos Ceos.

VOLTAS.

OS voſſos louvores
Naõ tem fim, nem conto,
Mas o mór dos móres
Eſtá neſte ponto,
Ser Madre de Deos
De louvor ſem cabo,
Naõ ha maior gabo
Na terra, e nos Ceos.

Oh ſummo louvor,
Oh gloria ſegura,
Ser a creatura
Mãi do Creador.
Sois Madre de Deos,
Só com iſto acabo,
Pois naõ ha mór gabo
Na terra, e nos Ceos.

ENDECHAS.

VIrgem ſoberana,
D'outros cantos digna,
Falta a voz humana,
Cante á voz divina.
Eſtrellas, e flores,
Areas do mar
Podem-ſe contar,
Naõ voſſos louvores.
De tal maravilha,
Pois ſois Mãi, e Filha,
Naõ me maravilho,
De Deos voſſo Filho.
Sois templo Divino
Do Eſpirito Sancto;
Quem he ſó, e Trino
A vós ſó quiz tanto.
Sois Cedro em Libano,
Em Cades ſois palma,
Remedio do damno,
Vida da noſſ' alma.

Sois jardim cheiroſo,
Platano em ribeira,
Em campo fermoſo
Fermoſa oliveira.
Sois eſquadraõ forte,
Torre em alto erguida,
Eſcudo da morte,
Doçura da vida.
Entre eſpinhos roſa,
Lirio junto d'agoa;
Toda ſois fermoſa,
Em vós naõ ha magoa.
Foſtes eſcolhida,
Por noſſa deſculpa,
Sem culpa naſcida,
Remedio da culpa.
Quanto Eva perdeo
Por vós ſe cobrou,
Quem de vós naſceo
Tal vos fabricou.
O verbo naſcido
Deuvos por mãi ſua,
O Sol por veſtido,
Por chapins a Lua.
Deuvos a Trindade
Coroa d'eſtrellas,
Mas a claridade
Vós lha dais a ellas.
Sois fonte ſuave,
Alivio de triſtes,
Sois *do Ceo a chave*,
Vós o Ceo abriſtes.

Quanto o Sol rodea,
Quanto o mar abraça,
Tudo encheis de graça,
Sois de graça chea.

LAGRIMAS

DE SAÕ PEDRO.

DEpois que Pedro vio como negara
Tres vezes a ſeu Meſtre, e a ſeu Senhor,
Que do barco, e das redes o chamara,
E de homens o fizera peſcador,
A quem tam pouco havia que affirmara
(Cheo d'eſforço entaõ, cheo de amor)
Que, ſendo neceſſario, morreria,
Com elle, e que nunca o negaria :

Vendo que de medroſo tam vilmente
De tudo o que affirmando promettera
Aſinha ſe moſtrou tam differente,
Como ſe nunca o vira, ou conhecera:
Cantar ouvindo o gallo finalmente,
(Sinal que lhe na Cea o Senhor dera
Da culpa, em que elle já tinha incorrido)
Vendo-ſe em fim perjuro, e fementido :

Tamanha dôr ſentio, tamanha afronta
O miſeravel velho em ſi tornado,

Que

ıe naõ fez mais da ſua vida conta,
naõ pera chorar o ſeu peccado.
:rio ſeu peito com aguda ponta
' viſta do Senhor, vio-ſe culpado,
vergonha de ſi, e delle a magoa
briram nos ſeus olhos fontes de agoa.

)mo neve que deixa congelada
ıuvoſo inverno, e em lugar ſombrio,
ue, ſendo no veraõ do Sol tratada,
: derrete em licor de claro rio:
ſſi a covardia, que coalhada
inha Pedro em ſeu peito fraco, e frio,
m pranto logo alli ſe converteo
uando elle ao Senhor olhos volveo.

aõ foi o pranto ſeu lago, ou corrente
ibeira, que por calma ſe ſeccaſſe;
ue poſto qu' o Senhor amigamente
a culpa á graça d' antes o chamaſſe,
:mpre chorou depois amargamente,
unca noute paſſou que naõ choraſſe:
horava, ouvindo o gallo, ſó conſigo,
agrimas novas dando ao erro antigo.

ncontrado que foi dos olhos Sanctos,
ual o triſte de Pedro antaõ ficou,
aõ o podem contar proſas, nem cantos,
unca lingoa mortal tal dôr contou:
'elles lhe pareceo que d' entre tantos
nigos ſeus, e ſem os ſeus qu' amou,

Lhe

VARIAS

[illegible] e offrece vergonha deste presente
[illegible] vaso de cera, e pouco amava,
[illegible] e vai-se ya da boca ebria
[illegible] leva lacrimas, onde a ventura.

[illegible] olhos com triste defeito
[illegible], e lhe vai fem saber onde;
[illegible] vaidade, já vaidade
[illegible] e ella vai, e elle fica onde:
[illegible] com isto os occupavam
[illegible], que é elle responde:
[illegible] nem prazo me pedio
[illegible] que de negar lhe deve sentio.

[illegible] chora, e chora, o Ceo atroa
[illegible] gritos, que vai cando;
[illegible] triste pelo, o valle loa;
[illegible], por onde vai, vai magoando:
A fera [illegible] já nada perdoa,
[illegible] despedaçando vai arrancando;
[illegible] a vida que mais aborrecia
[illegible] magoada vos alli dizia:

Deixame vida já, deixame vida,
Foge de quem te foge, e te despreza:
Que esperas de quem es aborrecida
Ó triste alma, exemplo raro de tristeza?
Ó triste alma, a quem tu tens tanto offendida
Com tua covardia, e vil fraqueza,
Que pedes pedes ter e nenhum espero,
De consumirte em lagrimas tão queres.

Vaite

Deſta maneira a Pedro parecia
Que o Redemptor do mundo lhe fallava,
Hora que duramente o reprendia,
Hora que brandamente o conſolava:
Mil couſas na memoria revolvia,
Em todas a ſi meſmo ſe culpava,
E ſobre todas mais culpava a vida
Que da ſu' alma o fez ſer homicida.

Tanto que ſe receou de maior damno
As maõs lhe naõ attára, por ventura
Nella, que lhe ordenou tamanho engano,
Tomara em pura dôr vingança dura.
Ouvera por partido ſoberano
Soffrer mil; e mil vezes morte eſcura,
Naõ ſer ouvido nunca, nunca viſto,
Por hũa ſó naõ ter negado a Chriſto.

Nunca fermoſa Virgem em claro eſpelho
Tam claro vio ſeu roſto figurado,
Como naquelle ponto o triſte velho
Nos olhos de ſeu Deos vio ſeu peccado:
Sem mais diſcurſo entam, ſem mais con-
Em puras vivas lagrimas banhado (ſelho
Da caſa aborrecida ſahio fóra,
Da caſa, onde infiel a ſeu Deos fora.

Chorando ſe ſahio amargamente
Da caſa onde o Senhor preſo ficava,
Sem eſperar ſe fera, ſe clemente
Sentença o mao juiz pronunciava:

Na

Naõ lhe ſoffreo vergonha eſtar preſente
De quem tanto offendera, e tanto amava,
Pelo ſilencio vai da noite eſcura
Onde o leva ſua dôr, onde a ventura.

Por aſperos caminhos deſuſados
Corrido, e ſó ſe vai ſem ſaber onde;
Os já ſabidos delle, os já tratados
A noite eſcura, e triſte lhos eſconde:
Eſcondem-lhos ſeus olhos occupados
Em pranto perenal, que á dôr reſponde:
Que nunca menos pranto lhe pedio
A dôr, que de negar ſeu Deos ſentio.

Geme, ſoſpira, e chora, o Céo atroa
Com doloroſos gritos, que vai dando;
Bate no triſte peïto, o valle ſoa;
Tudo, por onde vai, vai magoando:
A ſeus canſados pés nada perdoa,
As ſuas creſpas cãs vai arrancando;
Contra a vida que mais aborrecia
Com magoada voz aſſi dizia:

Deixame vida já, deixame vida,
Fuge de quem te foge, e te deſpreza:
Qu' eſperas de quem es aborrecida
Neſt' alma, exemplo raro de triſteza?
Neſt' alma, a quem tu tens tanto offendida
Com tua covardia, e vil fraqueza,
Que goſto podes ter? nenhum eſperes,
Se conſumirte em lagrimas naõ queres.

Vaite

Vaite vida de mi, vaite onde ſejas
Como vida tratada, que comigo
Já mais nunca o ſerás, para que vejas
Quam bẽ comigo eſtou, quam bẽ contigo:
Se verme inda outra vez errar deſejas,
Se cuidas que com laço, ou ferro imigo
De ti me vingarei, naõ hajas medo;
A dôr me vingará, ou tarde, ou cedo.

E ſe conforme for eſta dôr minha
A cauſa, de que vès que ſe m' ordena,
Eſpero que de ti me vingue aſinha,
Inda que a morte ſeja leve pena.
Mas dôr, que já naõ fez o que convinha,
Bem moſtra naõ ſer grande, mas piquena,
Que ſe com meu peccado s' igualara,
Junto, naõ pouco a pouco, me matara.

Por ti, medroſa vida, hum peito forte,
Hum peito a morrer já offerecido
(Ah que grande vergonha, ah baxa ſorte!)
D' hũa fraca molher ficou vencido:
Se tamanho temor tinhas da morte,
Depois de tanto tempo ter vivido,
Houveras d' attentar que defenderte
Era perderme a mi, e ati perderte.

Perdite, oh vida minha (o q̃ alma chora)
Quando neguei meu Deos, q̃ naõ devera:
De naõ morrer por elle, morro agora;
E ſe *morrera* antaõ, ſempre vivera:

Elle, qu' he vida minha, vida fora;
Elle depois de morto bem podéra
(Como a muitos fez já) reſuſcitarme,
E vida humana, e vida eterna darme.

A quantos ditoſos já em mocidade
Foſte, com largo ſer, largo tormento;
Que ſe antes de chegar a muita idade,
Tiveraõ de ti feito apartamento,
Naõ viraõ hũa, e outra adverſidade
Roubarlhes todo ſeu contentamento,
Como agora a mi fez o viver muito,
Do qual negar a Deos colhi por fruito.

Foi-me teu longo curſo hum fero imigo;
A memoria, o ſaber, a fortaleza
Me foi roubando, e ſó deixou comigo
Deſcuido, pouco ſiſo, gram fraqueza:
E aſſi naõ lembrei no mór perigo
De quantas obras ſobre natureza
Vi já fazer aquellas maõs ſagradas,
Que vi tam cruelmente agora atadas.

Qual ley, oh triſte velho, qual eſtudo
Enſina a quebrar fé? ou que ſentidos
Negaõ a hum Senhor, Senhor de tudo,
Vendo tantos milagres conhecidos?
Quẽ dava olhos ao cego, língua ao mudo,
Quem dava ao coxo pés, ao ſurdo ouvidos,
Quem ás almas dos corpos já ſahidas
Fazia tornar de novo a novas vidas?

Se tu, miſero velho, iſto ſentiras,
Se te naõ deſcuidaras do que viſte,
Tam neſcia, e fracamente naõ cahiras
Na graviſſima culpa em que cahiſte:
Se teu deſcuido choras, ſe ſoſpiras,
Sobejaſe razaõ para ſer triſte:
Correi lagrimas minhas, correi tanto,
Qu' onde a lingoa faltou ſobeje o pranto

Naõ ſe veja de vós meu roſtro enxuto,
Correi em fio, nunca eſteis em calma,
Pagai á dôr ſeu natural tributo,
Para que a dôr o pague á magoa d' alma
Colhei da planta amarga doce fruto
Voſſa ſeja victoria, voſſa a palma,
Vós reſtaurai a culpa em que cahi,
Vós me tornai á graça que perdi.

Louvor vos podem dar louvor contino
Meninos, que morreſtes entre prantos,
Quando do cruel Rey o deſatino
Mandou, por matar hum, matar a tantos
Pois antes (por decreto alto, e divino)
Que podeſſeis peccar, vos viſtes Santos,
E tais do Limbo ao Ceo, que vos eſpera
Como flores ireis na primavera.

Quanto vós na infancia aproveitaſtes,
Tanto a mi a velhice foi nociva:
Naõ ſabendo fallar, Deos naõ negaſte
Como triſte fiz eu com falla eſquiva:

Antes d' hum certo modo o confe
Se com palavra naõ formada, e v
Com ſangue, que por elle derrama
As gargantas, que fallas naõ form

Deſconſoladas mãis, inda que viſt
Em voſſos braços lobos carniceiros
Degolar eſſes filhos que pariſtes,
Como pacientiſſimos cordeiros:
Deixai de prantear, naõ ſejais tri
Olhai que foraõ elles dos primeiro
Que nos vagos aſſentos ſe ſubiraõ
Donde os eſpritos maos, por maos ca

Por eſſa, que chorais, ſua dura m
Mereceraõ divinos eſcabellos,
E nas cabeças, na Celeſte Corte
Primeiro ter coroas, que cabellos
Ah ſoberana ſorte (ſe a iſto ſorte
He licito chamar) meninos bellos
Sem ſaber pelejar vencer a guerr
Piſar o Ceo, ſem piſar nunca a te

Se ſoubeſſeis que fructo regar de
A chuva deſſe ſeu ſangue innocen
Deſſe ſangue, que em ſi a terra b
E no Ceo ſe conſerva eternamente
Naõ vos ſeria ſó ſua morte leve,
Mas de vós feſtejada alegremente
Tendo-vos ſobre todas por ditoſas
Por ſer raiz de flores taõ fermoſas

Eu ſó por mais que chore toda a vida,
Juſto ſerá meu pranto, e naõ ſobejo,
Em magoarme a ſentirei comprida,
Curta para chorar quanto deſejo,
Irei lavando aſſi hũa ferida
Que tam dura, e tam fea n'alma vejo,
Que ſerá cada vez mais fea, e dura,
Se com meu pranto ſe naõ lava, e cura.

Mas tu, alma covarde, e d' amor nua,
Que me naõ deixas já? pouca dôr ſentes,
Pide (naõ queiras ſer contra ti crua)
A quantas almas vivem deſcontentes,
Que juntem ſuas dôres á dôr tua,
As paſſadas, por vir, e as preſentes,
Porque com dôr tamanha enteire a dôr
A firmeza quebrada a teu Senhor.

Mas que dôr me daraõ, que nova magoa,
Que ſeja de meu erro igual deſconto,
Inda qu' eſtes meus olhos fontes d' agoa
Derramem, ſem canſar na vida hũ ponto?
Inda que n'uma eterna, ardente fragoa
Ardendo ſempre eſtê tempo ſem conto?
Que tudo naõ ſeja pouco a reſpeito
De ſer contra meu Deos meu erro feito?

Negáravos, Senhor, hũa ſó vez,
Pois hũa ſó vos tinha confeſſado
Por Filho verdadeiro de quem fez
Com ſó querer, ſem mais, todo o criado

Hũa vos confeſſei, negueivos
Ah diſcipulo mao, deſatinado
Onde acharás perdaõ, onde p
Se tres mentiras dás a hũa ver

Deſta maneira a ſi meſmo acc
Se hia o triſte Pedro: mas on
Se naõ via por onde? aos pés
E naõ aos olhos ſeus, que foſſe
Deſpois que longo eſpaço ando
Ou foſſe acaſo, ou Deos qu' a
Tornou a dar no horto, dond
Quando a ſeu Meſtre nelle pre

E como Pay, que deixa ſepul
O caro filho morto em deſaf
A quem da tenra vida foi cort
Com duro, e imigo ferro o fr
Se paſſa pelo campo, ond' eſpa
O ſangue delle vê já negro, e
Mais altos gritos dá, ſente mai
Mais s' embravece contra o m

Do meſmo modo Pedro, que
Amava (como bem depois mo
Que quãtos no mundo houve an
A dôr naquella parte renovou
Vendo nas verdes hervas os fi
Do ſangue, que o Senhor alli
Mais ſoſpiros, mais lagrimas
Mais tredor, mais cruel, mais
ma.

lluminando o horto alli fazia,
) mais claro alli ſeu erro via.

:nhor meu, que tens da vida a chave,
a bondade (diſſe) ſe naõ cerra,
malicia de minha culpa grave,
il arrependerſe a quem te erra,
eſte ſangue teu ſacro, e ſuave,
eſta dos teus pés piſada terra
az mercè da morte, acabarei
, onde a temella comecei.

ſe minha maldade impede, e nega
:om effeito a meu querer reſpondas,
oh terra, a quem meu pranto rega,
q̃ ou vivo, ou morto em ti m'eſcõdas:
s qu' a luz do Sol, que já ſe chega,
do rico Gange as claras ondas,

Morada em toda a vida eſta me ſeja,
Seja depois da morte ſepultura,
Vivo chorarei nella meu peccado,
Morto ficarei nella ſepultado.

LAGRIMAS
DE
S. JOAM EVANGELISTA

AQuelle, a quẽ amava o meſmo amo
De quẽ foi puramẽte o amor amado
Secretario do Ceo, alto Scriptor
Do Verbo na Virgem pura encarnado:
Aquelle, que na Cea do Senhor
Dormio ſobre ſeu peito reclinado,
Sanctiſſimo Joaõ Evangeliſta,
Anjo puro na vida, Aguia na viſta:

Aquelle, oh Muſa minha, celebremos
Se for de tal ſogeito o verſo digno,
As ſuas magoas, ſeu amor cantemos,
Suas magoas mortais, ſeu amor divino.
Antes com mais rezaõ, Muſa, chorem
Com elle ao pé da Cruz, a quem m' inclii
E peço tal favor qu' eſte meu pranto
Sirva a quem mo pedio, ſirva a tal Santo

De que magoa, Joaõ, de qu' agonia
Levarias tu' alma rodeada
Seguindo teu Senhor ao triſte dia,
Depois da triſte noite já paſſada?

Seguindo teu Senhor quando ſahia
Da cidade cruel delle chorada, (grave,
Co' hũ madeiro em ſeus hombros duro, e
Mas brando para nós, leve, e ſuave.

Com que dôr de tu' alma irias vendo
A magoada Mãi, o Filho brando?
A Mãi a cada paſſo eſmorecendo,
O Filho a cada paſſo ajoelhando?
Com o peſo da Cruz, que foi ſoſtendo,
Pera o monte Calvario caminhando,
Onde foi nella poſto, onde encravado,
Onde com dous ladrões crucificado.

Aquelles duros cravos, que encravaraõ
As maõs, e os pés de Chriſto no madeiro,
Alli teu coraçaõ atraveſſaraõ,
Na morte alli lhe foſte companheiro:
As fontes do ſacro ſangue, que manaraõ
Das veas do manfiſſimo Cordeiro,
Abriraõ no teu peito outras de pranto
Devido a quem por nós ſoffria tanto.

A quem darias tu, a quem darias
Os teus humidos olhos em tal hora?
Ao Filho, que na Cruz chagado vias,
Ou á Mãi, que a ſeus pés ſoſpira, e chora?
Com ambos tua viſta partirias
Vendo tal o Senhor, tal a Senhora,
Que naõ determinava quem os via
Qual delles mais aſſinha eſpiraria.

A morte, que ſeus roſtos deſcorava,
Já de hũa côr funebre lhos cobria;
O lume dos ſeus olhos ſe apagava,
A voz cada vez mais enfraquecia:
Mas ind' o bom JESUS a ſua alçava,
E por vós a ſeu Pai perdaõ pedia,
Por vós, os que lhe dais morte ſem culpa,
E com voſſa ignorancia vos deſculpa.

Oh brandura, de nós mal merecida!
Oh rara piedade, oh novo amor!
Que chegue quem eſtá perdendo a vida
A rogar por ſeu proprio matador!
Oh natureza humana indurecida,
Que aviſo aqui te dá teu Redemptor
Para naõ aggravar quem t' aggravou,
Para te naõ vingar de quem te errou!

Mais triſte, ſe podias ſer mais triſte,
Ficarias Joaõ (ſe mal naõ entendo)
Quando ao Senhor dizer ouviſte,
Olhos á triſte Mãi da Cruz volvendo:
Vês hi teu filho; de chorar deſiſte;
Vês hi tua Mãi, a ti tambem dizendo,
Ella te quiz por filho, e deſſa hora
A tiveſte por Mãi, e por Senhora.

Naõ podia em tal tempo o Senhor darte
Outro final d' amor mais certo, e claro,
Que na morte hum penhor encomẽdarte,
Qual na vida naõ deixa outro mais caro.

ça deſte amor penetraria,
m amoroſas lagrimas desfeito
ıro coraçaõ rebentaria:
ɛndo a dôr á lingoa o ſeu effeito
ım penoſo paſſo, ſupriria
ıgoado ſprito a ſua mingoa,
ıe para com Deos o ſprito he lingoa.

elle cuido eu que lhe dirias:
·vos, meu Senhor, eſtar morrendo,
ȷ acabo aqui meus triſtes dias,
ınorte me ſeraõ ſem vós vivendo?
ɛnas, que ſentis, as agonias
ı eſtes meus olhos eſtar vendo,
os cerra a dôr eternamente?
aõ morre, e tal vê, pouca dôr ſente.

á que minha dôr naõ póde tanto.

E ſe morrendo vós quereis que viva
A' vida morto, vivo á ſaudade,
Eſta alma neſte meu corpo cativa
Naõ tenha, inda que pene, outra vontad
Seja quanto quiſer a vida eſquiva,
Trateme com brandura, ou crueldad
Que naõ devo querer, nem querer poſſ
Senaõ o que mais for do goſto voſſo.

Com tudo neſta triſte deſpedida,
A vida, que de vós, Senhor, ſe parte,
Leva conſigo o bem da minha vida,
E da minh' alma leva a milhor parte,
A qual anda convoſco tam unida,
Que vos ſeguirá ſempre em toda parte;
Que naõ póde apartar tempo nem mort
O que juntou amor muito mais forte.

Alembrame, Senhor, quam differente
Noutro monte vos vi ha poucos dias
Em meio de mais branda, e amiga gent
Em meio de Moyſés, e o bom Elias:
Alli mui mais que o Sol reſplandecente
Aqui para comprir as profecias,
Sem aquelle divino reſplandor,
De que moſtras nos déſtes no Tabor.

Todo cuberto eſtais de ſombra eſcura,
Todo tinto de ſangue, e denegrido:
Que foi daquella voſſa fermoſura,
A quem eſpanto, e amor era devido

vos de cativeiro tam pelado
aſtes com proceſſo milagroſo ,
indo-lhe caminho deſuſado ,
naõ vos ſer ingrato , e odioſo ,
:abeça , nos pés, nas maõs, no lado ,
:odo corpo em fim novos caminhos
. ferro vos abrio , e com eſpinhos.

gente, Senhor , a vós mais chora
toda a que téqui ao mundo veio ,
ı quem agoa branda , doce , e clara
ıpeo da pedra dura o duro ſeo ,
naõ vos ſer ingrata vos prepara
el , e de vinagre hum vaſo cheo.
ıi com que vos quer matar a ſede ,
de ſalvar o mundo vos procede ?

ais deſtes crueis , des que ſairaõ

Corrido d'um opprobrio tam eſquivo
Eſconde o claro Sol ſeus raios d' ouro,
A terra, ſem ter mais outro motivo,
Treme, o Leaõ urra, e brama o touro:
E eu que vivo em vós, e em mi naõ vivo
Morrendo vós aſſi, como naõ morro?
Que maravilha he eſta tam eſtranha?
Que vida ſem a minha m' acompanha?

Se vós de piedade ſpritos nús
Quereis que tanto mal vos agradeça,
Encravaime nas coſtas deſta Cruz,
Onde com meu Senhor morra, e padeça
De maneira, que poſſa, oh bom JESUS,
Em meu peito encoſtar ſua cabeça,
Pois a minha do ſeu fez almofada
Na ceа tanto delle deſejada.

Mas ſe direitamente a conta lanço
Em todo trabalhoſo, e triſte trance,
Nelle tenho mui certo o meu deſcanſo,
Elle naõ tem em mi em que deſcanſe:
Entre lobos crueis Cordeiro manſo,
Que lobo vos verá, que naõ s' amanſe,
Daquelles, que nos boſques ſoſtentais,
Naõ deſtes carniceiros muito mais?

Com tudo inda que duros, e malvados,
Inda qu' em vós a morte executaraõ
D' invejoſo furor arrebatados,
Naõ foraõ elles ſós que vos mataraõ,

Mas

Matarão-vos, Senhor, nossos peccados,
Que nessa dura Cruz vos encravarão,
Matouvos meu amor, o amor vosso,
Isto com mais certeza affirmar posso.

Vejo que de tristeza as pedras duras
Topando hũas com outras se quebrantão;
Revolvem-se pesadas sepulturas,
Os que dormião nellas se levantão,
Todas as insensiveis creaturas
Com novo sentimento nos espantão;
E eu, sendo obrigado a maior magoa,
Escaçamente dou aos olhos agoa.

Porém de chorar pouco naõ m' spanto,
Nem s' espante ninguem disto que digo,
Pois o meu coraçaõ, *fonte de pranto*
Com vosco está, meu *Deos*, e naõ comigo;
Que póde o vosso amor co' elle tanto,
Que nessa Cruz o tem posto comfigo:
Lá chora vossa dôr, e a sua chora
Sem correrem as lagrimas de fóra.

A ser d' outra maneira de crer era
Que já vida tam triste s' acabara;
Porque mil corações, se mil tivera,
A dôr em tristes lagrimas gastara:
Sé de mi tal verdade naõ soubera,
A *vós erguer os olhos* naõ ousara
De puro vergonhoso, e de corrido
De naõ ser já em choro convertido.

Porei no peito meu magoas eſquivas
A falta deſtes meus olhos ſuprindo,
De ſoſpiros mortais lagrimas vivas
Outras fontes de novo iraõ abrindo:
As horas no meu goſto fugitivas,
Vagaroſas no mal qu' eſtou ſentindo,
Naõ deixaraõ ſeccar o licor triſte
Em quanto voſſo amor ao meu reſiſte.

O fim, ſegundo vós eſtais penando,
Verei de voſſas penas mui aſinha,
Voume por voſſa parte conſolando,
Deſconſolo-me muito pela minha,
Porque qual ficarei ſem vós ficando;
Sem vós, onde de mi o milhor tinha,
Que lugar acharei onde reſpire?
Que goſto, que do peito a dôr me tire?

Já tudo me ſerá ſem vós peſado,
A noute ſem repouſo, o dia eſcuro:
Da voſſa doce viſta deſterrado,
Onde andarei quieto, onde ſeguro?
Sempre ſereis de mi tam deſejado,
Oh amor, que morreis por amor puro,
Que para a vós paſſar deſte deſterro
Frio acharei o fogo, e brando o ferro.

Naõ era eu, meu Senhor, o amado voſſ
Sobre todos os mais do voſſo ſeio?
Pois quem divide agora o amor noſſo
Apartarme de vós, donde vos veio

e novo caminho que fazeis ,
inda , porque finta eſta dôr mais ,
voſco hum roubador levar quereis :
ós por companheiro o aceitais
embargo de ſer qual vós ſabeis ,
iem me aqueixarei delle , Senhor ,
ie roubar em vós o meu amor ?

i , donde com pena eſtá pagando
alpa de mil roubos que tem feito ,
as mores eſteve accreſcentando
ſendo dos paſſados ſatisfeito.
deſejo das maõs já naõ uſando ,
heſouros abrio do voſſo peito ,
o meu coraçaõ ao voſſo achou ,

Eu partirei daqui deſconſolado
Com a triſte Senhora com que vim;
Que, pois delle lhe fui por filho dado
Servida como Mãi ſerá de mi.
Aſſi com lingoa muda, e deſmaiado
Correndo as triſtes lagrimas ſem fim,
Acompanhou ſeu Meſtre á ſepultura,
Deſpois a ſua caſa a Virgem pura.

HYMNO
A
S. JOAÕ BAPTISTA

QUem poderá formar tam alto can
Que ſeja a tal materia accõmoda
Oh Sancto antes de ſer nacido Sãc
Se tu do Creador foſte louvado,
Tomar tam alta impreſa a creatura
Parece atrevimento mal tomado.
O coraçaõ humano que ſe apura (de
Mais em teu puro amor, mais t' engr
E menos a perderte s' aventura.
O mar do teu louvor, que s' offerece
Vejo que naõ tem fundo, nem tem pr
Onde poſſa acabar, onde comece.
Ninguem em ſanctidade poz a raia
Em mais alto lugar, nem foi mais di
Quem naõ conceder iſto, ao campo ſa

Oh ſpirito no mundo peregrino,
Em tudo milagroſo, em tudo puro,
Mais proprio que mortal, Anjo divino.
Tu foſte annunciador do bem ſeguro,
Teſtimunha do lume verdadeiro,
Que veio eſclarecer o mundo eſcuro.
Tu nos moſtraſtes aquelle alvo Cordeiro
Que lavou com ſeu ſangue a nodoa fea
Que em noſſas almas poz o pai primeiro.
Que gente vê o Sol, que nos rodea,
Que naõ feſteje o teu fermoſo dia,
E te naõ chame Sancto á boca cheа?
A terra entaõ ſe veſte d' alegria,
Entaõ deſcobrem mais a graça ſua
Quantas flores o valle, e o monte cria.
Entaõ o louro Sol, e a branca Lua
Parece celebrar teu naſcimento:
Que naſcimento o teu, que vida a tua!
Dentro no teu materno ençarramento,
Vendo o Verbo Encarnado t' alegraſte,
Qu' alli te deu de ſi conhecimento:
O Diamaõ divino em humano engaſte,
(Oh nova maravilha, oh louvor raro)
Logo d' hum ventre noutro o adoraſte.
Por te communicar ſeu raio claro
Penetrou as puriſſimas entranhas
Da Virgem Madre ſua, e noſſo emparo.
E vós que nos direis, altas montanhas,
Da ſua aſpera vida? que direis
Das mais virtudes ſuas tam eſtranhas?

Contai eſtremos ſeus, naõ vos calle
Pois ſua tenra idade poſſuiſtes,
E quanto obrou em vós, vós o ſa
Dizei-nos os veſtidos que lhe viſtes
Dizei-nos os manjares que goſta
Contai-nos os colloquios q̃ lhe o
Com Deos ſe deve crer que conve
Quem, fazendo a ſi meſmo cruel
Os caminhos do Céo lh' aparelh
Mas dece, oh voz divina, já da ſ
A baptizar nas agoas do Jordaõ
E prégar penitencia em toda a t
Pois aquelle, que tudo tem na ma
Da tua quiz alli ſer baptizado,
De tamanha excellencia que dir
E eu que mais direi, Sancto ſagra
Se quanto corro mais por teus l
Muito menos caminho vejo and
Os grandes de Judéa, e os menor
Te quiſeraõ por Rey, ſe tu quiſ
Se naõ vejaõ os ſeus Embaixado
A quem tu reſpondeſtes, que tu e
Hũa voz que bradava no deſert
Entre duros rochedos, entre fér
Quem te naõ louvará ao longe, a
Deſprezo de tam alta dignidade
Confiſſaõ do Meſſias encuberto
Por eſta firme eſcada d' humildad
Sobiſte ao lugar, donde deſceo
O ſoberbo dragaõ, pai da mald

vida maior premio mereceo
Senhor da verdade, que hũa vida,
e por fallar verdade ſe perdeo?
deixa o canto já, Muſa atrevida;
e mal podem por ti ſer referidas
ıças que fim naõ tem, nem tem medi-
, almas a Chriſto offerecidas, (da.
gloria do Batiſta cobiçoſas,
n obras o louvai, com ſanctas vidas.
por mais que de lirios, e de roſas
contino lhe deis freſcas capellas,
õ podem nos ſeus olhos ſer fermoſas,
õ indo o voſſo amor tecido nellas.

) MESMO BAPTISTA

SONETO.

)is vem amanhecendo o ſancto dia
)aquelle, que por Deos foi inviado,
e no ventre da mãi inda encerrado
orou ſeu Senhor no de Maria:
e colher capellas d' alegria,
nfas, com alva maõ no verde prado,
e Flora tem de flores matizado
le celeſte aljofre a manham fria.
ai louvores ſeus ao longe, ao perto,
)s boſques, e nos valles, e nos montes,
.s ſombras, e nas agoas que lograis.
rem-ſe comvoſco rios, fontes,
as, aves, e gente; e o deſerto,
uem mais deu de ſi, s' alegre mais.

A S. LOUREN

SONETO.

LOurenço, que de louro coro
Veſtido d' alva eſtola aparece
Todo reſplandecente na celeſte
Corte d' hum coro d' Anjos rod
Teu premio no teu nome eſtá not
Sinal he da batalha que venceſt
Quando poſto no fogo offereceſ
Depois d' aſſado d'hum, e outr
Neſſe fogo d'amor, que tam doce
Que fez, ardendo em ti, hũa fri
As vivas chammas d'outro, em
jogo.
Por teu amor accenda (e naõ lhe
Chriſto meu coraçaõ, pois brãdo
Se fez com tal ardor o ferro, e

A S. SEBASTI

NO SEU DIA.

SONETO.

OSancto Cavalleiro, em cujo
Naceo aquelle Rey gram cav
Que por amor do culto verdad
Seu ſangue derramou em Berb

egra antiga da cavalleria,
ue ſe guardou do bõ tempo primeiro,
uarda comigo agora, oh bõ guerreiro,
ue por ti brado poſto em agonia.
uellas duras ſettas, qu' imprimirão
os teus attados membros taes feridas,
ue te derão em vez de morte, palma,
a em defenderme convertidas,
uebrem as inviſiveis com qu' attirão
õtino á minha os tres imigos d'alma.

SAÕ JOAÕ

DE PORTA LATINA.

Uan, que ardor ſinte
De llama divina,
ſinte en la tina
olio herviente.

ra fin temor
roxo metal,
divino amor
ice al natural.

: ſalvo, y ſano
quel fiero baño,
n dolor eſtraño
Cruel tyrano.

Ah Joan amado
Del Hijo de Dios,
De martyrios dòs
Deves ſer loado.

Uno aqui ſoffriſte,
Otro com JESUS,
Moriendo en la Cruz
Do morir le viſte.

Lagrimas, y enojos
Te fueron cuchilo,
Corriendo en hilo
De tus triſtes ojos.

El agoa, y el fuego,
Elementos varios,
Pueſtos em ſoffiego
Fueron tus contrarios.

En el Cielo empyrio
Alcançò tu alma
De virgen el lyrio,
De martyr la palma.

A' NOITE DO NATAL

SONETO.

OH noite ſancta, e clara, inda q̃ eſcura
Te vê quẽ mais naõ ergue a fanteſia;
Noite, que mereceſte, mais que o dia,
Ver naſcido JESUS da Virgem pura:
Como ſe naõ tornou logo em brandura
Tua grande aſpereza, noite fria,
Vendo teu Criador que padecia
Teu frio como humana creatura?
Como vos deſatais, oh ventos, tanto?
Porque vos derreteis, nuves em agua?
Tempo, que te naõ tornas mais ſereno?
Se naõ ſentis do Filho o tenro pranto,
Senti a dôr da Mãi, ſenti a magoa
De o guardar de vós com palha, e feno.

A' ESTRELLA DOS REYS MAGOS.

SONETO.

DItoſa ſtrella, que os tres Reys guiaſte
Da praia Oriental tam fielmente,
Que o grãde Rey dos Reys omnipotente
Minino em hũ preſepio lhes moſtraſte.

Hu

Hum raio ſó de quantos derramaſte
Guie minh' alma já direitamente
Ao meſmo bom Jeſus, que junta
Alli tambem com elles adoraſte.
Onde poſto nos braços de Maria
Alli fé, eſperança, e caridade
Lh' offereceraõ ouro, mirra, en
Deſpois guiado do teu lume immen
D' Herodes conhecendo a falſida
Me torne a recolher por outra v

A SANTO ANTON
NO SEU DIA.

Aqui naſceſte, Antonio, e naõ ſó
Enriqueceſte, oh milagroſo S
A tua cara patria, a tua gente,
Mas Italia tambem, que t' ama tan
Deſpiſtes lá, vivendo ſanctamente,
O que de cá levaſte, o fragil mant
Lisboa, a quem tu dás mais fermoſ
Teu berço foi, em Padua ſepultura

Oh Sancto, a quem tal graça o Ceo
Que cobra o que te pede, o que pe
Tu meſmo a nós te torna, e reſtitu
Pois natureza a nós te concedeo.
Ou já qu' Auſonia o corpo te poſſu
Tu' alma, que poſſue agora o Ce

ais ſe nos aparte deſta parte,
ue de ti nos dês a milhor parte.

nio aqui naſcido, aqui criado,
rara virtude, e raro exemplo
eceo que te foſſe dedicado
paterno hoſpicio em ſacro templo;
os te ſei louvar, Varaõ ſagrado,
ndo mais em ti cuido, e te contemplo;
nunca faltaraõ a teus louvores
as rimas aqui, verſos milhores.

nilagres encheſte o mundo em quanto
e vivo moveſte os mortais paſſos,
ra gloria tua, e noſſo eſpanto
reſte o bom Jeſus poſto em teus braços:
ois de morto diga Padua quanto
louvores te dar ſomos eſcaſſos,
naravilhas diga, que Deos obra
ti, Sancto por fé, Sancto por obra.

i ſe queixa, Antonio, e ſente dôr
u, e noſſo Tejo Luſitano,
endo, que trocaſte o ſeu amor

Por mil, e mil grandezas em mil partes
Soando vai a nobre, e graõ Lisboa
Em armas tanto, quanto em boas artes,
Em pureza de fé muito mais soa:
Mas o que mais realça as ſuas partes
E lhe concede a palma, e dá coroa
Sobre quantas no mundo a Fama canta,
He ſer jardim, onde naſceo tal planta.

AS.TO AGOSTINHO

EPIGRAMMA.

SAnctiſſimo Agoſtinho, que inflamado
D' amor, que com amor a amar obriga,
D' amor, que te fez tam namorado
Daquella fermoſura nova, e antiga,
Para que tu de mim ſejas louvado,
De ti naõ ſei que conte, nem que diga,
Se parte naõ diſſer do que diſſeſte
Daquelle amor, a quem teu amor déſte.

OUTRO.

NO mar profundo as aves faraõ ninho,
Os pexes pelo ar iraõ voando
Quando lingoa mortal, divo Agoſtinho,
Seu canto a teu louvor for igualando:
Tu abriſte do Ceo novo caminho,
Tu lá do Senhor delle eſtás gozando,

Anjos

jos alegra lá tua voz divina,
mens enfina cá tua doutrina.

S. BERNARDO

CANTIGA ALHEA.

ıto agradaſtes a Dios,
)ivino, y ſacro Bernardo,
)ue la leche, qu' ha guſtado,
'os la dà ſu Madre a vòs.

VOLTAS PROPRIAS.

) Onde a vueſtros labios tal
Dulcedumbre, y gracia vino,
e vueſtro hablar fue divino,
ndo la lengoa mortal?
Virgen, que al Hijo Dios
no Madre leche ha dado,
no a grande enamorado
o, vos lo diò a vòs.

ıravilloſo favòr
Madre, y el Hijo os an echo,
ando el materno pecho
l vueſtro pecho el amor.
no ſè quien de los dos
e jamas tan regalado
no vòs, qu' aveis guſtado
leche, que guſtò Dios.

N

A' MAGDALENA

SONETO.

DE noute a Magdalena vai ſegura,
Paſſa per homẽs d'armas ſem temor:
Tam enlevada vai no ſeu amor,
Que lhe naõ lembra a quãto s' aventura.
Indo buſcar a vida á ſepultura,
Quando naõ achou nella o Redemptor,
Com ſoſpiros, com lagrimas, com dôr
Movia a piedade a pedra dura.
Suave Spoſo meu, ah meu ſó bem
(Co's olhos no ſepulchro começou)
Levaraõ-vos daqui? aqui vos tinha.
Quem vos levou, Senhor, onde vos tem?
Torne-me, meu Senhor, quẽ mo levou,
Ou leve com ſeu corpo eſt' alma minha.

A' MESMA

SONETO.

BAnhada em vivas lagrimas Maria
Já fóra do ſepulchro ſe tornava,
Que viſta d' Anjos naõ a conſolava,
Por quanto do Rey delles pertendia.
Eis niſto o bom JESUS lh' apparecia
Em trajos, qu' hortelaõ repreſentava.

Por-

Porq̃ choras, molher? (lhe perguntav
Tomaraõ, meu Senhor, lhe reſpond
E logo que na voz o conheceo,
A ſeus pés s' arrojou: mas o Senhor
Com dizer Naõ me toques, a deteve,
E juntamente deſapareceo.
Ah que tam largo pranto, e tanto amo
Naõ vos pedẽ, Senhor, viſta tam breve

A' MESMA

SONETO.

FErmoſa penitente, que lavaſte
Co' licor dos teus olhos criſtalino
Tu'alma, e pés de Chriſto, e os enxugaſte
Com tranças derramadas d' ouro fino.
Quantos amores por hum ſó divino
Num ponto para ſempre deſprezaſte,
Quantos ſoſpiros déſte de contino
Quam bem por tal amor os empregaſte!
E ſanctas eſperanças as danoſas
Trocar ſoubeſte, e mil deſejos varios
Num ſó deſejo, em lagrimas o riſo,
cidades em ermos ſolitarios,
ochedos toſcos, lapas eſcabroſas,
um brando, e deleitoſo paraiſo.

EM

EM LOUVOR DO GLORIOSO SAÕ JACINTO DA ORDEM DOS PREGADORES agora novamente canonizado.

SONETO.

POlonia deu ao mundo, e deu ao Ceo
Domingos, Patriarca glorioſo,
Eſte Jacinto bello, e precioſo
Qu' entre ſeus novos filhos floreceo.
Foi milagroſo em quanto cá viveo,
Des que vive no Ceo mais milagroſo;
Vida, por elle, o Senhor piadoſo
A trinta e nove mortos concedeo.
A mancos pés, viſta a quem naõ via,
Ouvir a ſurdos, falla a mudos deu,
A capa ponte fez d'um bravo rio.
Fez paſſar, e paſſou, como Eliſeu,
Por ir pegar as chammas em que ardia
Na fera gente daquelle orbe frio.

EPIGRAMMA.

JAcinto, digo o que ſinto;
O mais diga quem mais ſente:
Digo que nunca Oriente
Criou mais rico Jacinto.

AO

AO MESMO SANTO.

SONETO.

O Jacinto entre pedras precioſas
Sempre (por ſeu valor) foi eſtimado:
Outro Jacinto em flor foi transformado
Entre as flores do campo mais fermoſas.
Mas eſte noſſo de celeſtes roſas,
De rubis, e de perlas coroado
Só deve ſer no mundo celebrado;
Dos mais os verſos callem, callé proſas.
E d'amboş o louvor a gente mude
Neſte mais rico, e bello, e peregrino,
Nelle (por q̃ tal foi) mais accreſcente.
Foi flor que deu a Deos fruito divino;
E foi pedra a quẽ Deos deu tal virtude,
Que curou almas, corpos naõ fómente.

EPIGRAMMA.

JAcinto, o que já finto
He razaõ que o naõ calle,
Sinto já que nunca o valle
Criou mais lindo Jacinto.

HISTORIA
DE
SANCTA URSU
DIRIGIDA A' INFAN
Dona Maria.

S. DEDICATORIO.

EU fiz (como já diſſe o Mantua
Os verſos deſſa Virgem eſpoſa
Que foi com onze mil martyriza
A honra me roubou hum vil eng
Eſtando a voſſo nome ſoberano,
Soberana Maria, dedicada,
Caio (para ſe ver pior tratada)
Nas maõs, livre já d'hũ, d'outro ty
Se foi, indo roubada, tam aceita
Em partes inda fea, e duvidoſa,
Naõ deſmereça agora, alta Princ
Que mais ſegura vai, vai mais fern
Naõ ſoffrendo razaõ couſa impe
Diante a perfeiçaõ de Voſſa Alt

COMEÇA A HISTORI

DE huma fermoſa Virgem, e eſ
Que d' outras onze mil tãbẽ fe
Entrou no Ceo Empyreo acompanh
Coroada de lirios, e de roſas;

oſo ſeu tam namorada,
is fazer todas eſpoſas,
e martyrio cantar quero
vor que della eſpero.

ula Sancta, que diante
eſquadraõ foſte por guia,
amor, que de ti cante
que no teu peito ardia.
ra vós mais ſe levante,
JESUS chara companhia,
re aqui mais ſoberano,
ino amor excede o humano.

la Mãi, e Virgem pura,
que tal ordem eſcolheraõ,
, e fereis guarda ſegura
a Deos offereceraõ;
o meu milhor ventura
as vans muſas me deraõ;
ſeraõ de mi ſervidas,
antadas, ſuas vidas.

ifante produzida
co Real, ſublime planta,
is obras, e na vida
ral d' Urſula Sancta,
tambem de Reys naſcida
o roſto o que ſe canta,
hum pouco a tal ſogeito,
reço delle o meu defeito.

No

No tempo que Ciriaco ſe ſentava
Na cadeira de Pedro peſcador,
Quando com ſam doutrina apaſcentav
As ovelhas de Chriſto, bom Paſtor:
Teve Bretanha hum Rey que profeſſ
A Lei que deu no mundo o Redemp
Juſto, temente a Deos, pio, e devot
Chamado Mauro d' hũs, e d' outros N

De virtudes hum novo exemplo, e ra
Em idade, e belleza florecia
Urſula, por quem Noto era mais cla
Que pelo Reyno ſeu, que poſſuia,
A quem em nada o Ceo quis ſer avar
Com quem todas as graças repartia,
Prudente, honeſta, e bella á maravil
De tam ditoſo Rey ditoſa filha.

Aquella, que no ar com ligeireza
As penas de mil aſas abre, e cerra,
E com nunca já mais viſta preſteza
Co outros tantos pés corre por terra:
Aquella, que de ſua natureza
Naõ cuida no que diz ſe acerta, ou er
E d' hũa em outra bocca ſe derrama:
Aquella em fim, a que chamamos fam

Hia por todo o mundo divulgando
Eſtremos deſta Virgem ſoberana,
Aquella fermoſura celebrando,
Com que o cego amor olhos engana:

A d' alma muito mais alevantando
Por ſer couſa divina mais que humana,
Hũa, e outra em fim ſóbia tanto
Que n'uns criava amor, n'outros eſpanto.

Ouvindo ſeus louvores muitas vezes
Deſejou deſta Virgem fazer nora
Hum Rey, qu' o ſceptro tinha dos Ingrezes,
Idolatras antaõ, cegos agora.
Oh povo cego, e leve, as çujas fezes
Aparta do ouro puro, e fino fora,
Torna ao teu paſtor, perdido gado,
Olha que vás ſem elle mal guiado.

Hum filho deſte Rey, de quem dezia
Que ſer de Urſula ſogro deſejava,
Movido já do que contar ouvia,
Já dentro no ſeu peito a namorava.
Alli o ſeu amor lhe offerecia,
Alli pelo ſeu della ſoſpirava;
Suſpira elle por ella, ella ſoſpira
Por outro amor tambem que nunca vira.

Mandou o Rey Ingrez Embaixadores
Com Real aparato, e mui cuſtoſo,
Do grande Reino ſeu, grandes ſenhores
A Noto, Rey naõ tanto poderoſo,
Pedir a bella filha, que em amores
Ardia toda do Celeſte Eſpoſo,
Pera a caſar co' filho, que ſabia
Que por amores della todo ardia.

Ficou ElRey Bretaõ mui deſcontente
Ouvindo eſta embaixada de Inglaterr
Recea que, ſe nella náõ conſente,
O gentio lhe mova cruel guerra:
O qual ſendo mais rico, e mais poten
Aſſi no largo mar, como na terra,
Quando o deſprezo viſſe de ſeu rogo
Podia pôr Bretanha a ferro, e a fogo.

E logo depois deſte penſamento,
E medo de perder ſeu ſenhorio,
Novo diſcurſo tinha, novo intento,
Com que ficava mais medroſo, e frio:
Como podia dar em caſamento
Sua filha Chriſtaã a hum Gentio,
Que nem a Ley de Chriſto o permittia
Nem ella nunca tal conſentiria.

Eſtando em tal anguſtia o bom Rey poſ
Urſula divinamente inſpirada
Lhe diſſe com ſereno, e alegre roſto,
Que conſentir podia na embaixada,
Com tanto, que, s' o Ingrez levava go
Della com ſeu herdeiro ſer caſada,
Primeiro lhe mandaſſe dez donzellas
Do Reino, as mais illuſtres, e mais bell

E déſſe mil a cada virgem deſtas,
E a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro ſangue, em vida honeſ
Com as quaes d' onze mil o conto enc

r tres annos dilaçaõ nas feſtas,
1 de tudo iſto lhe pedia
os, e mantimentos para todas
co' ella a Roma antes das vodas.

: ſua pureza, e virgindade
ia com ſolemne, e ſacro voto
ıgrar a ſeu Deos, Deos de verdade,
o Ceo, e terra fez de proprio moto,
: deixaſſe a vaã gentilidade
lho, para ſer genro de Noto,
le meſo tempo doutrinado
na Fé de Chriſto, e baptizado.

eſtas condiçoens Urſula diſſe
ſeu amado pai foſſe contente,
Embaixadores deſpediſſe
do em tal repoſta de prudente,
ıe ou elle mais a naõ pediſſe,
ndo-ſe comprir difficilmente,
quando o que pedia concedeſſe,
i a ſeu Senhor onze mil déſſe.

livino ſaber, quam ſoberano
:lho he ſempre o teu, quam acertado!
ı longe vai de ti ſaber humano,
nais que de razões vá mais ornado.
s idolos deixa o cego enganõ
incipe da virgem namorado,
ıdo pede ao pai quanto ella pede;
quanto lhe roga lhe concéde.

Já para ti, oh virgem bella, e branda,
Com toda diligencia, e brevidade
Juntarſe vem deſta, e daquella banda
Da feminil nobreza a tenra idade:
As naos aparelhar ElRey te manda,
Já nellas ſe recolhe a virgindade,
Já daõ para Bretanha ao vento vellas,
O coraçaõ do noivo vai eõ' ellas.

Já vem a tomar porto, onde as eſpera
Urſula alvoraçada em gram maneira,
Que para as receber alli viera
Como ſenhora naõ, mas companheira;
Quam falſa (lhes prégou) ſua lei era,
A de Chriſto JESUS quam verdadeira:
Já vos baptizaõ virgens eſtrangeiras,
Já do Reino do Ceo ficais herdeiras.

A fama, que naõ ſabe repouſar,
Voou de Reino em Reino, d'Ilha em Ilha:
A gente, que ſe ajunta, naõ tem par,
Por ver a nunca viſta maravilha:
Vem outros por ſervir, e acompanhar
A virgem de Rey nora, e de Rey filha;
Movem-ſe muitos Biſpos de Bretanha,
Pantollo em vid' e em morte as acõpanha.

Deixa tua mãi por ti caſa, e familia,
E com quatro irmãs tuas ſe embarcou,
Juliana, Victoria, Auria, e Babilia;
Hum filho tinha mais, que mais levou:

Geta-

na Rainha de Cicilia,
ieſta jornada acompanhou;
ło que contigo vaõ Rainhas
ıra o Rey dos Reys, virgẽ, caminhas.

artem as bellas peregrinas
s maõs para o Ceo alevantadas;
pem pelas ondas criſtalinas
ıs de fermoſura carregadas:
o, dizei, oh agoas Neptuninas,
de tal belleza navegadas?
, depois que a terra deſcobriſtes,
frota por vós caminho abriſtes.

ento ſempre igual, com mar bonáça,
erigo nenhum, ſem nenhum pejo
foraõ tomar, porto de França;
ouca demora fazer vejo:
içaõ da Virgem naõ deſcanſa
à do fim de ſeu deſejo,
. que levem ferro, ſoltem linho,
ve pelo mar o negro pinho.

to nova poſſe vai tomando
irgens que lhe ſaõ encomendadas;
ınta ligeireza as vai levando,
deixaõ a traz agoas ſalgadas:
doces do Reino vaõ entrando,
:em ſuas vidas limitadas:
dade vem á borda d' agoa
: as ver morrer naõ teve magoa.

An

Ah Colonia cruel, que naõ t' encobres
A tam fermoſos olhos, que ſeguros
Olhaõ as altas torres que deſcobres,
Luſtroſos edificios, fortes muros?
Permitte o largo Ceo que fama cobres
De ſeres dura mãi de peitos duros,
Peitos, que tantos mil peitos ſem erro
Viraõ abrir, ſem dó, ao duro ferro.

Eſtando neſte porto a bella armada
Tomando o neceſſario mantimento
Para poder ſeguir ſua jornada,
E dar terceira vez vellas ao vento,
Sendo parte da noute já paſſada,
A Virgem dentro em ſeu retraimento,
Dormindo toda a mais gente da frota,
A Chriſto oroũ aſſi branda, e devota:

Amor, Divino Amor, Amor ſuave,
Amor, a pôs quem vou toda embebida,
Por quem nenhum trabalho ſinto grave,
Sem quem naõ poſſo ter goſto da vida:
Amor, que do meu peito tens a chave;
Amor, de cujo amor ando ferida,
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que d' amor cheo, e de brandura
D' Amor enches eſt' alma ſaudoſa;
Amor, ſem cujo amor, e fermoſura
Naõ póde nunca haver couſa fermoſa:

Amor,

Amor, no qual amor anda ſegura
Hũa vida tam fraca, e duvidoſa,
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que por amor te diſpoſeſte
A reſtaurar o mundo errado, e triſte:
Amor, que por amor do Ceo deceſte:
Amor, que por amor á Cruz ſobiſte:
Amor, que por amor tua vida déſte:
Amor, que por amor a gloria abriſte,
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que cada vez mais t' accrecentas
No coraçaõ, que lá contigo trazes:
Amor, que d' amor puro te ſoſtentas
No fogo, em que tu meſmo arder me fazes:
Amor, que ſem amor naõ te contentas;
De tudo com amor te ſatisfazes,
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que com amor me captivaſte,
(Se livre póde ſer quem naõ captivas)
E com me ter captiva ſeguraſte
As eſperanças d' antes fugitivas:
Amor, que ſuſpirando m' enſinaſte
A derramar por ti lagrimas vivas,
Quando verei, Amor, o que deſejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Quar

Quando verei o dia, em qu' offereça
Por ti eſte meu peito ao ferro forte,
E cercada de Virgens appareça
Na tua ſoberana, e eterna Corte?
Onde lá cada hũa te mereça,
Paſſando cá comigo a meſma morte,
Todas vertendo ſangue, juntas todas
Celebremos comtigo eternas vodas.

Cumpreme já, Senhor, eſta vontade,
Que tenho, de te ver, que ſempre tive
Des que me deu lugar a tenra idade,
E lume de razaõ neſt' alma vive.
Naõ permittas, meu Deos, que a ſaudad
Sem ella a mi ſó da vida prive;
Que ſe muito s' alarga eſte deſterro,
Por ella irei ati, naõ pelo ferro.

Deſata meu ſpirito ſaudoſo
Do mortal nó em que s' eſtá detendo
Primeiro, que tres vezes preſſuroſo
O Sol os doze ſignos vá correndo,
Eſpaço que tomei, meu doce Spoſo,
Par' outro ſpoſo meu ir entretendo,
Confiando de ti que neſte meio
Acabes co' a vida o meu receio.

Ainda no amoroſo, e juſto rogo
A Virgem ſuſpirando procedia,
Quando d' hum reſplandor como de fogo
Divina voz ouvio, que lhe dizia:

Oh Virgem, que ſoubeſtes fazer jogo
Do que no mundo tem maior valia,
Sabe que da tornada, que fizeres
Aqui, ſe cumprirá tudo o que queres.

Tanto que tal reſpoſta do Ceo teve,
Naõ pode eſperar mais dia, nem hora;
Comprida lhe parece a noite breve,
Que muito ſe detem a nova Aurora:
Em deſcubrindo o Sol ſeu carro leve
Do porto de Colonia ſahio fóra,
A Baſilea em breve tempo toma,
Dahi a pé ſe partem para Roma.

Donde o Summo Paſtor Ciriaco Sancto
As ſahe a receber, e as acompanha
Com gozo ſpiritual, com grande eſpanto
De ver em tal idade fé tamanha.
Naõ ſe póde dizer, nem cuidar quanto
S' alegra o Real ſangue de Bretanha,
Aquelles ſanctos Templos viſitando
Daquelles, que tambem foi imitando.

Naquella meſma noute a pós o dia
Que Roma ver as Virgens mereceo,
A quem de Pedro a barca antaõ regia
Revelou o que rege a terra, e o Ceo,
Que martyrio tambem receberia
Ond' Urſula co' as mais o recebeo;
O qual deixou o ſeu Pontificado
Deſejoſo de ſer martyrizado.

Ind

Inda que todo o Clero ſoffre mal
Moverſe por aquellas eſtrangeiras,
Movido da vontade divinal
O bom paſtor ſe vai com as cordeiras.
Hum Arcebiſpo leva, hum Cardeal,
Tres Biſpos deixaõ vagas tres cadeiras
De Luca, Lavicana, de Ravena,
Mauricio me ficava já na pena.

Deſpois d' entrar no mar, donde ſahira
Com tam fermoſo Sol, tantas eſtrellas,
As ancoras debaixo a cima tiraõ,
De cima para baixo ſoltaõ velas:
Indo já navegando, outras naos viraõ;
Que fazendo-ſe vem na volta dellas:
Conheceraõ-ſe logo as duas frotas,
Ambas d' hum Reino ſaõ, ambas devot

Alli (já Rey erguido de Inglaterra)
Vinha d' Urſula bella o bello eſpoſo,
Que naõ queria já reinar na terra
Namorado do Ceo, e ſaudoſo:
Do ſeu primeiro amor venceo a guerra
A força d' outro amor mais poderoſo;
Amava em ſeu Deos já a eſpoſa bella;
Polo poder achar, buſcava a ella.

A mãi já convertida traz configo,
O pai feito Chriſtaõ já falecera;
Por onde evitaria o gram caſtigo
A que, ſendo Gentio, obrigado era.

Oh Divino amor, como aqui naõ digo
Maravilhas de ti! ah quem pudera?
Por meio d'hũa Virgem foſte meio,
Por onde tanta gente a Chriſto veio.

Vinha mais neſta nova companhia
Florença, irmãa delRey, da mãi cuidado;
Florença, que em belleza florecia
Como flor em jardim bem cultivado.
Dous Biſpos a Real frota trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado,
O primeiro de Grecia o bago teve,
Do ſegundo o Biſpado naõ ſe eſcreve.

Outra Virgem viuva alli mais vinha,
A qual ſendo eſpoſada em tenra idade
Antes das vodas ver vinvado tinha,
E prometteo a Deos ſua caſtidade:
Eſta do meſmo Rey era ſobrinha,
Filha da Emperatriz da grã cidade,
Onde por culpa noſſa, ou pouca dita,
Agora tem ſeu throno o fero Cita.

Eſtes, de quem relata a ſua hiſtoria
Que deixaraõ por Deos altos eſtados,
Com outros de que faz menos memoria,
Foraõ divinamente amoeſtados
Que todos (para entrar todos na gloria)
Foſſem ao virginal coro ajuntados,
Com quem na terra martyres ſeriaõ,
E no Ceo para ſempre reinariaõ.

Seri

Seria eſtranho goſto que ſentiraõ
Aquellas bem nacidas almas ſanctas,
Quando juntas alli todas ſe viraõ
De partes tam remotas, e de tantas,
Sem eſtorvos, que de antes impediraõ,
As duas mais que todas bellas plantas,
Alli ſe abraçaõ ambas ſem ter pejo,
Ambas conformes já num ſó deſejo.

Alli faria ElRey acatamento
A quem deixou de Pedro o alto governo
E elle conforme a ſeu merecimento
Reſponderia com amor paterno:
Naõ faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos eſtados differentes,
Todos ſeriaõ huns em ſer contentes.

O vento ás brancas vellas naõ enchia;
Corria o frio Rheno antaõ mais quedo
Antes para Colonia naõ corria
Por naõ levar as Virgens lá taõ cedo
Parece que já claro conhecia,
Oh coro virginal ſereno, e ledo,
Que lá vos eſperava a triſte morte.
Agora conta, oh muſa, de que ſort

Aquelle, que na fórma de Serpente
Deixou os dous primeiros enganad
Envejoſo de ver que tanta gente
Se convertia á ley dos baptizados

Entrou no coraçaõ, manhoſamente,
De dous Gentios, Principes malvados,
Principes da Romaã cavalleria,
Por encurtar a fé que ſe eſtendia.

Os quais como ſouberaõ de certeza
Que por Colonia a Virgem ſe tornava
Com toda a juvenil caſta belleza,
Que por amor do Ceo perigrinava:
Mandaraõ aviſar com gram preſteza
A hum parente ſeu, que ſe chamava
Julio, Capitaõ dos Unos feros,
Que todos para todas foraõ Neros.

Eis logo o fero Principe Gentio
Com gente innumeravel de ſeu mando
A praia vem tomar do meſmo rio,
Per onde as Virgens vinhaõ navegando:
Já deſcobrem a nao, já o navio
Aquelles, qu' eſtaõ de alto attalaiando:
A's armas corre logo o bruto povo
Pollas tingir de novo em ſangue novo.

Vindo a frota ſorgir junto do muro,
Onde lhe parecia eſtar ſegura,
(Oh Virgens, que buſcais lugar ſeguro,
Hi tendes o da voſſa ſepultura)
Entra com maõ armada o povo duro
Por meio da peregrina fermoſura,
Começaõ de provar os aços fortes;
Eis *tudo ſangue já*, eis tudo mortes.

As Virgens alli nu offereciaõ
O delicado collo, o tenro peito.
Era, para caber quantas caiaõ,
A larga praia já lugar eſtreito:
Os ribeiros de ſangue, que corriaõ,
Já tinhaõ outro mar vermelho feito:
Tu ſó, Cordula, á morte t' eſcondeſte,
Mas deſpois a buſcaſte, e recebeſte.

Alli o bom paſtor em Deos conſtante
O fim da vida eſpera ſem eſpanto:
Caio o Rey alli morto diante
Daquelles caſtos olhos, qu' amou tanto.
Eſpera, brando eſpoſo, hum ſó inſtante;
Eſpera tua doce eſpoſa, em tanto
Qu' outro amor outro golpe lhe prepara,
E juntos entrareis na patria chara.

Em que guerras crueis, em que cidade,
Entre que feras gentes deſalmadas
Se naõ uſou de amor, e piedade
Com donzellas fermoſas deſarmadas?
Como belleza tanta, e tal idade
Vos deixou arrancar voſſas eſpadas?
Ah lobos carniceiros, tygres bravos,
Filhos de crueldade, d' ira eſcravos.

De quantos animaes ſoſtenta a terra
Já mais tam gram crueza foi uſada;
Inda que tenhaõ huns com outros guerra,
Nunca do macho a femea he maltratada:

Anda

a cerva co' cervo pela ſerra,
a vai do touro acompanhada,
aõ naõ s' eſpanta a leoneſa,
s quebrais as leys da natureza.

ão outros olhos, por ventura,
rimas divinas eſcuſarſe,
cubertos já de nevoa eſcura
de tantos olhos apagarſe,
a vermelha roſa, e a neve pura
m fermoſas faces deſcorarſe?
nças d' ouro vendo eſpedaçadas
baixo dos pés andar pizadas?

io deſta furia acceſa, e brava
nno cruel olhos ergueo
gem animoſa, qu' esforçava
nas que juntara para o Ceo,
nvolta em ſangue como andava
a fermoſura ſe venceo,
doces razões, qu' amor enſina,
r a Sancta Virgem determina.

que s' arrepende do paſſado,
ende-ſe diſſo mui aſinha,
a lhe offereçe, e ſeu eſtado,
ê, q̃ eſtado, e vida a perder vinha:
amor lhe pede confiado;
amor, que dado a ſeu Deos tinha,
amor lhe pede; antes naõ ſeu,
i o dera todo a quem lho deu.

Uſa de mil liſonjas, mil enganos,
Por conſeguir o ſeu deſejo bruto.
Logra a flor, dezia, dos teus annos,
Colhe da tua belleza doce fructo:
Naõ dês materia nova a novos damnos,
Naõ pagues inda á morte o ſeu tributo:
Olha, que tens em mi (naõ ſaõ cautellas)
Outro Reino, outro eſpoſo, outras dõzellas.

Naõ faças mentirofa a natureza,
Que dá de amor em ti grande eſperança:
Que ſe póde eſperar deſſa belleza,
Se piedade della naõ ſe alcança?
A tygres, e leões deixa a braveza,
A eſtes meus ſoldados a vingança;
Se por me ver cruel queres ſer crua,
Já te vingas de mi em couſa tua.

Volve os teus olhos já com mais brãdura,
Eſſes olhos d' amor doce morada:
Ah naõ faça em mi naõ tua fermoſura
O que tégora fez a minha eſpada:
Se queres derribar minha ventura,
Que delles andar vejo pendurada,
Acabarei de crer que pouco tenho,
Pois, onde vim matar, a morrer venho.

Como do rogo meu naõ t' aproveitas
Quando teu mal a me rogar t' obriga?
Ou tu naõ olhas bem a quem engeitas,
Ou naõ entendes couſa que te diga:

Em

e cuidas, ſenhora, ou que ſoſpeitas?
›roprio era chamarte dura imiga:
iõ conſente amor nome tam duro
recer tam brando, e tam ſeguro.

›s dos teus olhos mais ſerenos
uem do teu roſto as puras roſas;
s ſoſpiros triſtes ſoem menos
concavidades ſaudoſas:
içaõ grande mal males piquenos;
iõ ſoffre eſperanças vagaroſas
anda coſtumado em ſeus amores
lir por ſeus goſtos ſeus favores.

›ſto podes ter de maltratarme,
›-me do que fiz arrependido?
ta que mais ganhas com ganharme,
e neſte deſtroço tens perdido:
res inſiſtir em deſprezarme,
:i ſe ſahirás bem do partido.
ıe declaro mais, porque naõ quero
medo faça o que d'amor eſpero.

ſcio amador, deixa teu erro:
ês quam enganado, e cego andas?
la, a que naõ vence o duro ferro,
a venceráõ palavras brandas?
a ſu' alma já deſte deſterro
ſſas, que a ſeu doce Eſpoſo mandas;
detenhas mais em vaõs amores,
›rarlhe naõ queres ſuas dores.

Ven-

Vendo o cruel em fim qu' o que
Tomava a bella Virgem por affr
E que, quanto elle mais s' offe
Ella delle fazia menos conta:
Hum arco curvo, qu' em ſua m
Hũa ſetta embebeo d' aguda po
O peito lhe paſſou de banda a ba
E aſſi rendeo o ſpirito a Virgem

Vaite ſpirito gentil deſta baxeza
Abre tuas azas já, tua luz derr
Voa com deſuſada ligeireza
Onde teu bem t' eſpera, onde te
De lá verás do mundo a eſtreit
Verás qu' engana mais a quem n
E lá do teu amor, cá ſuſpirado
O fructo colherás tam deſejado.

Em paz te vai, oh alma pura, e
Mais bella inda no ſangue, que
Alegre te vai já gozar daquella
Fermoſa Regiaõ, alta, e Celeſ
Coroada de gloria immortal nel
Com Chriſto reinarás, a quem
Com tantas, e tam bem nacidas
Fermoſura do Ceo, onze mil pa

EPIGRAMMA

ANTA CLARA.

rmoſa Virgem Clara , inda mais
clara
luz, ante quem foge a noite eſcura;
m em tudo Sancta , em tudo rara ,
ıo de divina fermoſura :
ome, oh Virgem Clara, nos declara
pura no corpo , e n' alma pura ,
ngue clara, clara em vida, e morte,
clara agora na celeſte Corte.

ella claridade , oh Virgem branda ,
al no Ceo Empyreo eſtás veſtida ,
e, por teu amor, quem tudo manda,
taio na minh' alma eſcurecida ,
ıue poſſa ver qu' em trevas anda
da nos enganos deſta vida ,
a dê ao Ceo allumiada ,
ıdo por ti Clara clara eſtrada.

A'S RELIQUIAS,
QUE
D. JOAM DE BORJA
TROUXE AO MOSTEIRO DE S. Roque de Lisboa dos Padres da Companhia de JESUS.

SONETO.

RElíquias ſantas d'almas ſantas, dignas
Da gloria que convoſco mereceraõ
Por ferro, e pelo fogo que ſoffreraõ,
Por lagrimas, jejuns, e diſciplinas,
Pois outras almas pias peregrinas
De peregrinas partes vos trouxeraõ;
Repouſai neſta, em quanto vos eſperaõ
As voſſas nas cadeiras criſtalinas.
Aqui vos criará o Tejo flores
D' ouro novas areas deſcobrindo,
Freſca verdura o boſque, o vale, e a ſerra,
Prefumes mandará o Gange, e o Indo,
E cantará Lisboa altos louvores
A cujas ſois no Ceo, e a vós na terra.

A'S

A'S MESMAS RELIQUIAS.

SONETO.

EL Cielo con la tierra ha contratado,
Oh deſpojos ſagrados bien venidos
Que fueſſedes muriendo divididos
Entre los dós, por tiempo limitado.
El las almas, que os dio, ha las llevado
A los premios de gloria merecidos,
Ya vòs dichoſos miembros bien nacidos
Con vueſtra madre tierra os ha dexado.
Ella como haſta aqui os ha tenido,
Por os dar maior de todo el ſuelo,
A nueſtra Luſitania os embia:
Mas de crer es que vòs la aveis movido,
Por que theſoro, que ſe deve al Cielo,
Tal parte de la tierra merecia.

A'S MESMAS RELIQUIAS.

SONETO ITALIANO.

POi ch'il deſio, che m' infiama il core,
Nó puo ſpregar ſi degne lodi, e tante
O venerande ſpoglie de le Sancte
Anime, *a cui il* Ciel à fatto honore:
Che a pieno il mio ſtil, che langue, e mor
Nel gran ſubgetto, vi celebre, e can'

Pr

Prendete voi da me, divine piante,
Il medeſmo deſir, il caldo amore.
Queſto volette voi, queſto vi dono,
Che degli voſtri honori il ſacro pondo
Cerca piu dotte rime, e piu pregiate.
In ciel vi cante, in ciel in lietto ſono,
In terra queſta (ſi famoſa al mondo)
Ch'adeſſo voi, con voi piu honorate.

A D. JOAM DE BORJA,

QUE TROUXE AS RELIQUIAS.

SONETO.

OH venturoſas manos, que cogiſtes
En tierra llena de ſizania, y eſpinas,
Flores nò de la tierra, mas divinas,
Y a tan divino templo las truxiſtes.
No ſolo en cogerlas mereciſtes
D'entre yervas venenoſas, y malinas,
Mas de fama, y loor os haze dinas
El ſaber las poner dò las poſiſtes.
Que fruſto cogereis de tales flores?
Que largo tiempo ya, q̃ eſtrecha ſuerte
Os puede conſumir tan gran memoria?
En la vida tan llenas de loores
Sepultadas entr' ellas en la muerte
En la gloria gozando de ſu gloria.

MARIA DE VILHENA
NDO SE METEO FREIRA.

ıa merecedora de mil palmas,
mil louvores digna, de mil cãtos,
loce amor das bem nacidas almas:
ıue ſó podéſte romper quantos
cá nos detem em priſaõ dura;
ia do Ceo, prazer dos Sanctos:
:lla, alma branda, caſta, e pura,
chea de amor, toda amoroſa,
:a d' outra nova fermozura:
direi de ti, alma ditoſa,
undo exemplo raro de belleza,
ı fóra delle mais fermoſa?
de hum ſaber, de hũa grandeza,
ɔube deſprezar em tenra idade
no mundo mais ſe buſca, e preza:
te por ventura eſſa vontade
tade do pai? ou te moveo
ça da cruel neceſſidade?
aõ verá ſer iſſo amor do Ceo,
daquelle Deos Crucificado,
ara eſpoſa ſua te eſcolheo?
rano amor, bem empregado
ıem o ſeu amor, por amor puro,
do mundo ſer, te tinha dado!
:, alma fermoſa, o vale eſcuro
grimas, e dôres ſempre cheo:
ſte em bravo mar porto ſeguro.

Hum direito caminho, hum certo meo
Para ſubir á patria ſoberana,
Onde ſem dôr ſe vive, e ſem receo.
Das apparencias vãs da gloria humana
A cega vaidade deſcobriſte,
Que nos leva a pôs ſi, que nos engan
C'os olhos da razaõ della fugiſte,
E d'outras couſas mais, com que par
Que póde haver pezar na vida triſte.
Para ti outro Ceo já reſplándece,
Outro Sol, outra Lua, outras eſtrell
Outras flores a terra t' offerece.
D'outras com nova maõ novas capellas
De mais ſuave cheiro dás agora
A teu ſuave amor, Creador dellas.
Neſſa quietaçaõ, onde Deos mora,
A elle ſó te dá, poís te chamou,
A elle canta ſó, por elle chora.
Com outra do teu nome, que lavou
Com lagrimas os pés de ſeu Senhor,
E com ſuas tranças d'ouro os alimp
Com outra, a quem da vida o Redempt
Por quãto muito amou, perdoou mui
Que nada nega Deos a muito amor
Com outra, que colheo divino fruito,
Tam de verdade triſte, e arrependi
Que nunca teve mais o roſto enxuito
Com outra, que na lapa recolhida,
Na ſolidaõ da ſerra cavernoſa
Em amores do Ceo gaſtou a vida:

om outra, que lá nelle glorioſa,
Da viſaõ de ſeu Meſtre naõ ſe parte,
De quem na terra foi tam ſaudoſa.
om eſta tal Maria a milhor parte
Por Chriſto, com raro exemplo, eſcolhe-
Que ſeu amor naõ ſaberá negarte, (ſ-
Pois tu, alma ditoſa, o teu lhe déſte.

ECLOGA DEPLORATORIA

AO SENHOR

) OM DUARTE

No tempo do mal.

) Rincipe ſoberano, naõ vos ſeja
Peſado o pouco meu merecimento;
ue ſe meu baixo verſo ſe deſpeja,
e vós lhe naſce o ſeu attrevimento:
is naõ ha bom juizo, que naõ veja
se ſempre dar favor foi voſſo intento
quantos vaõ ſeguindo Apollo, e Marte,
os quaes vos coube a vós a milhor parte.

aõ tocarei com tudo no vedado,
da qu' eſta verdade me ſegura
e, para vós de mi ſerdes cantado,
m ſei que me negou muito a ventura.
lcido, e Mincio, em quãto o manſo gado
ſcia a ſeu labor pela verdura

Na ribeira do Lima, isso cantarão
Depois que também isso praticara

Correm os nossos tempos de manei
Antes no mal parece qu' estão qu
Por mais que muda o Sol sua carre
Tantos os males são, tantos os me
Que não ha vale cá, nem ha ribeir
Por onde bem já cantares ledos,
Dos tristes, ouvi esses, entre tant
Dará o Ceo materia melhor can

Alcid. Ha tanto tempo já, que não can
Não sei que para mi, oh Mincio,
Parece que gram mal adivinham
Minc. Inda tu queres, qu' outro n
venha?
Merecemolo nós; mas Deos nos g
E sua ira por seu amor detenha.
Não vês tu que tal fogo entre nós a
Qu' inda não pega bem na choça
Quido na sua não ha quê mais ag
Depois que se ateou na mór aldea
Derramando-se foi por cada mal
E hora aqui, hora acolá s' atea.
Se quem tudo governa não atalha
A mal tam sem remedio, ah triste
Quê cuida q te guarda em vão tra
Os pastores mais ricos para a serr
Com seu fato, e cabana vão fugi
No mais seguro cada hum s' esc

Sem dó de quantos fica consumindo
Naõ digo esta peçonha, a fome digo,
Que della muito mais estaõ caindo.
Quem isto vendo está, Alcido amigo,
Como queres que cante, e viva ledo?
Naõ consente o temor prazer comigo.
Alcido. Tudo quanto me dizes te cõcedo,
Porém, andando triste, que aproveitas?
Naõ havemos nós d'ir ou tarde, ou cedo:
Cada hum traga as suas contas feitas
Comigo, co' vizinho, e c' estranho,
E fale o preto no branco ás direitas.
Aquelle, que juntou grosso rebanho,
Mui largas terras, grandes colmeais,
(Qu'o muito naõ s'ajunta com bõ ganho)
Torne a seu dono o seu, doalhe mais
A perda da sua alma, que a fazenda,
Que cá nos fica o gado, e os currais.
De fisso, naõ de escarneo se arrependa
De todo o mal passado, e do presente,
E no por vir vigie, e ponha emenda.
Satisfazendo em tudo inteiramente,
Tenha esperança em Deos, e baile, e cante,
Que naõ dana a ninguem viver cõtente.
Antes, segundo disse hum viandante,
Passando por aqui ... hora qual dia?
Foi quando casou Gil com Violante:
Este mal, que chamou Epidemia,
Com nojos, e tristezas s' accrecenta,
E foge de prazer, e de alegria.

Minc. Tu queres q̃ cantemos na tormẽta,
Como contaõ que fazem as ſereas
Quando com maior furia o mar rebẽta?
Os uſſos nos deſtroẽm as colmeas;
Os rapoſos, qu' á ſerra s' acolheraõ,
Decem já ſem temor pelas aldeas.
Se vem famintos lobos por qu' eſperaõ
Que venhaõ batalhar c'os touros fortes,
Que ſerá quando ſôs tal cometteraõ?
Quanta perda de gado, quantas mórtes
De rafeiros fiéis entaõ veremos?
Milhore o Ceo em tudo as noſſas ſortes.
Porém ſaõ horas já que nos mudemos
Daqui para o abrigo; lá d' eſpaço
Neſtas, e n'outras couſas fallaremos.
Alcid. Em quanto as vacas vaõ ſeu paſſo
Matar a ſede no corrente rio, (a paſſo
(Perdoa, ſe te niſto agravo faço)
A tanger, e cantar tè deſafio:
Naõ te pareça muito atrevimento;
Que tambem eu de meu ſaber confio.
Minc. Antes que tu me tenhas por iſento,
Ou inda (o que he pior) por tenſoeiro,
Satisfarei cantando a teu intento.
Porém havemos de deixar primeiro,
Que o Sol nos deixe a nós, o triſte cãto,
Que bẽ triſte ha de ſer por derradeiro.
Alcid. Niſſo, e no mais te ſeguirei em quã-
Tua vontade for; podes cantar, (to
Que de cantares triſtes naõ m' eſpanto.
Hora eſcuta tu, e ſuppre ond' eu faltar.

Se

Se chega: oh Rey do Ceo, humano rogo
A teus ouvidos, ouve noſſos brados,
Apaga, por quem es, o vivo fogo,
Qu' accendem entre nós noſſos pecca-
Faraõ os teus inigos de nós jogo, (dos:
Se nós virem de ti deſemparados:
Que ſomos peccadores conhecemos;
Mas, inda que tais ſomos, em ti cremos.

Minc. Lembre-te que de nada nos fizeſte,
E por teu proprio ſangue nos remiſte
Quando á terra por nós do Ceo deceſte,
Quando da terra á Cruz por nós ſubiſte:
Deſtrue os ares maos deſta má peſte,
Como com tua morte deſtruiſte
Os peccados do mũdo, e o Reino eſcuro,
Rompendo com teu pé ſeu forte muro.

Alcid. Oh Virgẽ, a quẽ tod' alma ſoſpira,
De quem pede favor, e eſpera ajuda,
Abrandai do voſſo Filho a juſta ira,
Volva aos Infieis ſua eſpada aguda,
Pois nunca a voſſo rogo o roſto vira,
Pois nunca o vós chamais q̃ naõ acuda:
Por iſſo, Virgem, naõ vos deſcuideis,
Favoreceinos já, já que podeis.

Minc. Virgem toda fermoſa, toda pura,
Volvei á Luſitania olhos benignos;
Olhai noſſa miſeria deſſa altura,
E logo fugiráõ ares malinos

Que

Que s' esta corrupçaõ mais tempo dura
Quẽ vos póde cãtar psalmos, quẽ hymnos
Quem visitar os vossos Templos sancto
Com novas flores, com sagrados cantos

Alcid. Oh tu q̃ por teu Deos foste assétad
Martyr, e juntamente Cavalleiro,
Que do final da Sancta Cruz armado
Saiste contra o tyranno ao terreiro,
Se fores lá no Ceo nosso advogado,
Como na terra cá es padroeiro,
Erguendo com teu braço estes maos are
De novo t' ergueremos mil altares.

Minc. Onde tuas imagens visitadas
De nós sempre serão com mil offertas,
De lirios, e de rosas coroadas,
E d' ouro guarnecidas tuas settas
Com mais quieto espirito veneradas
De gentes, que hora ves tam inquietas
Primeiro do gram Rey q̃ tem teu nome
Para que o povo delle exemplo tome.

Alcid. Pastores, q̃ morais no monte santo
Por graça do Pastor dos bons pastores,
Que neste baixo valle amastes tanto
Que fostes de tal bem merecedores:
Alcance vosso rogo, e nosso pranto
Outros tempos mais saõs, ares melhores
Logo sereis de nós mais visitados
Nos dias que vos somos obrigados.

Min

. Valeinos em tamanho deſemparo
mo cá entre nós vedes que vai:
ixando a tenra mãi o filho charo,
ſemparando o filho o velho pai.
de crueza grande exemplo raro!
campos Luſitanos ſuſpirai;
rivos de piedade, pedras duras,
lai a tantos mortos ſepulturas.
. Naõ poſſo mais cantar, q̃ me corta-
nto eſſas palavras derradeiras, (raõ
' as minhas na garganta ſe pegaraõ.
io, a victoria he tua; naõ a queiras
:ribuir a quem tem já ſabido
' es meſtre de cantigas eſtrangeiras.
n iſto por hora me deſpido,
' o gado naõ eſpera, e já m' eſpera
ɔé d'aquelle outeiro o noſſo Alcido.
. Eu me fora contigo, s' eſtivera
gum paſtor aqui da minh' aldea,
' eſte gado co' ſeu me recolhera.
porqu' a noite he grande, a Lua he
chea,
me tendes convoſco; aparelhai
tre tanto bom fogo, e boa cea.
. Deſcanſa, e fica embora.
. Embora vai.

CAN

CANÇAÕ

A' MORTE DE D. ANGELA

ANgela, que dos Anjos rodeada
Da terra para o Ceo foſte voando
Com tam ligeiras azas, qu' em partin
Te viſte logo entr' elles collocada
Neſſes coros Celeſtes deſcanſando
Dos trabalhos do mundo, e delle rindo
Outros verſos cuidei que foſſe ordindo
Em teu louvor, outro mais doce canto;
Mas já que naõ foi tal minha ventura,
A tua ſepultura
Banhada ſeja agora com meu pranto:
E ſe de lá ſe abaixaõ os ſerenos
Olhos immortaes já, podes ver quantas
Lagrimas os mortaes noſſos derramaõ,
As magoadas vozes com que chamaõ
Em vaõ teu brando nome, que ſaõ tanta
Quantas naõ ſei dizer: eſcuita ao menos:
Ah natureza quanto tens de menos!
Partio-ſe o teu theſouro, ficas pobre;
A melhor parte o Ceo, terra a outra cobr

Formaſte com deſtreza, e longo eſtudo
Hũa figura tal, que poucas vio
O Sol (mais para ver) em qualquer part
Com tanta perfeiçaõ, que tinha tudo
(*Por dom* do Ceo, ond' ella já ſobio)

Qua

Quando cá raramente ſe reparte;
Sendo por cima d'iſto a menos parte
(De muitas, que louvar nella podia)
A ſua fermoſura; que foi tal,
Que logo deu final
Que o Ceo, e naõ a terra a merecia,
Em fim veio de lá, lá ſe tornou,
Tornou ao que eſperava; com preſteza
De nos deixar aſſi tu tens a culpa;
Tamanha perfeiçaõ, ao Ceo deſculpa,
Levar o qu' era ſeu naõ foi crueza:
Mas ah que me dirás: cedo a levou,
Mui pobre, e triſte aſinha me deixou,
Verdade he, mas em que lei s' encerra
Que largo tempo eſtê hũ Anjo em terra

Com tudo naõ ſei olhos que te viraõ
Que poſſaõ verſe enxutos, naõ te vendo;
Inda que de cá viſſem teu bem certo,
Os prazeres da vida ſe partiraõ,
Oh Angela, contigo, aborrecendo
O mundo, que ſem ti he hum deſerto:
Ah eſperanças vãs, ah fim incerto
Daquelle que vos crê, pois quanto eſpera.
Em largo tempo, em breve eſpaço perde.
Da vida, que tam verde
Cortada foi, quem recear podera
Que tam aſinha lhe foſſe a morte dura?
Dura com noſco foi, branda contigo,
Pois que por meio ſeu (oh felice alma)
Triunfas entre aquellas, que de palma,

Viõ

Victoriosas já de duro imigo,
Coroou sua virtude, e vida pura,
Onde vestida de outra fermosura
Te mostras bella mais, quanto mais vai
Sempiterna belleza, que mortal.

Podia o cuidar nisto ser defeito
Sobejo choro, triste sentimento
A que nos leva a dôr do que nos falta,
Se naõ que o mortal nosso grave pezo
Naõ deixa alçarse tanto o pensamento,
Que possa comprender cousa taõ alta;
Logo desta lembrança n'outra falta
Que lagrimas nos pede, e he causa dellas,
Alma, que d' esperanças nos enchias
Deixaste-nos os dias
Tristes, sem Lua a noite, e sem estrellas,
As fontes sem correr, mudas as aves,
Das hervas, e das flores nús os prados,
De folha o bosque mais naõ se cobrio,
O Lima para trastornar se vio
Derramando queixumes magoados
Com voz já rouca, com accentos graves.
Alma, que no Ceo vives, naõ te agraves
De ser chorada cá, que a magoa esquiva
Tal força tem, que de razaõ nos priva.

Isto dizem chorando Minho, e Douro,
Isto o triste Lima diz chorando,
E o teu amado Vaz com dôr se esconde,
Rompê, com maõ de neve, os laços d'ouro

As

As suas brandas Ninfas soſpirando,
Em vaõ dizendo a quem lhe naõ reſponde:
Oh Angela, onde te foſte? Angela onde
Dos teus olhos ſe moſtrou a claridade?
Onde da voz ſuave o doce ſoa?
Se morte naõ perdoa
A virtude, a belleza, a tenra idade,
Onde irás eſperança, que naõ caias?
Ai teia começada, annos floridos
As maõs, que taõ asinha vos cortaraõ,
A quantos fundamentos atalharaõ!
Em Cipreſtes eſcuros convertidos
Saõ já os verdes louros deſtas praias,
Sem ſombra, ſem verdura olmos, e faias;
E nós ſempre, ſem ti, triſtes ſeremos,
O Ceo te cantará, nós chorar t'emos.

Como ſobello Pó as piadoſas
Irmãs, agora em plantas convertidas
O morto irmaõ chorараõ longamente,
Aſſi as tuas triſtes, e queixoſas
Por ti derramaõ lagrimas vaãmente,
As quaes em ſi recolhe, amigamente,
Mondego, claro rio, cujas agoas,
Turvas, com tal miſtura, agora crecem,
E vagaroſas decem,
Ouvindo, com graõ magoa as ſuas mogoas,
Os brutos animais, as pedras duras
Chorando, póde ſer que abrandareis,
A ſurda morte naõ, ah irmãs triſtes,
Eſſa que vós chorais, que nunca viſtes,

Na terra, cá no Ceo inda a vereis,
Com outros olhos, de chorar seguros.
E tu spirito puro, qu' entre puros
Spritos, lá repousas, em paz, e em gloria,
De nós, que te choramos, tem memoria.

Cançaõ, em vivas lagrimas nascida,
Nellas banhada vai onde recolhe
O mar o Douro em si, que lá te mando:
Vaí triste, e mal composta, ninguem t' olhe
Até seres de Antonio recebida;
A pedra buscarás, despois de lida,
Qu' os ossos cobre, qu' Angela regia;
Hi chora a noite triste, hi chora o dia.

EPITAFIO

A' SUA SEPULTURA.

OS olhos, ond' o casto amor ardia
Ledo de se ver nelles abrazado;
O rostro, onde com termo desusado
Vermelha rosa sobre neve abria;
O cabello, que enveja ao Sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca maõ, o corpo bem formado,
Tudo se torna aqui em terra fria:
Perfeita fermosura em tenra idade
Como flor, que sem tempo foi colhida,
Aqui se fechou a morte, surda, e dura.

Como

Como naõ morre amor de piedade,
Naõ della, que paſſou a milhor vida,
De ſi, pois o deixou em noite eſcura?

AO ESTANDARTE QUE LEVOU ELREY na jornada de Africa, no qual hia Chriſto Crucificado.

SONETO.

POis armarſe por Chriſto naõ duvida
Sebaſtiaõ, graõ Rey de Portugal;
E o leva por guia: no final
De noſſa Redempçaõ, de eterna vida,
Deixar naõ podes de te ver vencida,
Africa, a tal esforço, a inſignia tal,
Inda que por Anteo, e Anibal
Foſſes (como mãi ſua) defendida.
Se naõ queres ſintir, com novo damno,
A perda, qu' inda em ti Cartago chora
D'um aceita o governo, e d'outro a ley;
Que pois o valor nobre Luſitano
Foi ſempre vencedor, que far' agora
Diante de tal Deos, e de tal Rey?

ELR

ELEGIA I.
ESTANDO CATIVO.

EU que livre cantei ao ſom das agoas
Do ſaudoſo, brando, e claro Lima
Hora goſtos d' amor, outr'hora magoas,
Agora ao ſom do ferro que laſtima
O deſcuberto pé, choro cativo
Onde choro nam val, nem amor s' eſti-
Cuido, que me deixou a morte vivo, (ma.
Vendo, que naõ chegava ſeu tormento
A tormento tamanho, e tam eſquivo:
Acabando co' a vida o ſentimento
Ficarás eſcondido (oh dia triſte)
Nas turvas agoas do eſquecimento.
Oh Sol, como tua luz naõ encobriſte
Quando do Real ſangue Luſitano
As hervas, que ſecaſtes, humildes viſte?
Qual Libico leaõ, qual tigre Hircano
Negará deſuſada piedade
A laſtima tamanha, a tanto damno?
Naõ te valeo, oh Rey, a tenra idade,
Naõ te valeo eſforço, nem deſtreza,
Naõ te valeo ſuprema mageſtade.
Das armas a 'provada fortaleza
Poderoſa naõ foi pera guardarte
Da maõ de fogo armada, e de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que ſua fama eſcurecias,
Se vencedor ficavas deſta parte.

Ac-

Acabou juntamente com teus dias
Do Lufitano Reino a ſegurança
Que tu offender tanto pretendias.
Dos teus (na tua incerta confiança)
Qual ſe deſenganou, ſenaõ do imigo
O pelouro mortal, o alfánge, a lança?
Cobriaõ com teu goſto o teu perigo,
Eſtando teu perigo já tam claro,
A fim de naõ valer menos contigo.
Foſſe quem quer que foſſe, ah peito avaro!
A tua pretençaõ em ar desfeita
Bom fôra que a ti ſó cuſtára caro.
Diante de Juiz, que naõ aceita
Ser nas palavras hum, outro no peito,
Darás, ſe já naõ déſte, conta eſtreita.
Eſquecido do juſto, e ſaõ reſpeito,
Deixaſte cometter á forte leve
O proveito comum por teu proveito.
Do innocente Abel exclamar deve
O ſangue em terra imiga derramado,
Contra quẽ lh'incurtou vida tam breve.
Se fôras com bom zelo aconſelhado,
Naõ vieraõ com poucos buſcar tantos,
Oh Rey por noſſo mal tam esforçado!
Oh cego entendimento em vês de quantos
Trofeos neſta impreſa prometteſte,
Que vimos ſenaõ mortes, ſenaõ prátos?
Naõ ſó prodigamente enriqueceſte,
Com deſpojos Reaes o pobre Mouro,
Más inda noſſa fama eſcureceſte.

Os que pertendem palma, e os que l
Na batalha cruel, fea, e ſangrent
Com ferro ſe guarnecem, naõ com o
A viſta do que tanto nos contenta,
A perola, e a pedra reluzente
As forças dos imigos accrecenta.
A riqueza vencida em Oriente
Veio n'um dia ſó, por varia ſorte
A vencer cá a vencedora gente.
Cahio o fraco alli junto do forte,
Naõ houve d'alto a baixo differen
A todos igualou a dura morte.
Logo como do Ceo teve licença,
Sem eſperar mais termo natural,
Comprio a cada hum ſua ſentença.
Oh illuſtre valor de Portugal,
Quem podia cuidar perda tamanha
A quem naõ abrangeo tamanho mal
No gram campo, qu'o turvo Lucuz bar
O ar vos deixaõ ſó por cubertura,
Que naõ vos quiz cobrir a terra eſ
E ainda (por ſer mór a deſventura) (r
As feras, e as aves carniceiras
Vos deraõ em ſeus ventres ſepultur
Mas vòs, eſpritos puros, nas cadeiras
Da gloria merecida, a que ſubiſtes
Dávos pouco das honras derradeira
Naõ tendes que temer ſucceſſos triſtes
A que vos obrigava a humana lei,
Eſtando na prizaõ de que ſahiſtes.

Oh amigos, com quem m' aventurei,
Com quẽ fui ſem ventura aventureiro,
Sempre, pois vos perdi, triſte ſerei.
Sendo no fero aſſalto companheiro,
A vós pos-vos no Ceo o fim da guerra,
A mim em miſeravel cativeiro.
Bem vedes qual o paſſo neſta ſerra,
Inda que naõ he juſto que vejais
Terra, que vos negou tam pouca terra;
Terra, que quanto nella choro mais,
Tanto mais com meu choro ſe endurece,
E menos move a dôr ſeus naturais.
Tudo, o que nella vejo, m' entriſtece,
Triſte me deixa o Sol em tranſmontãdo,
Triſte me torna a ver quãdo amanhece.
Sempre com humor triſte eſtou banhando
O pé deſte ſoberbo alto rochedo,
Que minha dôr eſtá accreſcentando.
Dôr tenho de o ver ſempre eſtar quedo,
De ver correr as agoas tenho inveja,
Porque podem no mar entrar mais cedo.
E porque minha dôr muito mor ſeja,
A viſta me detem daquella banda
Que tanto eſt' alma triſte ver deſeja.
Com ſoſpiros, que lá contino manda,
N'outra parte abrandára bravas feras;
Aqui peitos humanos naõ ábranda.
Ah deſventura minha, ſe quiſeras
Já deſviar de mi tua crueldade,
Na terra, onde naſci, morte me deras.

Naõ

Naõ entre fera gente, em tal id
Que ſem affronta minha m' ob
A viver em ſocego, e liberda
A patria, a quem devido louvor
Por ti me foi contraria, e odi
Tanto, que della já me deſter
Mas nunca deixará de ſer fermo
No meu attribulado penſamen
A ribeira do Lima ſaudoſa.
Naõ cauſará em mi eſqueciment
Inda que tem virtude d' eſque
O ſeu brando, e ſuave movin
E ſe por dom do Ceo tornar a v
A ſua verde relva, e branca
Livre, (que ledo já naõ póde
Da batalha cruel, da morte fea
Darei em triſte carne larga co
Chorando com tal dôr a dôr a
Como cativo choro a minha p

ELEGIA

SObre hum alto rochedo em
O ſem ventura Alcido ſe ſen
Quando o cruel ſenhor lho co
Alli ſeu fraco corpo repouſava
O trabalho do ſeu canſado eſp
Naquelle vaõ repouſo ſe dob
Em ſoſpiros envolto, choro, e
Soltava pelos ares eſtrangeiro
O mal, que na ſu' alma eſtava

ſta dos fructiferos outeiros,
)s criſtalinos lagos, e das fontes
zia dos ſeus olhos dous ribeiros. (tes
bravaõ-lhe outros valles, outros mon-
ıtras agoas mais claras, outros rios,
ıtros mais affaſtados Orizontes. (brios
bravaõ-lhe outros boſques mais ſom-
:rdes no frio inverno, e abrigados,
uãdo o Sol mais arde, entaõ mais frios.
bravaõ-lhe outros mais floridos pra-
dos,
ıtros ares mais leves, mais ſuaves,
' vida humana mais accomodados.
bravaõ-lhe outras feras, outras aves,
utras hervas, e flores, outras plantas,
outros penſamentos menos graves,
ſim que ſuas magoas eraõ tantas,
uantas naquella parte as cauſas eraõ;
ɟe de muitas naõ poſſo dizer quantas.
ı dia, que mais largo eſpaço deraõ,
ɜ vis trabalhos ſeus a ſeus queixumes,
ɜ-ecos com ſom novo reſponderaõ.
ſperos, incultos, altos cumes
aõ de nocivas feras habitados,
as de gente de mais feros coſtumes,
valles inda a penas cultivados
oſtraraõ deſuſado ſentimento,
ɜ accentos ouvindo deſuſados.
i, onde amor leva o penſamento,
riſtes ſoſpiros (diſſe) vos levaſſe
lgum mais amoroſo, e brando vento.

Naõ

Naõ finto coraçaõ, que vos nega
Amor, e ſaudade, e que com
Inda que de tam longe, naõ ch
Mas deſte alpeſtre monte, duro i
Onde ninguem de mi ſe move
O vento naõ vos quer levar cor
Pelas concavidades deſta fragoa
Sereis confuſamente repetidos
Em quanto a dôr tirar dos olho
Quantos, longe daqui, tenho per
Foraõ, inda que triſtes, ventu
Por ſerem, quando menos, ent
Nos outros d' outros montes cav
Em peitos, onde nunca entrou b
Moveraõ mil effeitos amoroſos
Ah vida no milhor menos ſegura
Quem podia cuidar quando ca
De Sylvia a peregrina fermoſu
Quando da priſaõ d' alma m' que
Que já divina maõ, cá neſta pa
Eſtes peſados ferros me forjava
Mas pouca rezaõ tenho de culpar
Porque, ſendo de Febo, e de C
Hum, e outro deixei por ſeguir
Naõ choro, quanto a mi, verme
Choro, que vi perder em breve
Hum Rey tam bellicoſo, e tam
Na ventura lhe foi o Ceo eſcaço
Tanto, quanto em esforço libe
O que bem nos moſtrou ſeu fort

ue nunca Scipiaõ, nunca Anibal
Fizeraõ nos imigos tal eſtrago:
Mas em fim contra mil hum ſó que val?
endo a morte, que dava juſto pago
A quem chegarlhe perto naõ recea,
Invioulhe de longe o mortal trago.
ahio na rubicunda, e ardente area
O Luſitano Rey, e a lingoa fria
Deu o final ſuſpiro em terra alhea.
aite animoſo eſprito á companhia
D' outros, que por ti já no Ceo eſperaõ,
Vaite á vida melhor, o melhor dia.
s aſas, que da fama ſe eſtenderaõ,
Teu nome eſpalharaõ pelo univerſo,
Como teus penſamentos pretenderaõ.
i triſte, e ſó nos montes, que converſo,
Em quanto me durar a vida breve
A ti darei meu pranto, a ti meu verſo.
naõ alliviará o tempo leve
A peſada triſteza em que me vejo;
Que ſe póde ſer mór, mór ſe te deve.
h triſte rio Lima, ah triſte Tejo!
Quem vos tivera dentro no meu peito
Para poder chorar quanto deſejo.
ie, poſto que me tem a magoa feito
De lagrimas amargas viva fonte,
Mais lagrimas me pede tal ſogeito.
tu, que ſó m' eſcuitas, duro monte,
Se brando eſprito algum dentro em ti
mora,
Em pallida converte a verde fonte.

Ai

Ai triſte Luſitania, triſte cho
Que nunca para choro eterno
Tanta cauſa tiveſte, como a
Aquelle, que com lagrimas p
Quando tam duramente a te
Do Principe ſeu pai cortada
Agora neſta ſua deſpedida
De lagrimas te quis deixar h
Ou inda a pior mal offerecid
Mas o Ceo o permitta de man
Que de teu rico ſceptro ſobe
Se conſerve a potencia ſemp
Ah jornada infelice, ah cego
Deixar tam rica terra, ir a
Por livrar d' hũ tyranno outr
Ambos imigos noſſos, ambos
Ambos deſprezadores da C
Ambos tinhaõ hũ culto, ambos
Quem poem os olhos niſto naõ
De permittir o Ceo caſtigo ta
A deſcuido tamanho, a culp
Dia cheo de dôr, cheo d' eſpa
Em quãto o Sol der luz, verd
Celebrado ſerás com triſte pr
Morreſtes Cavalleiros eſforçad
Daquella multidaõ de bruta
Vencidos naõ, mas de vence
Soará voſſa fama eternamente
Da calida Ethiopia ao Norte
E donde o Sol nos naſce até P

)mará corrente rio,
oro naõ leve o vaſo cheo,
Luſitano ſenhorio.
ı ſeu materno tenro ſeo
e as roſas encerradas
le quanto mal ás Ninfas veo.
a Diana dedicadas,
e Juno guardaõ os preceitos
rejo andar como paſmadas.
)ranca maõ os tenros peitos
em ſuas tranças d' ouro fino,
em mil lagrimas desfeitos.
:eo ſereno, e criſtalino
i mortais, qu' a ſaudade
e ſu' alma de contino.
: perdeo na flor da idade,
a mãi ſoſpira, e chama
tudo em vaõ a piedade.
lo pai magoas derrama
te moça, em cuja vida
liſtia, e honra, e fama.
ımor já deſunida,
ma eſpoſa, como, e quando
ıo ſerás reſtituida?
o triſte vai voando
ue ſe vai do eſpoſo charo,
que frio deixa, deſcuidando:
ıunca foi de luz avaro,
vê de vós aborrecido,
ıeco já fermoſo, e claro.

O Tejo chora o ſeu valor perdido,
O doce criſtal ſeu corrente, e puro
Em turvo, e amargoſo convertido.
Ah vida, onde naõ ha goſto ſeguro,
Quem menos de ti foge, entende menos
Quam pouco claro tens, e quãto eſcuro.
Muito mais tempo duraõ nos amenos,
E ſolitarios valles tenras flores,
Do que duraõ em ti dias ſerenos.
Es fonte de miſeria, mar de dôres,
Abiſmo de triſteza, e de cuidados;
A quem dás mais de ti, dás penas móres.
Mas ſinto roucos já, ſinto cançados
Os eccos de m' ouvir, e reſponder
Com meus accentos triſtes magoados.
E vejo (o que fará por me naõ ver)
Que vai traſpõdo aquellas altas fragoas
O Sol para nas ondas ſe eſconder:
O que me força a dar já tregoa ás magoas,
Tornando a priſaõ dura antes que Febo
De todo apague ſua luz nas agoas.
Forçado tornarei onde concebo
De novo novas queixas, novos gritos,
Onde com paõ de dôr lagrimas bebo.
Por iſſo, feliçiſſimos eſpritos,
Em cuja vida vida, e goſto tinha,
Vos deixo para mais altos eſcritos.
Mas porque naõ acabe tam aſinha
Eſta alegria triſte ſem ventura,
Mais sẽ ventura, e triſte, por ſer minha:

eiro que ſe cerre a noite eſcura
:ripta a deixarei, antes cortada
m duro ferro neſta rocha dura. (da
pois naõ tem firmeza o tempo em na-
›rrẽdo em taõ cruel, e eſtranha terra
minha natural tam apartada.
póde trazer quem deſta ſerra
leve á Luſitania, vencedor
outra mais para nós felice guerra.
com magoa tal, com tal amor
tantos triſtes olhos ſerá lida
e baſte o renovar tamanha dôr,
já tamanha dôr for eſquecida.

SEXTINA.

Anſados tenho já com largo pranto
ſtes, aq̃ vim ter, eſtranhos montes,
is daquelle triſte, e mortal dia,
ue com mortal dôr viraõ meus olhos
ieo dos ardentes ſeccos campos
:r de puro ſangue grandes rios.

:iro faltará agoa nos rios:
ôr naõ ſerá cauſa do pranto
ire da lembrança aquelles campos,
de mortos vi fazerem montes,
cerrou a morte tantos olhos
nunca ver mais a luz do dia.

Com dó do grande mal daquelle
Tornaraõ para trás turvos os rios
Eſcondeo a manhan ſeus claros o
Soaraõ pelo ar vozes de pranto,
Aballou o temor os altos montes
E pallidos deixou os verdes camp

Naõ nacem tantas hervas pelos c
Como magoas cauſou aquelle dia
Nos valles, nos outeiros, e nos r
Abrio a commum dôr correntes r
De triſte, lagrimoſo, eterno pra
Em tantos triſtes peitos, triſtes ol

Quando deſcanſareis, canſados o
Na viſta d' outros mais alegres ca
Quando (para qu' abranda voſſo p
Nacerá para vós bem meſhor dia
Quando vereis o Lima, e outros r
Deſabafados, livres deſtes mont

O bravo mar em meo, os altos m
Da ſerra, onde primeiro abri os o
Tantos boſques deſertos, tantos
Me fazem imaginar que neſtes ca
Antes que para mim venha tal di
Conſumirei a vida em triſte pranto

Naceraõ os meus olhos para pran
Teſtemunhas me ſaõ campos, e m
Dos rios, que derramo noite, e d

SONETO.

SObre hum corrente lago, na verdura
Eſtava o triſte Alcido reclinado,
O pé com duro ferro magoado,
O eſpirito com magoa inda mais dura:
Envolve tuas agoas, fonte pura,
(Dizia com ſom já debilitado)
Já que me tem a dôr desfigurado,
Naõ veja mais em ti minha figura.
Crece com nova dôr minha triſteza,
Vendo q̃ teve em mi força tamanha,
Que póde muito mais que a natureza.
E teu puro licor, que eſtas cãs banha,
Moſtra, por me ver triſte, mór triſteza;
Tanto val hũ cativo em terra eſtranha!

SONETO.

OS meus alegres, venturoſos dias
Paſſaraõ como raio brevemente,
Movem-s' os triſtes mais peſadamente
Apos das fugitivas alegrias.
Ah falſas pertenções, vans fantaſias,
Que me podeis já dar, que me contête?
Já de meu triſte peito o fogo ardente
O tempo o converteo em cinzas frias.
Nellas envolvo agora erros paſſados,
Que outro fructo naõ deu a mocidade
A quẽ *vergonha*, e dôr minh' alma deve

Envolvo mais de todo a mais idade,
Deſejos vaõs, vaõs choros, vaõs cuida-
Para que tudo leve o vento leve. (dos,

A HUM SEU PINTASIRGO.

SONETO.

PEquenino cantor, grande em eſtima,
Que com alegre voz, varia armonia
Derramas ſem canſar o mais do dia
Com goſto de quem t'ouve, ſerve, e amima:
Teus verſos naturais, tua doce rima,
Que teu diſtinto a teu Creador guia,
Me fazem alembrar dos que ſoia
Doudamente cantar ao ſom do Lima.
Agora (o que de mim naõ imaginas)
Corrido eſtou da minha vaidade
Vendo quanto mais alto te levantas.
Mas folgo que me venças, pois m'enſinas;
E faz-me confeſſar eſta verdade,
Ver, que o mundo cantei, ver que a Deos cantas.

ENDECHAS.

ALma minha, oh alma
De ti eſquecida
Porque das á vida
De ti meſma a palma?

Ella

Ella te maltrata,
Tu tras ella corres:
Porque tanto morres
Pelo que te mata?

Quanto ſe deſeja,
Quanto ſe procura,
Doulhe que ſe veja,
Que val, ou que dura?

Naõ ſei donde vem
Deſconcerto tal,
Trocar certo bem
Por mui certo mal.

Vaã opiniaõ,
Antes neceſſidade,
Seguir a vontade,
Fugir da razaõ.

Deſordens ordena,
Deſejos modera,
Olha que t' eſpera
O premio, ou a penã.

Naõ dês, alma triſte,
Contigo a traves;
Cuida no que viſte,
Cuida no que vês.

e vem os annos,
m novo damno,
e d' hum engano
n mil enganos.

ıs rodeada
nigos mortaes,
:s deſcuidada;
:i muito mais.

ıa, em que te fias?
re que deſcanſas?
; aſas dos dias
ıó eſperanças.

contentamentos,
ıe tarde vieraõ,
as penas dos ventos
eſappareceraõ.

)as magoas levaraõ
ás aſas conſigo;
Eſtas naõ voaraõ,
Ficaraõ comigo.

De vida, que foge,
O fugir ſegura
No breço inda hoje
Já na ſepultura.

RIMAS.

A morte faz guerra
A rico, e a pobre;
Todos somos terra
Todos terra cobre.

Por mil vias himos
Apos mil enganos;
Quando nos sentimos
Naõ tem cura os danos.

Cuida, oh alma, cuida
Que será de ti:
Quem de si descuida
Que cuida de si?

Para teu aviso
Pinta na memoria
A morte, o juizo,
A pena, e gloria.

Poem olhos no Ceo;
Naõ canses d' olhar
Quem de lá desceo
Por te lá levar.

OUTRAS.

NEsta vida escaça
Todo bem se nega;
Quando a caso chega
Como raio passa.

Vaõ, e vem os dias;
As noites tambem
Se vaõ; nunca vem
Firmes alegrias.

Canſaõ-me lembranças
De couſas paſſadas;
Horas mal gaſtadas
Em vãs eſperanças.

Lagrimas ſem fruito,
Fruito de amor louco
Valeſteſme pouco,
Cuſtaſteſme muito.

D' eſpritos cativos
Me vi já cativo,
Entre mortos vivo,
E morto entr' vivos.

Poſto em liberdade
Me vi mais perdido
Outra vez mettido
Nas maõs da vontade.

Se me naõ ſoccorre
Divino favor,
De mi o melhor
Grande riſco corre.

RIMAS.

OUTRAS.

GRandes eſperanças
Tem grandes deſvios,
E grandes deſvios
Certas as mudanças.

Anda mui veſinha
A queda á ſobida,
Os goſtos da vida
Paſſaõ mui aſinha.

Nas torres mais altas
Mais combate o vento:
O fallar ſem tento
Deſcobre mil faltas.

Ninguem ſe contenta
Da ſua ventura:
Ond' irá ſegura
A nao com tormenta?

O que ſubio muito
Mais ſubir deſeja,
Sempre deu inveja,
Amargoſo fruito.

O cego intereſſe
Deſfaz amizades.
Nas proſperidades
A ſuberba crece.

O curſo dos annos
Deſcobre a verdade:
A neceſſidade
He meſtra d' enganos.

Quem cuida qu' engana
Acha-ſe enganado:
Neſcio confiado,
A ſi meſmo dana.

O ſoberbo pobre
He couſa de riſo:
Naõ he muito aviſo
Dar ouro por cobre.

Do que pouco tem
Ninguem tem memoria:
Soberba, e vaã gloria
Naõ conjuntam bem.

ELEGIA

A' MORTE DO PRINCIPE

DOM JOAÕ.

SI la cauſa del lloro te laſtima
Debaxo deſſas aguas criſtalinas,
Llevanta tu cabeça, patrio Lima.

Dexa el muſcoſo lecho, a dò reclinas
En el ardiente eſtio el lado dieſtro,
Pára, ſi no repoſas, y caminas.
Y llora de Luſitania el ſinieſtro
Succeſſo ſuio, lloren Sol, y Luna
En la muerte del gran Principe nueſtro.
Rompa tus blancas canas con la una
De tus manos, con l'otra hiera el pecho,
De ti no haias piedad ninguna.
No pagues al Oceano ſu derecho
En liquido criſtal, qual ſiempre hiziſte,
Que no eſtà del uſado ſatisfecho.
No recibe en ſu vaſo, dò ſaliſte,
Las aguas claras, ſino turbio lloro,
Deſpues del caſo laſtimoſo, y triſte.
Lagrimas lleva, que nò arenas d' oro,
El Tajo, dulce ya, amargo aora,
Perdiò ya ſu ſabor, ya ſu teſoro.
Y llora el Duero, que en mas aguas mora,
Llora Mondego, y el Neiba tu vezino
Com mas pequeño ſer, menos no llora.
Sus Nimphas dan al Cielo criſtalino
Querellas con dolor, con poco tiento
Meſſando ſus cabellos d' oro fino.
Mueſtra pues, dulce Lima, el ſentimiento
Devido a tan gran daño; no te eſcondas,
Que parte tienes nel comum tormento.
Con blando murmurar no me reſpondas,
Sino con ronca voz triſte, y lloroſa,
Convertidas en lagrimas tus ondas.

Marchite en tu ribera deleitosa
Las tiernas flores el invierno frio,
No se remire en ti lirio, ni rosa
El Cielo negue al prado su rocio,
La primavera al bosque su verdura,
No sea verde mas, ni mas sombrio.
Aqui no canten aves con dulçura,
Sus cantos sean quexas, gritos sean,
Aquí la luz del Sol se muestre escura.
Aqui hermosas nimphas ya mas vean
Los versos, q̃ d'amor las plantas tienen,
Mas otros de dolor escriptos lean.
Los vientos tus arenas desordenen,
Y por el aire buelen con furor,
Aullidos de las fieras tristes suenen.
Salgan ya de tu seno sin temor
Los mudos peces a la seca orilla,
Y de bolver s' olviden con dolor.
Sin fin sea tu pena, y tu mansilla,
La mudança del tiempo nunca pueda
En differente especie convertilla.
Aquella leviana, instable rueda
De fortuna cruel, nuestra enemiga,
En nuestra desventura firme queda,
No puede ya, por mas que nos persiga,
Acrecentar mal nuevo a mal tamaño
Ni menos alliviar nuestra fatiga.
Tan miserable caso, tan gran daño
Dexarse de llorar no lo consiente
La razon que nos muestra el desengaño.

Por lo qual, Lima, de tu clara fuente
Triſtes, y eternas lagrimas derrama,
No dexes de ſentir el mal que ſiente
Quien deſſea a tu nõbre immortal fama.

ELEGIA

A' MORTE DELREY

DOM JOAÕ III.

POis naõ tenho palavras, com q̃ poſſa
Moſtrar a minha dôr na dôr preſente,
A que todos podemos chamar noſſa;
Raſga-te peito triſte, veja a gente
A magoa triſte, q̃ minh' alma encobre,
No cõmum damno quanto damno ſente.
Ah Luſitano Reino, antigo, e nobre,
Quem te verá, que naõ chore contigo,
Sendo taõ rico, ver-te já tam pobre!
Veo a morte cruel, levou configo
O grande Rey Joaõ, teu Rey, Rey ſancto,
Teu piedoſo pai, teu bom amigo.
Ah Muſas, inſpirai neſte meu pranto
Tam magoado ſom, verſos tam triſtes,
Qu' o Sol ſe cubra d'um eſcuro manto.
Eu ſempre vos chamei, ſempre m'ouviſtes;
Agora naõ m' ouvis, já vos mudaſtes,
A magoa vos levou, della fugiſtes.

S' ao voſſo alto Parnaſo vos tornaſtes,
De lá chorai comigo, ou ſó chorai,
Chorai tal dôr, q̃ tal nunca a choraſtes,
Tantas lagrimas, Muſas, derramai,
Qu' a voſſa clara fonte s' eſcureça,
As hervas com as flores arrancai.
Sequem-ſe voſſas plantas, nunca creça
De novo novo Mirto, ou novo Louro,
De que freſca capellà Febo teça.
Tejo, Mondego, Neiva, Lima, e Douro
De lagrimas ao mar tributo levem,
Naõ d'agoas claras, naõ de areas d'ouro.
Como pais piedoſos ſentir devem
A perda de ſeus filhos, que por certo
Naõ podia ſer mór do que a recebem.
No povoado as gentes, no deſerto
As feras mais crueis, as pedras duras
Chorem tamanho mal ao longe, ao per-
Deixai, valles ſombrios, as verduras, (to.
E vós alegres campos herva, e flores,
As eſtrellas no Ceo moſtrem-ſe eſcuras.
Perdei, lirios, e roſas, cheiro, e cores,
Envolvei voſſas agoas, fontes claras,
Tudo ſeja triſteza, tudo dôres.
Mas, crua irmã das tres, ſe tu olharas
Que naõ teceſtes lá tam rica tea,
Tam cedo os fios delles naõ cortaras.
Ah ſaia dos meus olhos viva vea
De pranto triſte, do meu peito ſaiaõ
Tantos ſoſpiros qu' eſta dôr ſe crea.

Qu' eſpritos ha tam fortes que naõ caiaõ
A golpe tam cruel, qual receberaõ?
Quais ſaõ os corações, q̃ naõ deſmaiaõ?
Agora ſe vè bem quam grandes eraõ
Os noſſos incubertos maleficios,
Pois tamanho caſtigo mereceraõ.
Ingrato Reino a quantos beneficios
Do Ceo teus recebido, Reino triſte,
Deixa teus erros já, chora teus vicios.
Chora, miſero Reino, pois caiſte
Por teus peccados de tamanha alteza,
Em que tam pouco ha poſto te viſte.
Contigo chora tua graã triſteza:
O mundo todo, que tal perda traz
Mui grande perda a toda a redondeza.
Onde achará emparo a ſancta paz,
Pois o pilar, em que ſe ſoſtentava,
He já quebrado, já por terra jaz?
A direita juſtiça, que reinava,
Oh gram Joam, em teu peito, ond'agora
Irá buſcar quem tanto a venerava?
Chora, miſero Reino, triſte chora,
Chora; pois te levou ſem reſiſtencia
Morte todo teu bem n'uma ſó hora.
A pura fortaleza, a graã clemencia,
A manſidaõ, a liberalidade,
E ſobre tudo em tudo a graã prudẽcia.
Em tanta alteza tanta humildade
Em qual alma ſe vio (alguem o diga)
Ou neſta noſſa, ou já na antiga idade.

Chora

Chora, mísero Reino, que t' obriga
A chorar de contino a pena grave,
Com que quem tudo rege te castiga.
Terra, que te perdeo, ao Ceo s' aggrave,
Que por te ver em sí, Rey piedoso,
Da tua vida á morte deu a chave.
Lá com seu Creador o glorioso
Sprito teu já reina em paz, e gloria,
Os tristes somos nós, mas tu ditoso.
Deixaste de teus feitos tal historia,
Do claro nome teu nome tam claro,
Que de ti nunca faltará memoria.
Nunca triunfará o tempo avaro
Da tua clara fama, porque seja
De quantos Reys houver exemplo raro.
O que na terra reina, o que deseja
Despois de sua morte ao Ceo subir,
Governe-se por ti, por ti se reja.
Oh quanto acertará o que seguir
O caminho por ti abalisado,
Sem embicar jámais, já mais cair!
Tu foste hum novo Sol ao mundo dado,
Resplandecente tanto em tantas partes,
Que tudo nos deixaste allumiado.
As boas letras digo, as boas artes,
A sanctissima Fé, de qu' eras muro,
Com a qual abraçado de cá partes.
Quantos milhares d' almas do escuro
Lago de perdiçaõ tornou á luz
Do teu ardente zelo o raio puro?

Que

ântos adoraõ hoje a ſancta Cruz
Que ſe por ti naõ fora, a perſeguiraõ
Onde mais arde o Sol, onde mais luz?
m qual parte do mundo naõ ſe viraõ
As tuas Reais quinas levantadas,
Quais forças ás tuas forças reſiſtiraõ?
igaõ-no tantas gentes conquiſtadas
Barbaras de naçaõ, de leis perverſias,
Por ti vencidas, por ti doutrinadas.
louros, Turcos, Arabes, Indios, Perſas;
Deſtes, e d' outros muitos triumphaſte
De varias linguas, de regiões diverſas.
n fim teveſte tudo, e deſprezaſte
Tudo quanto teveſte, por te veres
Neſſe deſcanſo eterno, que cobraſte.
eino, que tal perdeſte, naõ eſperes
Ver mais contentamento: hum bem, que tinhas,
Em magoas te deixou, foi-ſe aos prazeres.
las tu, morte cruel, que naõ detinhas
Ind' algum tempo a tua vinda mais,
Porque razaõ tam apreſſada vinhas?
ecera a tenra flor, que das Reaes
Plantas ſó nos ficou, antaõ vieras,
Naõ ſentiramos tanto perdas taes.
h que ſe tu de cima naõ teveras
A hora limitada, o tempo, e o ponto,
Nunca tam graã crueza cometteras.
o ſó darnos podes por deſconto
Dos aggravos, que ſempre nos fezeſte,
Inda que tantos ſaõ, que naõ tem conto.

Quan-

Quantos Principes claros, filhos de
Bom Rey, que nos levaſte, tinha
E quantos irmãos ſeus á terra dé
De quem taes magoas vio quem ou
O grande ſoffrimẽto aos grandes
Que naõ diga no Ceo reinando e
Vida chea de dôr, chea de engan
Que podes tu já dar, quando a ta
Tãtos trabalhos déſte em pouco
Deixame, triſte vida, e deixarei
D' importunar com pranto Ceo, e
Queixando-me da tua injuſta lei.
Se em ti tudo he miſeria, tudo gue
Qual he o coraçaõ, qu' em ti con
Que naõ vê quanto s' engana, e q
erra?
Ah vida trabalhoſa, quem podia
Cuidar que tam aſinha ſe mudaſſe
Em pena tam cruel tal alegria?
Certo quem bem em ti conſideraſſe
Por ditoſo haveria o que mais c
Por hũa juſta morte te trocaſſe.
Naõ ſei quem viſſe em ti hum dia
Que mil naõ viſſe triſtes, porqu'
O prazer foge, o mal ſempre eſtá
No milhor foge o teu prazer aſſi
Como delgada ſombra, e leve ve
Que póde ſenaõ dôr fiear daqui
Naõ fica ſenaõ dôr, pena, e torme
Perda do tempo, perda d' eſper
Quando naõ val grande arrepend

Por iſſo em ti naõ poem ſuas confianças
O que tem de razaõ perfeito lume,
Que vê qu' em ti naõ ha ſenaõ mudãças:
Ah qu' he tamanha a dôr, q̃ me conſume,
Que me leva a pôs ſi de mi alheo,
De magoa em magoa, d'um noutro queixume.
Naõ ſei dar fim a mal que naõ tem meo,
Nem poſſo inda acabar de chorar tãtas
Triſtezas, de que tenho o eſprito cheo.
Mas ſe tu triſte Muſa me levantas
Com novas aſas o meu baxo ſtylo,
O triſte caſo, que chorando cantas,
Ainda eſpero que farei ouvillo
Com grande eſpanto, com inveja grãde
D'um polo ao outro, do noſſo Tejo ao Nilo.
Em tanto tam ſobido no Ceo nde
Meu triſte penſamento, que dò Ceo
Algum favor divino ſe lhe mande.
Oh alma, que deixaſte o mortal véo
Na terra, que por ti foi bem regida,
(Terra triſte, que naõ te mereceo)
Alcança de quem deu a propria vida
Por nos livrar do temeroſo dano
Da culpa mõr primeiro cometida,
Que ſempre eſte gram Reino Luſitano
Em honra vá crecendo, gloria, e fama,
Livre de todo mal, de todo engano.
Bem vês tu quantas lagrimas derrama
Por ti, a quem amou com tal amor
Na *vida*, *que depois* de morto t' ama.

E creça o novo Rey, doce penhor
De todo noſſo bem: crecereis novo
Em dôr erguido Rey, naſcido em dôr,
Alegre á tua viſta, oh triſte povo.

ELEGIA

A' MORTE DE D. JOAM

filho de D. Fernando Viſconde de Villa-Nova de Cerveira.

AH triſte rio Lima, ah cruel rio,
Como te naõ ſeçaſte quando viſte
Outro mais claro Lima morto, e frio!
Caminho pelo teu ſeo lh' abriſte,
Por ti levado foi á ſepultura,
E tu de pura dôr naõ te ſumiſte?
Aquella ſua nova fermoſura,
Aquelle eſprito ſeu de graça cheo,
Qu' enchia d'amor tudo, e de brandura,
Vendo qual por ti foi, ſoffres qual veo?
Ah crueza ſem fim! por derradeiro
Bem moſtras naõ ſer Lima, mas Letheo.
Já iſto adivinhava o que primeiro
Aſſi te nomeou, tu o fizeſte
Com tal eſquecimento verdadeiro.
Naõ olhas, triſte rio, que perdeſte
As mores eſperanças que tégora
Depois que entras no mar nunca tiveſte?

Onde

)nde quer que ſe vira a branca Aurora
O teu nome no ſeu amanhecera,
Se cortado da Parca em flor naõ fora.
Tam claro com ſuas obras te fizera,
(Das quaes viamos já finaes tam claros)
Qu' inveja todo outro rio te tivera.
Mas noſſos tempos de prazer avaros
De tam gentil eſprito afinha deraõ
A' fria terra os ſeus deſpojos charos.
) muito, que nos logo prometteraõ
Começando a tecer tam rica tea,
Me fez ſempre temer do que fezeraõ.
lá qu' entaõ naõ ſecou tua clara vea,
Derrama, triſte rio, outra de pranto
Banhado o verde campo, e a brãca area.
Com lagrimas ao menos ſahe tanto
Fóra do teu limite, e antiga raia,
Que ſeja á terra magoa, ao mar eſpanto.
le tambem iſto negas, nunca caia (ra,
Do Ceo orvalho em ti, né o mar te quei-
Nem haja pranta verde em tua praia.
Ah ninfas, que morais neſta ribeira
Moſtrai o ſentimento que s' eſpera
Em pena tam cruel, tam verdadeira.
A quem flores dareis na primavera?
A quem freſcas capellas de boninas?
Já o tempo naõ he que d' antes era.
lá naõ correm as agoas criſtalinas,
Já naõ cantaõ as muſas, mas ſoſpiraõ,
As ſuas naturaes, e as peregrinas.

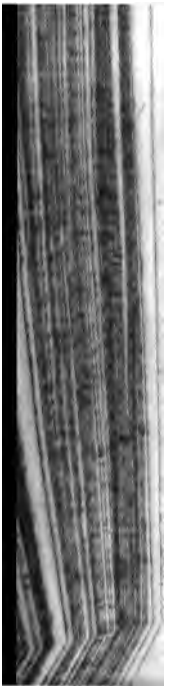
Os olhos, que tamanha magoa virað,
Quando ſeraõ enxutos? quando ledos
Quando naõ ſentiráõ o que ſentiráõ?
Naquelle dia as feras, os penedos
De puro ſentimento e' abrandaraõ,
Eſteveraõ com dôr os rios quedos.
Os carneiros de triſtes naõ goſtaraõ
As verdes hervas, nem as agoas fri
Anteas ao Ceo balando ſe queixara
Deraõ naquelle dia nas ſombrias
E ſolitarias ſelvas gritos triſtes
As aves que das noites fazem dia
E vós, fermoſas ninfas, vos cobrifte
De negro veo antam tam magoad
Que nunca mais né Sol, nem Lua
Porém naõ ſois vós ſós as que banh
De lagrimas ſoltar queixumes v
Naõ ſois vós, ninfas ſós as deſm
Choraõ as do Mondego, e as do T
As do Minho tambem, e as do
Naõ he ſeu choro igual a ſeu d
Hum ſepulchro de palma, cedro
Lh' erguei Ninfas aqui, e vó
Ornai-o de Coral, perlas, e d
Onde com as Naiades, e Napeas
Moradoras dos boſques, e d
Deiteis lirios, e roſas ás maõ
E pera que nos valles, e nos m
Deſte tam triſte caſo haja m
Em quanto o Sol dourar os

Lima, escreve nelle em vez d' hiſtoria,
Aqui jaz quem vivendo accreſcentara
A ſeu illuſtre ſangue fama, e gloria.
Quem do barbaro inigo o derramara
Com bellicoſa maõ, e ao duro Marte
O louro, e brando Febo ajuntara.
Este levou o Ceo a melhor parte
Em tempo que tres luſtros mal compria,
Sendo cruel á terra neſta parte.
Lisboa vio o ſeu primeiro dia,
Vianna o derradeiro com tal dôr,
Qu' a morte do que fez s' arrependia.
Perda das muſas foi, perda d' amor,
Das armas, dos coſtumes, da nobreza,
Naõ ſua, qu' alcanſou vida melhor.
Pagou o que devia á natureza,
Chorado foi das fontes, e dos rios,
De quem as brancas ninfas com triſteza
Sepultaraõ aqui os oſſos frios.

AO MESMO.

SONETO.

FErmoſo moço, que no Ceo deſcanças,
Rindo dos que chorando cá deixaſte
Quam afinha nos déſte, e nos levaſte
De grandes couſas grandes eſperanças!
Vois livre das miſerias, e mudanças
Da vida, de que pouco te lograſte,



Para que te naõ chore,
Tens melhor vid'agora,

A O M E S

S O N E T

JUnto do rio Lima Deli
Lagrimas ſaudoſas de
A morte d'outro Lima
As agoas com ſeu choro
Partia o Sol de alli, alli
Hia a Lua crecendo, hia
O triſte em ſua dòr co
Numea d'hum triſte eſ
Oh Lima em flor cortado
As lagrimas, que aquí t
Derramo neſta pedra du
Saõ menos (do Ceo vês e
Inda que por ti choro n
Das que me pede a tua

SONETO.

Agrimas minhas, que com larga vea
Correstes já por couſas eſcuſadas,
Que vos tem no meu peito congeladas,
Quem agora nas juſtas as refrea?
Correi, lagrimas minhas; naõ ſe crea
De vós q̃ do meu bem ſois deſcuidadas;
Correi em modo, que deixeis lavadas
Feas nodoas, que tem minh' alma fea.
Doce fructo de vós, ſe em vós ſemeo,
Colher eſpero com favor Divino:
Por iſſo correi já, lagrimas minhas,
Correi com amargura de contino:
Lirios ſuaves colhem ſe no meo
D' hervas sẽ goſto, e roſas entr' eſpinhas.

DE PEDRO DE ANDRADE DE CAMINHA.

A's ſantas Reliquias, que ſe collocaraõ na Igreja de S. Roque.

SONETO.

SAntas Reliquias, que antes de criadas
Naõ ſó nós, e vós, mas na eternidade
No ſeio da Santiſſima Trindade
Para eſte ſanto fim foſtes guardadas.

Ora cahidas, ora levantadas
No eſcuro agora, agora en
Já de Deos a eſta ſua gran
Por eſcudo, e emparo, e f
O meſmo Deos JESU, de qu
Tendes e recebeis, e com
Vos recebe em ſua ſanta co
Vos dê poder na vida, e na
Na concordia, na paz, e n
No deſcanſo, no amor, e n

DE GASPAR FR

A's meſmas Reliqui

SONETO.

DO mais humilde, baixo,
Do mais torpe, do mais
Sobiſtes ao mais puro, alto
(Santos) com voſſo ſangue a
Quer o Ceo, que o theſouro ſ
De voſſos oſſos ſeja recolhi
Neſte Reino de Deos mais e
Mais mimoſo de todos, ma
Ditoſo, ah, quam ditoſo Por
Com teres tal theſouro: e j
Vós Martyres ditoſos ſois t
Vem-lhe a dita de vós, delle
Que Deos por vós o faz a ell
Por elle a vós da gloria acc

) E LUIZ FRANCO
A' meſmas Reliquias.

SONETO.

S I el Verbo Eterno en todo aver criado
Es admirable en tierra, y firmamento,
Si glorioſo fue en ſu nacimiento,
Si es Rey, ſi Sacerdote ſin peccado:
i conſtante en la muerte que ha guſtado,
E ſi terrible en el ſegundo advento,
Quando vendra con Angeles ſin cuento
A ſer Juez aquel, que fue juzgado:
ue en ſus Santos tambien maravilloſo,
Que en ſu virtud obraron maravillas,
De la verdad teſtigos invencibles.
en ſalvar ſus deſpojos poderoſo,
Juſto en dar a las almas altas ſillas,
Y a los cuerpos hazer incorruptibles.

O DUQUE DE BRAGANÇA.

SONETO.

) Uando no mór furor Marte movia
Hora receo em nós, hora eſperança,
A vinda do Grã-Duque de Bragança
Encheo toda Lisboa d'alegria.
manheceo com elle hum claro dia,
Converteo o temor em ſegurança,

E no imigo entrou desconfiança
De ver o que vaãmente pretendia.
A tal zelo da Fé, a tal presteza
No serviço da Regia Magestade
Sẽ nunca dar seu peito a vaõs temores;
A tam alta prudencia em tal idade,
Em fim a tal brandura em tal alteza
Quem lhe póde negar justos louvores?

A' MORTE DA SENHORA
DONA MARIA,
FILHA DO SENHOR D. JOAÕ
Duque de Bragança.

SONETO.

AL Cielo quexas dá naturaleza,
Agorá mas que nunca lastimada,
Suspira, y gime en lagrimas bañada
Con otras muestras de su grã tristeza.
Como sufriste, ò Cielo, tal crueza,
Gritando dize, q̃ la muerte airada (da
Tan presto, a mi despecho, haya quebra-
La estampa de virtud, y de belleza?
Mas yo a quien embio mis querellas,
Si de ti como vida al duro assalto
Cortò con dura mano el tierno velo?
O', por no merecer el baxo suelo
Gozar mas largo tiempo bien tã alto,
O' por juntar mas una a tus estrellas.

A' MESMA SENHORA.

SONETO.

Con funebre ciprés, y negro velo,
Pallidas violas, que a manojos
Se buelven a quien las mira en abrojos,
Dize tanto puede un alto desconsuelo:
Cubren las Ninphas, y el Señor de Delo
Con piedosa mano, humidos ojos
El nuevo, q' en fresche tus despojos,
Alma Real dignissima del Cielo.
Al fin del triste officio en voz sonora
Dize llorando Apolo: O' alma bella,
No turben nuestras lagrimas tu gloria.
Allà te goza, nueva, y clara estrella,
Qu' el mundo triste, que perdiste llora,
No perderè ya mas de ti memoria.

A' MORTE
DE
D. DIOGO DA SILVEIRA
SENHOR DE SORTELHA.

SONETO.

Cortò la muerte con rigor temprano
Una planta gentil, que florecia
Junto del rico Tajo, y promettia
Suave *fruto* al Reino Lusitano:

Ante

Antes la trasplantò divina mano
Nel Celeſte jardin, que merec
Onde ſegura eſtà de nieve fria
Y del calor ardiente del veran
Pero las Nimphas, qu' a ſu ſombr
Solian repoſar, llenas d' eſpan
Al Cielo, eſto no viendo, dà q
Y cobijada de funebre manto
El marmol, q̃ nos cubre el mor
Bañan, y internecen con ſu lla

A' MESMA MOR

SONETO.

ALma feliee, y rara, que del
Bolaſte en tu florida primav
Al ſumo bien, dexando en la r
Del patrio Tajo tu terreno velo
Si deſta auſencia tuya el deſconſ
Que ſiento, y lloro, retratar p
Las fieras con dolor enternecie
Y quantas aſperezas mira el Ci
Mas eſte grave mal de mi llorado
No ſuffre mas ſino quo llore, y
Eſta para los tuyos triſte ſuerte
Que para ti (echando bien la cu
Alegre fue, fue, pues en maio
Agora bives ſin temer la muer

O D.
AO CONDE DAS IDANHAS
ESTANDO FORA DA CORTE.

SEnhor, naõ m' atrevia,
Inda que me lembrava
Que mal cumprimo nisso o prometido,
Lendo o que mando vos
Que muito lhe faltavão
Para ser de quem muito entende lido,
E mais por esquecido
Me tinha já, vivendo
Tam longe dessa terra
Entr' hũa, e outra serra,
Per onde o brando Lima vai correndo
D' esquecimento cheo,
O Lima para mi sempre Letheo.

Furtado a pensamentos
Dos bons tempos passados,
Que fazem os presentes ser mais tristes,
Com novos sentimentos
A' vida accomodados,
Lede, senhor, os versos, que pedistes.
Se já com gosto ouvistes
Alguns dos meus pastores
Ao som da leda frauta,
A suas festas auta,

Cant-

Cantar á freſca ſombra os ſeus amores,
Entre cuidados poſto,
Agora que menos ha, haja mais goſto.
Abranda o arco curvo
Armado de coutino:
He juſto dar o ſeu á natureza.
O rio hora vai turvo,
Outr' ora criſtalino,
Naõ há couſa na vida com firmeza.
Ditoſo o que deſpreza
Os mandos, os theſouros
Dos mores Reys da terra,
E logra o valle, e a ſerra,
Ond' a muſgoſa fonte, olmos, e louros
Convidaõ Filomena
A renovar, cantando, ſua pena.

Naõ ouve o ſom iroſo
Alli do fero Marte
Que faz mudar a côr, o ſangue esfria;
Nem vê o cobiçoſo
Com quanta aſtucia, e arte
Ajunta (ás cuſtas d'alma) cada dia:
Alli naõ deſconfia,
Nem ſe queixa daquelles
Mimoſos da fortuna;
Em nada os importuna,
Nem ſe vê com deſprezo tratar delles:
Dorme ſeu ſono cheo,
Naõ lho quebra ſeu mal, nem bem alheo.

Deixa

Deixa em vindo o dia
O ſeu inculto leito,
E torna á ſeu trabalho deſcanſado,
Manda guiar, ou guia
O gado, ſatisfeito
Do nocturno repouſo, ao verde prado.
Ou com bicudo arado
A relva vai cortando
Com vagaroſa força
Dos bois, os quaes eſforça
Com aguilhada, ou voz de quando em (quando
Ou louro trigo, ou pallida cevada.

Por hum vaõ intereſſe
De mares inconſtantes
A vida naõ confia em riſco d'alma,
Ri-ſe de quem padece
Por climas mui diſtantes,
Hora ao rigor do frio, hora ao da calma:
Juntando palma a palma
Fórma baſtante vaſo,
Se lhe o deſejo pede,
Que mate a ardente ſede
Na fonte, que na ſerra achou a caſo,
E faz de neve jogo
Deſeſo hora do Sol, hora do fogo.

Oh hũa vez, oh duas,
Oh ditoſa mil vezes
Vida agreſte, ditoſo quem te eſcolhe,

J

Ajuda-se das Luas
Accomodando aos meſes
Seu trabalho, do qual bom fructo
Alli ninguem lhe tolhe
Que falle livremente
Quanto a razaõ lhe manda:
Alli ſem temor anda
Da peçonha da lingoa mal dizente
Alli naõ liſongea,
Nem de falſas liſonjas ſe recrea.

Em quanto a ſeſta paſſa
Que o paſto o gado engeita
Pollo repouſo do lugar ſombrio,
Com leve cana, ou naça
De molles juncos feita,
Os peixes vai peſcar no freſco rio
Deſpois no inverno frio
O boſque lhe dá lenha,
Dalhe, noite, e manhaã,
O gado leite, e lãa,
De que ſe viſta ſempre, e ſe mant
O mais tem por ſobejo,
Se mais inda lhe pede o ſeu deſe

Oh bemaventurado
Aquelle, a quem em ſorte
Coube (ſe a bem entende) hũa tal
O nojo, ou o cuidado
Naõ lh' anticipa a morte,
Que de ſi meſma vem tam de corri

Nem teme, nem duvida
Perder o que poſſue;
E ſe o perder, que perde?
Torna o campo a ſer verde,
O tempo a dar os fructos que deſtrue;
De novo lança a fonte
Que cuſta hũa chaupana em valle, ou mõ-
(te,
Cantiga, deixa o Lima, buſca o Tejo,
Pois lá t' eſpera quem.
De mi, que te criei, lembrança tem.

CANTIGA ALHEA.

Penſamientos a dò vais,
Catad que os deſpeñareis:
Pues ventura no teneis,
Para que os aventurais?

GLOSSA PROPRIA.

MIs penſamientos levianos
Sin conſejo, y ſin ſazon
Buelan por los aires vanos
Com alas de preſuncion
Fabricadas por ſus manos.

Razon con anſia, y deſſeo
De ſanar ſu devaneo
Les dize; Ya que bolais,
Y vueſtro ſer olvidais,

Sin mi, qu' el engaño veo,
Penſamientos a dò vais?

A dò vais, locos, furioſos,
Ciegos tras vueſtros engaños,
Por caminos peligroſos,
Dò teneis ciertos los daños,
Y los remedios dudoſos.

Empreſa vana es aquella,
Que vòs mas vanos por ella,
Sin ponderar lo que hazeis,
por gran hazaña emprendeis:
Sino deſiſtirdes della,
Catad que os deſpeñareis.

Ceſſe el loco fundamiento
De querer llegar al *Cielo*;
Queden los buelos al viento:
Ycaro hallò en el buelo
De ſu vida el perdimiento.

Y Faeton por ſu locura
Caiò de la miſma altura,
A que vòs ſubir quereis,
Que menos ſubir podeis;
Nò os pongaes en ventura,
Pues ventura no teneis.

Bolved a mirar la cuenta
Mientras teneis aparejo:

Vueſtro furor no ſe ſienta,
Que de mudar el conſejo
El que es ſabio no ſe affrenta.

Sea la mano mas avara
De la vida dulce, y chara,
Donde mil guſtos hallais,
Y pues della ufanos vais,
En deſventura tan clara
Para que os aventurais?

AOS CABELLOS DA BARBA,

QUE

D. JOAÕ DE CASTRO

VISO-REY DA INDIA
empenhou á Cidade de Goa.

SONETO.

DEſpojos do mais forte, e valeroſo
Capitaõ, que ſe vio em noſſa idade,
Ornado d'alto aviſo, e de bondade,
No conſelho, e nas armas venturoſo:
Hum templo vos conſagro ſumptuoſo,
Se por obra naõ poſſo, na vontade,
O penhor da virtude, e da verdade
D'um peito ſó de fama cobiçoſo.

Aſſi como troſéo d' honra, e de gloria
Os devem venerar os que procedem
Do tronco, donde vós fôſtes cortados,
Por ſeus illuſtres feitos, que precedem
A quantos dignos fáõ de clara hiſtoria,
Dos preſentes heroes, e dos paſſados.

FIM.

RIMAS VARIAS,
FLORES DO LIMA.

COMPOSTAS

POR

DIOGO BERNARDES.

LISBOA

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impreſſor do Emin. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. LXX.

Com licenſa da Real Meza Cenſoria

TABOADA
DOS
ONETOS.

A

Qui de largos males breve hiſto-
ria, pag. 1.
ido, ſenhora minha, cá temendo. 27.
i quamanha enveja Amor me mãda, 33.
ſom das brandas agoas que deciaõ, 36.
borda d' hum ribeiro que corria, ibid.
plantas rindo eſtaõ, eſtaõ veſtidas, 42.
que dos meus ſoſpiros vejo cheo, 44.
voſſa natural pura belleza, 47.
dõ me llevas penſamiento loco, 50.
quantos ais perdi, ai de mim quan-
tas, 53.
ma, que neſta vida deſpediſtes, 62.
mas em quem aquelle fogo mora, 63.
cido hũa dura, e cruel Lima, 65.
idrade em cujo fogo novamente, 67.
ıui, ſeñor, a dõ moſtrar deſſeo, 74.
minha Muſa pouco avantajada, 85.
ıora, que ſeu roſto temeroſo, 90.
ıoſtinho irmaõ meu, ſe neſſa dura, 93.
ıoas do claro Lima, que corria, 94.

TABOADA.

Armia do meu mal eſtá-ſe rindo, 99.
A graça nos teus verſos comprimida, 105.

B

BRandas agoas do Tejo, que paſſando, 23.
Bernardes, cujo ſprito Apollo ſpira, 64.
Bernardes, tu ó ſom do claro Lima, 65.
Bernardes noſſo, antes mais propriamente, 66.
Bem compriſte com tudo o que devias, 88.
Bem moſtrou o pintor o eſtillo agudo, 91.

C

CAntei hum tempo, agora choro a guerra, 2.
Com ſeu cabello louro deſtoucado, 35.
Cruel ſeñora mi cuidado dado, 56.
Con la punta del hierro, que pendia, 57.
Caſtilho, alto Caſtilho, levantado, 68.
Crecei novos loureiros, pois as bellas, 69.
Crecem as fontes, q̃ vem dar no Lima, 82.
Cortou a cruel Atropos o fio, ibid.
Como manhã de muitos deſejada, 86.
Companheiros de Chriſto, que plantaſtes, 92.
Como queres amigo viver rindo, 100.
Coutinho em tudo puro, em tudo brando, 103.

Do

TABOADA.

D

DOs olhos , por quem perdi a liberdade , 3.
Da branca neve , e da vermelha roſa, 4.
Deſaparecem já,por mais qu'eſtendo, 23.
Da mais fermoſa Ninfa que ſe banha, 26.
Do noſſo claro Lima, e turvo Douro, 34.
Delio ſobr' hũs penedos,q̃ banhados, ibid.
Deixai agoas do Lima de correr , 39.
Dos laços onde preſo,amor,me tinhas, 43.
Da voſſa viſta a minha vida pende, ibid.
De tu belleza el Sol maravillado , 46.
Debaixo d' hũa Olaia que eſparzia , 47.
De mil ſoſpeitas vãs ſe me levantaõ , 49.
Depois de tantos dias mal gaſtados , 54.
Deſejo,ó bom Coloma,em teu louvor, 76.
Diogo amigo meu, meu bom Diogo, 102.
Deſpojos do mais forte , e valeroſo, 107.
Do grande Carlos Quinto o peito aberto , 108.

E

ERa o dia , em que fui d' Amor vencido , 3.
Entaõ naõ culparei meus crueis fados, 15.
Eu me parto de vós, campos do Tejo, 22.
Eſſa graça Marillia , eſſa brandura , 30.
El tiempo paſſa, como paſſar ſuele , 45.

El amor al que mas le quiere hi
Engenho raro, ſprito peregrino
Eſtá mais firme hum alamo ſomb
Eſta contenda noſſa treplicada,
Eſte me pareceo o melhor mod
Entre ondas de Neptuno, que bra
Entaõ deixarei eu de ſer Diogo
Em ſelva umbroſa entre mon
eſta,

F

Fillis, ſenaõ t' abranda a viv
Ferreira, eu vi as claras,
ſas,
Fermoſa, e tenra planta illuſtre, e

H

Huiò el ſueño de los ojos m
Horas breves de meu cont
to,
He eſte o Neiva do noſſo Sá Mir
Hum firme coraçaõ poſto em ve
Hum ſó fado, ſenhora, hũa ven
Hoara de Luſitania, ſprito llenc

I

JA' do Mondego as agoas apar
Inda agora outra vez duros pe

Impoſſible ſerà a tu partida, 46
Ya la noche ſu velo tenebloſo, 48
Já Febo naõ celebre o ſeu loureiro, 75
Já vem voando o deſejado dia, 78

L

LIma, que neſte vale murmurádo, 25
Las piedras por el ayre daran bue
lo, 42
Leandro em noite eſcura indo rõpédo, 59
Las peñas retumbaran al gemido, 48
Llaman por mi las fuentes, y los rios, 49
Luis, que tanta luz no dia eſcuro, 76

M

MUſas, q̃ tendes feito neſta praia, 30
Marillia q̃ do Ceo á terra dada, 31
Montes, e vales, boſques, verdes prados, 32
Meu patrio Lima ſaudoſo, e brando, 33
Moſtrai Ninfas do Tejo ſentimento, 57
Moſtroume Febo hũ dia o ſeu tiſouro, 73

N

NEſſes fermoſos olhos, q̃ taõ caro, 10
Naõ ſei remedio tenha; naõ ſei q̃, 14
Nas agoas d' hũa fonte hũ dia olhava, 38
Naõ ſei q̃ murmuraes, agoas ſerenas, ibid.
No ſon *mis ojos* de llorar canſados, 41

TABOADA.

Novos caſos d'Amor, novos enganos, 53.
Nas liras, q̃ do freixo, e do ſalgueiro, 94.
Naõ corre o Lima como de primeiro, 81.
Ni ver tal a Neptuno que bramio, 101.

O

OLhos de me canſar nunca canſados, 7.
Olhos, donde procede meu tormẽto, 9.
Onde achaſte, Marillia, taõ bom meio, 37.
Onde por entre ſerras mais eſtreito, 40.
O' bom Caſtilho, onde guardava o Ceo, 104.
Onde porei meus olhos que naõ veja, 51.
Onde os mais altos dões, qu' o Ceo reparte, 74.
Octava *maravilla*, *antes primera*, 80.

P

POem-me onde queima o Sol toda a verdura, 21.
Por hum florido vale entrando hũ dia, 60.
Pois inda bem de ti naõ fui auſente, 37.
Pilar ſeguro, cujos fundamentos, 70.
Pois torna por ſeu Rei, e juntamente, 80.

Q

QUal Atalante ao Ceo, tal te moſ*traſtes*, 108.

Quan-

Quando Lucrecia vio o caſto leito, 90.
Quem he o que te trata com rigor, 89.
Que louve quãto devo, manda Amor, 72.
Quando dos voſſos olhos luz ſerena, 8.
Quem por ouro, q̃ naõ deſcanſa, canſa, 56.
Que doudo penſamento he o q̃ figuo, 55.
Quaõ caro vende Amor hũ goſto ſeu, 52.
Quantas penas Amor, quãtos cuidados, 21.
Que quer amor de mim, q̃ já naõ tenha, 40.
Que me póde valer, ſe me naõ val', 13.
Que coraçaõ, ſenhora, que reſiſta, 8.

R

REtrato de belleza nova, e pura, 93.

S

SE lagrimas d' Amor, e ſaudade, 12.
Se cuido de perdido naõ vos ver, 13.
Se como em tudo o mais foſtes perfeita, 14
Senhora, vós ſois de neve alva, e fria, 16.
Se com rigor, ſenhora, vos parece, 17.
Se podér á morte defenderſe, 20.
Sombrio, e verde boſque, onde s'acolhe, 32
Se Dona Ines de Caſtro preſumira, 63.
Se brando Amor vos trata aſperamẽte, 77.
Se pago tarde, e mal, ſe cauſo ſpanto, 78.
Sobre as ondas do mar alevantada, 84.
Sobre as Muſas a tua mais amada, ibid.
Se *m' eſtivera bem* tomar a eſpada, 86

Se quando vos perdi, minha eſperãça, 106.
Senhor, qual ſempre fui, tal ſou agora, ib.
Se quando vi as Deoſas no monte Ida, 20.
Se foi ſempre dos grandes mui uſado, 69.
Se mal té qui, ſenhor, tenho cantado, 70.
Se com louvor geral, geral eſpanto, 72.

T

TAnto fui os meus olhos coſtumãdo, 7.
Tal foi a tua paga, q̃ m'eſpanto, 79.
Tantos dias taõ maos, tãtos chuveiros, 104.
Trabalho quãto poſſo, mas naõ baſto, 51.

V

VO's q̃ d'amor cruel nunca ſentiſtes, 1,
Verdes, e baixos valles, alta ſerra, 25.
Vendo do forte Hector a deſditoſa, 60.
Vendo Narciſo em hũa fonte clara, 91.

SEXTINAS.

SE pretendeis, ſenhor, do louro verde, 96.

Repoſta.

COmo poſſo eu deixar do louro verde, 97.

CAN-

TABOADA.

CANÇOENS.

A Mor, pois m' inflamaſtes, 4.
Abrande já meu pranto, 17.
eſertos, montes, vales ſaudoſos, 27.
da que pouco dito, 10.
nhor, naõ m' atrevia, 109.

ELEGIAS.

Gora quando Marte eſtá moven-
do, 116.
lando d' encobrir no triſte peito, 122.
porque d' algum bem tenha eſpe-
rança, 123.
cumbres, y por valles ſin camino, 113.
tas eſperanças, certo medo, 120.

EPIGRAMMAS.

i Ninfa deſta fonte: em guarda eſ-
ido, 119.
nimedes, neſte boſque ledo, 120.

CANTIGAS.

or, pues que lo mejor, 133.
cido, toma eſta roſa, 135.
rir nace del ver, 157.
que minha alma ſente, 159.

Arder, coraçaõ, arder,
Alla miran ojos,
As me tornado a ſu ſer,
Aqueſte premio mi ſervir alcar
Auſente bivo,y pienſo que olvi
Bem podera mandar mais,
Bendita ſea la madre,
Canſei pera deſcanſar,
Começo já de ſentir,
Coraçon paga teneis,
Cavallero, ſi a Francia ides,
Culpa fue querer miraros,
Di Zagaleja cruel,
Detiene el paſſo Zagal,
Do Ceo foi o vencimento,
De mi dolor deſumano,
De que ſirve ò crudo Amor,
Deſcjo de ter cem olhos,
Eſperanças, que preſto vos bolv
El bien dudoſo, el mal ſegu
to,
Es tan dulce mi tormento,
En eſta tierra Zagal,
Eſta es la juſticia,
En dudoſo eſtado eſtoi,
En mis eſperanças,
Eſcapei de cem mil Mouros,
Em tudo vejo mudanças,
Gran trabajo es encobrir,
He tempo que deis o peito,
Hora cuidar m'aſſegura,

TABOADA.

Já naõ posso ser contente, 170.
Ya no me quexarê de cosa alguna. 214.
Lagrimas diraõ por mim, 127.
La mas nueva cosa, 174.
Los mis pensamientos, 188.
Mudanças, que a vida tem, 206.
Muero por dizir mi mal, 191.
Mi ganado busca dueño, 190.
Mereço só pola fé, 183.
Mas yo muero-me de frio, 160.
Mi dulce pastor, 142.
No meu peito o meu desejo, 130.
No se lo tengan a mal, 132.
No enxugueis, madre mia, 114.
No te congoxes, ni penes, 136.
No sois alivio del daño, 143.
No nascieron, Pascoala, 163.
Naõ posso desejar mais, 186.
Naõ temo nenhum perigo, 199.
No lloreis, mi Dios, 209.
O de las fieras, y altivas, 150.
Por huns olhos, que seguiraõ, 144.
Prazeres, que me quereis, 128.
Que vistes meus olhos, 160.
Quanto mas lexos de ti, 192.
Quem desmerece servindo, 198.
Quando cuido no que cuido, 205.
Quem vos ouve, e quem vos vè, 207.
Quan presto t'arrepientes cruel hado, 217.
Que a pesar de los hados enojosos, ibid.
Señora, no quiera Dios, 207.

San

TABOADA.

Sangrientas las hebres d' oro,
Soñava, madre, que viz,
Sufraſe quien penas tiene,
S' eſpero, ſei que me engano,
Si no mejora mi ſuerte,
Sem vós, e com meu cuidado,
Señora, ſi baſta auſencia,
Si el morir nace del ver,
Sola me dexaſte,
Taño os yo mi pandero,
Tanto la vida m' enoja,
Teneis mis ojos razon,
Tal eſtoi deſpues que os vi,
Viene, dulce muerte,
Verè de lagrimas llenos,
Un dolor tengo nel alma,
Zagala no m' agradais,
Zagala aſſi libre ſeas,

RIMAS VARIAS

FLORES DO LIMA.

SONETO I.

VOs, que d'amor cruel nunca sentistes
O fogo onde grão tempo ardi tremendo,
Que milerros notais, estou já vendo,
Na liçaõ triste destas rimas tristes.
Mas em vós, que vos vedes, ou já vistes
Em sua viva chamma andar ardendo,
Descupa, e piedade achar entendo
De quantas faltas nellas descobristes.
Dos mais por satisfeito me darei,
Se deste vaõ trabalho (o que duvido)
Colherem fruito algum, ou passatempo:
E quando assi naõ for, bem soffrerei,
Até de vós, naõ ser bem recebido,
Em pena de taõ mal gastado tempo.

SONETO II.

AQui de largos males breve historia
Lede vós desdmados amadores,
Que pera dar allivio em vossas dores
Das minhas quis deixar esta memoria.

Eſcreyi não por fama, nem por gloria,
De cu'ptros verſos, dáõ merecedores
Mas por moſtrár o mal dos meus amores,
A quem nelles de mim teve victoria.
Por tempo foi a dór crecendo tanto,
Que já de ſer mui grande me moveo
A deſcobrilla em rimas pobres d'arte
Dei logo olhos a choro, lingoa a pranto,
A maõ ſem uſo á pena, qu' eſcreveo
De mil partes, da minha eſta ſó parte.

SONETO III.

CAntei hum tempo, agora choro guerra
Que fui cõ dor ſoffrendo d'ano em anno
Sogeito dum cruel fero tyranno
Que nunca, ſem ter viſta, os golpes erra.
Muſas, por quem Parnaſſo s' abre, e cerra
Pois á morte fazeis eterno engano,
Conſervai a memoria do meu dano
Em quanto cego Amor reinar na terra
Porque de quem me ler aviſo ſeja,
Primeiro que vá dar deſatentado
Nas cilladas mortaes deſte homicida,
Ou, ſe nellas deu já, dê volta, e veja
Que ſó merece, e deve ſer amado
Quem deu por noſſo amor a propria vida.

VARIAS.

SONETO IV.

ERa o dia, em que fui d'amor venci
Allegre em todo o mũdo, e feſteja
Por ſer áquelle Sancto dedicado
Que ſaato foi primeiro que nácido:
Seguro de ciladas de Cupido,
Entrei num freſco valle deſcuidado,
Onde fui delle preſo, onde roubado
Onde com ſeta d'ouro fui ferido.
Vi hũa Ninfa andar colhendo flores
Entre outras muitas, mais q̃ todas bel
Com cuja viſta amor ficou vencend
Porque, ſe naõ tomara as armas della,
Inda que faas forças forão mores,
Por ventura me fora defendendo.

SONETO V.

DOs olhos, por quem perdi a liberc
Queixarſe com razaõ o Sol podia,
Porque nelles ſe vê mais claro dia,
E naõ lhe cega a noite a claridade:
Deulhe (por honrar mais a noſſa idad
Que fom elles de graças carecia)
A natureza quantas dar podia,
Negoulhe (por meu mal) tb piedad
Se diſſo por ventura alguem duvida,
Com vellos ficar póde ſatisfeito;
Mas eu naõ lhe dou tudo de conſelho

Nos meus bẽ póde ver
De ſua rara luz o rar
Sem arriſcar a ſua pr

SONET

DA branca neve, e
O Ceo de tal mane
No voſſo roſto as core
A roſa da menhã mai
Os cabellos (d'Amor pr
Naõ d'ouro, que ouro
Mas dos raios do Sol
Do q̃ Cynthia tambem
Hum reſplandor ardent
Eſtá nos voſſos olhos
Qu'o claro deixa eſcur
A doce fala, o riſo doce
Entre rubis, e perlas
Naõ tem comparaçaõ

CANÇA

AMor, pois m'infla
No teu mais vivo f
Onde o melhor de mim
Pois nova luz moſtraſte
A meus olhos, meu rog
Ache piedade em ti, a
Daquella fermoſura
Na terra peregrina,

Do Ceo mais natural,
Com eſtillo immortal
Segredos altos a cantar m'enſina:
Tu minha voz levanta,
Em mim, tu della canta.

Cantar de tal belleza,
Amor, a gloria he tua;
Que tu naõ tens mór honra, né mór gloria:
Humana natureza
Na bella fórma ſua
Lhe quis das mais fermoſas dar victoria:
Qual, dina de memoria
Se vio, na idade d'ouro,
Qual, na de ferro, noſſa;
Que comparar ſe poſſa
A eſta, por quem eu taõ ledo mouro,
Que eſtimo mais tal morte
Que hũa felice ſorte?

Levanta com ſom novo,
Amor, eſte meu canto
De ſeu natural proprio baixo, e rudo;
Senti (por quem me movo)
Naõ poſſo dizer tanto, (do:
Que em fim naõ fique em tal ſogeito mu-
Se naõ cantar de tudo
Como deſejo, ao menos
Taõ docemente cante
De vos, que o mundo eſpante
Olhos ſobre o mortal curſo ſerenos:

Mas ſendo de vós viſto
Quem ſe ha d'eſpantar diſto ?

Se vós eterna fama
Em verſos de vós dinos
Quereis deixar entre a futura gente,
A luz, que o Ceo derrama
Em vós, olhos divinos,
A mim volvei mais amoroſamente ;
Que logo em differente
Eſtillo, deſte, que ouvio
Tégora o Lima, e o Tejo,
A belleza, que vejo
Em vós, nelle verá quem vos naõ vio :
Tanto no lume voſſo
Meu canto apurar poſſo.

Em quanto a ſorte eſquivá
A tanto bem reſiſte,
Em quanto naõ ſintirdes o que ſinto ;
Que póde alma cativa
Mais, qu'em ſilencio triſte
Moſtrar que ſente o que no roſto pinto ?
E pois na dôr conſinto,
Por ver donde naſceo,
Fermoſos olhos claros
Naõ me fejais avaros,
Olhai quaõ liberal vos foi o Ceo
Da luz que me negais,
Que naõ vos peço mais.

Se te virem, Cantiga, aquelles olhos
A quem pedem favor
Que mais queres de Amor?

SONETO VIII.

OLhos de me cansar nunca cansados,
Qu'esperança de vós, fezaõ perder-
me,
Se vos vejo taõ secos para verme
Com ver os meus em lagrimas banha-
dos?
Como naõ olhais já quaõ agravados
Os traz vossa crueza, em defenderme
A sua doce vista, que valerme
Só póde, e dar alivio a meus cuidados?
Se de vós porventura pertendera,
Em galardaõ d'amor, mais q̃ ser visto,
Entaõ culpas podieis meu desejo,
Entaõ crueza em vós bem parecera:
Mas ai olhos crueis se vedes isto,
Porque mais piadosos vos naõ vejo?

SONETO VIII.

TAntos mil annos ha que os meus olhos cansado
A chorar desses vossos a crueza,
Que lhe ficaraõ já por natureza
Lagrimas em lugar do sono brando:
As horas de dormir passaõ velando
Passaõ as de velar em mais tri-

RIMAS

Vendo crecer em vós maior dureza
Quando pol'abrandar cegaõ chorando
Aſſi delles ſe vai, ſem terdes magoa,
Em lagrimas gaſtando a luz vifiva,
Aſſi nellas tambem conſumo a vida:
á ſe tornaraõ d'olhos olhos d'agoa,
Mas d'agoa que naõ mata, antes aviva.
A chama em mim, nos voſſos acendida.

SONETO IX.

QUando dos voſſos olhos luz ſerena
Se volve a mim, inda q̃ ſempre ſarde,
O peito qu'em ſeu fogo treme, e arde
Algum deſcanſo ſente em ſua pena:
Mas ai que delles logo o amor m'acena
Que fuja, e temre os meus, e q̃ me guarde;
Caſtigame, ſe fujo por covarde,
S'eſpero, por ouſado me condena.
Aſſi me deixa aquelle goſto breve
Com a furia d'amor, que ſempre dura,
O corpo ſem ſprito, alma confuſa,
Aſſi ſe muda o fogo em frio nêve,
A neve ſe converte em pedra dura,
O novo mal d'amor, nova Meduſa.

SONETO X.

Ue coraçaõ, ſenhora, ha que reſiſta
Contra forças d'Amor, q̃ por vencer
O

O mundo todo, muito a seu prazer
Dos vossos olhos faz guarda conquista?
Por mais de diamante que se vista,
O meu (que vosso já posso dizer)
Mal se póde guardar, mal defender
Das duras setas de taõ branda vista.
Dos olhos vossos raios de viveolume
Como por humm cristal resplandecente
Trespassa n'alma, onde o fogo acende:
Mas Amor (cuja força mais s'estende)
Faz que no mesmo fogo me sostente,
Vencendo delle o natural custume.

SONETO XI.

OLhos, donde procede meu tormento,
Quando mudaceis vós vosso costume?
Quando dá viva dôr, que me consume,
Verei em vós hum brando sentimento?
Já, s'esperara tal, meu pensamento
De novo sobre mais seguro cume
Fundara as esperanças tem queixume
De quantas até qui fundei no vento.
Mas vós claras estrellas naõ olhando (jo,
Que naõ ha cousa injusta em meu dese-
A vista de que vivo me negais:
Se naõ tenho outro bem, se em mim naõ
ando
Deixando de vos ver, quando vos vejo
Porq̃ mais brandamente naõ m'olhais

SONETO XII.

NEſſes fermoſos olhos, que taõ caro
Me fazem cuſtar ſempre a viſta delles,
Quando, cruel ſenhora, vereis nelles
Algum final d'amor, eſcuro, ou claro?
Naõ vem elles hos meus hum vivo faro
De fogo, que no peito entra por elles?
Do meſmo fogo naõ vem ſair aquelles
Soſpiros triſtes, prova d'amor raro?
Se ſó n'um volver d'olhos tenho a vida,
Que vos cuſta, ſenhora, ſocorrerme
Com os volver a mim, pera que viva?
E ſe vos cuſta menos ver perderme,
Logo do triſte peito ſe deſpide
A vital aura leve, e fugitiva.

CANÇAÕ II.

INda que pouco dito,
Amor, te gora temos
Dos claros olhos, donde aceſo acendes
Em fogo o meu ſprito,
Rezaõ he que cantemos
Dos laços d'ouro, donde prezo o prendes:
Amor, tu bem entendes
[illegible] dos cabellos digo
[illegible] novo ſol da terra,
[illegible] neſta doce guerra

Nelles

Nelles prendeo a ti, e a mim comtigo;
Por isso não me culpes,
Nem menos me descupes.

No puro ouro encorporado
Tecido de thesouro,
Huma fermosa cadea
De pés, e maõs atado
Que tal me deixaras
Quando tu a ti mesmo te salvaste
Alli de todo o alento
A liberdade minha
Podendo ser n'um só
Em cada hum seu nó
Lhe déste, sobre quantos d'agres tinha;
Prezo fiquei alli
Alli prezo te vi.

O' prizaõ bemdita, e bom
Em vós estando emvolto
De tantos gostos tenho sentimento;
Que se por vario sorte
De vós me visse solto,
Seria para mim grande tormento.
De vós meu pensamento
Nunca jámais se parte,
O' laços d'ouro puro!
Em vós está seguro
Em mim perdido sempre, e em toda parte
Onde quer que se veja,
Que fóra de vós seja.

Se por alta ventura
Derramados vos vejo,
Ou entre varias cores recolhidos,
A rara fermoſura
Voſſa cantar deſejo
Com verſos, para vós mais eſcolhidos;
Mas ficaõ meus ſentidos
De mim taõ apartados,
Em vós taõ enlevados,
Que naõ ſei mais que vervos,
E com os olhos, ſem falar, dizervos.
Que ſoltos me prendeis,
E prezos me venceis.

Naõ ſe pagaõ, Cantiga, taes cabellos
De louvores taõ breves;
Mais, do que ſaõ, lhe deves.

SONETO XIII.

SE lagrimas d'amor, e ſaudade
Poderaõ abrandar o reino duro;
Das minhas, q̃ procedem d'amor puro,
Como vos naõ moveis a piedade?
Pois que por vós perdi a liberdade
E a vida a mores perdas aventuro,
Rompei do deſamor o forte muro,
Naõ veja o mũdo em vós mór crueldade.
A deſprezos infindos daí já fim, (de
Naõ vos chamem cruel, nome divido
A quem de tudo ri, tudo deſama;

Abrandai eſſe peito endurec
Pello que toca a vós, mais
Qu'eu aventuro a vida, e

SONETO XI

SE cuido de perdido naõ
Por ver ſ' abranda a dôr,
dado,
Bem podeis crer q̃ fico em
De cuidar couſa que naõ p
E vingomé de mim ſem entei
Que noſſo deſamor he ſó cu
Mas he rezaõ que ſeja caſ
Quem cuidar que ſem vós
Que parte póde achar, onde
Aquelle que naõ vir eſſa b
Com quem Amor as forças
Em vaõ chore por vós, em
Creça quanto quizer voſſa
Que deixar de vos ver mais

SONETO X

QUe me póde valer; ſe
Cruel ſenhora, terdes
Que neſte grande mal d
Eſtou a ſoffrer mais, e ma
Tal dôr, tal ſoffrimento, na
Coraçaõ naõ tivera já mov
Se naõ o voſſo, mais endur
Que ſe de pedra foſſe, ou

Vio alguem por ventura tal dureza,
Que naõ receba em ſi nova figura
Por força, ou arte de buril, e lima?
Abranda o tempo toda couſa dura;
So voſſo peito arriſado d' aſpereza
Naõ ſoffre que ſe nelle amor imprima.

SONETO XVI.

NAõ ſei remedio tenha, naõ ſei que
Conſelho tome em tanta pena e dôr;
Trago na fronte eſcrito o meu amor;
Vós naõ o vedes, todo o mundo o vê:
Infinita belleza, e pouca fé,
Nos olhos triſtes, na perdida côr,
Naõ vedes vós o fero, e vivo ardor
Que, por vós ſinto, longe, ou perto eſtê?
Eſta-ſe vendo no meu peito aberto
A minha tençaõ pura, e taõ cuſtoſa,
Que já da vida a morte anda mui perto:
E vós ſobre cruel taõ duvidoſa
Que me naõ quereis crer! pois ſabei certo
Que peno tanto, quanto ſois fermoſa.

SONETO XVII.

SE, como em tudo o mais foſtes perfeita
Foreis de condiçaõ menos altiva,
Vida eſperar podera eſta cativa,
Vida já quaſi em lagrimas deſfeita.

Mas

V A R I A S

Mas quanto de vós vê, quan
Eſtremeis não pera que mai
Senaõ que, por mór mal,
quiva.
Vendo que m'enjeitais, ta
jeita.
Se niſſo contradiz voſſa vonta
Mandailhe vós, ſenhora
A' vida que ſó vive de tr
Pois ella naõ ma dá por pie
Que tenha de meu mal, ma
mim
Vivendo moſtreis mais voſſ

S O N E T O XV

E Nraõ naõ calarei meus
D'agravos que me fazer
Trazendo de contino á fan
Imagens do meu mal, nov
Entaõ males preſentes, e pa
E os que eſtaõ por vir (qu
Se já vieſſem todos) algu
Deixareis de chorar, olho
Entaõ naõ turbarão o ar ſer
Soſpiros, que ſahis do pe
Dando claro final do meu
Entaõ, penando em fim, ſe
Quando a bella Ninfa, por
Do meu amor tiver conte

SONETO XIX.

SEnhora, vós sois de neve, alva e fr
E tendes coraçaõ de pedra dura,
De mim feito de fogo, e d'agoa pu
Contraria natureza vos defvia.
A neve dentro em ſi fogo naõ cria,
Em pedra naõ s'achou nunca brandu
Vede que fará logo hum fem ventu
Que por vós arde, e chora noite e d
Podera eu eſperar qu'eſſa dureza
Amor por tempo a fora desfazendo
E qu'eſſe duro peito vira brando:
Mas ſinto em vós crecer mais a dureza
Quanto eu mais choro, e quanto m
m' acendo
Entaõ vos ides vós mais eſtriando.

SONETO XX.

HUm ſitio, coraçaõ poſto em ventu
Huma deſejada honeſta, que s' enje
De voſſa condiçaõ, com que reſpeite
A meu taõ puro amor, e fé taõ puri
Hum verme de piedade, e de brandu
Imagem ſempre, fazem que ſuſpeite
Qu'alguma brava fera vos deu leite,
Ou que naceſtes d'huma pedra dura.
Ando buſcando cauſa que deſculpe
Crueza taõ eſtranha; porém quanto
Niſſo trabalho mais, mais mal me tra

Do

Donde vem q̃ naõ ha quem nos naõ culpe;
A vós, porq̃ matais quẽ vos quer tanto;
A mim, q̃ tanto quero a quem me mata.

SONETO XXI.

SE com rigor, ſenhora, vos parece
Que podeis deſviar do ſeu cuidado
Hum firme coraçaõ, que s'offerece
A ſer inda de vós pior tratado;
Além de ſer engano, ſe conhece
Que mal ſabeis d'amor deſenganado;
Qu'ó verdadeiro amor muito mais crece
Alli, onde ſe vê mais deſamado.
Por iſſo o deſamor, que me moſtrais,
Mudai em amor já, ſe naõ quereis
Que com deſgoſto voſſo mais vos ame:
Vencerme com deſprezos naõ cuideis;
Bem me podeis matar, bem me matais;
Mas naõ podeis fazer que vos deſame.

CANÇAÕ III.

ABrande já meu pranto,
Senhora, eſſa crueza,
Da qual cõtra mim ſempre andais armada;
Valha com voſco tanto
Quem morrendo deſpreza
A vida, ſe por vós lhe naõ for dada.
Naõ queirais ſer notada

De condiçaõ eſquiva;
Antes de tal brandura,
Que voſſa fermoſura
Deſpois da morte eternamente viva,
Cantada em mil eſcritos.
De mil altos ſpritos.

Naõ ſei que goſto achais
Em lagrimas, nem como
Já vos naõ canſa hum ſuſpirar canſado?
Da ſemrezaõ, qu'uſais,
Em mim vingança tomo
Olhai o que farei, ſe for culpado?
Naõ buſca o meu cuidado
Senaõ ſerdes ſervida,
Inda que ſempre pene;
Por iſſo Amor ordene
A ſeu prazer deſta canſada vida;
Já vola dei, ſenhora,
E dou de novo agora.

Alta ſatisfaçaõ
Conforme á meu tormento
He ſerdes cauſa delle, ond'eſtou vendo
Quanto me queixo em vaõ,
Sobindo o penſamento
A parte, onde té o mal fico devendo:
Pelo que naõ pertendo
Do fogo, em que me vejo,
Verme poſto em ſeguro,
Nelle o ſprito apuro,

Voſſo

Voſſo contentamento ſó deſejo,
E vós cada vez mais
Mais pouco me moſtrais.

Toda a felicidade
Do meu amor conſiſte
Em vós do meſmo amor ſerdes contente;
Sabendo eſta verdade,
Naõ poderei ſer triſte
Por mais que me trateis aſperamente:
A mór pena, que ſente
Eſte coraçaõ voſſo,
He naõ vos alembrar
Nem pera o maltratar;
Que pois tornallo a mim naõ ſei, nẽ poſſo;
Ao menos, ſe tal vira,
No mal goſto ſentira.

Os montes ſolitarios,
E os valles eſcondidos
Tenho canſados já co' a lembrança
De meus tormentos varios;
Porém todos naſcidos
De voſſo deſamor, que ſó naõ canſa:
Alhea deſperança,
Foi minha ſorte, tal,
Qual nunca vio ninguem,
Que me negais o bem,
E naõ quereis que ſinta voſſo mal:
O' grande deſamor!
O' deſprezado amor!

antiga; iſto ſó dize a quem te mando:
enhora, qu'eſperais?
)ai mal; pois bem naõ dais.

SONETO XXII.

SE quando vio as Deoſas no monte Ida
O Troiano paſtor, tambem vos vira,
Venus dalli taõ leda naõ partira
C'o preço, por quem foi Troia perdida.
Se já quando foi laura concedida
Do Ceo á terra, voſſa luz s' abrira;
A vós ſe convertera a doce lira
Que deu á ſua fama immortal vida.
Agora alta belleza á baixa rima
Em ſorte coube, e o voſſo avizo rico
Materia veio a ſer d'hũ pobre engenho:
E ſe vos canto, quando Amor me anima,
Entendo bem que ſempre longe fico
Do muito que de vós por dizer tenho.

SONETO XXIII.

SE poder tanto á morte defenderſe
A vida, que por vós deve eſtimarſ
Que veja em voſſos olhos apagarſe
A luz, que faz o Sol eſcurecerſe;
E o ouro dos cabellos converterſe
Em branca práta, o roſto deſcora
De tal maneira em fim tudo mudar
Que mais ouſadamente deixe verſ

Entaõ firme em mudanças taõ cont
Vereis como naõ amo, nem re
De vós o que naõ pode ter firm
Mas outra fermoſura, outras div
Graças, de qu'eſſe ſpirito vejo
As quais naõ dá, nem tira a nat

SONETO XXIV.

POem-me onde queima o Sol
verdura,
Ou onde ſeu ardor, a neve esfri
Poem-me onde pello meio o carr
Ou onde cobre, ou moſtra a lu
pura:
Poem-me em baixa, ou proſpera v
No ſereno da Lua, ou na ſomb
Eſcura noite, em longo, ou brev
Em fazaõ inda verde, ou já mad
Em valle, em monte, em agoa, en
em ar,
Nas eſtrellas me poem, ou no pro
Sprito livre, ou inda á carne ata
Cõ nome eſcuro, ou claro em todo o
Serei qual fui, naõ deixarei d'am
A quem amei té gora deſamado.

SONETO XXV.

QUãtas penas, Amor, quãtos cui
Quantas lagrimas triſtes sẽ pr

De que mil vezes olhos, roſto
Inda que cego, viſte já banh
Quantos mortais ſuſpiros derra
Do triſte coraçaõ, ſempre
Quantos males em fim tu me
Todos tos dou daqui por per
A tudo ſatisfez já (confeſſo iſt
Huma ſó viſta honeſta, e pi
Daquella, a quẽ me deu minha
Ah ſempre para mim hora dito
Que poſſo temer já, tendo já
Hum volver d'olhos cheo de

SONETO XXV

EU me parto de vós, campo
Quando menos temi eſta pa
E ſe minh'alma vai á dôr re
Nos olhos o vereis com que v
Pequenas eſperanças, mal ſobe
Vontade qu'a rezaõ leva ver
Aſinha daraõ fim á triſte vi
Se vós naõ torno a ver, com
Em tanto nunca verá noite,
Apartarſe de vós minha lem
Amor, que vai comigo, o
Andaraõ ſempre em minha co
Em quanto na tornada ouver
Saudades do bem que em vó

SONETO XXVII.

BRandas agoas do Tejo, que paſſando
Por eſtes verdes campos que regais,
Plantas, ervas, e flores, e animais,
Paſtores, Ninfas ides alegrando;
Naõ ſei, ah doces agoas, naõ ſei quando
Vos tornarei a ver; que magoas taes
Vendo como vos deixo, me cauſais,
Que já vou de tornar deſconfiando.
Ordenou o meu fado, deſejoſo
De converter meus goſtos em pezares,
Partido que me vai cuſtando tanto:
Saudoſo de vós, delle queixoſo
Encherei de ſoſpiros outros ares,
Turvarei outras agoas com meu pranto.

SONETO XXVIII.

DEſaparecem já, por mais qu'eſtendo
Os triſtes olhos, de chorar cançados,
Os campos de mil flores matizados,
Por onde o brando Tejo vai correndo.
Inda delles agora eſtive vendo
Huns brancos, e huns verdes retalhados
Dos rodeios das agoas deſcuidados,
Que me fazem de mim ir eſquecendo.
Pois que ſerá paſſando aquelles montes,
Que valles irei vendo, e deſcobrindo,
Que triſtes, e abafados orizontes!

A pena, que já diſto vou ſenti
No meu ardente peito novas
De lagrimas correntes vaõ ab

SONETO XXIX

JA' do Mondego as agoas ap
A meus olhos, naõ meus, ante
Que d'outras differentes vind
Na ſua branda viſta inda mais
Parece que tambem forçadas d
Segundo ſe detem em ſeus roc
Triſte, por quantos modos, quã
As minhas ſaudades m'entriſt
Vida de tantos males ſalteada,
Amor a poem em termos, q
De poder ver o fim deſta jorn
Antes ſe dá de todo por perdid
Vendo q̃ naõ vai d'alma acom
Que ſe deixou ficar onde tem

SONETO XXX.

INda agora outra vez, duros
Ouvireis o ſom triſte dos meu
E vós, agoas do Lima, que p
A quem já deſcobri muitos ſe
Que móres ſaudades, móres m
De deſcuidos, ou couſas que d
Me fazem parecer, ſe vos le
Daquelles tempos triſtes, qu'er

Triſte de noite aqui, triſte de dia
Do grave mal d'auſencia me queixava,
Cuidando qu'outro mór ſer naõ podia:
Agora vejo quanto m'enganava,
Que aquelle naõ foi mal, mas profecia
Deſte, que neſta parte m'eſperava.

SONETO XXXI.

LIma, que neſte valle murmurando
Em quanto o Sol s'eſconde em Occidente,
A tua natural vezinha gente
Fazes adormecer com teu ſom brando,
Tu ſaudoſo d'outro' eſtou velando
Ouvindo murmurar tua corrente,
E com dôr de me delle ver auſente,
Com lagrimas a vou accreſcentando.
E tu, que ledo para o mar caminhas,
Cuidar me fazes (tal he o ſom q̃ deixas)
Que triſte vás chorando minhas magoas:
Mas a verdade he que tu te queixas
De recolher em ti lagrimas minhas,
Porque te turvaõ tuas claras agoas.

SONETO XXXII.

VErdes, e baixos v[illegible], alta ſerra,
Duras, e ſolitarias penedias,
Correntes agoas, freſcas fontes frias,
Teſtemunhas do mal q̃ em mim s'encerra:

Pois tudo, o que [illegible]

SONETO XXXIII.

DA mais formosa Ninfa, que se
No crystallino Tejo, a formo
A lembrança, o amor, e a bra
Anui entr'estas ferras sempre acompa
Aonde a cada passo com tamanha
Saudade meu desejo a figura,
Que vivamente sempre a vão pin
Hora imaginação em vista, outr
tranha.
O doce imaginar tanto alenteva
Nestas douras vinezas, que por
Tenho, que naõ m'engana o m
Mas quando torno em mim, e
vejo
Tão longe de quem via, de
Sem alma fico, e quasi

SONETO

ANdo, ſenhora minh
Se vós em mim cuid
Que vos naõ amo quan
Pois vivo tantos dias n
Ai triſte, que da morte n
Com eſperar que cedo
Tal, que logo em mim
Que, ſe vivo ſem vós,
Faltando eſte remedio, (
A triſte vida naõ ſe v
Contra o mal que lh'or
Mas quando verei eu, ſe
Que veja em voſſos olh
E vós vejais nos meus (

CANÇAÕ

DEſertos, montes, ſ
Montanhas altas, p
Por onde andar me faz m
Arvores, que dos voos
Certo repouſo ſois ás liv
Dos tenros filhos ſeus gu
Se da mór formoſura
Que neſte mundo vi,
Taõ triſte me partí,
Que farei neſte voſſo apa
Onde ſempre accreſcenta

O rio, que sempre corre, e o pe
Que naõ tem movimento;
Do passarinho o canto ou triste, ou

Tudo, quanto em vós vejo, dize
E tudo quanto escuito, me carre
Te vossos ares sinto já pezados:
A sua estrá luz o dia nega,
A noite o seu comum doce repou
A meus olhos de lágrimas cansado
Das fontes, e dos prados
O puro seu, e o verde
Parece que se perde,
Com magoa delles minha grave do
Sem tempo toda fruita, toda flor
Do seu materno galho está caindo
De mim por onde for,
A fresca primavera vai fugindo.

Neste graõ mal, de que naõ sei val
A todo animal que em vós tem vi
Dou materia de pranto, e de pie
Parte naõ posso achar taõ escondid
Que deixem meus suspiros escond
E só chorar a minha saudade.
Ahi grande crueldade
D'amor, qu'em mim ordena
Huma taõ nova pena,
Que contradiz a toda a natureza
Os tristes com ver sentir sua tristez
Sentem algum descanso; eu só sem

Já tenho por certeza
Creſcer meu mal no ſentimento delle.

A vida ſe detem no qu' imagino,
Amor com falſas moſtras me ſuſtenta;
Porque, vivendo mais, mais magoas conte:
Na roſa da manhã me repreſenta
Aquella, por quem peno de contino,
A tarde no dourado orizonte:
Qual Ninfa o boſque, ou fonte
Eſconde, mais formoſa?
Em qual valle, qual roſa
So moſtra mais córada? nunca neve
Mais alva derramou o vento leve,
Como eu a vejo alli, e em toda parte:
Mas eſte goſto he breve,
E vai-ſe logo, o mal tarde ſe parte.

No fim deſt'erro doce, em que me vejo
De vós altas montanhas rodeado,
Taõ longe d'eſperança, e longe donde
Amor meu peito quiz ver inflammado
Em puro fogo, d'hum alto deſejo de,
Que dentro no meio delle accéde, e eſcon-
Digo a quem naõ reſponde,
A vós montanhas digo,
Acabem já comigo
Em mal taõ certo certos deſenganos:
Que ſe póde eſperar de quem enganos
Negando vai a lagrimas taõ vivas,
E dos meus firmes damnos
Póem o remedio em ſombras fugitivas?

C

Cantiga, pois naſceſtes
Neſtas fragoſas ſerras,
Naõ buſques outras terras,
Na tua natural fica eſcondida,
Que n'outra parte naõ ſerás ouvida,
Por mais gritos que dês, e magoas contes:
Chorando acaba a vida
Nas mais ſecretas lapas deſtes montes.

SONETO XXXV.

MUſas, que tendes feito neſta praia
A meu mudo ſilencio companhia,
Deixando ſó meu nome que ſubia,
Porque donde ſobio ſem aſas caia:
Tornemos a cantar ao pé da faia,
Junto do claro Lima, á ſombra fria
A Ninfa, por quem inda noite, e dia
Arde meu coraçaõ, treme, e deſmaia.
Encordoai de novo a doce lira,
Que foi por maõ de Febo temperada,
E Marte deſtemprou com ſua ira:
Naõ ſeja com meu ſangue mais banhada;
Em lagrimas ſe banhe, qu'Amor tira
Da ferida que já me tinha dada.

SONETO XXXVI.

E Sſa graça, Marillia, eſſa brandura
Donde graça, e brandura eſtaõ chovendo,

O que vendo-ſe mata, e naõ ſe vendo
A vida deixa entaõ menos ſegura:
Eſſes lumes do Ceo, onde s' apura
Amor, e nelles ri, eſtando ardendo,
Eſs'eſpirito em fim, que vai enchendo
Os olhos d'outro, d'outra formoſura:
Accenderaõ novo fogo, alta chaga
Abriraõ no meu peito, prizaõ forte
Forjaraõ dentro n'alma a vós rendida:
Arço ferido, e prezo, e eſpero a morte,
Se voſſa maõ, que póde, naõ apaga
O fogo, abre a prizaõ, cura a ferida.

SONETO XXXVII.

MArillia, que do Ceo á terra dada
Foſte, por gloria ſua, e noſſo eſpãto,
Que verſo louvará, que novo canto,
Formoſura taõ nova, e deſuſada?
Qual ſerena manhã alva, e roſada
Foi nunca taõ formoſa, ou qual Sol tanto
O mundo alumiou, Marillia, quanto
Teus olhos, onde Amor tẽ ſua morada?
S'eſtrellas, Lua, Sol ſua belleza
Perdem diante ti, que deſenganos
De perlas, de rubis, de neve, e roſas!
Em fim em ti juntou a natureza
Quanto reparte em mil, e em mil annos
Com mil, e mil, e todas mui formoſas.

SONETO XXXVI

MOntes, e valles, boſques prados,
Agoas q̃ correis ſempre, altos r
Que de contino eſtais firmes, e
Iſentos de ſentir triſtes cuidado
Sabei que fereis ſempre celebra
Da minha branda Muſa, em v
dos,
Pois o meu doce amor tantos ſ
De vós quiz ſó que foſſem con
E vós ervas, e flores bem naſci
Naõ tardeis em creſcer, q̃ por
Da maõ, que me ferio, fereis c
Ah Ninfas, naõ vejais tal formo
Que neſtas frias agoas eſcondi
Em fogo ardereis d'enveja pu

SONETO XXXIX

SOmbrio, e verde boſque, onde
Marillia, quando o Sol mais ſe
Onde d'Amor ſuſpira, e d'Am
E ſolta os ſeus cabellos, e os
Valle por onde paſſa, e flores c
Com graça tal, qu'o meſmo A
panta,
Eſtes verſos vos deixo neſta p
Darvos outro louvor meu fad

A verde, e namorada Primavera
Nunca jámais daqui deſapareça,
Nunca vos moſtre o Inverno a ira ſua,
Segura pellos olmos trepe a hera,
Segura naſça a flor, e a erva creça,
Favor tenhais do Sol, favor da Lua.

SONETO XXXX.

MEu patrio Lima, ſaudoſo, e brando
Como naõ ſentirá quẽ Amor ſente,
Que partes deſte valle deſcontente,
Donde tambem me parto ſoſpirando?
Se tu, que livre vás, vás murmurando
Que farei eu cativo, eſtando auſente,
Onde deſcanſarei de dôr preſente;
Que tu deſcanſarás no mar entrando?
Se te naõ queres conſolar comigo,
Ou pede ao Ceo que noſſa dôr nos cure,
Ou que treſpaſſe em mim tua triſteza:
Eu ſo por ambos chore, eu ſó murmure,
Que d'hum fado cruel o curſo figo,
Naõ tu, que ſegues tua natureza.

SONETO XXXXI.

AH quamanha enveja Amor me manda
Que tenha ſempre viva no cuidado,
De ti, ditoſo valle, rodeado
D'altos montes, do Lima d'outra ban

SONETO XXXXII.

DO noſſo claro Lima, e turvo
Ás agoas miſturadas juntami
Naõ podem apagar á chama ar
Em que por ti, Marillia, vivo, e
A fonte, o rio, o prado, o freixo,
Bem ſabé quanto peno eſtando a
Do teu fermoſo roſto, onde pr
A neve, e a roſa eſtá, a perla,
Mas que farei á força do mao fad
Se neſta auſencia ordena d'hora
Deſcuido em coraçaõ deſengana
Ah crè, Marillia, crè, q̃ em mim na
Outra fé, outro amor, outro cu
Que tal qual ſempre fui, tal ſou

SONETO XXXXIII.

DEllio ſobre huns penedos, q̃ ba
Neptuno deixa, quando ſe r

Onde do brando Lima o curſo ſpira
Hũ M, por cima hũ A, deixou cortados,
Dizendo: Aqui vos deixo tresladados
Dentros cicrigos n'alma, que ſo pira
Das cadas naõ temais a cruel ira,
Pois ſois ás dos meus olhos cuſtumados.
Inda que neſta praia bravas ferem
Hora tornando a tras, hora a diante,
Que menos em mim faraõ minhas magoas?
Podeis dizer ás Ninfas, que vos leſem,
De vos achar aqui ninguem s'eſpante;
Amor nos pos no fogo, amor nas agoas.

SONETO XXXXIV.

COm ſeu cabello louro deſtoucado
Dos braços de Titaõ ſe deſpedia
A vergonhoſa Aurora, e vinha o dia
D'alvas, e roxas flores coroado.
Nos lirios, e nas mais ervas do prado,
Na pura roſa, qu'inda entaõ abria
Aljofar derramado, parecia
O celeſte roſcio derramado,
Quando d'hũ alto monte á meſma aurora
(Que já paſſava o Gange preſſuroſa)
Griteu Dellio paſtor de madrugada:
Ah filha de Titaõ! naõ ſaias fora,
Se naõ queres ficar mais vergonhoſa,
Vendo Marillia mais avantajada.

SONETO XXXXV.

AO ſom das brandas agoas, q̃ deciaõ
Do mais alto do monte, onde paſtava,
Cantava o triſte Dellio; e ao q̃ cantava
As agoas murmurando reſpondiaõ.
Marillia, por quem lagrimas corriaõ
Dos triſtes olhos ſeus, ouvindo eſtava
Como dos ſeus deſcuidos ſe queixava,
Mas já queixumes ſeus naõ lhe doiaõ.
Naõ ves (dizia) quanto ha já qu'eſpero
Cruel que me detens em eſperanças
Incertas inda, pera maior pena?
A vida he breve, e chea de mudanças,
Deſengana-me já, que mais naõ quero,
Porque me negas couſa taõ piquena?

SONETO XXXXVI.

A' Borda d'hum ribeiro, que corria
Por meio d'hũ florido, e verde prado,
O triſte paſtor Dellio debruçado
Sobr'hum tronco de freixo aſſi dizia:
Ah Marillia cruel, quem te deſvia
Eſſe cuidado teu do meu cuidado?
Quem fez hum coraçaõ deſenganado
Amar couſa que tanto aborrecia?
Que foi daquella fé, que tu me deſte?
Que foi daquelle amor q̃ me moſtraſte?
Como ſe mudou tudo taõ aſſuſha?

Qua

Quando tua affeiçaõ n'outro puſeſte,
Como te naõ lembrou que me juraſte
Que naõ ſerias nunca ſenaõ minha?

SONETO XXXXVII.

POis inda bem de ti naõ fui auſente
Quando do meu amor te deſpediſte,
E no teu falſo peito outro imprimiſte
Que mal me faça Amor s'elle amor sẽte:
Quando tornar Marillia a eſtar preſente,
Como poderás ver o roſto triſte
De quem leda te vio, de quem tu viſte
Contente, de te ver de ſi contente?
Deſpois de ſalteada em teu deſcuido,
Que certo eſtremecer, qu'alvoroçarte,
Que puras roſas vejo, qu'alva neve?
Hora cuido ver iſto, outr'hora cuido
Que naõ ſerás taõ leve em demudarte,
Pois pera te mudar foſte taõ leve.

SONETO XXXXVIII.

ONde achaſte, Marillia, taõ bom meio
Pera te naõ lembrares do paſſado?
Que deſcuido mora em ti, ou q̃ cuidado
Doutro que já tiveſte taõ alheo?
Ou o Lima em ſi torna a ſer Letheio,
Ou eu ſempre de ti fui enganado:
Mas creo q̃ novo amor, ah duro fado!
Naõ quero dizer mais, do q̃ mais creio.

Mas

Mas já daqui bem podes ſoſpeitar
A cauſa das crueis minhas ſoſpeit
Se ſoſpeitas lhe poſſo inda chama
Mil contas tenho feitas, mil desfei
As quais todas em fim, vem a pa
Que, como quer que ſeja, q̃ m'eng

SONETO XXXXIX.

NAs agoas d'hũa fonte hũ dia o
O ſeu roſto Marillia, doutras c
Entregue a mil ſoſpeitas d'hum re
Qu'Amor em ſeus amores lh'orde
Manſas agoas (dizia) mal cuidava
Em taõ ledo começo, e ledo me
Que viſſe hũ fim taõ triſte, e taõ a
Do bem, que do meu bom ver eſpe
De lagrimas fingidas me deixei
Vencer, triſte de mim! naõ ſoſpei
Que foſſem deſte amor injuſto pre
Agora, que me vou deſenganando,
Bem vedes vós em mim, que me
Tal, q̃ vendom'em vós, naõ me con

SONETO L.

NAõ ſei que murmurais, agoas ſer
Deſpois qu'em vos me vi: ah
brandas,
Doei-vos vós de quem de todas b
Rodeada ſe vê de duras penas.

E tu, cruel paſtor, que tal ordenas,
Se queres ver quam enganado anda
Eſpera que julgue Amor noſſas der
des;
Verás como ſem culpa me condena
Dizendo Marilia, aſſi alçou da font
Os ſeus fermoſos olhos, feitos font
De lagrimas, que nella derramou
Cahia a ſombra já dos altos montes.
Deixou o valle entaõ, deixou o m
Triſte veio alli ter, triſte tornou.

SONETO LI.

DEixai, agoas do Lima, de cor
Ou mais claras, ſem onda levan
Segui a voſſa via coſtumada,
Se de Marillia eſpelho quereis ſer
A luz do ſeu fermoſo parecer
No voſſo creſpo humor vendo apag
E ſem neve, nem gria diſſe eſpan
Ai triſte! que naõ ſou já para ver.
E logo olhos no Ceo, com viva dôr
Culpando meu deſcuido, e ſeu cuid
Eſtas triſtes palavras derramou:
Olha cruel ſe bem me trata Amor,
Que pello teu me vejo em tal eſtad
Que ſó de mim a ſombra me ficou.

Q[illegible]
Eſtes arrufos ſens naõ te
De mim, por ſeu amor, r
E aſſi cativo o fogo, ou va,
Ao fogo, em que me queimo,
E choro n'alma, quando ós
Se Amor iſto naõ quer, q q
Ah! ſe matar-me quer, naõ
Aqui tem huma vida triſte,
Sogeita a ſeu querer, e taõ
Que tudo em ſuas maõs com
Bem ſabe iſto Amor já, mas q
Que, ſó por me negar o qu
De mim s'agravá, e sé reza

SONETO

ONde por entre ſerras mai
Seu curſo natural ſegue
Hora fazendo vão, hora alto
Hora correndo torto, hora
Em amoroſas lagrimas desfeit
Soſpiros derramando ſem ſo
Dizia hum paſtor triſte: Ai
Quão mal com meus olhos
Bem entendias tu que viſta hu
Naõ podia caufar mortal fe
N'um coraçaõ de pedra, du

E pois ſer iſto aſſi me deſengana,
Se choro da remedio, ou fim á vida,
Lagrimas fazei aqui outro mór rio.

SONETO LIV.

NO ſon mis ojos de llorar canſados,
Aun que de llorar me veo ciego;
Ni pued'el alma mia hallar ſoſſiego,
O por deſiertos vaia, o por poblados.
De ſuerte, me perſiguen mis cuidados,
Que de mi triſte vida al cabo llego:
Mas Atropos por llanto, ni por ruego
Cortar no quiere el hilo de mis hados.
Nó veo quien de mi tenga manzilla;
Y que todos la tengan qu'aprovecha,
Si la cauſa del mal no ſa tuviére?
Oh duro caſo, eſtraña maravilla.
Que, por muerto la vida, me deſecha;
Y la muerte, por bivo, no me quiere!

SONETO LV.

HUiò el ſueño de los ojos mios,
Dexando en ſu lugar amargo llanto,
Que de contino crece, y mana tanto,
Que me lleva a penſar mil deſvarios.
Si crian mis entrañas yelos frios
De ſu corriente vena, no m'eſpanto,
Qu'el fuego del Amor, q̃ lloro, y canto,
Los puede derretir en blandos rios.

No ſiendo eſto anſi, no ſè qual ſea
La fuente dò ſalis lagrimas mias
En tanta confuſion por vos me v
Si conſumir mi vida Amor deſſea,
No dormir, y llorar noches, y
Preſtu daran contento a ſu deſſeo

SONETO LVI.

LAs piedras por el aire daran
Las aves no podian de peſadu
Olvidando el cordero ſu coſtum
Pacerá con el lobo ſin recelo.
El fuego ſerà frio, y ardiente el y
La tiniebla clara, eſcuro el lum
El monte ſerà valle, el valle cu
Y centro de la tierra el alto Cie
El mar no tomarà caudales rios,
Serà manſo el leon, el ciervo fi
Amargoſo el plazer, dulce el tor
Y todo en fin ſe mudarà primero
Que ſin te ver, los triſtes ojos n
Vean, en coſa alguna algun cor

SONETO LVII.

AS plantas rindo eſtaõ, eſtaõ ve
De verde variado de mil cor
Cantaõ tarde, e manhã os ſeus
As aves, que d'Amor andaõ ve
As neves, já nos montes derretid
Regaõ nos baixos valles novas fl

Alegraõ as cantigas dos paſtores
As Ninfas pellos boſques eſcondidas :
O tempo que nas couſas póde tanto ,
A graça que por elle a terra perde ,
Lhe torna com mais graça, e fermoſura
Só pera mim nem flor, nem erva verde ,
Nem agoa clara tem , nem doce canto
Que tudo falta a quem falta ventura.

SONETO LVIII.

DOs laços,onde preſo Amor me tinha
Parece que te naõ ſatisfizeſte ,
Pois em laços de ſilva me prendeſte
Donde eſpinhado já fugindo vinhas.
E pera mais teu goſto , e magoas minhas
De tal maneira os urdiſte , e os teceſte
Que roſas pera viſta entremeteſte ,
E pera o coraçaõ duras eſpinhas.
Mas quais de fina ſeda , ou d'ouro fino ,
De perlas guarnecidos , na belleza
Lhe podem preceder, quais na brãdura
Niſto naõ déſte tu , por ſer menino ,
Taõ nû pera ſoffrer ſua aſpereza,
Quaõ cego pera ver ſua fermoſura.

SONETO LIX.

DA voſſa viſta a minha vida pende ;
Maior bem pera mim naõ póde ſer
Que vervos , mas naõ ouſo de vos ve
Que voſſo alto reſpeito mo defend

O meu amor, q'o voſſo ſó pretende,
Receio que ſe venha a conhecer,
Nos olhos, que mal podem eſconder
O deſejo, dhum peito que ſe rende.
Por vós a tal eſtremo d'Amor venho,
Que com força reſiſto a meu deſejo,
Porque nada de mim, vos deſcontente.
Mas neſte mal, ſenhora, eſte bem tenho,
Que sẽpre tal, qual ſois, n'alma vos pinto
Sem dãr q̃ ver, nem que falar á gente.

SONETO LX.

HUm ſó fado, ſenhora, hũa ventura
Nos aparta, nos junta, e nos condena
A priſaõ igual, com igual pena;
A minha poſſa voſſa inda mais dura:
Mas amor nos trabalhos mais s'apura
Onde a firmeza, e a fé naõ he piquena
E o meſmo amor, q̃ tudo em fim ordena
Preſos nos prende mais, mais nos ſegura
Por iſſo as queixas ceſſem, ceſſem medos
Em goſtos ſe convertaõ as triſtezas,
Qu'agravos ſem rezaõ naõ duraõ muito
Mui cedo eſpero ver, com olhos ledos,
Os corpos ſoltos, e as almas preſas,
Colher d'Amor o deſejado fruito.

SONETO LXI.

AR, que dos meus ſoſpiros vejo cheio
Terra canſada já com meu tormento

Agoa

Agoa, que com lagrimas ſoſten
Fogo, que mais accende no met
Em paz eſtais em mim, aſſi o crei
Sem eſſe ſer o voſſo proprio inte
Pois em dôr, onde falta ſoffrim
A vida ſe ſoſtem, por voſſo me
Ai imiga fortuna, ai vingativo
Amor, a que diſcurſos por vós v
Sem nunca vos mover com min
goa!
Se me quereis matar, para que vi
E como vivo, ſe contrarios ten
Amor, fortuna, ar, terra, fogo, e

SONETO LXII.

EL tiempo paſſa como paſſar ſu
Paſſan con el los guſtos, y cor
No paſſa (aun q̃ buela) el penſa
Que ſiempre firme eſtà en lo que
Por tierra vaia, o por el aire bue
No s' aparta jàmas de mi tormei
Triſte de quien no pierde el ſ
ento,
Si coſa es para ver que le conſue
Mas quien ſerà que triſte ſer no qu
Ya que no puede ſer dexar de
Traiendo lo paſſado en la memo
Hai de quien vió el bien para perd
Qu'es un dolor, que mata y deſ
Penſar contino en la perdida glo

Entretener con esperança algu
A pesar del dolor, mi triste
El alma mia a tû beldad rendida
Te figuirà contino, al Sol, y
Que la pesada vida, y importu
En lagrimas la doi por consum
Sin ver te, morirè de los enojos
Que de tan dura ausencia nasc
Que menos de tal daño no s'esp
Y justa razon es, y es mi desseo
Que dô falta la vista de tus ojo
Sôbre en los mios llanto, de qu

SONETO LXIV.

DE tu belleza el Sol maravill
En viendo descobrir tu gest
El sujo (de corrido, y d'imbic
Cobrio d'un escurissimo nublad

VARIAS.

Y aun qu'embidia d'unas fue la fu
Y de dolor las otras procedieron
Todas por cauſa tuia ſe lloraron

SONETO LXV.

A Voſſa natural pura belleza
De cada vez em vós mais rea
Naõ compoſta com arte, ou aju
Se naõ da meſma maõ da nature
Eſſes cabellos negros, onde preſa
A graça eſtar ſe vê, e naõ forç
A face, de ſi propria alva e cór
A palma vos daõ já da gentileza
Ditoſa fermoſura; que naõ pende
Com aggravo do Ceo, da terra e
D'artifício, que canſa, e pouco
Tal he, ſenhora, a voſſa; e póde
Que nem o tempo (a quẽ tudo ſe
Tirar-lhe póde o que lhe deu ver

SONETO LXVI

DEbaixo d'hũa Olaia, qu'eſpa
Sobre hũa clara fonte roxas fl
Eſtando Silvia, e Niſe em varias
Dormindo a ſéſta, em quãto o So
Sahiraõ d'hũa ſilva alta, e ſombr
Dous Satyros laſcivos, caçador
Que logo ſem tratar de mais amo
Correraõ á belleza que dormia

Ellas, que neſſe ponto deſpertaraõ
Ao ſom dos pés caprinos, quando viraõ
Juntos de ſi os ſemicapros feios,
Na ſua clara fonte s'arrojaraõ,
E das movidas ondas ſe cobriraõ
Capellas d'ouro, alabaſtrinos ſeios.

SONETO LXVII.

YA la noche ſu velo tenebroſo
Tendia por el aire, ya las flores
Perdian, y las coſas ſus colores,
Y ya llamava el ſueño a ſu repoſo:
Quando Telicio ſolo, y congoxoſo,
Hurtandoſe a ſus mas caros paſtores,
Con las ſombras tratava, en los horrores
D'un boſque al medio dia temeroſo.
Nocturnas ſombras, ſi penſais (dizian)
Que las lumbres del Cielo, y de la Luna
Los plateados raios me quitais;
Tal no penſeis, que vòs no lo entendeis;
Que todo lo deslumbra mi fortuna,
Y igual la noche, tal me trae el dia.

SONETO LXVIII.

LAs peñas retumbaran al gemido
Del miſero Zagal, que lamentava
El dolor que ſu alma laſtimava
D'un no penſado deſamor nacido:
Si mar, que las batia, ſu bramido
Con los retumbos dellas ayuntava,

Confuſo ſon el viento derramava
De los Eccos del valle repetido.
Retumban a mi llanto duras peñas,
Hai de mi (dixo) la mar brama, y gime
Los Eccos ſuenan, de triſteza llenos,
Y tu, por quien la muerte en mi s'imprime,
D'oir las anſias mias te deſdeñas,
Y quanto lloro mas, t'ablando menos.

SONETO LXIX.

LLaman por mi las fuentes, y los rios,
Los prados, y los boſques de mi tierra,
Todo valle me llama, toda ſierra
Por dó gaſtè los tiernos años mios.
Memoria de ſus arboles ſombrios
Su verde claro, qu'el peſar deſtierra
Parece que d'allá me tira, y affierra
De mis deſſeos, ſi los ſiente frios.
Mas receloſo yo de las mudanças
(Qu'en las coſas los tiempos entremetem)
Mudo me dexo eſtar ſin dar reſpueſta:
Que muchas vezes vanas eſperanças
Alli onde mas guſtos nos prometen,
Cilada de deſguſtos tienen pueſta.

SONETO LXX.

DE mil ſoſpeitas vãs ſe me levantão
Trabalhos, e deſgoſtos verdadeiros:

Ah que gostos d'Amor saõ feiticeiros
Que nos levaõ tras si, que nos encantaõ
Entaõ nos mataõ, quando mais nos cantaõ
Sereas para nós, nos marinheiros,
Comegos amorosos, lisongeiros,
Fins crueis, e mortais qu'o mundo encantaõ.
Seus ventos naõ me deixaõ tomar terra,
Vai s'encobrindo a luz, a nevoa cresce,
Do porto cada vez mais desconfio:
Fazem agoas do Ceo ás do mar guerra,
Engolfados nas ondas, qu'embravecem,
Hum cego me governa o meu navio.

SONETO LXXI.

A Dó me llevas pensamiento loco
Por asperos caminos no tratados,
Dó vèo estraños monstruos no pensados,
Qu'en aire se deshazen, si los toco?
Pensè que llegaria poco a poco
A poner en sossiego mis cuidados;
Mas de ti contrastado, y de mis hados
A mas alteraciones los provoco.
Escuras sombras, formas temerosas
En fatigados sueños, con espanto
Me representa tu ligero buelo.
Ah cierra ya tus alas presurosas,
No quieras descurrir en vano quanto
Contienen en sus orbes tierra, y Cielo.

SONETO LXXII.

TRabalho quanto poſſo, mas naõ baſto
A vencer a vontade, que fogeita
Nas maõs ſe poem daquella q̃ m'engei-
E faz como ſem vida a vida gaſto. (ta,
Tal força tem hum roſto brando, e caſto
Hũa belleza á terra, e ao Céo aceita,
Que ſe quero fugir, naõ m'aproveita,
Se quero contraſtar, em vaõ contraſto;
Que poſſo mais fazer? quem me dá culpa
Cuido que naõ tem viſta a fermoſura;
Que póde mais comigo, que meu fado,
Ih do meu firme amor cauſa, e deſculpa!
Deve que vos naõ vê pouco á ventura;
E deſte, e doutro naõ ſerei culpado.

SONETO LXXIII.

ONde porei meus olhos que naõ veja
A cauſa, donde naſce meu tormento?
A que parte irei c'o penſamento
Que para deſcanſar parte me ſeja?
i ſei como s' engana quem deſeja
Em vaõ amor firme contentamento,
De que nos goſtos ſeus, ſaõ de vento,
Sempre falta ſeu bem, ſeu mal ſobeja.
las inda ſobre claro deſengano
Aſſi me tras eſt' alma ſogigada,
Que delle eſtá pendendo o meu d

É vou de dia em dia, de anno em a
A pos hum naõ ſei que, a pos hum
Que quanto mais me chego, menos

SONETO LXXIV.

QUaõ caro venda Amor hũ goſtc
Quaõ pouco tarda a pena cer
juſta
Bem o ſabe minh'alma, e bem lhe
Que por hum (que naõ vio) o n
deu.
Milagre foi por certo eſcapar eu
De mar taõ furioſo, em fraca fuſ
Erro ſeria agora, e couſa injuſta,
Crer mais couſas d'Amor imigo n
Porque nos laços ſeus outra vez cai
Hora finge, hora roga, hora amea
Uſa de força, e manha, tudo ten
Mas naõ m'enganará, por mais que i
Quem do naufragio ſae a nado á p
Té na terra ſe teme da tormenta.

SONETO LXXV.

HOras breves de meu contentan
Nunca me pareceo, quãdo vos t
Que vos viſſe tornadas taõ aſinha
Em taõ compridos dias de tormen
Aquellas torres, que fundei no ven
O vento as levou já que as ſoſtinh

Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Que ſobre couſas vãs fiz fundamento.
Amor com roſto ledo, e viſta branda
Promete quanto delle ſe deſeja,
Tudo poſſivel faz, tudo ſegura:
Mas des q̃ dentro n'alma reina, e manda,
Como na minha fez, quer que ſe veja,
Quaõ fugitivo he, quaõ pouco dura.

SONETO LXXVI.

AI quãtos ais perdi, hai de mim quãtas
Lagrimas em vaõ já tenho choradas,
Quantas torres no ar alevantadas,
Eſperanças perdidas outras tantas!
E tu, deſejo meu, de mim t'eſpantas
De recear d' Amor novas cilladas,
Ou já naõ tens lembrança das paſſadas,
Ou contra mim (por elle) te levantas.
Olha, por naõ cair em mores erros
Que tal foi a priſaõ de qu'eſcapaſte
Deſpois que gaſtei nella a mocidade,
Naõ tornes a tomar os duros ferros,
Que já com voto feito penduraſte
No templo dedicado á liberdade.

SONETO LXXVII.

NOvos caſos d'Amor, novos enganos
Envoltos em liſonjas conhecidas,
Do bem falſas promeſſas, eſcondidas
Cade do mal ſe cumprem grãdes dano
Co

Como naõ tomais já por deſenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois q̃ naõ baſta a vida, nem mil vidas,
A tantos dias triſtes, tantos annos?
Hum novo coraçaõ miſter avia
Com outros olhos menos agravados,
Pera tornar a crer o que vos cria:
Andais comigo enganos enganados;
E ſe o quereis ver, cuidai hum dia
O que ſe diz dos bem acutillados.

SONETO LXXVIII.

DEſpois de tantos dias mal gaſtados,
Deſpois de tantas noites mal dormidas,
Deſpois de tantas lagrimas perdidas,
Tantos ſuſpiros vaõs, vãmente dados;
Como naõ ſois vós já deſenganados,
Deſejos, que de couſas eſquecidas
Quereis remedear minhas feridas,
Qu' Amor fez ſem remedio, ou os meus fados?
Se naõ tivereis já eſperiencia
Das ſemrazões d' Amor, a quem ſerviſtes,
Fraqueza fora em vós a reſiſtencia:
Mas pois por voſſo mal ſeus males viſtes,
Os quais naõ curou tempo, nẽ auſencia,
Que bem delle eſperais, deſejos triſtes?

SONETO LXXIX.

QUe dondo penſamento he o q̃ figuo,
A pos que vaõ cuidado vou corrẽdo?
Sẽ ventura de mim, q̃ naõ m'entendo,
Nem o que callo ſei, nem ſei que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo,
De quẽ guerra me faz naõ me defendo?
De fallas eſperanços que pretendo?
Quẽ do meu proprio mal me fez amigo?
Porque, ſe naſci livre, me cativo?
E ſe o quero ſer, por que naõ quero?
Como m'engano mais com deſenganos?
Se já deſeſperei, que mais eſpero?
E s'inda eſpero mais, porque naõ vivo
Eſperando algũ bem em tantos danos?

SONETO LXXX.

EL Amor al que mas le quiere, hiere,
Con llaga que jámas, d'inſana, ſana,
Donde llorò, nò ſangre humana, mana,
Sin qu'algun bien q̃ le proſpere, eſpere.
Si quien del herido anduviere, viere,
Que por coſa baxa y profana, affana,
Buelta darà que en perder gana, gana,
Y lo que la razon requiere, quiere.
O quanto tiene deſdichado, hado
Quien vano Amor, q̃ le perſigue, ſigue,
Y en poco aquel, que le ſolicita, tiene.

Dexa

Pues, porque del ſe deſobligue, oblig
Con ruego al Cielo, a buen cuidado, dado,
Que del el bien, q̃ nos conviene, vie

SONETO LXXXI.

CRuel ſeñora mi cuidado, dado,
Cupido duro, por quien llorãdo, ando,
Si te verè, ruegos doblando, blando,
Si ſalirè de tu malvado vado?
En hondo del apriſionado, nado,
En duras peñas, mal nadando, dando,
Ayudas vanas invocando, quando
Ya no lo ſufre mi diſdichado hado.
Recibe Amor de mi deſguſto, guſto,
Gran peſar yo, que lo conſiento, ſiento,
Mas como no ſufrirè muriendo, yendo?
Si el temor haze del injuſto, juſto,
Y ſe contraſtar a ſu intento, tento,
Yo miſmo a mi q̃ me defiendo, offendo.

SONETO LXXXII.

QUem por ouro, q̃ naõ deſcanſa, canſa,
Paſſando o mar, e rompendo a terra, erra,
Porque de terra deſenterra terra,
Sem ver cobiça, que foi manſa, manſa.
E tanto ſem fazer mudança, dança,
Que de nada, que naõ s' afferra, ferra,

E assi nada, que desencerra, cerra,
Porqu' em fim nada em balança lança.
Quem anda neste presupposto posto,
Atente bem em que demanda anda,
Primeiro que delle seja avida ida;
E se pretende sem desgosto gosto,
Cumpra com quem, nunca desmanda, manda,
Porque a tal vida he devida vida.

SONETO LXXXIII.

COn la punta del hierro, que pendia
Del tierno lado, lleno d' alto brio,
En fiesta calorosa del estio,
Quando d' Apollo el raio mas ardia:
Mientras que su ganado detenia
A la sombra del bosque ameno, y frio,
En liso pie d'un alamo sombrio
Alcido versos tales escrevia.
Ninguna Ninfa desta silva umbrosa,
Ninguna destas aguas moradora,
Se enoje, quando liere esto qu'escrivo:
Silvia de las hermosas mas hermosa
Con sus ojos me mata, y me enamora,
Por ella muero yo, por ella vivo.

SONETO LXXXIV.

MOstrai Ninfas do Tejo sentimento
Naõ polla Ninfa ao alto Ceo sub

Que feria crueza conhecida,
Pois lá defcanſa em mais ſeguro aſſ
Mas ſó porqu' o ſeu largo apartame
Cortãdo a parca em flor ſua tenra v
Magoada deixou, deixou ſentida
Aquella que naõ ſente o meu torme
Iſto vos ſeja a vós cauſa de magoa,
E naõ a que cauſou ſua grave pena,
Que foi a quem morreo de gloria me
Ver taõ fermoſos olhos cheos d'agoa,
Ver delles eclipſada a luz ſerena,
A quem naõ deixará de magoa cheio

SONETO LXXXV.

Filis, ſe naõ t' abranda a viva vea
De pranto, q̃ por ti vai derramando
O teu Androgeo, a verde erva regando,
Humedecendo a ſeca, e branca area:
As lagrimas d' Alcipo, que recea
Perder o caro amigo, tornem brando
Eſſe teu peito duro: naõ vás dando
Cauſa, que de tal Ninfa tal ſe crea.
Qual fermoſura, ó Filis, foi cantada
Em mais ſuave eſtillo? ou qual dureza
Chorada foi de mais brandos paſtores?
Androgeo immortal faz tua belleza,
Alcipo chora verte deſcuidada
De pagares taõ mal taõ bons amores.

SONETO LXXXVI.

EN ſelva umbroſa, entre montañas pu-
Andando á caça Acteon un dia, (ſta,
Diana vió en una fuente fria
Bañarſe, con ſus Ninfas, por la ſieſta:
Ella deſnuda eſtava, y deſcompueſta,
Colgado el arco d' un laurel tenia,
Y viendo aquel, que tanto della via,
El agua l' arrójo con mano preſta.
Aora di (le dixo) qual me viſte:
Mas que dirà, ſi en ciervo fue mudado?
Huitivo por valles, y por cerros,
Ah vingança cruel, ah moço triſte!
Que por ſeres a caça aficionado
Tu miſmo fuiſte caça de tus perros.

SONETO LXXXVII.

LEandro em noite eſcura indo rompen-
As altas ondas, dellas rodeado (do
No meio d' Helleſponto, já canſado,
E o fogo já na torre morto vendo,
E vendo cada vez ir mais crecendo,
O bravo vento, e o mar mais levantado,
Das ſuas forças já deſconfiado
Os rogos quis provar, naõ lhe valendo.
Hai ondas! ſuſpirando começou:
Mas dellas ſem lhe mais alento dar
A fala contraſtada a traz tornou.

POr hum florido valle entrand
Diana caſta, e Pallas bellico
Encontraraõ com Venus amor
Que pera Adonis ſeu flores co
Qual deſtas flores (Venus lhe diz
A voſſo parecer he mais ferm
Reſpondeo Diana, a vermelha
O roxo lirio, Venus reſpondi
Ouvindo tal a bella mãi d' Amo
Porque naõ porfiaſſem niſſo ma
Lhes diz, chea de graça, e de b
Sabei, ſenhoras, que vos engana
Que Violante excede a toda fl
Em cheiro, e côr, virtude, e fe

SONETO LXXXI

O' filho da minh' alma entriſtecida,
Primeiro que nas maõs imigas caias,
Te quero aventurar nas da ventura:
Ella ordenará (ſe larga vida
Prometido te tem) que daqui ſaias;
E ſe naõ, já tens certa a ſepultura.

SONETO XC.

HE eſte o Neiva do noſſo Sá Miranda,
Inda que taõ piqueno taõ cantado?
He eſte o monte, q̃ foi ás Muſas dado
Em quanto nelle andou quem nos Ceos anda?
O claro rio, onde chorar me manda
Saudoſa lembranſa do paſſado,
O monte, o vale, o boſq̃, o verde prado,
Onde ſoſpira Apollo, Amor s'abranda?
Aqui na tenra flor, na pedra dura
Eſcrevei, Ninfas, e no criſtal puro
Eſtes verſos, que Febo m' inſpirou:
Aqui cantava Sá, daqui ſeguro
Livre do mortal peſo ao Ceo voou:
Paſtores, vinde honrar a ſepultura.

SONETO XCI.

ENgenho raro, ſprito peregrino
Que do Parnaſo a fonte nos moſtraſte,
Naõ ſei ſe chore, porque nos deixaſte,
Se cante entre mortais ver-te divino.

O teu ſuave canto, o meu indino
Faz, de louvar cantando o que cant
E pera naõ chorar, ſei que t' alçaõ
Deixãdo a terra ao Ceo, de qu'eras di
Della neſta baixeza, em taõ diverſos
Eſtremos me verás, pois deſſa parte
Se vem puras tenções, juſtas eſcuſas
Em fim que naõ m' atrevo a celebrarte
Cantem em teu louvor teus brando
verſos;
E ſe t' alguem chorar, chorem-te a
Muſas.

SONETO XCII.

ALma, que neſta vida deſpediſte
Quanto do Ceo podia deſviarte,
Com Maria eſcolhendo a milhor parte,
Eſquecida de ti, Chriſto ſeguiſte.
Deſpois que deſta vida te partiſte,
Triſteza do meu peito naõ ſe parte:
Sem ti me vejo tal em toda parte,
Que o menos mal q' ſinto é ver-me triſte.
Inda que me conſola ter por certo
Que la neſs' alto coro recebida
Gozas do ſummo bem, q' tanto amaſte:
Agora vendo claro, e deſcuberto
O doce eſpoſo teu, por quem a vida,
E todos os bens della deſprezaſte.

SONETO XCIII.

Almas, em quem aquelle fogo mora,
Que penſamentos altos vai criando,
Taõ de verdade os baixos deſprezando,
Que o Ceo do voſſo amor já ſe namora:
Creça de dia em dia, d' hora em hora
O voſſo doce fogo, caſto, e brando,
Qu' envéja aos doos fáceis o tempo andando,
Por quem a Tuſca lira canta, e chora.
Ditoſa tu, que dás á doce pena
De caſtidade, e de belleza rara
Materia nunca viſta em noſſos dias:
Ditoſo quem contente por ti pena,
Pois arde em chama taõ ſuave, e clára
Que de Lethes naõ teme as agoas frias.

AO DOUTOR ANTONIO FERREIRA.

SONETO XCIV.

SE Dona Ines de Caſtro preſumira
Que tinha o largo Ceo determinado
Ser o ſeu triſte fim taõ celebrado
C'o raro ingenho da tua doce lira:
Inda que de mais duros golpes vira
C'o ſeu taõ brando peito traſpaſſado

Do corpo, o triſte ſprito deſatado
Ledo deſta baixeza ſe partira.
Allegre-ſe no Ceo, pois que na terra
O ſeu nome por ti ſerá famoſo,
O qual já naõ lembrava em Portugal,
O teu eſtillo fez á morte guerra,
O' Dona Ines ditoſa; ó tu ditoſo
Que dando vida, ficas immortal!

REPOSTA.

BErnaldez, cujo ſpirito Apollo ſpira,
Volve teu docev erſo, a mim mal dado
Ao grande obgeito teu, que levantado
Por ti ſerá á gloria, a que já aſpira.
Inda onde quer qu'eſtá, chora, e ſoſpira.
O triſte infante, em ver taõ mal chorado
Seu doce amor, de que taõ magoado
Naõ fartou d'agua os olhos, peito d'ira.
Iſto ſó pede ós Ceos, qu' inda da terra,
Qu' eſconde ſuas cinzas, hum lumioſo
Raio ſaia de luz nova, luz tal
Qu' aclare a nuve, que nos cobre, e cerra
Aquella vida, qu', inda que mortal,
De doce amor deſpoja ſaudoſo.

DO MESMO ANTONIO FERREIRA.

SONETO.

BErnardez, tu ó ſom do claro Lima
Inda por ti mais claro, a ſombra fria,
A branca Ninfa, que te deu por guia,
Amor, fazes ſoar na doce rima.
E em quanto a cantas, flores mil de cima
Derrama Citherea, hum louro cria
Pera as tuas fontes Febo, e em cõpanhia
Doutros teu nome leva a outro clima.
Eu mudo, e triſte em lagrimas banhado,
A vida gaſto, em eſperar huma hora,
Que meu fado cruèl m' eſtá detendo;
Entaõ ſolto, entaõ livre, e a mim tornado
Teu doce ſom iria ao meu regendo,
Em tanto teu bem canta, e meu mal chora.

REPOSTA.

SONETO XCV.

ALcipo, hũa dura, e cruel Lima,
Que no meu peito roe, noite, e dia,
Deſtrue o ſom, que Febo dar ſohia
Ao canto meu, qu'ao doce teu s'arrima.

Tu, a quem elle mais ama, a quem amima,
Tanto que com Urania, e com Talia,
Ao ſeu Parnaſo t' alça, e de ti fia
Segredos, que mais ama, e mais eſtima,
Como naõ cantas? tira eſſe cuidado,
Que tanto t' atormenta, d' alma fóra,
Que já onde deſejas t'eſtou vendo.
O choro ſeja meu, pois que forçado
Me tẽ cá minha eſtrella, o Lima encha
De queixas, e de lagrimas agora.

DE PEDRO D'ANDRADE CAMINHA.

SONETO.

BEmardez noſſo, ãtes mais propriamẽte
Das Muſas direi ſõ, pois te tomaraõ
Pera ſi todo; e tanto t' apartaraõ
Do comum fio da profana gente.
Trate as o ſprito ſó, que as ama, e ſente,
Trate-as o teu q̃ de dões todo ornaraõ,
Moſtre as graças q̃ nelle derramaraõ,
Com qu' é de mil ſpritos differente.
Tem eſſa clara, eſſa fermoſa vea,
Que pera ti taõ pura ſempre corre,
Em mais q̃ quãto o mundo mais eſtima.
Vem a ſecar por tempo a fonte chea,
Vem a cair os qu'a fortuna amima,
Mas nunca (antes da vida) eſte dom
morre.

RE-

REPOSTA.

SONETO XCVI.

Ndrade, em cujo fogo novamente
. As Luſitanas Muſas apuraraõ
anto ſeu fogo já, que nos moſtraraõ
m ti hum novo ſol reſplandecente:
tí cantando vaõ taõ altamente,
ue as Gregas, e Latinas s'eſpantaraõ,
endo que ſua graça lhe ronbaraõ,
lercê da tua pena diligente.
eu noíne em teus verſos naõ ſe lea,
oẽ outro em ſeu lugar, o meu ſe borre,
ois vês quaãtos mais ſobẽ mais acima:
mundo, a quẽ me louvas, de mi crea
ue dou por ſeca a vea rouca e rim,
algum favor do Ceo naõ me ſocorre.

O DOUTOR ANTONIO FERREIRA.

SONETO XCVII.

Erreira, eu vi as claras, e fermoſas
Agoas do teu Mondego irem chorando
às lembranças do tempo, que cantando
ndavas nas ſuas praias ſaudoſas.

Naõ

Naõ vi os brancos lirios, nem as roſas
Vermelhas, q̃ moſtrava o campo, quã
A ſerra docemente hias chamando
Com vozes namoradas, mas queixoſas.
Vi ſecos os cenſeiros, que já tantas
Vezes queixar t' ouviram; vi o dia
Eſcuro, a relva triſte em toda parte.
Se nas agoas, no Sol, flores, e plantas,
Vi tanta ſaudade, que faria,
Deixando lá de mim a melhor parte?

AO DOUTOR ANTONIO DE CASTILHO.

SONETO XCVIII.

CAſtilho, alto Caſtilho, levantado
No cume de Parnaſo por tal arte,
Que nem do tempo temes, nẽ de Mart
As forças, que tem tantos derrubado.
Febo, por teu tiſouro ter guardado,
Tal quis ao ſom da lira fabricarte;
E dentro o pôs de ti, de ti os reparte,
Comigo naõ, com que tem milhor fado
Os myrtos onde crecem mais ſeguros,
Os verdes louros onde mais s'eſtendem
Senaõ dentro dos teus fermoſos muros
Em ti as brandas Muſas ſe defendem
Da guerra, que lhes fazem peitos duros
Que dellas, e d'amor mui pouco entendẽ

SO

SONETO XCIX.

CRecei novos loureiros, pois as bellas
Ninfas deſte meu Lima vos plãtaraõ;
As voſſas verdes rimas, qu' alcançaraõ,
Hum dom tamanho, ſubaõ ás eſtrellas.
Naõ temaõ ventos, neves, nem aquellas
Setas, que pera Jove ſe formaraõ,
Qu' os Ceos (que tudo podem) ordenaraõ
Que foſſem pera ſempre livres dellas.
Tanto crecei aqui neſta ribeira,
Que mui cedo com voſco Febo poſſa
Coroar quatro ſpritos, que amo tanto:
Dous Andrades, Caſtilho, e hum Ferreira,
Gloria das nove irmãs, honra da noſſa
Lingoa, que s'enriquece com ſeu canto.

AO CONDE DA IDANHA.

SONETO C.

SE foi ſempre dos grandes mui uſado
Dar hõra, e dar favor a todo ingenho,
Rezaõ tenho, ſenhor, s'eu algum tenho,
De ſer de vós favorecido, e honrado.
E ſó neſta eſperança confiado,
A deſcanſar á voſſa ſombra venho,
Com ſpirito quieto, que detenho
Já noutra occupaçaõ, noutro cuidado.

De

De vós cantar queria o que s
No Ceo, e à terra eſpanta; r
A taõ alta empreſa mal s'a
Mas Febo pera vós me dará r
Tal, que s' entenda por todo
Que o bõ da noſſa idade a vó

AO MESM

SONETO C

PIllar ſeguro, cujos fundai
Sobre taõ firme pedra ſe
Que nunca tempeſtades te c
Antes em ti quebraraõ os ſe
Em tempos taõ revoltos, taõ
Que forças taõ graõ peſo ſoſ
Onde mais fielmente ſe guar
Dos ſegredos reais os penſan
Qual ingenho ſerá, que nãõ s'
De taõ rara prudencia, de
Saber, que ſabe a tudo acon
Apollo ſó te louve, e ſó te ca
Que ſe lingoa mortal cuida l
Naõ tem eſcuſa mais certa qu

AO MESM

SONETO C

SE mal té quis, ſenhor, tenh
Tal ſaber, tal valor, tanta

Naõ he falta d'amor, he da ventura,
Qu'o meu ſpirito ás Muſas tras roubado.
Mas ſe me vir por vós a mim tornado,
Logrando o boſque, o valle, a fonte pura,
Qual planta ſe verá, qual pedra dura,
Sem ter o voſſo nome em ſi cortado?
Alli a branca palma, o verde louro,
Meu canto vos dará doutro Carneiro,
Que do mar ſalvou Frixo, e da madraſta:
Por quem Jaſaõ, antigo aventureiro
Ganhou, em conquiſtar ſua lã d'ouro,
Tal fama que jámais o tempo a gaſta.

A DON FERNANDO ALVAREZ DE CASTRO.

SONETO CIII.

HOnra de Luſitania, ſprito lleno
De lo mejor qu'el Cielo acà reparte,
Que por ſi la virtud, y no por arte,
Adquires de lo bueno lo mas bueno:
Pues que dezir no puedo, y dello peno,
A un que me deſvele en alabarte,
De mil, que veo en ti, la menor parte,
Quedenſe todas mil dentro en mi ſeno.
Un dulçe entretener con corteſia,
Un no faltar un punto a lo devido,
Juntando a larga mano gello ledo,

Si ben no lo comprehende mi ſentido ;
Mal lo pued' eſcrivir la pluma mia :
Y anſi paſmado yo, y mudo quedo.

SONETO CIV.

QUe louve quanto devo, manda Amor,
O muito q̃ de vós n'alma m'eſcreve :
Bem me póde mandar como ſenhor ;
Mas, ſenhora, o ingenho naõ s'atreve.
Tais graças do Ceo tendes, tal favor,
Que pera vos louvar a vida he breve :
Voſſos eſtremos, dinos de louvor,
Vos tiraõ o louvor que ſe vos deve.
A caſta fermoſura, as peregrinas
Virtudes, o alto avizo, a tençaõ alta,
Me tólhem que tamanha empreſa tome:
A vontade deſeja, o poder falta,
Mil partes vêdo em vós d'eſpanto dinas,
Das que tendes o nome, e ſobrenome.

AO CONDE DE MATOSINHOS.

SONETO CV.

SE com louvor geral, geral ſpanto,
Dous Frãciſcos ẽ gloria, e fama iguais,
Ambos das Muſas filhos, ambos pais,
[illegible]geraõ Sorga, e Neiva valer tanto :
[illegible](a qu' inda aſſi pouco levanto)
[illegible]nome o meſmo ſendo, mais no mais,

Que

Que taõ fermoſo o Leça nos moſtrais,
Que louvor ſe dará, que novo canto?
Elle pera vós crie as tenras flores,
Por entre os freixos verdes, e ſombrios,
De que Febo capellas vos ordene:
Ah qu' enveja lhe tem famoſos rios,
Sabeto, Mincio, e Pó, com outros mores
As agoas de Caſtalia, e d' Hipocrene.

AO MESMO.

SONETO CVI.

MOſtroume Febo hũ dia o ſeu tiſouro,
Nos brandos verſos d' hum felice ſprito,
Em cuja fronte vi qu' eſtava eſcrito,
De mim naõ ſe deſpreza o verde louro.
E alto diſſe, tocando a lira d' ouro,
Deſte ſoando irá a fama, e grito
Do branco Apenino té o negro Egypto,
E do rico Gange ao ſeu patrio Douro.
Deſte, quem buſca fama em ſuas rimas,
Eſtilo imite, fraſes, e figuras,
Que deſte confiei meu alto canto.
Ah ſenhor, (reſpondi) ſe naõ apuras
O toſco ingenho meu, ſe o tu naõ limas,
Peſado he, naõ póde ſobir tanto.

A ALVARO PIREZ DE TAVORA.

SONETO CVII.

ONde os mais altos dões, qu' o Ceo reparte,
Juntou com larga maõ, rara ventura,
Eſtranha corteſia, alta brandura,
Dos filhos da fortuna a milhor parte?
Onde a largueza, luz do ingenho, e arte,
D'eſtreita condiçaõ eſtá ſegura?
Onde com mais louvor de novo apura
Febo o avizo ſeu, ſeu esforço Marte?
Nio cantava Urania, iſto tambem
Euterpe, e Clio com voz doce, e branda,
Quando lhes diſſe Apollo reſpondendo:
Num eſprito gentil, filho de quem
Eufrate agora treme, e os reinos mãda
A quẽ meus raios dou logo em naſcẽdo.

A DON DIEGO DE CORDOVA.

SONETO CVIII.

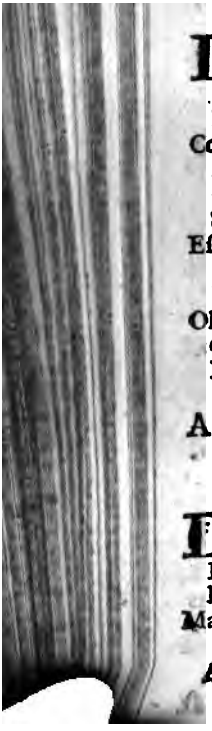
AQui, ſeñor, a dõ moſtrar deſſeo
Mi verſo mas ſonoro, y mas ſabio,
Me tiene hum grã temor tan encogido,
Que todo d'outra ſuerte ſalir veo.
Mas baſta que de vòs entiendo, y creo
Serdes gloria de Marte, y de Cupido;

Y tanto de las Muſas eſcogido,
Que ſobis a ſu cumbre ſiã rodeo.
Eſto con la blandura, y corteſia,
Alto valor, alto ingenio, avivo, y arte,
Para loaros piden mas ſoſſiego:
Mas el tiempo, qué aora lo deſvia,
Occaſion me dará, que en otra parte
Celébre al gran don Diego otro Diego.

A ALVARO PINHEIRO ALCAIDE MOR DE BARCELLOS.

SONETO CIX.

JÁ Febo naõ celébre o ſeu loureiro,
Tanto d' altos ſpritos cobiçado;
Mas lá no ſeu Parnaſo celebrado
Delle, e das nove irmãs ſeja o pinheiro.
O Capitaõ illuſtre, o Cavalleiro,
Por grandes vencimentos affamado,
Delle pertenda ſó ſer coroado,
Naõ da planta, que foi Ninfa primeiro.
E vós, raros Poetas, ſe aſpiraes
A glorioſo nome, a immortal fama,
Cantai á ſua ſombra os ſeus louvores:
As Muſas, que por elle valem mais,
Novo premio vos dem da ſua rama,
Já d'outras folhas naõ, nem d'outras flores.



LUiz, que tanta luz, no
Do valeroſo ſprito det
Que como raio ardente te
Nas mais ſeguras forças n
Com teu alto valor, com br
He tal o raro nome que g
Qu', inda qu' o largo temp
Sempre ſerá famoſo, clar
Eſpantouſe de ti a fera Mor
Vendo que tinhas della po
E qu' o ſeu proprio officio
Oh venturoſo fado, honroſa
Que alli, onde ſe veio a p
Nome, fama, louvor foſte

A DON ALONSO C

SONETO C

DEſejo, ó bom Coloma, e
Comprir c'o a devida ol
Receio parecer adulaçaõ
Em tempo que pertendo te
Mas quem nunca adulou R
nhor,
A ti o fará menos com raza

Porque quando as virtudes claras saõ,
Naõ fica quem as louva adulador.
Tu piloto do Ceo, tu das divinas
Letras expositor suave, e certo,
Tu que prégas o bom, e do bom usas,
Tu exemplo de quanto ao mundo insinas,
Por mim lembra ao senhor, e nosso Alberto,
Que seja hum novo Augusto ás brandas Musas.

A DOM ALVARO PIRES DE CASTRO.

SONETO CXII.

SE brando Amor vos trata asperamẽte,
D. Alvro meu senhor, se vos condena
A padecer sem culpa tanta pena, (te:
Que bẽ mostrais no rosto o qu'alma sen-
Soffrei, servi, amai, sede contente
Do que quem vós amais, de vós ordena;
Que a pos a tempestade ha luz serena,
A pos a noite Sol resplandecente.
Quando destes trabalhos, que passais,
Colherdes (como espero) doce fruito,
Alegre vos será sua lembrança:
E posto que vos falte esta esperança,
Deveis (só pola causa) estimar muito
Lagrimas, que sem causa derramais.

AO DUQUE D'AVEIRO

SONETO CXIII.

JÁ' vem voando o deſejado dia,
No qual eſpero unir duas bellas pias
Onde por dom do Ceo florecem quãs
Virtudes bellas tem a mór valia,
Sangue Real, aviſo, corteſia,
Brandura com largueza, as obras ſant
E outras mil grandezas, tais, e tant
Quantas, fóra de ſi, juntar podia.
Taes verſos Himineo, quando a fermoſa
Manhã dourando vinha o Oriente,
Canton na ſeca Praia Luſitana;
Apollo os dedicou alegremente
A ti, Alvro ditoſo, e a ti ditoſa
Bella conſorte ſua Juliana.

A FRANCISCO D'ANDRADE

SONETO CXIV.

SE pago tarde, e mal, ſe cauſo ſpant
Avendo tanto tempo que m'honraſte
Quando tu por ventura t' enganaſte,
Mal empregando em mim o teu bo
canto;
De Muſa pobre, inculta, dada a pranto,
Que mais ſe póde'ſprar? e iſto baſte,

Com ver, ó doce Ciſne, que t' alçaſte
Taõ alto, que mui poucos ſobem tanto.
O duro arco d' Amor, as ſetas duras,
O cruel fogo ſeu. ao ſom da lira,
Abrandas com teu verſo puro, e claro,
Hora de Marte cantes força, e ira,
Hora da branda Venus mil branduras,
Sempre te moſtras doce, ſempre raro.

REPOSTA DE FRANCISCO D'ANDRADE.

SONETO.

TAl foi a tua paga, que m' eſpanto;
Vendo quaõ ſem razaõ meu canto honraſte,
Como tanto comigo t' enganaſte,
Qu' em mim taõ mal empregas taõ bom canto?
Devido á minha Muſa era ſó pranto,
Pois pera a levantar naõ ha que baſte,
E s'ella eſtá agor' alta, tu a alçaſte
Com teu taõ alto eſtilo, e doce canto;
O Letheo licor, as pedras duras,
Trará a pos ſi o ſom da tua lira,
Doce, ſuave, brando, puro, e claro,
Abrandará de Marte a cruel ira,
Em Venus cauſará novas branduras:
Cante pois de ti ſempre o qu' he mais raro.

AO

POis torna por ſeu Rey, e j
Por Chriſto, a governar aqu
Onde ſe tem moſtrado hum N
Marte
O famoſo Luis, juſto, e pru
O Tejo eſpere ver do Oriente
(Onde taõ raros dões o Ceo
Rendido a tanto esforço, aviz
Mil palmas, mil tributos nov
Os que bebem no Gange, os qu
A quẽ valeo aui pouco lança,
Renderſe-lhe averaõ por bon
Eufrates tremerá ſeu nome ouvi
Que pera ſó c'o elle vencer t
Tem com ſeu braço já tudo v

A' FABRICA DO ESCU

SONETO CXV

OCtava maravilla, antes pr
De las que anſi llamarſe m
Lo menos que de ti mis ojos
Harà que de las ſiete el nomb
Un mundo nuevo, una nueva f
Humanas fuerças fabricar pu

Los Cielos al gran Rey lo conſintieron:
Otro mortal jámas tal obra hiziera.
Mirando tu valor, grandeza, y arte,
Y fuerça, que no teme tiempo, o caſo,
Tu pertencion mirè con otros ojos:
Pobre me pareciſte, y flaca parte,
Y puesto que tan ancho, eſtrecho vaſo,
Para depoſitar tales deſpojos.

A O RIO LIMA.

SONETO CXVII.

NAõ corre o Lima como de primeiro,
Alegre, e claro; antes triſte chora,
Em vez da brãda frauta, ouvindo agora
Do concavo lataõ o ſom guerreiro.
Temendo a ſolta maõ do eſtrangeiro,
Naõ ouſaõ as Napeas ſair fora:
Deſmaia o que mais perto delle mora,
Suſpira o lavrador, geme o vaqueiro:
Dos fruitos, que com ſeu trabalho duro
Colheraõ pera ſi da terra dura,
Lhes fazem ſoſtentar quem os abraſa:
E naõ contentes diſto (ah deſventura!)
O ſoldado cruel, livre, e ſeguro,
Da honra quer uſar como da caſa.

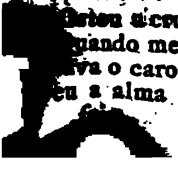
AO MESMO RIO.

SONETO CXVIII.

CRecem as fontes, q̃ vem dar no Lima,
Com lagrimas de quẽ ſuas agoas bebe:
Elle tambem com lagrimas recebe
O licor triſte, que o mais laſtima.
O mar (que ſeu tributo preza, e eſtima)
Da mudança, que vê, pena concebe,
E hora eſpraia o choro, hora o embebe,
Com dôr do que lhe vai de cá de cima.
Naõ ſó moſtraõ as agoas ſentimento,
As doces q̃ ſaõ brandas, e as ſalgadas,
Mas inda as duras feras ſe entriſtecem:
Ninguem ſpera já contentamento,
As eſperanças já ſaõ acabadas,
Os males cada vez de nóvo crecem.

DO LICENCIADO GONÇALO FERNANDEZ.

SONETO.



Quem

ſto ſe desfaz o falſo brio,
o mũdo faz caſo, e o vaõ cuidad
a mim (porqu' eſtou deſeng
do)
o quanto ha nelle deſconſio.
imagens, ſombras fugitivas
atempos ſeus, ſeus varios goſto
ne nos ceva, engana, e nos co
la:
re de couſas mais nocivas,
o Jano moſtra-nos dous roſtos:
la em idade, e longa vida.

OSI'A DE DIOG FERNANDES.

SONETO.

nais firme hum alamo ſombric
o de bravos ventos meneado,
ſſa mortal vida: e bem olhad
nfiança nella he deſvario.
eraõ, ſem eſperar o eſtio,
amigo teu te foi roubado:
, pera naõ ſer ſempre cherad
as razões proprias te deſvio.
ças do Ceo, ſempre em ſi viv
ltos penſamentos nelle poſtos,
ndo eſtaõ do mundo, quem d
da?

Vês tu nelle senaõ magoas esquivas?
Trabalhos, falsos bens, certos desgostos,
Vês mór enganador, mór homecida?

OUTRO DO MESMO,

SONETO.

SObre as ondas do mar alevantada
A cabeça Neptuno tendo hum dia,
Notou o poder grande, a monarchia
De quem podia juntar taõ forte armada.
Chamou Trifon com voz rouca, apressada:
O qual veio cortando a onda fria.
Vaite ao Sidonio duque (lhe dizia)
Offerece-lhe este reino, em tal jornada.
Dize, que eu, e os unidos senhores
Lhe seremos propicios, nada insanos,
Em que pês os desmanchos de Eolo.
Qu' o Ceo lhe tem guardado altos favores,
A terra lhe promete largos annos,
A fama de o levar d'hum ao outro polo.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXIX.

SObre as Musas a tua mais amada
De brando, e louro Febo ser devia,
Pois

Pois enche ſua fonte d'armonia
Mais alta, mais ſuave, e deſuſada.
Qual do Ceruleo Rey tal embaixada,
Naõ ſendo elle ; recitar podia,
Ao graõ Duque, q̃ o grande Rey envia,
Com forças, q̃ naõ podem temer nada ;
O quam bem que parecem teus louvores,
Em quem deſtruirá ritos profanos,
Ponẽdo de Chriſto o jugo ao ingres collo!
Mil coroas de gloria deixo, flores
Lhe teceõ já nos coros ſoberanos,
Anjos, em vez das Muſas, e d'Apollo.

OUTRO DO MESMO.

SONETO.

A Minha Muſa pouco aventajada,
Que té gora ſilencio poſto avia,
Tornar ás turvas agoas que bebia,
He porque foi da tua viſitada.
Iſto a fez ſer tamanha, e taõ ouſada,
Que ſendo d'antes baixa, e ſem valia,
Fez agora perfeita melodia
Na lira, que lhe déſte temperada.
Mas tu, que ſó naõ vendes falſas cores,
Podes cantar Herois, mais do q̃ humanos,
E pôr o pé mais alto que Timollo,
Que o de Sidonia, e Parma protectores,
Faraõ taõ bravo eſtrago em Lutheranos,
Que herdẽ ſós o ſepulchro de Mauſolo.

REPOSTA DO AUT

SONETO CXX.

Como manhã de muitos deseja
Que o Ceo, e a terra enche d'
Quando depois de noite alta, e so
Sobre o Ganges aparece alva, e r
Tal de serena luz alegre, e prnad
A tua branda, e nova poesia
Se mostra á minha Musa, que n
Ás sombras, de qu' andava rod
E já com teu louvor, entre os mih
Poetas, que tu honras, Lusitan
Como com vento o mar, m' alt
empolo.
Já cuido que me saõ infeiores
Muitos, que dos seus versos vaõ
Que com tal guia tudo venço, e

DO MESMO DIO FERNANDEZ.

SONETO.

SE me estivera bem tomar a esp
Que já algũ tempo ao lado me c
Em campo entrára cheo d' ousad
Contra quem te naõ dá gloria do

Mas a vida, por Deos que me foi dada,
Do bellicoso Marte me desvia:
Só co a pena louvarte poderia,
Se naõ temera ser de ti engeitada.
De teus correntes versos os primores,
Os teus conceitos mais que Mantuanos,
Minerva os cria em seu maternal colo.
Naõ os vi nunca tais, nunca maiores;
Mais ouro tem do q̃ ha nos Mexicanos,
E do que teve o aurifero Patolo.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXXI.

ESta contenda nossa treplicada
Se tivesse aqui fim, graõ bem seria,
Sem dar novo trabalho á fantasia,
Em cousa que val pouco, inda q̃ achada.
A palma a tua Sousa a tem ganhada,
A minha lha concede sem porfia,
Porque sem ter razaõ contradiria
Sentença já de Febo publicada.
Sempre te siguirei por onde fores,
Tomando os teus bem dados desenganos,
Com que meu verso emendo, a mim consolo:
Hora das armas cante, hora d'amores,
Hora chore desordem dos mundanos,
Altra guida no bramo, altra no volo.

A PEDRALVA

SONET

Este me pareceo
De vos fazer, ſen
Porque, já que me
Naõ a deixe perde
Primeiro que ſe torn
(Qu'em larga idade
Certaj das dilações
Pois no que peço a
Aſſi naõ ſintaes nunca
Da branda Cithere
Sempre as Iberias
Mais os remedios me
Vença do Souſa am
O que detendo eſt

AO CONDE
RODR

SONET

BEm compriſte co
O bom Chriſtova
ceſte;
Pois com teu bom c
Inda que de taõ lon

:mpre moſtraſte o bem que lhe querias,
Sempre de todo mal a defendeſte,
Mais com mor louvor teu, agora neſte
Que tanto a quebrantou, por tãtas vias,
que nella ſe vai aquietando
O roido de Marte temeroſo,
Tambem como mãi pague o q̃ te deve:
las que paga (ó ſprito generoſo)
Tal póde ſer, a naõ ſer amor brando,
Que pera ti naõ ſeja paga leve?

MATHIAS D'ALBUQUERQUE.

SONETO CXXIV.

QUem he o que te trata com rigor,
Que tu, fortuna, maltratar querias?
Quem póde ſer ſenaõ o graõ Mathias
D'albuquerque, de Marte honra, e ter-
ror?
: tinhas conhecido o ſeu valor,
Como tamanha empreza cometias?
Pollo naõ ver o mundo em poucos dias,
De mim que tudo venço, vencedor:
ois que t' aproveitou verme affrontada,
Qu'eſperavas ficar? victorioſa;
Agora como ficas? abatida.
iſſo te moſtras tu mais enganada:
Porque? porque de maõ taõ valeroſa
Deves de ter por honra ſer vencida.

So-

SONETO CXXV.

AGora, que ſeu roſto temeroſo
Mais manſo o bravo Marte vai mo-
trando,
Deſpindo o ſorte-arnez, deſembraçando
O eſcudo fatal d'aço luſtroſo,
Apollo de vós cante, ó valeroſo
Peito, na guerra duro, na paz brando,
O como em guerra, e em paz ides mo-
ſtrando
O genio do graõ pai, e avô famoſo.
Delle naõ pretendais mores louvores,
Baſta moſtrar no mundo (o qual vos
ama
Por voſs' alta virtude, alto valor)
Que dignos ſois de taes progenitores:
Iſto fará mais grande a voſſa fama,
E tudo o mais ſerá menos louvor.

SONETO CXXVI.

QUando Lucrecia vio o caſto leito,
Do ſoberbo Tarquino injuriado,
Eſtas palavras diſſe trefpaſſado
Tendo com duro ferro o tenro peito.
Por teſtemunhas, neſte paſſo eſtreito,
Dou meu ſprito a quem mo tinha dado,
A meu eſpoſo o ſangue derramado,
Como naõ conſenti no torpe feito.

Ambos

Ambos minha pureza iraõ moſtrando,
Hũ neſte mundo eſcuro, outro no claro,
Donde meu triſte fado já me chama.
Querendo mais dizer, foi lhe faltando
A voz, partio o eſprito puro, e raro,
A vida deſprezando polla fama.

SONETO CXXVII.

VEndo Narciſo em huma fonte clara
A ſombra ſó da propria fermoſura,
De ſi vencido (Amor quis por ventura
Vingar as Ninfas qu' elle deſprezara)
Todo enlevado na belleza rara,
Que ſeu peito abraſou em chama pura,
Chorando diſſe, á ſua vã figura,
Por quem perdeo em fim a vida chara:
O' Ninfa deſtas agoas moradora,
Surda em ouvirme, muda em reſponderme,
Naõ vês a quem naõ ouves, nem reſpondes?
Naõ vês que ſou Narciſo? ai que por verme,
Mil Ninfas d' outras fontes ſaem fora?
E tu por me naõ ver, neſta t' eſcondes?

SONETO CXXVIII.

BEm moſtrou o pintor eſtillo agudo
No retrato, ſenhora, que vos mando,

Pois naõ ſó o parecer foi retratando;
Mas os effeitos com mais alto eſtudo.
Se vai mudo ante vós, eu fico mudo;
Se ſurdo, e cego, bem cego, e ſurdo ando;
Se morto, a vida vai-ſe-me acabando;
Em fim que vai conforme a mim em tudo.
Mas na ventura fica avantajado,
Que vai (com goſto voſſo) á voſſa maõ,
Onde ſerá milhor viſto, e tratado:
Mercês, que ſe deviaõ por rezaõ
Ao proprio original, porque o treſlado
Naõ vê, nem ſente de que preço ſaõ.

A TODOS OS SANCTOS NO SEU DIA.

SONETO CXXIX.

COmpanheiros de Chriſto, q̃ plantaſtes
No mundo a ſua Fé, nada temendo,
E a verdade, que foſtes eſtendendo,
Com obras milagroſas confirmaſtes.
Martyres, que por elle derramaſtes,
O voſſo ſangue, alegres padecendo:
Doutores, que prégando, e eſcrevendo,
O caminho do Ceo nos inſinaſtes:
Virgens, qu'em voſſa verde, e tenra idade
Por ſeu amor ſoffreſtes ferro, e fogo,
A todos peço, neſté voſſo dia,

Que

Que todos m'ajudeis com voſſo rogo
Diante da Divina Mageſtade,
Tomando por terceira a Virgem pia.

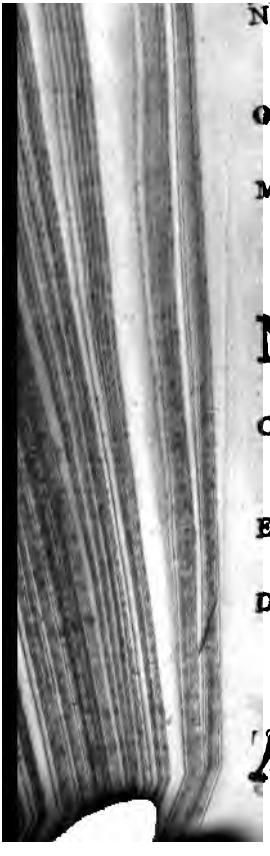
AO PADRE Fr. AGOSTINHO DA CRUZ SEU IRMAÕ.

SONETO CXXX.

AGoſtinho irmaõ meu, ſe neſſa dura
Serra das bravas ondas ſollapada,
Onde guiando vás pobre manada
Por via aſſás eſtreita, mas ſegura,
Te lembras algum dia, por ventura,
Que vou caſi no cabo da jornada,
Lá como a Cananea, por mim brada,
A Jeſus d'Amor puro, fonte pura.
Por mim perdaõ lhe pede, chora, e grita,
Pois eu, por culpas minhas naõ mereço
Delle, (qu'ouvio ſeus brados) ſer ouvi-
Quais foraõ rogos ſeus, á filha afflita, (do,
Tais me ſejaõ os teus, que do que peço,
O Senhor, a quem ſerves, he ſervido.

SONETO CXXXI.

REtrato da belleza nova, e pura,
Que com divina maõ, divino ingenho,
Amor retratou n'alma, onde vos tenho
Das injurias do tempo mais ſegura,



Naõ moſtreis aſpereza
Por vos vingar de m
A tanta confiança ;
Os olhos em tamanh
O reſplandor do Ceo ,
A quem olha ſeus r
A viſtà ſõ por breve
Mas voſſa luz mais cla
Juntamente me cega
Vede o Sol que fará ,

SONET

NAs liras, q̃ do fre
Ninfas do rio Lim
Penduraſtes, com p
Do voſſo Alcido o
Cantai com grave ſon
A ſua deſejada libe
Pois elle d'Amor p
De Silvia vos canto
E tu ſeu patrio Lima ,
Eſtavas (com razaõ
Veſtido em limo ver
De quantas flores reg
Sae da tua fonte e
Inda que triſte torn

SONETO

AGoas do claro Li
Pera mim, noutro

ıe correr vejo agora turvo, eſcuro,
ıem afogou em vós minh' alegria?
ei, que com vos ver deſcanſaria
› mal do cativeiro, triſte, e duro;
as mais, ſem goſto aqui, menos ſeguro
e vejo, do que me vi em Berberia.
ança vejo aqui em arvoredos,
eſceraõ muitos, muitos acabaraõ,
z ſeu officio em tudo á natureza:
; couſas porém naõ ſe mudaraõ,
ıgar, e duro ſer deſtes penedos,
: voſſos naturais teima, e dureza.

O CONDE D'ODEMIRA DOM SANCHO.

SONETO CXXXIV.

Ermoſa, e tenra planta, illuſtre, e leda
Qu' á ſombra doutra illuſtre, e triſte
creſces,
Ceo, qu' em tal fazã quis q̃ naſceſſes,
vor em todo o tempo te conceda.
ſinfas, que o Mondego á viſta veda
ıe tu já com a tua favoreces,
tos feitos eſperaõ que comeces
ra ornar com elles ouro, e ſeda.
lhes dilatará eſte deſejo
tenra idade tua, que naõ cede
ſegundo dos Planetas neto, e

O teu materno tronco farás l
Novos tropheos dando ao p
Com braço vencedor, peit

SEXTINA A HUM

SE pertendeis, ſenhor, do
O premio alcançar da mai
No freſco Pindo celebrado m
Naõ deixeis de ſeguir pello
Que começaſtes, com louvor
Que tudo vence hum valeroſ

Em ocio vil hum grande, e
Paſſar naõ deixa a ſua idade
Querem trabalho, e tempo as
Naõ ſe deſcobre ſempre a lu
Pouco a pouco ſe moſtra o b
Por antre as brenhas do cerr

Hora no fundo rio, hora no m
Mil vezes acontece dar de p
O que cuida que vai por bom
Direito, e chaõ piſando a rel
Mas logo (a quem na volta)
Seguro paſſo, com favor das

Naõ entendaõ de vós as bran
Que tudo vos parece aſpero
Por onde vos obriga a ſubir

aõ entre tal receo em voſſo peito,
n'em ſeccos troncos acha-ſe erva verde,
ombras, e fontes no pior caminho.

onde os olhos no fim deſte caminho,
ereis no cabo delle eſtar as Muſas,
nto da clara fonte em prado verde,
a mais alegre parte do ſeu monte,
ltando doces verſos do ſeu peito
o ſom da lira do ſuave Febo.

gui, ſenhor, ſegui o brando Febo,
is ſempre vos guiou por bom caminho,
ſpirando de novo em voſſo peito
gredos altos, que convém ás Muſas,
ra vos dar capella, no ſeu monte,
a ſua (que foi Ninfa) planta verde.

ora ſecco, hora verde o ſeu caminho
os moſtra Febo, ſempre firme peito
ra das Muſas cultivar o monte.

Repoſta pelas meſmas palavras.

Omo poſſo eu deixar do louro verde
O premio conſeguir, ó novo Febo,
vós me dais a maõ pera ir ao monte,
qual nunca acertar ſoube o caminho?
mo com guia tal as brandas Muſas
e naõ deſcubriráõ todo o ſeu peito?

Confeſſo qu' atégora tive hu
D' inconvenientes mil dentro
Que me difficultavaõ o cami
Que tem no cabo aquella plan
Que ſe regou cõm lagrimas d
E qu' ornamento he rico das

Algum tempo tentei haver d
Licença pera ir ver o freſco
Onde ſegredos ſeus tratаõ co
Mas inda eſte deſejo no meu p
Senhor, eſtava quaſi em her
Quando o cortou o medo do

Puz os olhos em qual era o c
E na conta, que s' hoje faz d
E c'o iſto enfreei da idade ve
O appetite, qu' he maior que
Quando acerta a creſcer dẽtr
Onde nunca chegou a luz de

Mas pois me tira o medo o lo
Neſte voſſo conſelho, do can
Qu' o ſangue me eſfriou dentr

Já por trabalho algum, nunca das Musas
Deixarei de seguir em valle, ou monte,
O exercicio, em praia, ou relva verde.

E ou verde, ou esteril o caminho
Me mostre Febo, com seguro peito,
Das Musas hei de ver (se posso) o monte.

AO MESMO AMIGO.

SONETO.

ARmia do meu mal está-se rindo:
Tu, Diogo, tambem, segundo vejo,
E eu estou chorando mais que o Tejo,
Mais que Ganges, qu' Eufrates, Nilo, e Indo
Estou contigo em parte desavindo
Pello que m'escreveste taõ sem pejo,
Em que mostras cuidar que o meu desejo
Fóra d' Armia, mais me está pedindo.
Se tens do meu amor este conceito,
Erraste cõtra o amor mais firme, e puro,
Que no mundo se teve a criatura.
Rompe com seixo, amigo, esse teu peito,
Pede perdaõ da culpa, qu' eu te juro,
Que póde Armia estar de mim segura.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXXXV.

COmo queres, amigo, viver rindo,
S' a tua Armia vir o qu' eu naõ vejo!
Qual paſtor ſe creou junto do Tejo,
D'Amphriſo, Alpheo, e Tibre, eſcuſo ou Indo,
Que naõ choraſſe, andando deſavindo
Do ſeu amor? que naõ tiveſſe pejo
De nelle ſe crear outro deſejo,
Que pena, e naõ amor foſſe pedindo?
Eu nunca de ti tive mao conceito,
Nem tu tens porque deixes de ſer puro,
Amando o Creador na creatura:
Armia reine ſó neſſe teu peito,
Pois tu reinas no ſeu; porque te juro
Que fóra diſto naõ ha couſa ſegura.

AO MESMO AMIGO.

SONETO CXXXVI.

ENtr'ondas de Neptuno, que bramia,
Al ayre d'alta niebla oſcuro, y ciego,
Cantaſte, dulce amigo, ardiẽdo en fuego
Las ſoledades de tu cara Armia.
mo ſi reclinado en ſombra fria
De riberas del Tajo, ò del Mondego,

En ocio eſtuvieras con ſociego,
Con hermanas de Febo en compañia.
Qual blanco Ciſne en aguas ſocegadas,
O qual en tempeſtad dulce Sirena
Canto ſoltô jàmas tan amoroſo?
Dichoſa Armia, de tu fuente vena,
Y gloria de las Ninfas celebradas
En tierra ſea, o ſea en mar furioſo.

REPOSTA.

SONETO.

NI ver tal a Neptuno que bramia,
Ni el ayre ver d'oſcura niebla ciego,
Ni tan eſpeſſos raios ver de fuego,
Que arderſe el miſmo Cielo parecia,
De mi pecho quitar pudo la fria
Congoxa triſte, y gran deſaſociego,
Qu'el auſencia d'Armia (amigo Diego)
Con dura mano en el pueſta tenia.
Deſto otras tempeſtades levantadas
Sintiendo en mi, de mas peligro y pena
Canto nuevo empecè triſte y lloroſo;
De Ciſne no, tan poco de Sirena;
Mas d'entreñas auſentes, y apartadas
De ſu bien, de ſu amor, de ſu repoſo.

DO MESMO AMI(

SONETO.

Diogo amigo meu, meu bom
Pois d' Amor tẽs cantado vari
Hora em eſtado triſte, hor'em co
Qu'hũ conſelho me queiras dar, t
Abrazo-me d' amor em vivo fogo
E aquilſo, que mais alma triſte
He ver taõ fria a cauſa do acci
Qu' eſtá deſte meu mal fazendo
Dei já de meu amor mil claras pro
Com lagrimas cem mil tenho lav
A culpa, que me deu a minha A
Eſtas da vida minha ſaõ as novas:
Aconſelhame tu, ſe neſte eſtad
De meu remedio tenho melhoria.

REPOSTA DO AUT

SONETO CXXXVII

ENtaõ deixarei eu de ſer Diog
Quando tu me naõ vires vari
Do teu mal triſte, e do teu bẽ co
Por iſſo, amigo meu, eſcuſa o
Tu deves (quanto a mim) ſoffrer
Que mais penetra n'alma qu
ſente,

Já que de ti naſceo eſſe accidente
Qu' agora com rezaõ te faz mao jogo.
Eſſas lagrimas tuas, eſſas provas,
Eſſe coraçaõ teu puro, e lavado
Deves com tudo o mais á tua Armia.
Naõ cõmettas de novo culpas novas,
Que, pera ſe mudar teu triſte eſtado,
Naõ te poſſo moſtrar mais certa via.

AO MESMO AMIGO.

SONETO CXXXVIII.

COutinho, em tudo puro, em tudo brando,
E nos amores teus mais brando, e puro,
Que com felice engenho o pé ſeguro
Moves pello Parnaſo caminhando:
Nos teus verſos, que li, e fui notando,
Nenhum diſforme achei, nenhũ eſcuro,
Nenhum ſobejo, ou falto, frio, ou duro;
Mercê d'Apollo, que te vai guiando.
Por iſſo naõ deſiſtas do caminho,
Em que te poz amor, vontade, ou ſorte,
Até paſſar o ſeu mais alto cume,
Onde teu claro nome, ao Ceo vezinho,
Naõ ſe tema do tempo, nem da morte,
Que tudo (ſem tal dom) gaſta, e conſume.

AO MESMO AMIGO

SONETO CXXXIX.

TAntos dias taõ maos, tãtos chuv
Des q̃ daqui, ſenhor, vos auſentaſ
Deſejo de ſaber ſe os paſſaſtes,
Na voſſa dos Vaqueiros cõ Vaqueir
Mas ſe por entre murtas, e loureiros,
Só c'o as brandas Muſas converſaſtes,
Dizei me quantos verſos lá deixaſtes
Eſcritos nas cortiças dos ſalgueiros.
Que bem ſe deve crer que Amor daria
Materia ſaudoſa a voſſo engenho,
Naõ vendo a voſſa cara, e bella Armia.
Olhai que pois tambem do campo venho,
Que na meſma moeda ind' algum dia
Irei pagando o que pedido tenho.

A' MORTE DO DOUTOR ANTONIO DE CASTILHO.

SONETO CXL.

O' Bom Caſtilho, onde guardava o Ceo
Quanto na terra tem em maior conta:
A morte o derrubou, naõ tendo conta
Com quanto dentro nelle ſe perdeo.

Mas

Mas, inda que caio, a fama ergueo
Tanto ſeu claro nome, que deſconta
A dôr, q̃ nos deixou, e a grande afronta
Que Febo, e o mundo todo recebeo.
Com tudo (e diſto naõ me maravilho)
As brandas Muſas vendo o duro caſo,
De Luſitania logo ſe partiraõ:
Tornaraõ a morar no ſeu Parnaſo,
Sentidas de perder taõ bom Caſtilho,
E lá por elle choraõ, lá ſuſpiraõ.

A DIOGO DE CASTILHO SEU FILHO EM REPOSTA D'OUTRO.

SONETO CXLI.

A Graça nos teus verſos imprimida (la,
Por dõ do Ceo, ou por paterna eſtrel-
Naõ empregues em mim honra cõ ella;
Outra mais doce Muſa, mais ſubida.
Mas inda que de mim mal merecida
Seja taõ grã mercê, por merecella,
Sempre trabalharei, pois cauſa delſa
Sómente foi amor, que a mais convida.
E tu vencido delle t' enganaſte,
Ouro te pareceo a vil eſcoria,
Que por tal ſei qu' alguns a julgaráõ:
E ſe Torcato vir que me louvaſte,
Roubarlhe (com trocalo) a ſua gloria,
Cuido que ſerá d'outra opiniaõ.

Pouco lentira a dor de tal mu
Mas meu fado cruel, que naõ d
De sempre me cansar continu
Me faz lembrar que já me vi
Por me fazer mais triste na len
De cousas, de que naõ deixou
O leve tempo, dellas avaren
Agora quer que seja persegui
E pera dar mór força a meu tor
Naõ me busca de novo novo
Antes me poem diante o ben

SONETO CXLI

SEnhor, qual sempre fui, tal
Gostos minguaõ ẽ mim, triste
Os gostos igualmente já m' er
Por mais q̃ o curso seu mudẽ

Va sempre por nossa honra produzindo
Flores com fructo; e tanto reverdeça,
Qu' esse seu mesmo autor s' alegre, e
admire.

AOS CABELLOS DA BARBA, QUE D. JOAÕ DE CASTRO Viso-Rey da India empenhou á cidade de Goa.

SONETO CXLIV.

DEspojos do mais forte, e valeroso
Capitaõ, que se vio em nossa idade,
Ornado d'alto avizo, e de bondade,
No conselho, e nas armas venturoso:
Hum templo vos consagro sumptuoso,
Se por obra naõ posso, na vontade,
O penhor da virtude, e da verdade
D' hum peito só de fama cobiçoso.
Assi como trofeo d' honra, e de gloria
Os devem venerar os que procedem
Do tronco, donde vós fostes cortados:
Por seus illustres feitos, que precedem
A quantos dignos saõ de clara historia,
Dos presentes heroes, e dos passados.

SONETO CXLV

DO grande Carlos Quinto o pe
Cheio d'alto valor, e avizo
No mór terror do mundo moſt
Com claro louvor ſeu o invicto
Foi noſſa defenſaõ, foi damno c
Do imigo de Chriſto, infame,
A quem ſeu cego intento cuſtc
Quãdo cuidou q̃ o punha em mó
Foſte dado do Ceo, Principe ju
Qual Scipiaõ a Roma, á Luſa
Que ſó com tua viſta defendeſ
Oh nova gloria d'Auſtria, ó novo
No ſocego da paz, no horror c
A qual Numa, a qual Ceſar naõ

Naõ fómente da queda o feguráfte,
Mas d'eftragos de Marte, e de Vulcano;
E por fer teu louvor mais foberano,
A Anglica foberba debellafte.
De ti cantando a fama eftes louvores
E outros mil, Apollo com voz leda
Os dedicou á immortal Memoria:
Dos quaes Minerva com futis lavores
Sobr' ouro fino, e delicada feda
Começou a tecer famofa hiftoria.

ODA

AO CONDE DAS IDANHAS
ESTANDO FORA DA CORTE.

SEnhor, naõ m' atrevia
Inda que me lembrava,
Que mal cumpria niffo o promettido;
Lendo o que mando, via
Que muito lhe faltava
Para fer de quem muito entende lido;
E mais por efquecido
Me tinha já, vivendo
Taõ longe deffa terra
Entr' hũa, e outra ferra,
Per onde o brando Lima vai correndo
D' efquecimento cheio,
O Lima para mi fempre Letheo.

Furt

Furtado á penſamentos
Dos bons tempos paſſados
Que fazem os preſentes ſer mais triſtes
Com novos ſentimentos,
A' vida accommodados,
Lede, ſenhor, os verſos que pediſtes.
Se já com goſto ouviſtes
Alguns dos meus paſtores
Ao ſom da leda frauta,
A ſuas feſtas auta,
Cantar á freſca ſombra os ſeus amores
Entre cuidados poſto,
Hora que menos ha, haja mais goſto.

Abranda o arco curvo
Armado de contino,
He juſto dar o ſeu á natureza:
O rio hora vai turvo,
Outr' ora criſtalino,
Naõ ha couſa na vida com firmeza.
Ditoſo o que deſpreza
Os mandos, os theſouros
Dos mores Reys da terra,
E logra o valle, e a ſerra,
Ond'a muſgoſa fonte, olmos, e louros
Convidaõ Filomena
A renovar, cantando, ſua pena.

Naõ ouve o ſom iroſo
Alli do fero Marte,
Que faz mudar a côr, o ſangue eſfria

vê o cobiçoso
quanta aſtucia, e arte
a (á cuſta d' alma) cada dia:
naõ deſconfia,
ſe queixa daquelles
ſos da fortuna,
da os importuna,
ſe vê com deſprezo tratar delles,
e ſeu ſono cheio,
ho quebra ſeu mal, nem bem alheo.

, em vindo o dia,
i inculto leito,
ia a ſeu trabalho deſcanſado:
a guiar, ou guia
lo, ſatisfeito
)cturno repouſo, ao verde prado:
)m bicudo arado
va vai cortando
vagaroſa força
)ois, os quaes esforça
guilhada, ou voz de quãdo em quãdo,
á terra arada
uro trigo, ou pallida cevada.

ium vaõ intereſſe.
iares inconſtantes
la naõ confia em riſco d' alma,
de quem padece
:limas mui diſtantes
o rigor do frio, hora o da calma:

Jun-

Juntando palma a palma
Fórma baſtante vaſo,
Se lhe o deſejo pede
Que mate a ardente ſede
Na fonte, que na ſerra achou a caſo,
E faz da neve jogo
Deſeſo hora do Sol, hora do fogo.

Oh huma vez, oh duas,
Oh ditoſa mil vezes
Vida agreſte, ditoſo quem t' eſcolhe!
Ajuda-ſe das luas
Accommodando aos mezes
Seu trabalho, do qual bom fructo colhe:
Alli ninguem lhe tolhe
Que falle livremente
Quanto a razaõ lhe manda,
Alli ſem temor anda
Da peçonha da lingoa mal dizente:
Alli naõ liſongea,
Nem de falſas liſonjas ſe recrea.

Em quanto a feſta paſſa,
E o paſto o gado engeita,
Pollo repouſo do lugar ſombrio,
Com leve cana, ou naffa
De molles juncos feita,
Os peixes vai peſcar no freſco rio,
Deſpois no inverno frio
O boſque lhe dá lenha,
Dalhe, noute, e manhãa,

O gado leite, e lã,
De que ſe viſta ſempre, e ſe mantenha:
O mais tem por ſobejo,
Se mais inda lhe pede ſeu deſejo.

Oh bemaventurado
Aquelle, a quem em ſorte
Coube (ſe a bem entende) huma tal vida!
O nojo, ou o cuidado
Naõ lh' anticipa a morte,
Que de ſi meſma vem taõ de corrida:
Nem teme, nem duvida
Perder o que poſſue;
E ſe o perder, que perde?
Torna o campo a ſer verde,
O tempo a dar fructos que deſtrue;
De novo lança a fonte; (te?
Que cuſta hũa choupana em valle, ou mon-

Cantiga, deixa o Lima, buſca o Tejo,
Pois la t' eſpera quem
De mi, que te criei, lembrança tem.

ELEGIA I.

P'Or cumbres, y por valles ſin camino,
Sin tiempo, y ſin repoſo voi buſcando
La que me va huiendo de contino.
Al viento quexas mias derramando,
El ſuelo, por dó ſigo a mi deſſeo,
Con *rios* de mis ojos voi regando.

Y ſi paſtor alguno alegre veo
Eſtar cantando junto a ſu gana
D'Amor me quexo, y contra
Y digo entre mi, tan olvidado
Aquel paſtor eſtá de mi porfia
Quan lexos eſtoi yo de ſu cuid
Y pienſo, ſi es poſſible, ver un d
Mas blanda para mi, o meno
La cauſa de mi llanto, y pena
Mas no me dexa hallar mi dura f
Coſa, qu' aliviar pueda mis d
Sino triſte eſperança de la mu
Ah Silvia, dulce amor de mis
Como no llega ya a tus oidos
El lamentable ſon de mis clam
No ves aqueſtos valles florecido
Y los ñudoſos robles deſta fier
Con mi llorar contino endure
Mira, y veràs ya la dura tierra
Cobrirſe del alegre, y verde
Qu' el caloroſo Eſtio le deſtier
Si no te mueve a compaſſion mi
Muevante verſos mios ſin con
Qu' enloquecido en tus amore
Muevate ſaber qu'eres el puerto
De la gran tempeſtad en que n
En la gran mar de lagrimas, q
Ah no huias de mi con tal deſſeo
No huias ya de mi, que por
Me voi perdiendo a mi, y n

Buelvete, hermoſa Silvia, a ver la parte
A dô ſolia verte, ah! buelve preſto,
Porque preſto no muera en deſearte.
No deſvies de mi tu lindo geſto,
Tus verdes ojos, y cabellos d' oro,
Dô tiene Amor ſu arco, y fuego pueſto.
Qu' en pago de ver yo tan gran teſoro;
D' alli puedes oir las quexas mias,
Y ver las tiernas lagrimas que lloro.
No dexes el lugar, a do ſolias
Olvidada de mis cuidados graves,
Alegrarte con todo lo que vias.
Qu' aora veràs lleno de ſuaves
Y oloroſas flores todo el ſuelo,
Y veràs cantar ya las libres aves.
Veràs el dia ſin nublado velo,
Y antes de venir la noche eſcura
El Sol mas claro, mas ſereno el Cielo.
Y veràs ya cubiertos de verdura,
Hazerenſe los boſques mas ſombrios,
Subiendo cada vez a mas altura.
Veràs las fuentes, y veràs los rios,
Veràs los olmos, y veràs los pinos
Moverſe al viento de ſoſpiros mios.
Aqueſtos, y otros tales deſatinos
De mi enagenado voy diziendo
Por montes apartados, y vezinos,
Que quedan quexas mias repetiendo.

ELEGIA II.

AGora quando Marte eſtá movendo
Os brandos corações á dura guerra
Iroſo fogo nelles acendendo :
Agora que de Jano ſenaõ cerra
O templo á ſanta paz offerecido ,
Eſtimado no Ceo , pouco na terra :
Agora que Neptuno embravecido ,
Por mais ſoberbas ondas que levante ,
Navegado ſe vê , e naõ temido :
Agora manda Amor , Silvia , que cante
A tua peregrina fermoſura ,
Que della tema ſó , que ſó m' eſpante.
Neſta verde , e ſolitaria eſpeſſura ,
Onde naõ ſoa eſtrondo bellicoſo
Do tiro , que naõ pára em armadura ?
Onde com dôr naõ veja o cobiçoſo
Vender a cara vida taõ barata ,
Por ſer d'ouro , e de fama cobiçoſo :
Onde nunca ſe cuida , nem ſe trata ,
Senaõ de forças, roubos, crueis mortes,
Onde a Divina Ley ſe deſacata :
Onde tremendo eſtaõ té peitos fortes ,
Ouvindo o ſom qu'ao fero aſſalto chama,
Receoſos entaõ de ſuas mortes :
Ond' o ferro , ond' o fogo ſe derrama
Por campos , e por villas, e cidades ,
Das quais a penas fica o nome, e a fama:

Onde

Onde naõ veja em fim mil crueldades,
Uſadas dos que vaõ ſeguindo Marte
Em todo ſexo, em todas as idades.
Mas veja em lugar diſto a freſca parte,
Que vai regando o Lima claro, e puro
Saudoſo da fonte, donde parte.
Onde logre do boſque verde eſcuro
A ſombra freſca, a fria herva miuda,
Onde dorme o paſtor livre, e ſeguro.
E delle ouvindo eſtê a frauta aguda,
Na morada porém, cujo ſom brando
Hora a cantar, hora a chorar m'ajuda.
Mas que direi de ti, Silvia, cantando,
Fermoſiſſima Silvia, que direi
Que va meu canto a teu valor chegãdo?
Onde palavras novas acharei,
Ond' eſtillo que poſſa ſobir tanto?
Cante por mim Amor, pois eu naõ ſei.
Co' elle, Silvia, ſó, ſó com eſpanto
Irá pagando o ſprito o que te deve,
E ficará devendo novo canto.
A competir contigo naõ s' atreve
A manhã em roſada, o Sol em loura,
E menos em alvura a branca neve.
Inda qu' os Orizontes Febo doura,
Naõ veja teus cabellos deſatados,
Porque d' enveja logo alli naõ moura.
Os teus olhos d' Amor tiros dourados,
Cuja doce ferida me conſume,
Como poderaõ ſer de mim cantados?

Nas graças da tu' alma rico r
Naõ ſei mais que dizer, cu
Fica o ſprito boto , o eng
Como no limpo Ceo claras e
Aſſi nella contino reſpland
Saõ ornamento ſeu , e ell
As flores pera ti mais cedo
As agoas em te vendo corr
Os dias mais fermoſos ama
Se tu nos prados , ſe nos boſ
Alli nunca fallece Primav
Alli toda aſpereza logo ab
As arvores alli cingidas d' he
Convidaõ a cantar mais do
Quem fiar do cunhado naõ
D' alli,ou onde quer que eſtê
Tod' a dôr , todo nojo ſe
Todo o goſto da vida alli f

Oh mil vezes ditoſa eſta ribeira,
Onde naſceſte Silvia, e te criaſte,
Onde das ſuas Ninfas es primeira!
Em hũa couſa ſó atrás ficaſte
Deſſas, de quẽ nos chega a fama, e grito,
Inda que mais nas mais t' avantajaſte:
A qual foi naõ ter eu taõ alto ſprito,
Que dera a tal belleza eterno nome,
A raras graças dera raro eſcrito.
Mas já que mais naõ poſſo, de mim tome
Iſto que digo agora, e for dizendo,
Inda que tudo junto pouco ſome.
Mas s' eu vir algum dia o que pretendo,
Ah! ſe viſſe algum dia que me vias,
Menos te ficaria entaõ devendo.
Que tu mais celebrada ficarias,
Amor obedecido, eu ſatisfeito,
Cantando ſó de ti noites, e dias,
Com verſo mais conforme a tal ſogeito.

EPIGRAMMA.

SOu Ninfa deſta fonte: em guarda eſtando
Das claras agoas della, adormeci:
Ao ſom do ſeu roido doce, e brando,
De brando, e doce ſono me venci.
Oh tu, quem quer que ſejas, que paſſando,
Deſejo de beber te trouxe aqui,
Quieto bebe, lava mãos, e roſto,
Sem me quebrar o fio deſte goſto.

OUTRO.

SOu Ganimedes: neſte boſqu
Eſtou em dura pedra transfo
Das curvas unhas já perdi o me
De que me vi em Phrygia arreb
Se pera deſcanſar neſte arvored
Da calma, e do caminho vens ca
Aqui tens ſombra fria, e agoa fr
Aqui deſcanſa, e durme, e te r

ELEGIA III.

INcertas eſperanças, certo med
Inda que provocado de meus da
Fizeraõ que naõ fiz iſto mais ced
Buſquei remedios mil, buſquei en
Por encobrir meu mal, tendo r
A naõ vos dar materia a deſenga
Mas tudo foi trabalho ſem proveit
Qu' em fim Amor, que reſiſtido c
Já naõ ſoffre em ſilencio eſtar no
Comigo a vós, ſenhora, s' offerece
Se niſto vos offende, eu vos offe
Porém culpa d' Amor perdaõ me
Se naõ, pena me dai; ſatisfazendo
C'o ella o erro deſte atrevimento
Que com culpar Amor naõ me de
Ditoſo quem por vós ſente torment
Ditoſo eu qu' entendo eſta verda
Pera no meu ſentir contentame

e deſprezais, ſenhora, ella vontade
Em tudo á voſſa própria offerecida,
Se a tal amor negardes piedade:
ão quero viver mais, não quero vida,
Morte será melhor que dar deſgoſto
A quem com goſto deve ſer ſervida.
anhem as minhas lagrimas meu roſto,
Suſpire o coraçaõ, que por vós arde;
Tudo, o que voſſo for, ſeja meu goſto.
ão cuideis porventura que me guarde
De ſentir por vós dôr até perderme,
Que ſinto muito mais ſintilla tarde.
uiſera, dés que ſoube conhecerme,
Em vos occupar tanto a fanteſia, (me.
Que de mim meſmo viera a eſquecer-
em vós cuidar contino noite, e dia,
Sintir por vós prazer, por vós triſteza
Por ver ſe com conſtancia vos movia.
las não canſe eſta moſtra de firmeza,
Num peito, q por brando he taõ louvado
Com novo damno meu, nova crueza.
e ſeta d' ouro puro treſpaſſado
Remedio pera vida buſcar venho;
Qu'em vós póde ſómente ſer achado.
orque força não val, nem val engenho,
Nem hervas, nem palavras tem virtude
Pera curar a dôr que n' alma tenho.
uns olhos ſós me podem dar ſaude,
E taõ os voſſos: ſe me naõ ſoccorrem,
Vejo-a morrer por quem viver naõ
pude.

Ditoſos ſaõ os triſtes quando morrem
Começando a ſer triſtes, pois naõ ſe
Quaõ de vagar grandes triſtezas
rem.
Mas s'eſperanças minhas me naõ ment
Eſpero achar em vós remedio certo
É tal, que meus ſerviços vos contem
Em fim no mal que tenho deſcuberto
Começai a dar prendas de brandura
Naõ me deixeis dar vozes em deſert
Que mal quadra rigor com fermoſu

ELEGIA IV.

CUidando d' encobrir no triſte peito
Razões, que ſempre tive d'agravarm
Do que vós ſem rezaõ me tendes feito,
Tanto foraõ crecendo, que callarme
Naõ poſſo já, ſenhora: tal me vejo,
Que, poſto qu' em vaõ ſeja, hei de que-
xarme.
Tratar tudo o que ſinto ſó deſejo,
Des que me fez ſaber voſſa crueza,
Que naõ ha ſoffrimento em mal ſobejo.
Aſſi ſe paga Amor, aſſi pureza
De quem ſó de ſer voſſo ſe contenta,
De quem por voſſo amor tudo deſpreza?
De quem por vós morrendo, ſe ſoſtenta
De lagrimas, e fogo, em que s'apura,
E males a ſeus males accreſcenta?

triſte galardaõ, pouca ventura!
Que naõ póde ſer menos, pois ordena
Em brando parecer condiçaõ dura.
Eſſa viſta, ſenhora, que ſerena
O ar, e tudo o mais enche de graça,
Que póde fazer doce minha pena?
Que taõ ſem porquê me ſois eſcaſſa,
Vendo que, ſe me falta hũ ſó momento,
Nem o que diga ſei, nem ſei que faça?
Ajuda por mais dôr a meu tormento,
Ajuntais nova dôr de deſenganos
Como ſe naõ baſtaſſe eſquecimento.
A fim pois tendes goſto de meus dãnos,
Creſçaõ elles, por elle, falte a vida
Mudem-ſe em breves dias largos annos,
E vós aveis de ſer ſempre eſquecida.

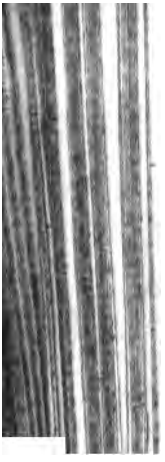
ELEGIA V.

NAõ porq̃ d'algum bẽ tenha eſperança
Vos eſcrevo, ſenhora, em tal eſtado
Que pera bem naõ póde aver mudança,
Ás porque já de vós deſenganado
Como por meu allivio eſcrever dôres,
Que tanto de chorar me tem canſado.
E bem ſei eu, que o que neſtes amores
Lagrimas, e ſuſpiros naõ fizeraõ,
Mal o podem fazer couſas menores.
Ás onde meus ſerviços ſe perderaõ,
Vai pouco em ſe perder eſta Elegia,
A quem triſtes ſucceſſos cauſa deraõ.

Oh quem diſſeſſe nella o que
E porém dizer muito, qu'
Se tudo ſempre tem pouca
Sempre deſte meu mal tive ſ
Mas naõ tal, que de todo
Hũa vã confiança, em ar d
Amor me conſelhava qu' eſp
A rezaõ me dizia que teme
Que por hũ cego, e vaõ naõ
Qu' olhaſſe que por elle naõ
O certo bem da liberdade
De q̃ deſpois em vaõ me ar
Porém venceo Amor, qu' ar
D'enganos ſeus, que agora
Que pera os ver entaõ olhos
Em tudo obedecia a ſeu deſe
Couſas por elle fiz de quali
Que bẽ moſtrei qu' em mim
As razões da razaõ por falſida
Tive quando vos vi, no me
Vos entreguei a chave da v
O que deſpois paſſou naõ vo-
Porque de muitas couſas eſ
Baſta pera lembrança eſtas,
As confianças minhas já per

quem com vida escapa da tormenta,
i que se vio no mar quasi perdido;
ser pastor em terra se contenta.
stes que de mim fosse sentido,
ito taõ grave mal, naõ passo a passo,
lo sentir assi mais desabrido.
a que me foi sempre amor escasso,
m ter tanta razaõ para queixarme,
ó soffre estes queixumes q̃ vos faço.
leixa em quãto escrevo de lêbrarme,
e vos offenderei, se a dizer venho
nde vos procedeo desenganarme.
, hora escrevendo a maõ derenho,
ra leo, hora risco, emendo, e mudo,
ra o que já risquei por milhor tenho.
em pontos estou de romper tudo,
tr' hora contra os gospes do roceo,
o do meu silencio meu escudo.
va-se o temor já, pois que já veo
er vossa tençaõ de mim sabida,
ando do mal andava mais alheo.
:em que recear taõ triste vida,
tes por se ver fóra d' estreiteza,
lhor lhe será já verse perdida.
)em me dará minha tristeza,
s eu lhe tenho já meu peito dado;
mo naõ dilatar vossa crueza.
)uido, oh infelice o meu cuidado;
' o fim, q̃ vós por pena m' ordenastes,
: será por mór pena dilatado.

Ce-



Era neve ante vos, e rogo
Sem pretender mais goſto
Que aquelle de que vós fo
Mas ai quaõ differente foi
Do bem imaginado no co
Por onde em tal eſtremo
Vida pera tal vida naõ vos
Morte perà tal morte qu
Se ma quiſerdes dar eu a
Porque com dôr a lingoa ſe
E' com rezaõ vos chama,
Fementida, cruel; ſober
Por iſſo acabai já voſſa tenç
Fazei o que vos pede o
Compri com voſſa altiva
Acabe com a vida o meu d
Naõ aja mais em mim vi
D'hũs olhos côr do Ceo, d

IMAS VARIAS,

FLORES DO LIMA.

SEGUNDA PARTE.

VILANCETE.

Lagrimas diraõ por mim,
Senhora, neſta partida
Em que termos vai a vida.

VOLTAS.

A tanto chega eſta dôr,
Que deſconfio da lingoa,
Quem póde ſupriz tal mingoa:
Sinaõ lagrimas de amor?
Ellas vos diraõ melhor,
Senhora, neſta partida
Que vai a vida ſem vida.

Na força da ſaudade
Quando a lingoa deſvaria,
A quem em lagrimas fia
Ellas lhe dizem verdade.
As que me pede a vontade
Que chore neſta partida,
Iraõ dando fim á vida.

Naõ tem dever a tençaõ
Com palavras amorosas,
As lagrimas saõ as boas
Lingoa dos amores saõ;
Ellas por mim falaraõ
Quando a pena da partida
Me tirar a fala, e a vida.

Palavras podem mentir,
Mostrar dôr grande, ou pequena;
Mas lagrimas, que dem pena,
Ninguem as sabe fingir.
Pello que quando partir,
Qual for a dôr da partida,
Tal será nellas sentida.

CANTIGA II.

Prazeres que me quereis,
Se vedes que vos naõ quero?
Já nenhum de vós espero,
Nenhum de mim esparceis.

VOLTAS.

VIndes pera vos tornar,
Sois leves de natureza;
Melhor he minha tristeza,
Que me naõ sabe deixar:
Disto naõ vos esparteis;
Que pois me quer, eu a quero,

VARIAS.

m' engana no qu' espero,
o vós sempre fazeis.

brevos quanto fingistes
ndo enganar me quisestes,
uito que prometestes,
uco que me compristes;
e agora prometteis
bem he engano mero,
e podeis naõ o quero,
e quero naõ podeis.

10 já experiencia
'ossos contentamentos,
de bens tem apparencia,
verdade saõ ventos:
po hé que me deixeis,
le nada de vós quero;
tenhais isto por fero,
ai outrem qu' enganeis.

CANTIGA II.

ndo vejo mudanças,
naõ onde as ver quisera,
ssa a vida em esperanças,
nca chega o que s' espera.

VOLTAS.

Posto que chegue o bem,
O que duvido de ser

Que goſto ſe póde ter
No que firmeza naõ tem?
Vida chea de mudanças
Tudo em ti canſa, e altera,
Porque dás mil eſperanças,
Se naõ dás o que ſ' eſpera?

O mal he que te conheço
Já por falſa, e ſem firmeza,
E com ter eſta certeza
Inda te naõ aborreço.
De tuas vãs eſperanças
Verme já livre quiſera,
Pera me rir das mudanças
Do qu' eſpera, e deſeſpera.

CANTIGA III.

No meu peito o meu deſejo
Da razaõ ſe fez tirano,
Vejo nelle certo damno,
Incerto remedio vejo.

VOLTAS.

PEra de todo perderme
Eſte mal por paſſar tinha,
[redacted] contra a razaõ minha
[redacted] morre por defenderme.
[redacted] parte do meu deſejo
pera meu damno,

que niſſo m' engano,
ienhum remedio vejo.

e quero reſiſtir,
me com mais crüeza,
)m força, ou natüreza
ei me faz ſeguir.
) mortal o vejo
zaõ, e deſengano,
me vem todo o damno,
por elle me rejo.

CANTIGA IV.

la aſſi libre ſeas
grave mal de que muero,
me quieras, pues te quiero,
uando no, que me creas.

VOLTAS.

teme que nunca paſtor
'ue d' Amor tan maltratado,
'o no muero d' Amor,
nuero de deſamado.
a libre te veas
s anſias de que muero,
ne quieras pues te quiero.
ndo no, que me creas.

ſprecies por hermoſa,
a, quien por ti arde,

Mira qual queda
De la mañana, a le
Aſſi nunca tal te v
Que me quieras,
Y ſi no, pues por
Que lo ſientas, y

CANT

No ſe lo tengan
Qu'olvide Blas
Pues Benita le
Por amor d'otr

VO

Tiene lo por
Anda para c
Y no mira qu' es n
Que todas muda bl
Diſculpa tiene ſu
Remedio no ſu cu
El olvida ſu ganac
Ella no ſu natural

Mientras d' olvid
En Benita embeve
No mira que por
Su ganado perder
Conformes ſon en
El paſtor, e el ga

El ganado desdichado,
No tiene dicha el Zagal.

Ya ningun consuelo quiere,
Suspirando llora, y grita,
Muerese porque Benita
D'agenos amores muere.
No solo llora su mal
El pastor mal fortunado,
Mas tambien mal del ganado,
Con el bien d'otro Zagal.

CANTIGA VI.

Amor, pues que lo mejor
Ya de mi llevado tienes,
Alla te guarda tus bienes,
Dexame con mi dolor.

VOLTAS.

NO pienses de m' engañar
Despues de tantos enojos,
Quantos lloraron mis ojos,
Quantos tienen por llorar.
Pues me llevaste la flor,
Por lo demas no te penes;
Que mas que todos tus bienes
Estimo ya mi dolor.

Locura nueva seria
Dar oydo a tus engaños,

No bien ſano de los daños
Que cauſaſte al alma mia.
Ni de ti tengo temor,
Ni tengo amor a tus bien
Que ya ſe qu' en ti no tien
Sino congoxa, y dolor.

VILANCE

No enxugueis, madre mi
Mis ojos, con mis cabe
Arde el alma, lloran el

VOLTA

PAra llorar ſin ſoſſieg
Mi dolor, con ſu do
Abren puertas al amor
Qu' en mi alma enciende e
No los enxugueis (os rue
Que tal ardor ſale dellos
Que abraſará mis cabello

Dexadelos ir conſumiend
Y no los vays enxugando,
Paguen la culpa llorando
Del bien que perdieron v
Lloren triſtes encubriend
Las quexas que tengo dell
Que ſon mas que mis cab

VARIAS.

Haſta llorando cegar
Salgan mis lagrimas fuera,
Que ſi yo no los tuviera,
No tuviera que llorar;
Lloren ſolos ſin ſecar
El mal que me naſcio dellos,
Y vós no lloreis por ellos.

I

CANTIGA VII

Alcido, toma eſta roſa
Que por minha mão colhi:
Antes eu tomara a ti,
Silvia, muito mais fermoſa.

VOLTAS.

NAõ foi pequeno favor
Eſte que te fiz agora,
Grande foi, e perém fora
Eſtoutro muito maior.
Poem os olhos neſta roſa:
Couſa mais bella naõ vi,
Naõ os ſei tirar de ti,
Silvia, muito mais fermoſa.

Naõ creas a teu deſejo;
Já ſei de mim que ſou fea,
Como queres que naõ crea,
O que com meus olhos vejo?
Pois entre mil eſſa roſa
Por mais fermoſa eſcolhi,

Porque tè naõ viſte a ti,
Silvia muito mais fermoſa.

Queres falarme a meu goſt
Lá te fica outra vontade,
Olha, Silvia, as do teu r
Verás ſe falo verdade:
Naõ ſei flor que chegue a r
Nem que tanto dê de ſi,
Nem roſa que chegue a ti
Silvia muito mais fermoſa.

CANTIGA

No te congoxes, ni penes,
Zagal; eſcucha, y reſpo
Si no tienes que te abond
Surron, y cayado tienes.

VOLTA

OTros llanos, otras fier
De paſto, y ganado l
Hallaràs, ſi te deſtierras
No digas que ſon agenos.
Se fortuna con ſus bienes
A Auguſto no reſponde,
El camino no ſ' eſconde,
Aun pies y manos tienes.

No ſè tras que t' anduviſte
Loqueando aqui, y alli,

es tan buen tiempo perdiſte,
› pierdas tambien a ti,
por algo te detienes
la clara me reſponde,
ſi no vete por donde
ben repartir los bienes.

CANTIGA IX.

neis mis ojos razon
De llorar vueſtros enojos,
Pues no veis aquellos ojos
Que de vos los ojos ſon.

VOLTAS.

N dolor, que puede tanto;
Que no ay quien le reſiſta,
bien que perdió la viſta,
gue-ſe con triſte llanto:
nde-ſe vueſtra razon
bre mis fieſtes enojos
cando por vos mis ojos,
grimas del coraçon.

ien vueſtras lagrimas tiene
r eſtremo de flaqueza,
mas ſintió la triſteza
e del mal d' auſencia viene,
tan fuerte eſta paſſion,
que nacen mis enojos,

Que rebienta por los ojos
En tocando el coraçon.

Si lloraſtes algun' hora
Otras paſſiones d' Amor,
Ablandava-ſe el dolor
Con ver quien no veis aora:
Ya que falta eſta ocaſion,
Y ſobran vueſtros enojos,
Llorad, llorad triſtes ojos
Las anſias del coraçon.

CANTIGA X.

Di Zagaleja cruel
Hermoſa, por mi dolor,
Si tu no ſientes Amor
Quien te dió las armas del.

VOLTAS.

QUien te dió ſus duras flechas
Clavadas con puntas de oro,
Que, por donde ſale el lloro,
Buelan al alma derechas?
Quien te dió bivir ſin el
Porque yo biva en dolor?
Quien todo el poder d' Amor
Si no ſolo el amor del?

Quien a tus ojos aquellos
Raios dió, con que m' enciende?

VARIAS.

Quien los lazos, con que prende,
Fabricó de tus cabellos?
Quien su dulçura, y su hiel,
Su plazer, y su dolor?
Quien en fin lo mas d' Amor,
Si no los amores del?

Bien mueſtra ſer niño, y ciego
Amor, a quien paramientes,
Pues a ti, que no lo ſientes
Flechas dió, laços, y fuego:
Si lo hizo de cruel
Por me doblar el dolor,
El ſea mi vengador,
Que tu me vengaras del.

VILANCETE III.

Canſei pera deſcanſar,
E no meu deſcanſo achei
Couſas com que mais canſei.

VOLTAS.

NO trabalho, em que me via
Quando mais fui deſcontente,
A vida menos ſentia
O que no deſcanſo ſente:
Cheguei a verme contente,
No contentamento achei
Com que me deſcontentei.

Em triſteza deſcanſando,
Canſei por verme em deſcanſo,
Vendo-me nelle mais canſo,
Que a mais me foi obrigando:
Com a vida irei pagando
O deſcanſo, que buſquei,
E niſſo deſcanſarei.

No trabalho tenho vida,
E no deſcanſo triſteza;
Parece couſa fingida,
Mas eu ſei diſto a certeza:
Muito póde a natureza,
Mas eu a mais m' obriguei
No deſcanſo que tomei.

CANTIGA XI

Detiene el paſſo Zagal
No corras al fin del daño,
Pues deſpues que viene el mal,
Vale poco el deſengaño.

ES tiempo que te refrenes
Deſſe tu correr liviano,
Que dás de mano a tus bienes,
Y a tus males dás la mano:
Torna ſobre ti Zagal,
Guarte del eſtremo daño,
Que d' un mal nace otro mal,
Y d' un engaño otro engaño.

alivias la pena,
elo que se destruia
tu vida no tuia,
; la tratas como agena:
nismo (quien pensó tal)
las das a tu engaño,
. cuerpo haziendo mal,
tu alma maior daño.

è que razon me dàs
ın cierto desconcierto,
nuerto, mañana muerto,
:pentido jamas.
me de ti Zagal
esso te desengaña,
pesarme de tu mal,
lá remedio a tu daño.

abajo no te cansa
onsejo sè que si,
perdiendo en ti
mui alta speranca:
ı Gil, llora Pascoal
amigos, tu engaño;
s, que te quieren mal,
ınse bien de tu daño.

ve los ojos atras;
, tus antepassados
ınaron sus ganados
a via por dò vas;

Si los imitares mal,
A ti miſmo hazes el daño
Pues es tuio ſu caudal,
Su valor no ſea eſtraño.

A tu deſleo reſiſte,
Trabaja por te vencer;
Si no te quieres tal ver,
Mira bien qual te ya viſte.
Pienſa en al, y habla en al
Apacenta tu rabaño,
Daras alivio a tu mal,
Y ſaldras de tal engaño.

CANTIG

Mi dulce paſtor,
Que te duele di?
Dueleme un dolor,
Qu'en tus ojos vi.

VOLTA

NIngun dolor ſiento.
Que ſientan mis ojos,
Sino los enojos
De tu ſentimiento.
Por eſſo paſtor
Lo cierto me di:
Muero d'un dolor
Qu' en tus ojos vi.

Viendolos dolientes
Tenias razon;
Mas ſi ſaños ſon,
Porque dolor ſientes?
O mi dulce amor,
Diſcubrete a mi:
No quiere el dolor
Qu'en tus ojos vi.

No me diras quando
Eſſe dolor viſte?
Quando los bolviſte
A otro mirando?
Si yo con amor
Mirê mas que a ti,
Muera del dolor
Que mueres por mi.

CANTIGA.

No ſois alivio del daño,
Prodigios vanos inciertos,
A quien por terminos ciertos
Vino el cierto deſengaño.

VOLTAS.

SI vòs entendeis que muero,
Porque quien puede aſſi quiere,
Como eſperareis qu' eſpere
Que me dê vida el aguero?

No me cauſeis nuevo daño
Entre ſuceſſos inciertos,
Que dô los guſtos ſon muertos
No ſe bive con engaño.

El hado mio, y mi ſuerte,
Mi ventura alegre, ô triſte,
Solo en un querer conſiſte,
Darme puede vida, o muerte
Todo lo mas es engaño,
Todo ſon caſos inciertos,
Cerrados ſon ya los puertos
Al remedio de mi daño.

CANTIGA.

Por huns olhos que figuirão,
O lume dos meus perdi,
Porque nem elles me virão,
Nem eu nunca mais os vi.

VOLTAS.

NAõ lhes pude defender,
Que tais olhos naõ figuiſſe
Riraõ-ſe muito de ver,
Outros olhos que tal viſſem.
Eu naõ ſei ô que ſentiraõ,
Mas ſei que tal dôr ſenti
Quando vi que me naõ viraõ,
Que nunca mais os vi.

ſua luz me cegaraõ
o Sol tem por coſtume,
i com olhos ſem lume,
chorar me ficaraõ:
des que naõ viraõ
lles, que a caſo vi,
re diſſo me ſerviraõ,
a mais c'o elles vi.

VILANCETE.

ei de cem mil Mouros,
neſta terra Somata
a ſó Moura me mata.

VOLTAS.

Ede quem dará certeza
A ſucceſſos da ventura,
az em mim a brandura
e naõ fez a crueza:
l ſua gentileza,
neſta ſerra Somata
he a que ſó mata.

averá que naõ moura
ſta Moura que mouro,
s ſeus cabellos douro
ſe prende, e ſe doura?
ſada, alva, e loura
ei ſe lhe chame ingrata,
hum ſeu cativo mata.

Certo que ſe livre fora
Do cativeiro em que vivo,
A me querer por cativo,
Naõ quizera outra ſenhora.
Com me matar me namora,
E quando melhor me trata,
Entaõ de todo me mata.

CANTIGA.

Começo já de ſentir
A dôr da voſſa partida,
Que ſerá quando me vir
Sem vos ver, e ſem ver vida?

VOLTAS.

NAõ ſinto com que reſiſta
A's forças deſte cuidado,
Des que me tirar meu fado
A viſta da voſſa viſta:
Poſſo já mal encubrir
Saudades da partida;
Que ſerá quando me vir
Sem vós, ſem goſto, ſem vida?

Vaime pondo em tal eſtremo
Eſte receo mortal,
Que póde ſer menos mal
[illegible]rande mal, que já temo.
[illegible]mo verſe dividir
[illegible] vós minh'alma da vida,

VARIAS.

Ida pera vos ſeguir,
outra da dôr ſeguida.

Lançára maõ d'eſperanças,
e me podera enganar;
Mas ſempre em largas mudanças
a muito que recear.
Iſto me faz preſumir
Tais couſas deſta partida,
Que nem ha mais que ſentir,
Nem mais que temer na vida.

ENDECHAS.

EN mis eſperanças
Uvo ſiempre engaños,
Engaños con daños,
Daños ſin mudanças.

Los mis penſamientos
Sin tener ſoſſiego,
Son vientos, mas vientos
Qu' encienden mi fuego.

Por mala cuſtumbre,
Mi querer me guia
Sin ojos de dia,
De noche ſin lumbre.

Tras coſas livianas
Corro, y no lo veo,

Vano es mi deſſeo,
Mis penas no vanas.

Eſperanças muertas,
Y deſſeos varios,
A mis adverſarios,
Abrieron las puertas.

Las llaves le dieron
De todo mi pecho,
En carcel eſtrecho
La razon puſieron.

A ſu alvedrio
Mis coſas ordeno,
Ya con ſer ageno
Lo hazen ſer mio.

Ah ſe vieſſe un dia
Si vieſſe, ah ſe vieſſe
La triſteza mia
Que mia no fueſſe!

Mas ninguno crea,
Por mas qu'el Sol rue
Que haga que ſea
Lo que ſer no puede.

Los mundanos bienes
Vanſe a rienda ſuelta,

Para dar la buelta
No dexan rehenes.

A tal punto vengo
Sea fuerça, o maña,
Que por mejor tengo
Lo que mas me daña.

Por ojos agenos
Veo ojos mios
De guſtos vazios,
De lagrimas llenos.

Lo que mas deſſeo
Menos ver eſpero,
Lo que ver no quiero
Eſſo es lo que veo.

Entre ſombra oſcura
Veo guſtos muertos,
Con ojos abiertos
No veo ventura.

De contino lucho
Con mi querer loco,
Muero por lo poco;
Olvido lo mucho.

De mi lo mais cierto
Son ciertos engaños,

Soy bivo a los daños,
A los bienes muerto.

Si de cosa alguna
Tengo confiança,
De mi esperança,
Burle mi fortuna.

CANTIGAS.

O De las fieras, y altivas
La mas altiva, y mas fiear,
Pues mi fé, y amor esquivas,
Irè triste a donde muera
Porque tu alegre bivas.

Que pues sè mi partida
Serà tu gusto, y mi muerte,
Razon es que me despida;
Que poco por complazerte
Sintirè perder la vida.

Mas esto solo te pido
Partiendo de tu presencia
A mi soledad rendido,
Que muriendo en tu ausencia,
No m'entierren en olvido.

Que basta para valerme
Enagenado de ti,
O ser cierto, o parecerme

...e te recuerdas de mi,
...n que alegre de no verme.

...ya que todos mis dias
...engo que llore, y que fienta
...eſterrado d' alegrias,
...o te pida el amor cuenta
...e tantas lagrimas mias.

CANTIGA.

Amor, ſerviço, verdade,
Em mudanças fé ſegura,
Me pagais (ai paga dura!)
Com deſprezos de vontade.

VOLTAS.

ASpera ſatisfaçaõ
De puriſſimos intentos,
Dardeſme certos tormentos
Por incerta opiniaõ.
Sabei, ſenhora, a verdade
De minha fé firme, e pura,
Naõ mudeis voſſa brandura
Pelo goſto da vontade.

Sabei que peno ſem culpa,
Perſeguido, e deſprezado;
E que naõ ha condemnado
A que naõ ouçaõ deſculpa.

Ouvime minha verdade
E vereis; que me ſegura
E ſe em mim falta ventura,
Naõ falte em vós piedade.

S' offendervos preſumia
(O que nunca coube em mim)
Bem podera ter já fim
Minha pena, e voſſa ira,
Em fim ſerviço, verdade,
Amor puro, tençaõ pura,
Naõ merecem paga dura
Com deſprezos de vontade.

CANTIGA.

En dudoſo eſtado eſtoy
Entre engaño, y deſengaño;
Y menos ſiento mi daño,
Quanto mas perdido ſoy.

VOLTAS.

ABre mis ojos razon,
Y cierran los mis ſentidos,
Veo mis años perdidos,
No lloro mi perdicion:
Contrariandome voy
Como de mi ſiendo eſtraño,
Es por mi mi deſengaño,
Yo por mi engaño ſoy.

fuerte punto naci,
punto tal fuerça tiene;
e en lo que más me conviene
o miſmo reſiſto à mi:
eſto en gran peligro eſtoy
n engaño, y deſengaño;
l Cielo acuda a mi daño,
ue yo baſtante no ſoi.

CANTIGA.

erè de lagrimas llenos
Mis ojos noches y dias,
Llorando guſtos agenos,
Y triſtes ſoſpechas mias.

VOLTAS.

SObrava mi triſte ſuerte
Para lagrimas, y duelos,
Sin me cauſarem los Cielos
Un dolor mas que de muerte,
Con bivir ſiempre en recelos.
Mas pues no puede ſer menos,
Llorarè todos mis dias
Dulces contentos agenos,
Amargas triſtezas mias.

Tuvieran proprios deſguſtos
Remedio alguno quiçà,
Qu' el tiempo todo lo dà;

Pero los agenos gustos
No pueden mios ser ya.
Y pues ellos son agenos,
Sean las lagrimas mias,
No lloren mis ojos menos,
Mientras durâren mis dias.

VILANCETE.

Sola me dexaste
En aquel yermo,
Villano malo Gallego.

VOLTAS.

LLena de quebranto
Triste adormeci,
Tu fin mirar quanto
Yo dexê por ti,
Me dexaste assi
A riesgos del yermo,
Villano malo Gallego.

Del sueño despierta,
Quando fin hallarte
En tan yerma parte
Me vi, quedê muerta:
Del camino incierta
Corri todo el yermo,
Villano malo Gallego.

VARIAS.

Tarde por mi mal
Supe que tal eras,
Si tu tal no fueras,
Nunca hizieras tal.
Diſte paga igual
A mi querer ciego,
Villano malo Gallego.

En la ferrania
Altas quexas dava,
Mas qu' aprovechava?
Quien me reſpondia?
Ay de mi (dizia)
A qu' eſtado llego
Moça, ſola, en yermo?

Los brutos, que oyeron
Las querellas mias,
A mi ſe vinieron,
Tu de mi huyas:
Poco amor tenias;
Deshizoſe luego
Como cera al fuego.

De mi te partiſte,
Falſo traydor,
Fingias amor,
Nunca amor tuviſte.
Como no me diſte
La muerte en tal yermo?
Villano malo Gallego.

Si allí me la dieras,
Ya mas se supiera
Que mi cuerpo fuera
Tragado de fieras,
Seguro anduvieras
En poblado y yermo,
Villano malo Gallego.

Los suspiros mios
Davan de mi nuevas
Por selvas, y cuevas
Y valles sombrios:
De lagrimas rios
Regavan el yermo,
Villano malo Gallego.

Contra mis cabellos
Cruda fue mi mano,
De manojos dellos
Sembrè monte y llano:
Gritos di en vano
En aquel yermo,
Villano malo Gallego.

La nieve rasguè
Rompi hilos d' oro,
De sangre, y de lloro
Mi gesto bañe.
Lo que mas paisè
Bien lo sabe el yermo,
Villano malo Gallego.

ANTIGA ALHEA.

morir nace del ver,
el no ver es mas que muerte,
n una tan dura fuerte
ue será bien escoger?

REPOSTA.

QUien mirando, y no mirando
Sin duda pierde la vida,
Dirà ser mejor perdida
)lazer a los ojos dando.
Mas quanto a mi parecer,
Poco va de fuerte a fuerte,
Donde no s' escusa muerte
Em ver, e dexar de ver.

Quando yo lexos me veo
De la cosa que mas quiero,
Muero de puro desseo;
Si la veo, d' amor muero.
Y no me sè resolver,
Por mas qu' el sezo despierte,
Destas dôs muertes qual muerte
Será mejor escoger.

CANTIGA ALHEA.

Esta es la justicia,
Que mandan hazer.

Del que por amores
Se quiſo perder.

VOLTAS.

MAndan que no vea
Hora de contento,
Y que ſu tormento
Para ſiempre ſea.
Mandan qu' en dolores
Venga a fenecer,
Pues que por amores
Se quiſo perder.

Mandan, viſto el yerro
De ſu culpa cierta,
Echarle en deſtierro
En tierra deſierta.
Onde los temores
No dexen crecer
El fruto d' amores,
Que pienſo coger.

Mandan, ſiendo muerto,
Sea ſepultado
En un triſte prado
D' eſpinas cubierto:
Donde jàmas flores
Se vean nacer,
Si no de colores
Que quitea plazer.

Man-

Mandan en ſeñal
Para mas afrenta,
Que ninguno ſienta
Dolor de ſu mal.
Por eſſo, amadores,
Deveis de temer
Amor, qu' en amores
Mueſtra ſu poder.

ALHEO

A dôr, que minha alma ſente,
Naõ a ſaiba toda a gente.

VOLTAS

ANde no peito eſcondida
Hũa dôr taõ deſuſada,
De mim ſó ſeja chorada,
Naõ ſeja d' outrem ſabida.
Ou me mate, ou me dê vida,
Ou viva triſte, ou contente,
Naõ ſe confie da gente.

Tenho feito juramento
(Porqu' aſſi o quis Amor)
De ſempre como avarento
Guardar em mim minha dôr.
Por me naõ tratár pior
Se diſto o contrairo ſente,
Naõ a ſaiba toda a gente.

ALHEO

ALHEO.

Que viſtes meus olhos
Neſte bem, que viſtes
Que vos vejo triſtes?

VOLTAS.

AS voſſas lembranças
Naõ vos daõ tormentos,
Nem levaõ os ventos
Voſſas eſperanças.
Naõ ſei que mudanças
Vós de novo viſtes,
Que vos vejo triſtes.

Que dôr, ou que medos
Cauſaõ voſſa dôr?
Lagrimas d' amor
Deſcobrem ſegredos:
Eu vos vi ledos;
Vós naõ ſei que viſtes,
Que vos vejo triſtes.

ALHEO.

Mas yo muerome de frio.

GLOSSA.

NImfa d' ojos verdes bellos,
Por quien yo bivo muriendo,

Tem-

Temblo tales ojos viendo
Encendido en fuego dellos.
Sin los ver me veo ciego,
Y de mas ver deſconfio:
Es mi pecho bivo fuego,
Mas yo muero-me de frio.

Son tus cabellos d' Amor
Priſion fuerte, y deleitoſa,
Tu geſto vence la roſa,
Y la nieve en ſu color:
Amor dulce, ſenhor mio,
Y tu condicion eſquiva
Ordenan qu' en llamas biva,
Mas yo muero-me de frio.

ALHEO.

Arder coraçaõ arder
Que vos naõ poſſa valer.

VOLTAS.

VEndovos ir conſumindo
Os olhos d' alma, com magoa,
Acodem logo com agoa,
Eſtá-ſe diſſo o Amor rindo:
A tal eſtremo ſou vindo
Que vos vejo perecer,
E naõ vos poſſo valer.

Dentro no meu triſte peito,
Onde o fogo arde eſcondido,
Sereis em cinza desfeito,
Primeiro que ſoccorrido.
Já vos choro por perdido;
Que menos naõ póde ſer,
Pois vos naõ poſſo valer.

ALHEA.

Zagala no m' agradais,
Vais, y venis al aldea,
Andais triſte, no ſois fea
Doyme a Dios, ſi vos no amais.

VOLTAS.

CAuſa de lo que ſoſpecho
Es vueſtro deſaſoſſiego,
Porque mal s' encubre el fuego,
Con que Amor abraſa el pecho:
En el monte no parais,
Vais, y venis al aldea:
Que quereis que d' eſto crea,
Sino que d' amor penais?

El que os haze aſſi andar
No merece ſer amado,
Pues os mira deſcanſado
Canſada por le mirar:
Vueſtro amor mal empleais
Sea el qualquer que ſea,

VARIAS.

Pues que no dexa el aldea,
Por el monte a dô morais.

La demudada color,
El coraçon que ſoſpira,
Señas dan de vueſtro amor
A quien con amor os mira:
Mirad que os aventurais
A que ſe diga en aldea,
(Y quiera Dios que no ſea)
Que d' amor herida andais.

ALHEA.

No naſcieron, Paſcoala,
Los plazeres para mi,
Cuitas, y dolores ſi.

VOLTAS.

NUnca por mi mala ſuerte
Plazer he viſto en mi vida,
Deſſeo verla perdida,
Por ver ſi tal es la muerte.
Mas es cierto que no acierte
A ver, en llegando allí,
Aquello que jàmas vi.

Quien plazer verme deſſea
No me deſſee plazer,
Baſta para no le ver,

Deſſearen que lo vea :
Nacieron (eſto ſe crea)
Las triſtezas para mi,
Para triſtezas naci.

ALHEO.

Taño os yo mi pandero,
Taño os, y pienſo en al.

VOLTAS.

LO que pienſo, y lo que taño
Poco ſirvè a lo que ſiento,
Ni con vueſtro ſon m' engaño,
Ni con el mi penſamiento:
Todo ſe lo lleva el viento;
Yo me quèdo con mi mal,
Sin poder penſar en al.

Bien mueſtra en tal deſconcierto
Ser amor niño liviano,
Que pienſa con un ſon vano
Engañar un dolor cierto:
A quien bive al plazer muerto,
Y bive para ſu mal,
Tañer, y penſar que val?

ALHEA.

Señora, ſi baſta auſencia
[illegible] apartarme de ti,

VARIAS.

Ruego a Dios qu' en tu preſencia
S' aparte el alma de mi.

VOLTAS.

ADô quiera que me veo,
For lexos que de ti ſea,
rdena Amor que te vea
on los ojos del deſſeo:
o tiene poder auſencia
ara apartarme de ti,
tienelo tu preſencia,
ara apartarme de mi.

ſo te mueſtres receloſa,
ue m' aparte en me partir,
ue tàl partir, y morir,
erà una miſma coſa:
i jàmas en tu auſencia
uſente fuere de ti,
)è la muerte la ſentencia
n tu favor contra mi.

ALHEO.

lla miran ojos,
A dô quieren bien.

GLOSSAS.

POr veren alla
El bien que deſſean,

Por viſtos que ſean,
Poco ſe les dá:
Dond' el bien eſtà
Seguro d' enojos,
Alla miran ojos,

Miran ſin temor
De ſeren mirados,
Movidos d' Amor
En el confiados:
Miran trasportados
En coſas que ven
A dò quieren bien.

OUTRA GLOSSA

QUien ama, retiene
Mal occulto el fuego,
Que la viſta luego
A moſtrarlo viene:
Dond' el pecho tiene
Sus caros deſpojos,
Allà miran ojos.

Sin tener memoria
D' encubrir ſu pena,
A la viſta agena
La mueſtran notoria:
Tienen-la por gloria,
Por guſto el deſden
A dò quieren bien.

ALHEO.

Tal dolor tengo en alma:
No ſaldrá ſin qu' ella ſalga.

VOLTAS.

MAs el la trata de ſuerte,
Que preſto tendrá ſalida,
Q ſe acaba con la muerte
Dolor, que quita la vida:
Se fu tormento vencida
Saldrà del cuerpo el alma,
Sin que della el dolor ſalga.

ALHEO.

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai com quem, e ſem quem.

GLOSA.

VEndo Amor que com vos ver
Qu' os males que me fazia,
Alegremente os ſoffria,
Naõ me póde iſto ſoffrer:
Conjurouſe com meu fado,
Que novo mal m' ordenou,
Ambos me levaõ forçado,
Naõ ſei onde, pois que vou
Sem vós, e com meu cuidado.

Deſtes

Deſtes dous males que digo,
Naõ ſei qual he mais eſtranho,
Se naõ vos ver, ſe comigo
Ver hum imigo: tamanho:
O que fica, e o que vem
Hum me mata, outro deſejo,
Com tal mal, e ſem tal bem,
Em tal eſtremo me vejo,
Olhai com quem, e ſem quem:

ALHEA.

Tanto la vida m' enoja
Con los daños, que recibo,
Que por Dios que ſe me antoja
Qu' ha cien mil años que biuo.

GLOSSA.

LEguê por mi mala ſuerte
A tal punto, a dolor tal,
Que la fortuna me advierte,
Qu' el remedio de mi mal
Amor lo puſo en la muerte:
Ya otro ninguno eſpero,
Ni ſê adonde m'acoja;
Qu' es mi tormento tan fiero,
Que muero porque no muero:
Tanto la vida m' enoja!

Vida de triſtezas llena
Como biva no lo entiendo:
Soſpecho qu' amor lo ordena,
Porque ſienta en mi, biviendo,
Los eſtremos de ſu pena.
O gran poder encubierto!
O fuerça d' Amor altivo!
Si no fueras, ſoi mui cierto
Que mil vezes fuera muerto
Con los daños que recivo.

Tales ſon, tal es mi hado,
Qu' al fin de la vida viene
Mi coraçon laſtimado;
Mas quien los dá lo ſoſtiene
Por ſoſtener mi cuidado.
Y por mas atormentarme,
D' un mal en otro m' arroja,
Viendo yo aſſi penarme,
Es gran dicha no matarme,
Que por Dios que ſe m' antoja.

La eſperança, que ſuele
Ser alivio del tormento,
Ni aun vana en mi la ſiento,
A fin que no ſe conſuele
Con ella mi penſamiento.
Del bien, que no s' offerece,
Se recela el mal eſquivo,
Y de tal manera crece,
Que de triſte me parece,
Qu' ha cien mil años que bivo.

ALHEA.

Já naõ poſſo ſer contente,
Tenho a eſperança perdida,
Ando perdido entr' a gente,
Nem mouro, nem tenho vida.

GLOSSA.

DEſpois que meu cruel fado
Derrubou hũa eſperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei ſem mudança,
E do bem deſconfiado:
O coraçaõ, qu' iſto ſente,
A' ſua dôr naõ reſiſte,
Porque vê mui claramente
Que, pois naſci pera triſte,
Já naõ poſſo ſer contente.

Por iſſo, contentamentos,
Fugi de quem vos deſpreza,
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz, ſenhora, a triſteza
De todos meus penſamentos.
O menos, que lh' entreguei,
Foi eſta canſada vida:
Cuido que niſſo acertei,
[illegible]que de quanto eſperei,
[illegible]o a eſperança perdida.

Goſtos de mudanças cheos
Naõ me buſqueis, naõ vos quero;
Tenho-vos por taõ alheos,
Que do bem, que naõ eſpero,
Inda me canſaõ receos:
De vós deſejo eſconderme,
E de mim principalmente,
Onde ninguem poſſa verme;
Que pois me ganho em perderme,
Ando perdido entr' a gente.

Acabarme de perder
Fôra já muito milhor,
Por acabar hũa dôr
Que naõ podendo mór ſer,
Cada vez a ſinto mór.
Em tormento taõ eſquivo,
Em pena taõ ſem medida
Que moura, ninguem duvida,
Mas eu ſe mouro, ou ſe vivo,
Nem mouro, nem tenho vida.

VOLTAS

A' meſma cantiga.

PRazeres que tenho viſto
Onde ſe foraõ, qu' he delles,
Fora-ſe a vida c'os elles
Naõ me vira agora aſſi,
Vejo-me andar entr' a gente
Como couſa eſquecida,

Eu triſte, outrem contente,
Eu ſem vida, outrem com vida.

Vieraõ os deſenganos,
Acabaraõ os receos;
Agora choro meus damnos,
E mais choro bens alheos:
Paſſou o tempo contente,
E paſſou taõ de corrida,
Que me deixou entr' a gente
Sem eſperança de vida.

ALHEA.

Coraçon paga teneis,
Si pena, y dolor paſſais,
Porque nunca os atrevais
A amar dô no mereceis.

VOLTA.

VIendo la cauſa del daño,
Soffrivel queda el dolor,
Pues o quiere dar Amor
Con la pena el deſengaño,
Para que no lo culpeis:
No ſê como no mirais
Lo mucho que deſſeais,
Lo poco que mereceis.

ALHEO.

S' eſpero ſei que m' engano:
Mas naõ ſei deſeſperar.

GLOSSA.

O Meu penſamento altivo
Me tem poſto em tal eſtremo,
Que, quando eſperando vivo,
O bem eſperado temo
Muito mais, que o mal eſquivo;
Que pera creſcer meu damno
No goſto da confiança,
Ordena o Amor tyranno
Que na mais firme eſperança,
S' eſpero, ſei que m' engano.

Deſte novo ſentimento
Chega a tanto a nova dôr,
Que s' enlea o penſamento
Ver que no mór bem d' Amor
Se deſcobre o mór tormento:
Folgara de m' enganar,
Mas naõ he couſa poſſivel,
Pois pera ſempre penar
Sei qu' eſpero o impoſſivel,
Mas naõ ſei deſeſperar.

ALHEA.

La mas nueva coſa,
Que ay en vueſtra villa,
Es ver a Menguilla
Metida en celoſa.

VOLTAS.

DEs que tal paſſion
Penetro ſu pecho,
Tiene ſin razon
Mil eſtremos hecho,
Por coſa donoſa,
Se tiene en la villa,
Que venga Menguilla
A dar en celoſa.

Quexa-ſe a deshora
D' una, y d' otra guiſa,
Es coſa de riſa,
Verlo porque llora,
Siendo tan hermoſa,
Bive con Manzilla,
Celoſa en la villa,
En campo celoſa.

ALHEO.

En eſta tierra Zagal,
Dias ha que te và mal.

VARIAS.

GLOSSA.

MI fé, Anton, que penſava
Qu' en te viendo acà bolver
gun lo que ſe ſonava,
ue te ſobraſe el plazer,
ue por allà te faltava.
as aqui adond' eſtàs,
à todo tan fin compas,
' al que no pone caudal,
as fruto coger veràs,
enos al que ſembra mas
1 eſta tierra Zagal.

ierra de zizania llena,
'eſpinos, cardos, abrojos,
ue buelve el trigo en avena,
no recrea los ojos
on flor, ni con yerva buena.
odicia paſſa la raia,
anto que tembla, y deſmaia:
i alma penſando tal,
onde ire que bien me vais,
a ti en eſta avara plaia
ias ha que te và mal?

ROMANCE ALTEO.

Avallero, ſi a Francia ides,
Por Gaiferos perguntad,

Y dezidle que ſu eſpoſa
Se le embia encomendar,
Dezidle, que no m' olvide
Por los amores d' alla,
Que ſus juſtas, y torneos,
Bien los ſupimos acà.
Dezidle, que ya es tiempo
De me venir a ſacar
Deſta priſon tan eſquiva,
Dò muero con ſoledad.
Dezidle que venga preſto,
Si biva me quiere hallar;
Que ſi preſto no viniere,
Mora me haran tornar.
Eſſas nuevas; mi ſenhora,
Vòs miſma las podeis dar,
Que allà en Francia la bella
Gaiferos ſuelen llamar.

GLOSSA.

POrque ſepa qu' en dolor
Con anſias paſſo, y con lloros,
De mi vida lo mejor,
Captiva en tierra de Moros,
Mas captiva de ſu amor.
Para que mi libertad
Procure por fuerça, o ardides,
Y no muera en ſoledad,
Cavallero, ſi a Francia ides,
Por Gaiferos perguntad.

Y dezidle que me viſtes
En parte tan ſin plazer,
Adonde de mi ſupiſtes
Que mas ſiento no le ver,
Que verme en priſiones triſtes,
Y quando no s' acordar
De muger tan deſdichoſa,
Y quien ſoi vos, perguntar,
Dezidle, que ſu eſpoſa
Se le embia encomendar.

Pues en mi, que d' amor muero,
D' amor hizo experiencia,
El amor ſuio, y primero,
No lo mude por auſencia,
Del mio tan verdadero;
Sè que no lo mudarà,
Si por la razon lo mide:
Y pues no le olvido acà,
Dezidle, que no m' olvide
Por los amores d' allà.

Que no merece mi fé,
En tal dolor, tal olvido;
Que nunca le olvidarè,
Que ſea qual ſiempre ha ſido;
Que, qual fui, ſiempre ſerè.
Dezidle, que mueſtras dà
D' otro amor en ſus arreos,
Si lexos pienſa qu' eſtà;
Que ſus juſtas, y torneos,
Bien los ſupimos acà.

EPIGRAMMA A FAETON.

DO Ceo foi o vencimento,
Do corpo alcançou victoria,
Naõ da fama, nem da gloria,
Do meu alto penſamento:
Poſto que a chamma homicida
Abraſou a mortal vida,
Que por honrà aventurei,
Cuido que niſſo acertei,
Pois ſobi polla caida,
Onde ſobir deſejei.

ALHEA.

Si no mejora mi ſuerte,
Preſto morir me conviene,
Quiça que tendra la muerte
Lo que la vida no tiene.

GLOSSA.

AL punto, dõ ſoi llegado,
No ſe como llegar pude:
Sè qu' eſtoi deſconfiado
Que, por mas qu' el tiempo mude,
No mude mi triſte eſtado.
Cuidados, por mas penarme,
A los miniſtros de muerte
Trabajan por entregarme,

Y mal puedo mejorarme,
Si no mejora mi ſuerte.

Mas de le ver mejoria
Tengo ya poca eſperança,
Que pues ella es ſuerte mia,
Para mal harà mudança,
Para bien en ningun dia.
Ya mi mal, que del bien viene,
En el mal, donde eſtoi pueſto,
Deſengañado me tiene;
Que para que biva preſto,
Preſto morir me conviene.

A la cauſa deſte mal,
Donde naſce mi triſteza,
Mi dolor, y anſia mortal
No ſiento igual belleza,
Ni aſpereza igual.
Es lo mejor de mi ſuerte,
Para mi ſu crueldad,
Que ſi pera mal tan ſuerte
No tuviere piedad,
Quiça que tendra la muerte.

Y quando no la tuviere,
No queda mas qu' eſperar;
Que la vida no me quiere,
Sino para me quitar
Los guſtos, ſi me los diere.
Y por eſſo m' entretiene

Con las ſombras del pinſar,
Que pienſo que a verme viene
Mas como me puede ver
Lo que la vida no tiene?

ALHEO.

S' eſpero, ſei que m' engano:
Mas naõ ſei deſeſperar.

OUTRA GLOSSA.

EM amoroſa contenda
Se m' ordena triſte fim:
Qu em ſerá que me defenda
De mim, que vou contra mim,
Sem que de mim me defenda?
O remedio deſte dano,
He querer o que naõ quero:
Mas d' hum bem taõ ſoberano
Se deſeſpero, qu' eſpero?
S' eſpero, ſei que m' engano.

Sem eſtimar liberdade,
Sigo o meu deſejo vaõ,
Guiado polla vontade,
Deſviado da razaõ,
Que ſó me fala verdade.
Eſte bem, que naõ tem par,
Só de longe o poſſo ver,
Porque pera lhe chegar,

VARIAS

Bem ſei que naõ póde ſer,
Mas naõ ſei deſeſperar.

ALHEO.

Mereço ſó polla fé
O que me nega eſperança.

GLOSSA.

SErviços naõ podem ſer
A voſſo contentamento,
Pera mercês receber,
Que voſſo merecimento
Lhes abate o merecer.
E quem vos ſerve, e naõ crê
Naõ ter preço o voſſo preço,
Fica indigno de mercê;
Que eu, s' algũa mereço,
Mereço-a ſó polla fé.

Eſtaõ firmes no meu peito
Pura fé, e puro amor,
Eſtou d' ambos ſatisfeito,
Contente de minha dôr,
Por ſer por voſſo reſpeito.
Mas de poder ver mudança
Neſte mal, em que me vejo,
Vou perdendo a confiança,
Porque me pede o deſejo
O que me nega eſperança.

ALHEO.

Viene, dulce muerte, viene,
Mi desdicha te detiene.

GLOSSA.

SI por ti estoi llamando,
Como ya no vienes, di?
Porqu' estoi acompañando
Uno que bive penando,
Y que se muere por ti.
Luego mas tormento tiene,
Ya que tu por el me dexas?
Mas pues tu quieres que pene,
Ah no me dobles mis quexas,
Viene, dulce muerte, viene.

Bivirê con tu venida,
El fin ti podrà bivir;
A los dos daràs la vida:
Antes la verà perdida
El, si te viere morir.
Escusarte no conviene,
Cumple ya con mi deseo:
No puedo, que m' entretiene
Su ventura; no lo creo:
Mi desdicha te detiene.

VARIAS.

ALHEO.

Sufraſe quien penas tiene;
Que tras tiempo tiempo viene.

GLOSSA.

COmo los Cielos ordenen
Que aya mudança en todo,
Y los bienes van, y vienen,
Los males del miſmo modo,
El miſmo ſuceſſo tienen.
Puesto que ſu mal le pene,
Y las bonanças agenas,
Sufrir, y callar conviene,
Y ſe quiere vencer penas,
Sufra-ſe quien penas tiene.

Acojaſe al ſofrimento
Quando mas dolor fintiere,
Y quando el plazer viniere,
No ſe ufane por contento,
Ni por triſte deſeſpere.
El tiempo nos entretiene,
Con jàmas eſtarſe quedo,
Un derrueca, otro ſoſtiene,
Mire pues el triſte, y el ledo,
Que tras tiempo tiempo viene.

ALHEO.

Naõ poſſo deſejar mais,
Nem me contento de menos.

GLOSSA.

A Tal eſtremo cheguei,
Deſpois que vi o que vi,
Que ſatisfeito fiquei,
(Ainda que me perdi)
Do que na perda ganhei.
Ganhei lagrimas, e ais,
Em olhos brandos ſerenos,
Porque delles ſerem taes,
Naõ poſſo deſejar mais,
Nem me contento de menos.

ALHEA.

De mi dolor deſumano
Solo el alma eſtá contenta;
Que no es bien qu' el cuerpo ſienta
Heridas de vueſtra mano.

GLOSSA.

LA pena de mi tormento
Juntamente es maravilla,
Porque a mi dame contento,
[redacted] mueve a manzilla,
[redacted]

Que no sienten lo que siento.
Miran la triste color
De mi gesto poco ufano,
No el gusto interior,
Por lo que tienen dolor
De mi dolor deshumano.

De los ojos corporales
Salen juizios inciertos,
Si juzgan por las señales,
Los bienes qu' andan cubiertos
Con apparencias de males.
Y assi los mas sentidos,
Por no caer en la cuenta
De quien los trae vencidos,
Estan tristes desabridos,
Solo el alma está contenta.

Ella sola gusta, y siente
El gusto de mis enojos,
Y los passa alegremente,
Porque vè con otros ojos
Qual es de su mal la fuente.
Y con esta vista tal
Leda en penas se sostenta;
Que de la causa del mal
Nace un bien tan sin igual,
Que no es bien qu' el cuerpo sient

Es un bien tan separado
Del bien qu' el cuerpo desea,

Tan altivo, y no penſado,
Que bien es que del no ſea
Sentido, ni deſeado.
Para el alma (en concluſion)
Que tiene juizio ſano,
Y ſe rige por razon,
Vida, no heridas ſon,
Heridas de vueſtra mano.

ALHEO.

Los mis penſamientos,
Madre,
Pediſſelos quiero al aire.

VOLTAS.

ES razon que ſe los pida,
Pues los llevan ſin razon;
Que pueſto que vanos ſon,
ſon d' un' alma enternecida.
'ara reſpirar mi vida,
mal no lo tengais, madre,
ue pida el ayre al ayre.

nſeme por el debuelo,
que pueda detenellos;
me dexan que recelo
buele el alma tras ellos.
es que tal ſea, madre,
rſelos quiero al ayre.

VARIAS.

ALHEO.

Culpa fue querer miraros ;
Pero tuviera deſculpa ,
Si no paſſara la culpa
De veros a deſſearos.

GLOSSA.

AGora por mi mal veo
Quanto mal hazen los ojos ,
Quando los lleva el deſſeo
A donde cauſan enojos ,
Como de los mios creo.
Mirè ſin tener ſoſpecha
De con la viſta enojaros ;
Mas eſto que m' aprovecha ?
Que pues no ſois ſatisfecha ,
Culpa fue querer miraros.

Si d' ofenderos penſara ,
Era impoſſible ofenderos ,
Por qu' entonces no os mirara ;
Que ſin vueſtro guſto veros ,
Quedava mi culpa clara.
Nacio del mirar ſin tiento
Vueſtro enojo , y mi culpa :
No mirando tambien ſiento
Que no tuviera contento ,
Pero tuviera deſculpa.

Faltarme en el mal preſente,
Es por mi poca ventura,
Que la viſta injuſtamente,
Siente el gran dolor que ſiente
Por mirar tal hermoſura.
En lo que la fuerte ordena,
La buena intencion deſculpa;
A la mia no ſer buena,
Injuſta fuera la pena,
Si no paſſara la culpa.

No era cauſa baſtante,
Para yo quedar culpado,
El ver ſi en el miſmo inſtante,
El deſſeo enamorado,
No fuera mas adelante.
Vencerme ſin reſiſtencia,
Y vueſtros enojos claros
Contra mi dieron ſentencia,
Porque và gran differencia
De veros a deſearos.

ALHEO.

Mi ganado buſca dueño,
Que yo ya no ſoy paſtor
D' ovejas, ſino d' amor.

VOLTA.

SI ſientes mis deſvarios,
Ganado, porque te pierdes?

Buſca otros prados verdes,
Otros montes, otros rios,
Porque ya los hados mios
No me dexan ſer paſtor
D' ovejas, ſino d' amor.

ALHEO.

Muero por dezir mi mal;
Morirê, ſi lo dixere.

GLOSSA.

MI deſſeo, y mi temor,
Sobre callar, y dezir,
Mi encubierto dolor,
Hazen juez al Amor,
Deſpues de mucho reñir.
Amor me pergunta qual
De los dos mas razon tiene:
Yo reſpondo en general,
Veo que callar conviene,
Muero por dezir mi mal.

A tan dudoſa reſpueſta
El Amor aſſi replica,
Dezir tu mal que te cueſta?
Mejor remedio ſ' aplica
A la llaga manifeſta.
A eſto digo, ſi fuere
Mi mal ſabido, no ſé
Que remedio en el eſpere,

Si lo callo morirè,
Morirè, ſi lo dixiere.

ALHEO.

Quanto mas lexos de ti,
Màs contigo, y màs ſin mi.

GLOSSA.

AMor por tal modo, y arte,
Me vencio con tu amor,
Que jàmas me hallo en parte,
Donde no ſobre el dolor,
Quando me falta mirarte.
Y aun ſi preſente eſtàs,
Donde me viſtes, y te vi,
Alguna pena me dàs,
Pero tanto peſo màs,
Quanto mas lexos de ti.

Que pueſto que mi ſentido
De te ver jàmas s' alexa,
Auſente eſtoi mas perdido,
Porque entonces màs me aquexa
Temor de mortal olvido:
Mas tanto puede el deſſeo
En el alma, que rendi,
(Porque lo paſſo, lo creo)
Que no te viendo me veo
Màs contigo, y mas ſin mi.

ALHEA.

ran trabajo es encubrir
El mal, de qu' eſtoi herido:
Menos peligro es morir,
Pues quexarme es defendido.

GLOSSA.

TYranno de mis deſpojos
Reina Amor dentro en mi pecho,
de grande, a mi deſpecho,
ale fuera por los ojos;
allando el lugar eſtrecho,
i le quiero perſuadir
ue ſecreto en mi ſe quede,
as deſcubre, con dezir:
o qu' encubrir no ſe puede,
ran trabajo es encubrir.

o deſdigo ſu razon,
emeroſo de ſu ira,
aſſi mueſtra, a quien lo mira,
n mi geſto el coraçon,
ue ſufre, calla, y ſuſpira.
que me vê comedido,
r conplazer me trabaja,
cordando a mi ſentido,
' a todo bien se avantaja
mal, de qu' eſtoi herido.

Mas yo metido entre dudas,
De morir no tengo duda,
Porque a morirme m' ayuda,
Aver lengua en cosas mudas
Donde la mia està muda;
Entre penar, y sufrir,
Entre osado, y temeroso,
Entre bivir sin bivir,
Siempre triste, y dolpechoso,
Menos peligro es morir.

Hate el morir mejor suerte
En la mala, en que me veo,
Que, por lo que siento, creo
Ser menos dolor la muerte,
Qu' encubrir mortal deseo,
Por mejorar el partido,
Acabense ya mis dias,
Queden en pecho afligido
Secretas las quexas mias,
Pues quexarme es defendido.

ALHEO.

De que sirve à crudo Amor,
Hazer de dos almas una,
Si las aparta fortuna?

GLOSSA.

SI pienso en las ocasiones,
Dò nacen tus desvarios,

En tal confuſion me pones,
Que mido tus ſin razones
Por los grandes males mios:
Tu deſguſto, tu contento,
Tu blandura, tu rigor,
Tu regalo, tu tormento,
Si todo lo lleva el viento,
¿Que ſirve ò crudo Amor?

Ser tu poder mui crecido,
Eſto no te lo pergunto;
Que bien veo que en un punto
Juntas lo mas dividido,
Y divides lo mas junto.
Que ſin victoria te quedes,
No tentas coſa ninguna,
Todo lo cogen tus redes;
Tal es tu poder, que puedes
Hazer de dos almas una.

Pero eſto, de que tanto
Te celebran, con razon
Es de quexas ocaſion,
De ſuſpiros, pena, y llanto
En los que mas tuyos ſon.
Que anſi como eſtan gozando,
Unidas las dòs en una,
Sus deſſeos conformando,
Anſi ſe mueren penando,
Si las aparta fortuna.

ALHEO.

As me tornado a ſu ſer,
Mis guſtos tan acabados.

GLOSSA.

RIgor de tu gran olvido,
Fuerça de ventura, y hado,
A tal punto m' an traydo,
Que del ſer de mi ſentido
Me vi caſi enagenado,
Mas tu, ò por no caber
Crueza en tal hermoſura,
O por moſtrar tu poder,
Venciendo olvido, y ventura,
As me tornado a ſu ſer.

Devo mi ſer a tus ojos,
Qu' ablandaron los tormentos,
Bolviendo en nuevos contentos
Los recelos, los enojos
De mis triſtes penſamientos.
Ya con todos mis cuidados
Seguro eſtoi de ſer triſte;
Mis males ya ſon paſſados,
Pues tu reſtaurar quiſiſte
Mis guſtos tan acabados.

ALHEA.

Soñava, madre, que via
Alegre mi coraçon:
Mas los ſueños, madre mia,
Mas los ſueños ſueños ſon.

GLOSSA.

FAtigado el penſamiento
Con dolor de ſus enojos,
En la fuerça del tormento
Adormecieron mis ojos,
Llorando mi perdimiento:
Dormiendo me parecia,
Que ſe mudava en plazer
La mucha triſteza mia;
Mas lo que no puede ſer,
Soñava, madre, que via.

De la gloria falſa incierta
D' aquel ſaboroſo engaño
Me quedò la pena cierta;
Y mucho mas gravè el daño,
Deſpues que me vi deſpierta.
Si mis ojos fuentes ſon,
De los vueſtros s' apartando,
Que ſea no es razon,
Ni dormiendo, ni velando,
Alegre mi coraçon.

Que biva triſte biviendo,
Aſſi lo quiere mi ſuerte;
Mas tal vida no la entiendo,
Que la vida hallo en la muerte,
Y ſi bivo, eſtoi moriendo.
En la noche el mal del dia
Pienſa engañar mis querellas,
Mas es vana ſua porfia,
No ſolo me cauſan ellas,
Mas los ſueños, madre mia.

Dezis que mis ſueños crea,
Que del bien no deſeſpere,
Quereis vòs que plazer vea?
Quando yo, madre, lo viere,
Cierto que por ſueños ſea.
Y en la mi grave paſſion,
Bien ſeria ſi anſi fueſſe,
Vieſſe alegre el coraçon,
Y en ſueños, madre, lo vieſſe;
Mas los ſueños ſueños ſon.

ALHEO.

Quem deſmerece ſervindo,
Qu' eſperará deſejando?

GLOSSA.

Cuidei, pelo que ſervia,
Merecer o qu' eſperava;

que m' enganava
co que merecia,
to que deſejava.
5 niſſo attentando,
ſa parte acudindo,
meu erro eſtranhando)
leſmerece ſervindo,
erará deſejando?

ALHEO.

no nenhum perigo,
vontade perigoſa.

GLOSSA.

m ama vive em temor,
figo amando outro eſtremo,
ɔuro de puro amador,
Amor nada temo,
do tudo d' Amor.
lma receoſa
o tempo tras comſigo;
vida dúvidoſa
mo nenhum perigo,
ɔntade perigoſa.

ALHEA.

oi deſpues que os vi,
de mi proprio cuidado

Eſtoi tan enamorado
Como Narciſo de ſi.

VOLTAS.

UNa ſola differencia
Hallo en eſte amor altivo
Que el murió con ſu preſencia,
Mas yo con la vueſtra vivo.
En el punto, que yo os vi,
Se realçò mi cuidado
Tanto, que enamorado,
Por vòs, me quède de mi.

Nacieron de un amor dòs;
Cupido fue el tercero,
Que haze que bien me quiero
Por lo que vos quiero a vòs.
Los eſtremos, qu' en vòs vi,
Me an traido a tal eſtado,
Que me veo enamorado
D' Amor, de vòs, y de mi.

ALHEÒ.

Hora cuidar m' aſſegura,
Hora me matàò cuidados.

GLOSSA.

FOi ſer a vontade minha
De todas tàõ deſviada,

Que me naõ affirmo em nada ;
Por bem tenho o mal que tinha ,
O bem que tenho m' enfada.
Iſto he força da ventura ;
Se naõ m' engana o que cuido ;
Que tais eſtremos miſtura ,
Qu' hora meu proprio deſcuido ,
Hora cuidar m' aſſegura.

Diverſas couſas me pede
O meu deſejo inquieto ;
Hũas nego , outras prometto ;
Mas com tudo me ſuccede
Perderme no que cõmetto.
Como ſerá dos meus fados
A tençaõ favorecida ,
Se pera males dobrados ,
Cuidados me daõ a vida ,
Hora me mataõ cuidados.

ALHEA.

Es tan dulce mi tormento
Por la cauſa , que lo ordena ,
Que vengo a ſer avariento
De los guſtos de mi pena.

VOLTAS.

SI d' otra cauſa nacieron
Las mortales anſias mias ,

Tan fuertes ſon, que ya dieron
Fin triſte a mis triſtes dias,
Mas en medio del tormento,
Quando pienſo en quien lo ordena,
Muda-ſe en contentamento
El gran rigor de mi pena.

Amor, que penarme quiſo,
Queda-ſe con ſu engaño,
Que por la cauſa del daño,
El daño me ſatisfizo.
Es tal el merecimiento
De quien mi paſſion ordena,
Qu' el dolor me dà contiento,
Y ſumma gloria la pena.

ALHEOS.

Sangrientas las hebres d' oro
Se ſale de la batalla,
La hermoſa Bradamante,
Aun que herida, vengada.

GLOSSA.

HAziendo con moros guerra
La hija d' Amor oſada,
De Rodamonte encontrada,
Cayole ſu yelmo en tierra.
Herida del bravo moro,
Que no miro gentileza,

quedaron con mas belleza
sangrientas las hebres d' oro.

Desclados al mismo punto
los Franceses, y Paganos;
lazañas hazen sus manos,
con furor al valor junto.
Mientras rompe el fiero Marte
todo arnês, todo elmo, y malla,
la dama por otra parte
se sale de la batalla.

No sale por verse herida,
ni porque tema la muerte;
Mas porque llaga mas fuerte
siente en su pecho empremida:
Herida mas penetrante,
(En su alma cosa nueva!)
Mas sangrienta, y cruda lleva
la hermosa Bradamante.

Viole el golpe el buen Rugiero
con la flecha de Cupido:
No queda menos herido
de su vista el cavallero;
de dos llagas lastimada
va triste, y con dolor:
Mas de la llaga d' Amor,
aun que herida, vengada.

A HUM AMIGO QUE PEDIO ao Autor hũas poucas de lagrimas pera hum roſario.

Bem podera mandar mais,
Porém, ſenhor, deſſa fruita
He milhor pouca, que muita.

QUiz que foſſem enfiadas
Neſſes fios d' eſperança,
Porque das por Deos choradas,
O que s' eſpera s' alcança.
Trazei-as pera lembrança
Que da terra eſſa má fruita
Tem no Ceo valia muita.

Os eſtremos, que milhor
Lhe podeis entremeter,
Suſpiros devem de ſer
Saidos d' alma com dôr.
Em fim nunca humano amor
Vos leve mais deſſa fruita,
O divino leve muita.

VILANCETE.

Deſejo de ter cem olhos,
Como teve Argos paſtor,
Pera chorar hũa dôr.

VOL-

VOLTA.

QUe dous, que niſſo ſe gaſtem,
Naõ podem tanto chorar
Que ſuas lagrimas baſtem
Pera me deſabafar:
E daqui vem deſejar
Ser de mais olhos ſenhor,
Do que foi Argos paſtor.

Mas ſe quizeſſe cantalla,
Quantas lingoas hei miſter,
Quando ſó pera choralla
Cem olhos deſejo ter?
Em fim pois naõ ha dizer,
Nem chorar tamanha dôr;
Soffrella ſerá milhor.

CANTIGA.

Quando cuido no que cuido,
Porque ſinta mal dobrado,
Tanto em mim creſce o cuidado,
Quanto em vós creſce o deſcuido.

VOLTA.

DEs que cuidar me fizeſtes,
Tanto cuido (ou cuido mais)
Quanto vós vos deſcuidais
Dos cuidados, que me déſtes.

Daqui

Daqui vem que quanto cuido,
Me tem já desenganado,
Que pagais grande cuidado
Com outro tanto descuido.

CANTIGA.

Mudanças, qu' a vida tem
No que mais, e menos val,
Me fazem rir já do mal,
E naõ ter goſto do bem.

V. O L T A S.

DEs que vi ſer tudo vento
Quanto a vida póde dar,
Nem do mal tenho peſar,
Nem do bem contentamento,
Vente daquem, ou d'além,
Corra Norte, ou Vendável;
Que tanto me dá do mal,
Quaõ pouco tenho do bem.

Naõ temo males que vejo,
Porque ſei que vem, e vaõ;
E polla meſma razaõ
Bens mudaveis naõ deſejo.
Tudo o mais, qu' a vida tem,
Val mui pouco, ou nada val:
Mal, que paſſa, naõ he mal;
Bem, que dura, he ſummo bem.

VARIAS.

VILANCETE.

Quem vos ouve, e quem vos vê,
Por demais he que reſiſta
A tal fala, e a tal viſta.

VOLTAS.

ESTremos ſaõ conhecidos,
A quem o Ceo deu por ſorte
Serem vida, e ſerem morte
Dos dous mais altos ſentidos.
Os meus de todo rendidos,
Naõ tem força, que reſiſta
A tal fala, e a tal viſta.

Quem doce morte reçea,
Quem triſte vida deſeja,
Naõ vos ouça, nem vos veja;
Por fé vos ame, e vos crea:
Sois Meduſa, ſois Serea:
D' amor, que tudo conquiſta
Com tal fala, e com tal viſta.

CANTIGA.

Señora, no quiera Dios
Que vòs ſeais homecida,
En que ſe pierda la vida
Del que ſe pierde por vòs.

VOLTAS.

QUe no ſe puede ſufrir
Crueza en tal hermoſura,
Muera por ſu deſventura,
Nò que vòs le hagais morir.
Nunca tal permitta Dios
Que del ſeais homecida,
No por couſa de ſu vida,
Mas por la culpa de vòs.

Vueſtro pecho endurecido,
Sienta ya (para dolerſe)
Que no deve ſer perdido
Quien tambien ſupo perderſe.
Que cuenta dareis a Dios,
Siendo cruel homecida,
Dexando morir la vida
Del que ſe muere por vòs?

CHANSONETAS.

Bendita ſea la madre,
Que donzella queda, y pare.

VOLTA.

DEl Padre el Verbo Divino,
Con divino amor por nòs,
Quiſo nacer hombre, y Dios,
De una Virgen qual convino.

Bendito sea el que vino,
Bendita sea su madre,
Que donzella queda y pare.

OUTRA.

No lloreis, mi Dios:
Llore yo por vòs.

VOLTA.

SEan por vòs rios,
Mis ojos de llanto;
Pues por yerros mios,
Por mi llorais tanto,
Oy con dulce canto
Se da gloria a vòs,
Vòs llorais por nòs.

OUTRA.

He tempo que deis o peito,
Sacratissima Senhora,
A vosso filho que chora.

VOLTA.

CHora tremendo de frio,
N'hum prefepio reclinado,
De todo defabrigado,
Até de feno vazio:

Achegai-lhe o peito pio,
Sacratiſſima Senhora,
Porque já por elle chora.

OUTRA.

Eſtrella do alto Ceo,
Moſtrai ſinais d' alegria
Neſta noite, em que naſceo
O bom Jeſus de Maria.

TRECETO ALHEO.

Aqueſte premio mi ſervir alcança,
Que ſola en la miſeria de mi vida,
Negò fortuna ſu comun mudança.

GLOSSA.

A Quien me quexarè de mi triſteza,
Si de mis quexas nace mal doblado?
A dò ſe viò jàmas tal eſtrecheza,
Que aun de me quexar no ſoi oſado?
Si buſco piedad, hallo aſpereza,
Si ſirvo con amor, ſoi deſamado,
Quien ſirve deſamado no deſcanſa,
Aqueſte premio mi ſirvir alcança.

A tanto que me trae el penſamiento
Por diſcurſos inciertos engañados,
Que viene a ſer remedio en lo q̃ ſiento,
El dolor, qu' es dolor en deſdichados.

ſuelen los males dar contento,
bienes en mi ſon acabados,
oſtiene en mas l' alma vencida,
lo en la miſeria de mi vida.

er coſa alguna permanece,
i mal (no pienſen que m' engaño)
el mengua en mi, ni en mi crece
:s que vino al ultimo del daño:
:nueva en mi, ni en mi fenece,
:odo lo mas (ò caſo eſtraño!)
.ra no mudar mi mal andança,
fortuna ſu comun mudança.

ALHEO.

: *dudoſo, el mal ſeguro y cierto.*

GLOSSAS.

el profundo mar de mi deſſeo
)n las ondas luchando, y cõ la mue
)n dolida ante mis ojos veo, (
alta miſeria, y baxa fuerte,
(por quien mi vida no poſſeo)
endo-me và con braço fuerte.
: libre del mar halle en el puerto
i dudoſo, el mal ſeguro, y cierto.

1' el fatigado penſamiento
giones vaya temeroſas,

O baxe en el eſcuro triſte aſiento
O ſuba a las eſtrellas rehumbroſas,
No puedo engeñar del ſintimiento
En pago de mis anſias doloroſas,
(Al poblado lo digo, y al defierto)
El bien dudoſo, el mal ſeguro, y cierto.

No ſè como la vida ſe ſoſtiene
Donde lo mejor della eſtà dudoſo,
Mas ſè que ſofrir tanto me conviene,
Por no hazer mi mal mas peligroſo.
El dia para mi ya luz no tiene,
Y la noche me nega ſu repoſo,
Dormiendo veo (que harè deſpierto?)
El bien dudoſo, el mal ſeguro, y cierto.

Del remedio comun, qu' el tiempo embia
A coraçones triſtes laſtimados,
Tanto mi fiera eſtrella me deſvia,
Que con el tiempo crecen mis cuidados:
Murioſe mi plazer, ſi lo tenia,
Entre manos de mis crueles hados, (tal
Naſciò (por mas dolor) del plazer muerto
El bien dudoſo, el mal ſeguro, y cierto.

Amor tan fin porque mi enemigo,
Ingrato, desleal, ſobervio, y crudo,
Que me perſigue quanto mas le ſigo,
Como fino m' hiziera el mal que pudo,
A dô quiera que voi manda comigo
(Si yo comigo voi; que dello dudo)

El

El daño ſiempre claro, y deſcubierto,
El bien dudoſo, el mal ſeguro, y cierto

El coraçon en lagrimas deſecho,
Que por mis ojos ſale en larga vena,
Y los ſoſpiros triſtes de mi pecho,
Teſtigos ſon de mi amoroſa pena,
Llegome la fortuna a tal eſtrecho,
Que ya no eſpero ver un' hora buena;
Traen el alma mia en deſconcierto
El bien dudoſo, el mal ſeguro, y cierto.

OUTAVAS.

ESperanças, que preſto vos bolviſtes,
Quando yo por mas firmes vos tenia,
En ſombras vanas, en nublados triſtes,
Que no me dexan ver la luz del dia,
Si vòs con larga mano me ſubiſtes
A la mas alta cumbre d' alegria,
Porque ſin ocaſion me derrocaſtes,
Y ſin vòs, y ſin ella me dexaſtes?

Sin ella, y mas ſin vòs m' aveis dexado,
Deſpues que me dexò de ver aquella,
Por quien haſta de mi bivo olvidado,
Tan cruda en maltratarme, quanto bella.
A quien con tal amor el mio he dado,
Que no ſiento perderme, mas perdella,
Y para me ganar ſolo eſto quiero,
Morir a ſu contento, ya que muero.

Bien puede a su plazer darme tormento
Bien puede no dolerse de mi duelo,
Que no se mudarà mi pensamiento
Por mas que se le empida el alto buelo;
Será mi coraçon su apossento
Mientras rigire el alma el mortal velo;
Y despues que del fuere desatada,
Llevarà su figura retratada.

Aun que graves sean mis dolores,
Y malos de sufrir; bien los sufriera,
Si de tantos, y tales disfavores
Un solo por mi culpa mereciera.
Amor mas mal me paga mis amores
Quien al principio tal pensar pudiera!
Mas si conosco Amor, de que m' espanto
Sus gustos dolor son, son quexa, y llanto.

En fin mis esperanças (ya no mias)
Pues quien m' enagenò, os hizo agenas,
Sin vòs acabarè mis tristes dias
Lamentando la pena de mis penas;
Que no seran jàmas tibias ni frias
Mis llamas, ni mas floxas mis cadenas,
O buelva de quien amo a ser amado,
O sea de cada vez mas olvidado.

OUTAVAS.

IA no me quexarè de cosa alguna
De quantas vanamente m' è quexado;

.tre mi esperança y mi fortuna
en medio, y tierras he dexado.
lo di en el Cielo de la Luna;
que perdi tengo cobrado,
dello dar mas clara prueva,
vò più cantar come [illegible]

.. dulce [illegible] ..rs ferma[illegible],
.. [illegible] prodi[illegible],
.. [illegible] tan perdidos,
rda mas quien tanto aya perdido.
ıse mis desseos somergidos
do seno del eterno olvido,
lo mi dolor quieren que biva
fortuna, y la mia mente squiva.

eciò el tiempo el mal esquivo,
mas largamente atormentado,
muriendo yo, piensо que bivo,
o me paro a contemplar mi estado,
uenta de libre, y soi captivo,
ınto se l' antoja a mi cuidado,
el mar d' engaño, en que me fio,
ı nave mia colma d' oblio.

que ver no espero, a caso viesse
tirse en plazer mi desventura,
que maior daño el bien se hiziesse:
to ya que mi fortuna dura!
ave noturna qu' entristece
vista del Sol serena, y pura,

Aſſi ſeria yo viendo co..ento ,
S' amor non è dunque quel , ch'io ſe

Y s' es Amor que no lo determino ,
De tal ſuerte governa eſte mi pecho ,
Que vino a dar en parte fin camino ,
Penſando qu' el camino iva derecho.
Y no puede acabar mal tan contino
La vida , que ha llegado a tal eſtrech
Ni yo con el dolor, qu' en mi s' encie
Pace non trovo , e non ho da far gue

Para que ſienta mas el bien perdido
Qu' el pie ſente dolor del mal que ſie
De quantos fundamientos he tenido,
Echado eſtà por tierra el fundamiento
Al tiempo qu' eſperè mejor partido,
Burlado me dexò mi penſamiento ,
Sobrandome razon para que llore :
O chi piangete acompagnate il core.

La tierra me perſigua , niegue el Ciel
Remedio al grave daño de que muero ,
Que yà para mi guſto , y mi conſuelo
El aſpereza de mis males quiero.
Tratemie la triſteza ſin recelo
Del contrario plazer , que no lo eſpero
Convertido ſe tiene en mal ſecreto ,
Mia begnina fortuna , y bivir lieto.

ALHE

ALHEOS.

an preſto t' arrepientes, cruel hado,
uando dàs tanto bien, de averlo dado!

GLOSSA.

Lçò el hado el eſperança mia,
A dulces y alegres confianças
urando mi guſto, y mi alegria
l riguroſo mal de ſus mudanças.
s ah que luego traxo el triſte dia
e de buelo llevò mis eſperanças;
xòme de dichoſo, deſdichado:
an preſto t' arrepientes cruel hado!

anto fuera mejor nunca aver ſido
galado de ti con larga mano,
es fue para dexarme mas perdido,
le quanto penſè menos ufano:
te baſta cruel aver vencido,
larme (por gran don) un guſto vano,
o que, por mas mal, te veo ayrado,
ando dàs tanto bien de averlo dado!

ALHEOS.

a peſar de los hados enojoſos,
ubien para los triſtes uvo muerte.

GLOS

DIſcurſos largos de
Pues ya m' aveis
Haziendo vana el eſpera
Cierta mi perdicion, ci
Por contrario me doy de
Para todos mis dias, y
Que ſea a plazer de los
Que a peſar de los hados

Haré de nuevo triſtes fu
Que los triſtes no puede
Por varios climas, var
La triſteza de mi ſerà ſe
Bivan a plazer ſuyo los
Que ſi para los tales en l
Uvo alegria, vida, y
Tanbien para los triſtes

A L H E

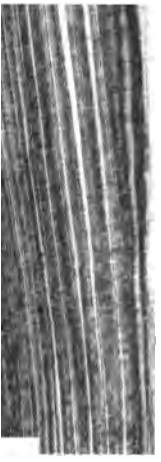
Auſente bivo: y vienſo a

Que no vive el que vive en tal eſtado;
Y ſi bive, yo tal vida no la quiero.
En tales dudas, lleno de cuidado,
Temendo el mal, del bien nò deſeſpero:
Mas que ſerà, ſi el Cielo me deſvia
Daquella, a quien ama el alma mia?

Pero ſi auſente della fuere amado,
Cierto ſerà mi bien, mi mal dudoſo:
Las lagrimas, que lloro, y hê llorado,
A dô dieron dolor daran repoſo:
Seguro entrarê en el mar ayrado,
Seguro en todo trance peligroſo:
O ſi tal ver pudieſſe en algun dia,
Quan bien aventurado que ſeria?

ELEGIA DO PADRE Fr. Agoſtinho da Cruz, á morte de Diogo Bernardez ſeu irmaõ.

Claras agoas do noſſo doce Lima,
Secco̅ no Tejo já voſſa corrente,
Onde me ſécca a dôr que me laſtima.
Lembranças de vos ver ſuavemente
Correr ao ſom da voz qu' em vós ſoava
Naõ me deixaráõ já viver contente.
Lembra-me a tenra idade que paſſava
Logrando-me daquella companhia,
A quem tanta brandura acompanhava



Fique-ſe o mundo já deſen
Que naõ s'abrãda a mort
Pois a naõ abrandou te
Que ſucceſſo, que dita, e
Antes quanto favor de l
Quem dá na vida á vida
Ah claro, e charo irmaõ
Me fica neſte paſſo, em
Que tenhais lá no Ceo a
Sabias que da morte andav
Perto tambem de Deos a
Como d'antes me tinhas
Que nem ſempre do Lima
Nem ſempre cá do Tej
Nem tudo Poeſia o que t
Eras (além d' irmaõ) mai
Por me veres do mundo

D'hum gosto n'outro falso encaminhada,
Naõ soffre mais ouvir do que deseja,
Nem sabe desejar cousa acertada.
He necessario pois que se proveja
D'alheo parecer na causa sua,
Porque na sua o seu sempre manqueija.
Mas porque mais naõ note, nem argua.
Os defeitos comuns da Natureza,
Dos meus que o tratar, da morte tua.
Eu cuidava bastar a fortaleza,
Da solitaria serra em que habito,
Pera fortalecer minha fraqueza.
Mas nella s'abalou mais meu espirito,
Accrescentando mais o sentimento.
D'hum brando coraçaõ n'hũ peito affli-
Que mal resistir póde o pensamento (cto,
Donde s'estendem mais as saudades,
A quem aunqua neguei consentimento.
Ha nos bosques cem mil diversidades
No fructo, folha, e flor, e nos rochedos
Rotos das Oceanas tempestades:
Por cima d'hũs nos outros arvoredos
Voar vejo cantando hũs passarinhos,
Outros ouço cantar estando quedos:
Vejo nos montes raros mais vizinhos
As fugitivas féras ir torcendo
Os passos, por pascer entr'os espinhos.
Triste, com que remedios vou detendo
Na vista dos meus olhos magoas minhas,
Que nas aves, e féras vaõ crescendo.

Nest-

Neſtas me lembra o ſom da voz q̃ tinha
Naquellas quantos paſſos retorcidos
Por colher brandas flores entr' eſpinh
Quaõ triſtes penetravaõ meus gemidos
As entranhas das duras penedias,
Taõ triſtes tornaõ dellas repartidos.
Qu' inda que das ardentes dem nas frias,
Inda que deſtas brandas dem nas dur
Pera me reſponder eſtaõ vazias.
Abrandaõ-ſe as durezas com brandura
Podem magoas mudar as naturezas
Quando mudar naõ podem as ventura
Os claros deſenganos, as certezas
Da vida, que já vai de foz em fóra,
Naõ ſoffrem mais eſtremos de triſtezas
Tratar de como irá, convém agora,
E da que já ſe *foi*, *mais naõ* tratar,
Como ſe derradeira deſta fora.
Vida que tarde, ou cedo ha d' *acabar*,
Morte que por fugir mais naõ dilato,
Ambas devo temer, ambas chorar.
Que com temor, e choros de que trato
Aſſi me poſſo aver neſta primeira,
Qu' a ſegunda me cuſte mais barato.
Mas quem ſó naquell' hora derradeira
Eſpera deſcanſar por ter canſado,
(Se canſa quem faz conta verdadeira)
Nem o temor o traz inquietado,
Nem o choro lhe dá pena tamanha,
Que chorando naõ fique conſolado
Nas lagrimas da morte em q̃ ſe banha.

FIM.

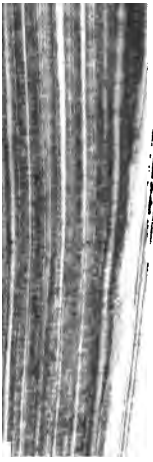
LICENSA
DA REAL MEZA CENSORIA.

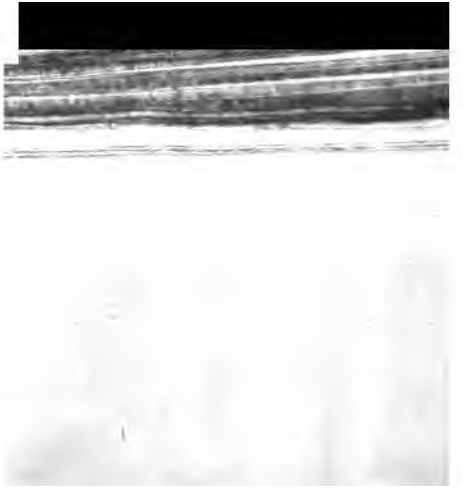
[redacted] Eimprima-se, e torne a conferir.
eza, 20 de Outubro de 1769.

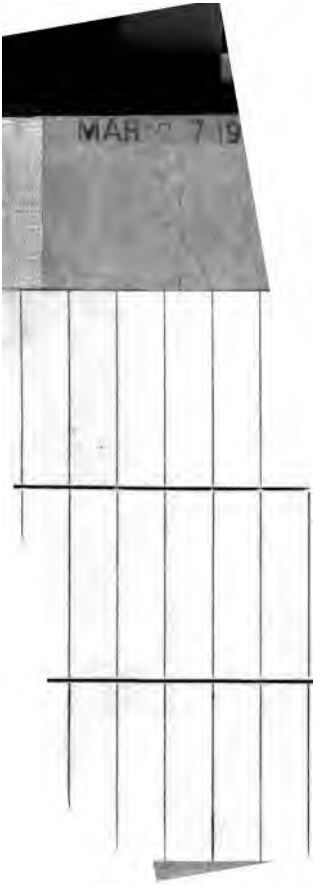
gedor.

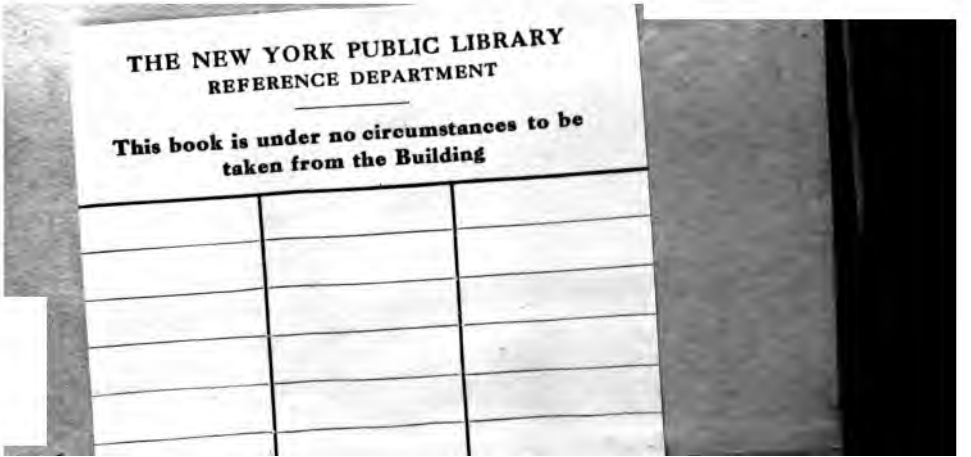
Gama.

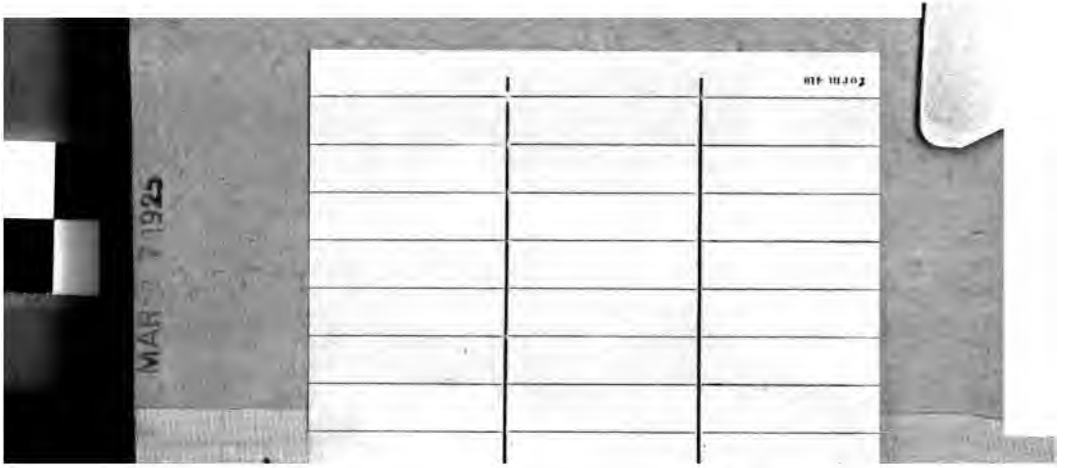
oelho. *Manſilha.*






MAR 7 19


THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT
This book is under no circumstances to be taken from the Building


MAR 7 1925